NO. 1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

NAVESSA ALLEN



GAME ON

AN INTO DARKNESS NOVEL


Nos siga no Telegram e tenha
seus livros traduzidos grátis.
@TRADUCAOEPUB

JOGO LIGADO

Por Navessa Allen

NA ESCURIDÃO

Apagar as luzes

Preso

Jogo ligado

Presos na neve

Os Reis de Kearny

Os Lunáticos

Escândalo

UM ROMANCE DE ALÉM DA ESCURIDÃO

JOGO LIGADO

NAVESSA ALLEN



Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2026 pela Quercus.
Parte do Grupo John Murray
Direitos autorais © 2026 Navessa Allen
Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Slowburn,
uma marca da Zando, LLC. www.zandoprojects.com.
O direito moral de Navessa Allen de ser
identificado como o autor desta obra foi
afirmado de acordo com os direitos autorais,
Lei de Desenhos e Patentes de 1988.
Capa criada por Christopher Brian King
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou reproduzida sem a permissão expressa por escrito do(s) proprietário(s) do(s) seu(s) direito(s) legal(is).
Pode ser reproduzido ou transmitido de qualquer forma.
ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outra coisa
sistema de armazenamento e recuperação de informações,
sem autorização por escrito da editora.
Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens,
empresas, organizações, locais e eventos são
ou produto da imaginação do autor
ou usado ficticiamente. Qualquer semelhança com
pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou
A localização é mera coincidência.
Existe um registo no catálogo CIP para este livro.
da Biblioteca Britânica
E-book ISBN 978-1-52944-246-5
Quercus
Casa Carmelita
50 Victoria Embankment
Londres EC4Y 0DZ
Grupo John Murray
Parte da Hodder & Stoughton Limited
Uma empresa da Hachette UK
O representante autorizado no Espaço Econômico Europeu (EEE) é a Hachette Ireland.
8 Castlecourt Centre, Dublin 15, D15 XTP3, Irlanda (e-mail: info@hbgi.ie)

Conteúdo

Jogo ligado
Por Navessa Allen
Título
Direitos autorais
Nota do autor
Avisos de conteúdo sensível
Dedicação
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor
Descubra mais...

Nota do autor

A protagonista, Stella, tem gastrite crônica, e a representação disso é profundamente pessoal para mim, pois compartilho do mesmo diagnóstico. A experiência dela com a doença reflete a minha, incluindo os sintomas e os fatores desencadeantes. Por favor, leve em consideração, ao ler, que nem todas as doenças crônicas se manifestam ou progridem da mesma forma, e que estou apenas retratando a minha própria experiência.

Avisos de conteúdo sensível

Game On é uma comédia romântica sombria com temas pesados. Recomenda-se discrição ao leitor, pois este livro contém:

Jogatina
Uso de álcool e drogas
Agulhas (tatuagem)
Clube de brincadeiras
Menção à máfia e seus crimes.
Menção a assassinos em série
Insegurança alimentar
Restrição alimentar
Chantagem
Assédio moral, coerção e ameaças.
Doença crônica e dor
Violência
Descrição de um acidente de carro (lembrado)
Amputação e discussão sobre cirurgia
Ambiente hospitalar
Abuso e negligência infantil (lembrados)
Traumatismo craniano
Traição (lembrada)
Assassinato (discutido)
sequestro
Acidente de carro com fuga
Sexo explícito (incluindo sexo com múltiplos parceiros e sexo anal)
Venha brincar
Brincadeira de pirralho
Negação do orgasmo e edging (provocação da excitação durante o orgasmo)
Morte de um dos pais

Para todas as pessoas que se sentem atraídas por homens contra a sua vontade.

1

Tyler

Um milhão de dólares. É o que eu poderia ganhar esta noite se a festa continuar assim.

Eu ainda não conseguia acreditar que tinha conseguido. Semanas de planejamento, dezenas de milhares em custos e inúmeras leis infringidas — tudo para sediar uma noite de jogos de azar privada e de alto risco a bordo de um navio cargueiro abandonado, em ruínas no antigo porto. Era o último lugar que alguém imaginaria para uma festa ultraexclusiva para a elite da cidade, e por isso era perfeito.

Uma ovação estrondosa irrompeu da multidão. Todos usavam máscaras para proteger o anonimato, inclusive a equipe, mas, como mestre de cerimônias, eu sabia quem eram. Virei-me e vi uma mulher loira em um vestido de baile escarlate saltar em comemoração. Ela devia ter ganhado na loteria, o que era bom tanto para ela quanto para mim.

Como o banqueiro que organizava essa pequena festa, meu lucro era de dez por cento de todos os ganhos. E embora, sim, um milhão de dólares possa parecer muito dinheiro, depois de todos os subornos e pagamentos, eu teria sorte se conseguisse embolsar um terço, a maior parte do qual seria reinvestida na minha próxima noite de jogos.

Mas valia a pena. O verdadeiro lucro estava nos juros, afinal. Se algum dos nossos jogadores ficasse sem fundos, nós, a casa, gentilmente fornecíamos os meios para que continuassem jogando. Mediante uma taxa, é claro. Era pequena o suficiente para ser atraente, uma isca de pescador para fisgar os desavisados. Só depois de morderem a isca é que as pessoas percebiam o quanto aquela taxa se acumulava se não nos pagassem em dia.

Meu olhar percorreu o resto do salão, uma câmara cavernosa que antes era um compartimento de carga. Agora, mais de duas dúzias de mesas preenchiam o espaço, algumas cobertas com toalhas de linho branco exibindo travessas de pratos gourmet, outras rodeadas por apostadores em trajes de grife. Um bar estava instalado ao longo da parede oposta, e garçons circulavam entre ele e a mesa, servindo coquetéis de primeira linha à clientela. Uma luz suave filtrava-se dos lustres, refletindo em joias e taças de champanhe de uma forma que conferia um ar onírico à cena.

Suspirei, pensando na guerra de superação que travava comigo mesmo.

Esta noite foi um triunfo, uma festa para acabar com todas as festas. Mas da próxima vez, eu teria que inventar algo ainda melhor, algo ainda mais inesperado e emocionante. Minhas festas tinham que continuar sendo o entretenimento mais exclusivo e cobiçado desta cidade. Os ricos, eu havia aprendido, eram muito parecidos com crianças mimadas, facilmente distraídos pelo último objeto brilhante, e era preciso muito para mantê-los disputando um lugar nas minhas mesas.

E pensar que tudo isso começou no meu quarto no dormitório da faculdade. Eu era um estudante universitário sem um tostão, cursando simultaneamente finanças e administração, e tentando ganhar um dinheiro extra para pagar a mensalidade e não ter que trancar a faculdade. Sempre fui bom com números e reconhecimento de padrões, então cartas eram fáceis para mim. Meu cérebro sabia instintivamente quais cartas restavam em um baralho, sem precisar contá-las conscientemente.

No começo, minhas noites de pôquer eram pequenas, só eu e quem eu convencesse a jogar. A maioria desistia depois de perder repetidamente para mim, e eu achei que estava acabado, meu esquema para ganhar dinheiro fadado ao fracasso antes mesmo de começar. Mas aí começaram a circular boatos de que eu era imbatível, e logo todo aspirante a profissional de pôquer e gênio da matemática estava querendo participar dos jogos, me rendendo dinheiro suficiente para evitar o colapso financeiro.

Uma aula sobre empreendedorismo plantou a semente de que poderia haver dinheiro mais estável por trás das mesas de jogo, administrando-as como um negócio. Abri as portas para jogadores de todos os níveis, desde os mais experientes até os novatos que tentavam a sorte pela primeira vez. Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: as pessoas na escola descobriram que meu melhor amigo, Josh, era filho de um notório assassino em série, e o corpo docente ficou sabendo dos meus jogos. Então, nos mudamos para a cidade para recomeçar. Eu me transferi de faculdade, mas Josh abandonou os estudos para se tornar um hacker profissional, porque ele era um programador melhor do que qualquer um de seus professores, e não havia mais nada para eles lhe ensinarem.

Deixei os jogos para trás, terminei o último ano da faculdade e entrei para o mercado financeiro corporativo depois de me formar. Mas bastou um ano para eu perceber que odiava aquilo. Odiava me vestir de terno para trabalhar com um bando de idiotas que tratavam O Lobo de Wall Street

como um manual de instruções. Odiava meu salário inicial, que mal cobria o custo de vida, porque eu sabia que havia maneiras melhores (e mais fáceis) de ganhar dinheiro. Além disso, era um tédio infernal. Sem nenhum desafio. E meu chefe era um completo imbecil, conseguiu o cargo por nepotismo, não por mérito — mais um lembrete do porquê de eu sempre ter odiado os ricos.

Desistir me permitiu voltar aos meus velhos hábitos. Comecei outra noite de pôquer, reconstruindo tudo do zero. Desta vez, me permiti pensar grande. Eu não estava ali apenas para ganhar dinheiro. Eu tinha um objetivo: vingança. Um alvo a perseguir. Cada jogo avançava em minha jornada, mas esta noite, em particular, foi um grande passo para me aproximar dele.

Outro grito de alegria ecoou de um jogo de blackjack próximo. Desta vez, era um negociante de arte que havia ganhado. À sua esquerda, um gestor de fundos de investimento observava com inveja. À sua direita, um chefe do crime organizado lhe dava um tapinha de parabéns nas costas.

Desviei o olhar e ajustei minha máscara. Era preta, com detalhes em joias verdes e moldada para se parecer com um demônio, completa com buracos para os olhos arregalados e chifres retorcidos. Talvez fosse um exagero, mas considerando que já fui descrito como a encarnação do diabo mais de uma vez na vida, imaginei que o simbolismo serviria como um bom lembrete para meus clientes de que não era inteligente mexer comigo.

Recoloquei a máscara no lugar e me dirigi a um conjunto de três mesas de pôquer perto da caldeira do navio. Sentado na mesa do meio, de costas para mim, estava um rapaz de vinte anos que não tinha nada a ver com aquele lugar.

Blake McCormick.

Ele era herdeiro de uma das maiores fortunas da cidade. Eu o havia acomodado com os melhores jogadores de pôquer presentes e, se tudo corresse conforme o planejado, ele estava sendo servido em excesso pelos bartenders. Também instruí seu crupiê a informar Blake que, caso ele gastasse demais e ficasse sem dinheiro, a casa lhe emprestaria mais sem problemas.

O vendedor e eu trocamos olhares, e o homem me enviou um discreto aceno de cabeça em confirmação.

Dei um sorriso de canto. O garoto já estava se endividando, e a noite

ainda era uma criança. Quem sabia quanto ele me deveria até o final? Meio milhão? Mais? Seja qual fosse o valor, era uma dívida que eu planejava explorar ao máximo.

Porque Blake tinha uma irmã mais velha que faria absolutamente tudo para protegê-lo, e ela seria a minha porta de entrada. Meu meio para um fim. Ela me levaria diretamente até ele. Meu pai. O homem que me levou a esta cidade para encontrar. O homem que me levou a esta cidade para arruinar.

Até logo, Stella, pensei, sorrindo para mim mesma enquanto outra rodada de aplausos surgia da multidão.

2

STELLA

A loja estava tranquila a essa hora da manhã, sem o zumbido das máquinas de tatuagem ou a conversa fiada dos meus colegas de trabalho.

Silêncio demais.

Isso abriu espaço para uma avalanche de pensamentos. Pensamentos como: minhas contas de luz e água vão aumentar de novo este mês? Por que a palavra "Ohio" agora é um insulto? E será que aquela pinta na minha coxa vai virar câncer de pele e me matar?

Conectei meu celular ao sistema de som e coloquei minha playlist favorita para abafar meu monólogo interior. Uma música suave e misteriosa fluía das caixas de som no teto. As notas estavam repletas de saudade, arrependimento e lembranças desvanecidas de tempos mais felizes. Uma das outras artistas com quem trabalhei, Elayne, disse que parecia o canto fúnebre de uma solteirona vitoriana. Ela pareceu confusa quando a agradeci.

A música combinava com a decoração da loja: sombria, gótica. Objetos antigos emoldurados adornavam as paredes. Animais empalhados vintage conviviam com reproduções de bustos romanos e plantas ornamentais em estantes. Nas áreas comuns, tapetes espessos suavizavam o piso de cimento, com poltronas e sofás de couro macios amontoados sobre eles. Era maximalista, um deleite para os olhos. Novos clientes frequentemente me diziam que não sabiam para onde olhar primeiro. Os clientes antigos adoravam descobrir novas curiosidades enquanto aguardavam seu horário. Tinha se transformado em uma espécie de jogo, em que eu trocava as peças de lugar para ver quem notaria primeiro uma nova aquisição.

Levei meu café da manhã e meu tablet até a área de espera e me aconcheguei no meu cantinho de sempre. Às vezes, ainda custava a acreditar que aquele lugar era meu. Que eu tinha criado o estúdio de tatuagem dos meus sonhos a partir do que antes era um cubo de concreto sem vida. Deu muito trabalho, incontáveis horas de planejamento, desenhos e discussões com empreiteiros que tentavam me cobrar centavo por centavo. Houve momentos em que achei que nunca ia terminar, que ia fracassar como fracassei em tudo o mais — volúvel demais para persistir, fraca demais para levar adiante. Mas, de alguma forma, perseverei naquele

ano infernal e estressante, e a recompensa de estar ali sentada, contemplando o que conquistei, fez tudo valer a pena.

Dei um gole no café antes de deixá-lo de lado para pegar meu tablet. A loja só abriria dali a algumas horas, e eu geralmente passava esse tempo criando. Todas as minhas tatuagens eram desenhadas à mão e únicas. Eu era uma neotradicionalista, misturando estilos vintage e modernos. Minha especialidade era o traço marcante e as cores vibrantes com um toque de ilustração fantasiosa, uma mistura de art nouveau com Studio Ghibli. O estilo não agradava a todos, mas quem gostava, gostava muito.

Eu vinha aprimorando minhas habilidades há anos. Eu era bom no que fazia, e isso se refletia na minha agenda lotada. Hoje, eu tinha três tatuagens e duas consultas agendadas, e embora isso possa não parecer muito para um leigo, era. Uma das tatuagens era pequena e não levaria muito tempo, mas as outras duas eram bem mais complexas. Eu teria oito horas de tatuagem pela frente, e já conseguia sentir minhas costas latejando de tanta rigidez antecipatória. Precisaria de vários analgésicos e uma bolsa de água quente esta noite — mas, novamente, valeria a pena.

Um ruído na porta da frente me fez levantar a cabeça.

Essa parte da cidade estava em ascensão. Ou seja, havia tantos lugares bons quanto ruins, e a ameaça de arrombamentos era real. As cortinas estavam fechadas, então eu não conseguia ver quem estava lá fora, mas não estava preocupado. Em vez de vidro, as janelas eram de policarbonato transparente e inquebrável. Cada centímetro da loja (tanto por dentro quanto por fora) estava coberto de câmeras, e eu havia instalado fechaduras comerciais de grau 1 em todas as portas. Era muito difícil invadir aqui.

Confiando nas minhas medidas de segurança, voltei a desenhar.

A porta se abriu de repente.

Porra!

Dei um salto, agarrando uma urna próxima para usar como um porrete improvisado, quando minha mãe entrou. Ela tinha sessenta e cinco anos, mas parecia muito mais jovem, graças a uma combinação de genética e dinheiro para bancar os melhores tratamentos de pele e cosméticos do mercado. Alta e esbelta, vestia um vestido bordado verde-escuro na altura dos joelhos, que provavelmente custava o mesmo que um carro usado. Seus cabelos negros como azeviche caíam soltos pelas costas. Usava sapatos de salto alto com sola vermelha. Em uma das mãos, carregava uma bolsa

Hermès feita sob medida e as chaves que agora me arrependia de ter lhe dado. Na outra, segurava... um abajur?

“O que você está fazendo, mãe?”

Ela deu um grito e se virou para mim, agarrando o peito. "O que eu estou fazendo? O que você está fazendo, parado aí no escuro como um pervertido?"

Minha mãe era originalmente da Inglaterra, mas morou nos Estados Unidos por tempo suficiente para que seu sotaque se transformasse numa estranha mistura de britânico refinado e americano esnobe — algumas vogais alongadas, outras truncadas. Por causa disso, "pervertido" acabou soando mais como "pervert", e apesar do meu incômodo, quase dei um sorriso. Meu irmão mais novo, Blake, e eu íamos nos divertir muito nos chamando de "perverts" quando eu contasse isso a ele.

"Pensei que alguém estivesse tentando invadir", eu disse.

“E você ia fazer o quê? Assustá-los até a morte?” A expressão da mãe se transformou em preocupação. “Querida, você não está hidratando a pele? Você está com uma aparência horrível nessa luz.”

A ameaça de um sorriso desapareceu. Levantei a urna. "Meus planos estão pendendo mais para traumatismo contundente. O que você está fazendo aqui?"

Ela apontou para a lâmpada. "Eu a vi em uma loja de antiguidades no centro da cidade e pensei que seria o lugar perfeito para ela."

“Você não podia ter esperado até estarmos abertos para aparecer sem avisar?”

Isso me rendeu uma revirada de olhos exagerada. "Ah, por favor, Stella. Ao contrário de você, nós não temos tempo para ficar de pijama sujo a manhã toda. Eu tenho uma reunião de café da manhã, depois um dia inteiro de trabalho e, em seguida, um jantar beneficente para crianças carentes. E se eu não aparecesse assim, nunca mais te veria."

Ela se virou e caminhou em direção à recepção como se fosse dona do lugar. Parei um instante para olhar para mim mesma. Droga, devo ter derramado café na minha calça de moletom em algum momento. E não, eu ainda não tinha hidratado a pele. Só minha mãe mesmo para apontar todos os meus erros matinais em dois minutos depois de me ver.

Suspirei e a segui. Minha mãe cresceu em um lar cruel e implacável, onde elogios eram um anátema e o afeto, inexistente. Apesar de todos os

seus anos de terapia, ela ainda se sentia profundamente desconfortável com demonstrações de afeto e vestia o esnobismo como uma armadura. Principalmente quando se sentia vulnerável ou negligenciada — o que claramente acontecia, a julgar por aquele último comentário. Em vez de dizer isso diretamente, ela insinuava, me alfinetando porque não conseguia admitir o quanto se importava e que se preocupava comigo constantemente, como qualquer outro pai ou mãe.

Em vez disso, os sinais de que ela me amava eram mais sutis, como quando tentava pagar meu aluguel sorrateiramente e aparecia na loja do nada, inventando alguma desculpa para estar ali. Hoje, foi o abajur; duas semanas atrás, foi porque ela estava "na região".

Sim, minha mãe era uma esnobe completa, com um monte de traumas da infância que ela ainda estava tentando superar, e tínhamos uma relação complexa. Mas eu a amava, e ela era a primeira pessoa a quem eu recorreria se eu me metesse em encrenca de verdade. De novo.

Ela colocou o abajur na recepção, de costas para mim, enquanto ajustava a posição.

Aproveitei-me da sua momentânea distração, envolvendo-a pela cintura fina e dando-lhe um rápido abraço. "Também senti sua falta."

Ela começou a ficar tensa, e eu me afastei antes que ela ficasse muito desconfortável.

“Sim, bem, não precisa ficar tão emocionada com isso”, disse ela, mas eu sabia que ela estava mais tranquila. Ela colocou o abajur ao lado do monitor do computador e deu um passo para trás. “Não deixe ninguém tocar nisso. É da Tiffany.”

Quase me engasguei. "Você está tentando me roubar?"

Ela acenou com a mão, os anéis cravejados de joias brilhando na penumbra. "Duvido que algum dos arruaceiros com quem você trabalha consiga dizer que é de verdade. Ah, falando nisso..." Ela tirou um cartão de visitas da bolsa. "Dê isso para Elayne. É de um advogado de direitos dos inquilinos que seu pai e eu conhecemos outro dia. Contei a ele sobre o péssimo senhorio dela. Ele acha que tem algo a ver com isso e concordou em defendê-la gratuitamente."

Aceitei o cartão. Era grosso, agradável ao toque e discreto. Meus olhos se arregalaram ao ler o nome da empresa — era uma das mais prestigiosas da cidade.

Balancei a cabeça negativamente. Mamãe podia ser excêntrica, distante e pretensiosa ao extremo, mas por baixo disso havia um coração de ouro. Aquela instituição de caridade que ela mencionou? Eu não tinha dúvidas de que ela era membro do conselho, tinha organizado o jantar desta noite sozinha, convencido todos os seus amigos ricos a comparecerem e, basicamente, manteria todos como reféns até que atingissem a meta de arrecadação de fundos exorbitante que ela havia estabelecido para a noite. E então, ela acompanharia o dinheiro incansavelmente depois que fosse doado, garantindo que chegasse primeiro aos mais necessitados.

Mamãe estendeu a mão como se fosse me dar outro abraço, e eu fiquei imóvel, sem querer assustá-la. Ela hesitou, olhou nos meus olhos e me lançou um sorriso discreto enquanto me dava um tapinha no ombro. "Você ainda vai vir para o aniversário da Tippi?"

"Não trocaria isso por nada no mundo." Tippi era a cadela da nossa família, uma bichon frisé idosa, meio cega, completamente surda e ainda mais esnobe do que a mulher que me antecedeu.

Mamãe me examinou mais uma vez, fazendo uma careta. "Você não vai... usar isso o resto do dia, vai?"

Apontei para a porta. "Para fora."

Ela abriu a boca, mas eu levantei a urna e a sacudi de forma ameaçadora.

Sabiamente, ela caminhou até a frente, mas levou o seu tempo, certificando-se de que eu soubesse que aquela era a escolha dela. Na porta, ela parou, com o rosto contraído. "Eu vi a Maddie neste fim de semana, na festa de verão anual da tia dela."

Fiquei rígido, o nome foi como um tapa na cara.

A expressão da mãe escureceu. "Ela perguntou por você."

"Por quê?", perguntei, sentindo um desconforto percorrer minha espinha.

Mamãe deu de ombros. "Audácia?"

“Ela finalmente está pronta para assumir a responsabilidade pelo que fez?”

A risada da minha mãe, sem humor, foi tudo o que eu precisava saber.

“É, era o que eu pensava”, eu disse. “Até que ela finalmente conte a verdade, não temos nada a dizer uma à outra.”

“Eu te contei porque, se ela tem coragem suficiente para me dizer algo,

pode ter coragem suficiente para te procurar pessoalmente. E não estou dizendo que você deva perdoá-la—”

"Não há perdão para o que ela fez", eu cuspi as palavras.

“Mas assassiná-la provavelmente lhe daria rugas, e se você nem sequer segue uma rotina adequada de cuidados com a pele, então você é mais suscetível a elas do que—”

"Ok, foi um prazer te ver. Tchau!", eu disse, praticamente a empurrando para fora da loja.

Ela parou, virando-se com uma expressão próxima ao arrependimento no rosto, como se talvez estivesse prestes a voltar para dentro e tentar ter uma conversa de verdade pela primeira vez. Eu estava prestes a reabrir a porta quando ela pareceu reconsiderar, dando-me um aceno breve de despedida antes de caminhar em direção à Mercedes que a esperava na calçada.

■ ■ ■

Muitas horas depois, eu estava me despedindo da minha última tatuadora do dia. Ela era uma loira de uns vinte e poucos anos que se achava a pessoa mais descolada da cidade. E, pensando bem, talvez ela fosse mesmo. Tinha mais de dois milhões de seguidores nas redes sociais e quase o mesmo número de inscritos no YouTube, ganhando um bom dinheiro como gamer.

Seu antebraço direito agora estava coberto por um grande corvo estilizado empoleirado em uma caveira adornada com flores. Estávamos trabalhando nisso há meses, pois ela tinha baixa tolerância à dor. Primeiro, fizemos o contorno, depois adicionamos o sombreamento e, finalmente, esta noite, a última camada de cor. Os tons vibrantes de joia se destacavam mesmo através da bandagem Saniderm que cobria a tatuagem.

Meu olhar se ergueu para o dela. "Ashley, eu juro por Deus, se você não seguir as instruções de cuidado que eu te dei..."

Ela revirou os olhos, com delineado carregado, parecendo atarefada. "Sim, mãe."

Eu me enrijeci. Eu não era muito mais velho que ela. "Esse é um dos meus melhores trabalhos. Não estrague tudo."

“Ou o quê, vai me deixar de castigo?”

Balancei a cabeça negativamente. "Vou entrar na sua próxima transmissão ao vivo e contar para todos os seus seguidores que você usa

códigos de trapaça."

"Privilégio do cliente!", disse ela, virando a cabeça bruscamente para ver se alguém tinha ouvido.

“Isso só existe para advogados e terapeutas.”

Seu rosto ficou vermelho de traição. "Eu confiei em você."

Eu sorri. "Esse foi o seu primeiro erro."

Ela me mostrou o dedo do meio e saiu pisando duro pela porta da frente.

"Foi um prazer trabalhar com você!", gritei para ela.

Uma lufada de ar fresco da noite roçou minha pele quando a porta se fechou lentamente atrás dela. Hoje tinha sido mais um dia escaldante, o sol implacável, a umidade tão alta que deixou até meu cabelo liso e frisado. O verão era a minha época menos favorita do ano. A atmosfera carregada de umidade deixava tudo pegajoso e com cheiro ruim. Todo o concreto piorava a situação, absorvendo o calor durante o dia e armazenando-o como uma bateria, expelindo-o à noite, de modo que nunca esfriava. Eu mal podia esperar pela chegada do outono. Eu tinha a dose certa de patricinha básica em mim para que em setembro eu estivesse na fila para o meu primeiro latte de abóbora com especiarias da temporada, como todo mundo.

A porta se fechou, interrompendo o calor da noite, e voltei à recepção para finalizar o atendimento da Ashley. Eram 21h e o estúdio de tatuagem estava fervilhando. Literalmente, por causa de todas as agulhas, mas esse som era quase abafado pelas vozes que conversavam animadamente.

A loja era de tamanho médio, com um layout simples. A recepção e o balcão ficavam de cada lado da porta. Um corredor levava para o interior, com seis salas de tatuagem individuais ramificando-se a partir dele. Nenhuma delas tinha porta, e o piso de cimento fazia com que a acústica fosse reverberante, então as vozes se propagavam. A música daquela noite era animada e vibrante porque Elayne tinha sintonizado uma estação de pop alternativo.

Sorri, sentindo-me satisfeita, quase feliz. Depois de quase perder tudo, eu tinha criado algo. Algo que pertencia a mim e somente a mim. Sem a ajuda de ninguém, apesar de meus pais tentarem interferir na minha vida. Eu não era ingrata por eles quererem ajudar. O problema era que eles já tinham feito tanto por mim (até demais, na verdade) que eu estava determinada a fazer essa única coisa sozinha.

Eu estava apavorada com a possibilidade de estragar tudo? Com certeza.

O dinheiro ainda era curto porque o negócio era novo, e minha herança era necessária para outras coisas, então economizei ao máximo, garantindo que cada centavo ganho fosse bem investido. Eu era uma faz-tudo, faxineira, especialista em TI e, em uma ocasião terrivelmente desagradável, encanadora.

E estava começando a dar resultado. Tínhamos uma clientela fixa que retornava. Boas avaliações online. Uma presença crescente nas redes sociais graças às minhas fotos e vídeos cuidadosamente selecionados. Eu ainda perdia o sono algumas noites, preocupada que tudo fosse por água abaixo, mas meu medo não era mais constante, e em semanas como esta, quando corríamos o risco de ficar com a agenda lotada, isso me fazia pensar que eu realmente poderia conseguir. Que eu poderia, pela primeira vez na vida, ter sucesso em algo. E era só isso que eu realmente queria. Não apenas para provar que eu era capaz, mas porque era isso que eu amava.

Meu olhar se desviou para o abajur Tiffany ao lado do caixa. Mamãe tinha razão. Ficava perfeito ali. Tá bom, talvez deixar eles ajudarem um pouquinho não fosse me matar, mas pagar o aluguel era um limite.

Um som pesado de passos me tirou dos meus pensamentos, e me virei para ver Derrick, um dos meus tatuadores, saindo do corredor. Ele era um homem de aparência rude, cabelos grisalhos, na casa dos cinquenta. Alto, musculoso, branco, com costeletas e mais tatuagens do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Em sua vida passada, ele havia pertencido a um clube de motoqueiros fora da lei no Texas, mas teve um desentendimento com o líder megalomaníaco e fugiu de lá antes que ele acabasse morto. Eu nem tinha certeza se Derrick era seu nome verdadeiro, mas não me importava, porque sua especialidade era o realismo, e ele era bom pra caramba.

Meu olhar se voltou para o cliente que o seguia, um jovem negro alto cujo rosto estava voltado para o antebraço, admirando sua nova tatuagem. Conforme ele se aproximava, entendi o motivo. Parecia que algo o havia arranhado, três longos cortes se abrindo para revelar um vislumbre de uma pantera por baixo. Era quase assustador de tão bem feita, como se sua pele tivesse sido rasgada.

Em momentos como esse, eu me perguntava como diabos eu tinha conseguido o Derrick. Ele era um artista de renome mundial, trabalhava regularmente com clientes famosos e poderia ter trabalhado em qualquer

lugar, mas por algum motivo, ele apareceu um dia e se candidatou. Caramba, ele era metade do motivo pelo qual eu não tinha mais crises de pânico semanais — era tanto dinheiro que ele trazia. Isso me fez pensar se algum dos meus pais tinha conseguido convencê-lo de alguma forma. Não seria a primeira vez que eles faziam algo sorrateiro assim, me ajudando nas sombras mesmo depois de eu ter dito que precisava fazer tudo sozinha. Sempre que eu dava alguma pista sobre isso para o Derrick, ele mudava de assunto com maestria ou se fazia de desentendido, e minhas suspeitas só aumentavam.

“Isso parece incrível”, eu disse.

Derrick soltou um suspiro ambíguo, mas seu cliente me lançou um sorriso radiante.

“Obrigado”, disse ele.

Tentei fingir que não estava deslumbrada. "Será que vai dar tempo de sarar antes do início do treinamento?"

Ele assentiu com a cabeça. "Sim, só começamos no final de setembro."

“Boa sorte com a temporada”, eu disse.

Seu sorriso se alargou. "Obrigado."

Dirigi-me ao meu estande antes que fizesse alguma besteira, como dar em cima de um astro da NBA.

3

Tyler

“Um clube de sexo”, eu disse. “Nós temos um clube de sexo.”

Virei-me para olhar para Nico “Junior” Trocci, meu sócio neste empreendimento. Cabelo escuro, pele morena, complexo de Napoleão. As tatuagens no pescoço seriam um problema se ele tentasse arranjar um emprego normal, mas como nascera na realeza da máfia, provavelmente não precisava se preocupar com isso.

Eu e ele tínhamos uma relação um tanto complicada. Eu costumava transar com a prima dele, Aly, que por acaso era noiva do meu melhor amigo, Josh, e eu estava começando a suspeitar que ele também era o melhor amigo do Junior.

O traidor.

Eu e o Junior não nos dávamos bem. Não tinha certeza se era uma questão de território ou se simplesmente não nos identificávamos, então o fato de estarmos agora em sociedade era a última coisa que eu poderia ter previsto. Infelizmente, não havia como evitar.

Ele apareceu na festa do navio semana passada querendo comprar a dívida de alguém que estava comigo, e basicamente nos chantageamos mutuamente, encurralados. Ele ameaçou contar para o Josh sobre meu esquema de jogos de azar. Eu ameacei contar para o pai do Junior (que era quase tão ruim quanto o do Josh) sobre o interesse dele neste prédio. Acabamos dividindo o custo, e agora eu estava mais convencido do que nunca de que isso ia dar errado para nós dois.

Junior fez uma careta. "Na verdade, chama-se clube de brincadeiras."

Eu o encarei. Ele era mesmo um filho da puta bonito. Os traços morenos do pai e os olhos verdes da mãe. Pena que ele também era o cara mais hétero do planeta e essa tensão entre nós não podia ser... amenizada. As pessoas eram muito mais fáceis de lidar depois de terem sido fodidas até perderem a consciência.

"Será que isso é lucrativo?", perguntei.

“É sim”, disse uma voz suave e feminina.

Junior e eu nos viramos para ver sua namorada, Lauren, entrar na sala. Ela era baixinha, deslumbrante e completamente fora do alcance de Junior, com longos cabelos escuros, grandes olhos castanhos e pele bronzeada. Eu

ainda não conseguia entender como um sujeito tão temperamental tinha conseguido conquistá-la.

"Você pode provar isso, ou devo simplesmente acreditar na sua palavra?", perguntei.

Junior me deu uma cotovelada. Forte. "Cuidado com o que você fala com ela."

Encarei Lauren. "Por quê? Você é tão hipersensível quanto seu namorado?"

O sorriso dela em resposta foi radiante. "Tenho o hábito de usar a arma de choque em quem me irrita. Ele está tentando te salvar de você mesma."

Eu bufei, porque era uma grande besteira.

Junior percebeu meu espanto e levantou a barra da camisa, revelando uma queimadura feia e ainda em processo de cicatrização.

Meus olhos voltaram-se para Lauren, e seu sorriso ganhou um tom mais agressivo. Ok, talvez esses dois psicopatas se merecessem, afinal.

“Um clube de sexo, caralho”, corrigi, observando o ambiente. O clube só abriria dali a algumas horas, mas mesmo no meio do dia, era escuro e intimista, com papel de parede de damasco preto, móveis confortáveis, um bar reluzente na parede do fundo e uma escada na parede da direita que levava aos... quartos de sexo? Quartos temáticos?

Jesus Cristo, em que enrascada eu me meti?

Passei a mão pelo rosto. "Como é que eu vou explicar isso para o meu contador de setenta anos?"

"Diga a ele que você está explorando sua tara por garotas mimadas", respondeu Lauren.

Eu a encarei com uma expressão de desagrado.

Ela zombou. "Ah, por favor. Nunca, em toda a minha vida, conheci um homem que precisasse tão obviamente que alguém lhe ordenasse que se ajoelhasse a seus pés e calasse a boca até que essa pessoa estivesse pronta para ouvi-lo falar novamente."

Eu sorri. "Você está se oferecendo para me iniciar?"

Junior emitiu um som próximo a um rosnado, confirmando sua hipersensibilidade.

Lauren apenas riu. "Domar pirralhos não está no meu cardápio de fetiches, mas não se preocupe, temos pessoas que podem te ensinar a se comportar."

"Passo", eu disse. "Comportar-se mal é muito mais divertido."

Junior, com a paciência se esgotando, acenou com a mão em direção à escada. "Podemos terminar logo com essa maldita visita guiada para que eu possa seguir com o meu dia?"

Fiz um gesto para que ele avançasse, finalmente em sintonia, pois eu também tinha compromissos. "Depois de você."

A vontade de acrescentar "nanico" ao final da frase era forte, mas se eu e Junior tivéssemos alguma esperança de sobreviver a essa parceria, eu provavelmente precisaria controlar a vontade de zombar dele constantemente.

O que posso dizer? O homem era presa fácil, e embora eu talvez não tivesse a tara por pirralhas que Lauren pensava que eu tinha, sempre gostei de irritar as pessoas. Porque elas eram muito mais propensas a cometer deslizes quando suas emoções estavam à flor da pele, a dizer algo que não diriam em outras circunstâncias, a revelar mais do que pretendiam. E esses pequenos deslizes eram fáceis de explorar.

Junior e Lauren me mostraram o resto da boate, que descobri se chamar Velvet. O primeiro andar era composto por espaços comuns, e o bar tinha um formato peculiar, já que as leis de zoneamento da cidade não permitiam a venda de bebidas alcoólicas no local. Felizmente, a permissão para levar sua própria bebida era permitida, então eles contrataram bartenders para preparar e misturar o que os clientes trouxessem. Além do salão principal, havia vários espaços menores: salas aconchegantes com assentos confortáveis e iluminação suave, recantos e nichos escondidos, e até mesmo uma pequena biblioteca com cheiro de couro e livros antigos. Não era muito diferente de qualquer outra boate sofisticada da cidade.

Ou pelo menos era o que eu pensava, até me mostrarem as salas de jogos no segundo andar. Todas tinham a mesma planta: quadradas, com assentos de um lado voltados para um palco ligeiramente elevado. A primeira em que entramos — a sala do voyeurismo — tinha apenas uma cama e uma cadeira no palco, e o jeito como Junior e Lauren trocaram um olhar longo e significativo quando acharam que eu não estava prestando atenção (alerta de spoiler: eu sempre presto atenção) me fez pensar que aquele espaço tinha algum significado para eles.

Não demonstrei nenhuma reação externa, mas a ideia de que Junior Vanilla Trocci gostava de assistir outras pessoas transando me deixou um

pouco perturbada. Por outro lado, sua prima Aly e minha melhor amiga eram muito ligadas a jogos com máscaras (um conhecimento que eu gostaria de apagar da minha mente), então talvez esses fetiches fossem comuns na família deles.

Em seguida, passamos por uma série de outros espaços, com Lauren explicando gentilmente o que acontecia em cada um, antes de subirmos para o terceiro andar e os quartos privados que obviamente foram projetados para sexo.

Lauren se virou para mim no meio do maior deles, que continha uma enorme cama de dossel com cortinas de veludo de um lado e uma parede de espelhos do outro. "Planejamos alugar esses espaços durante o dia para fotógrafos de ensaios sensuais e modelos de webcam."

“Todos os dias da semana?”, perguntei. “Não apenas nos quatro dias em que o clube está aberto?”

“Todos os dias”, disse Lauren. Ela tinha falado quase o tempo todo até então, com Junior concordando com a cabeça e olhando para ela com adoração declarada. Estar com eles era quase tão ruim quanto estar com Josh e Aly. Todos ao meu redor estavam terrivelmente apaixonados, e isso estava começando a me dar náuseas.

“Quanto você vai cobrar por hora?”, perguntei.

Lauren respondeu, e minha mente começou a trabalhar nos cálculos, contabilizando o número de quartos privativos e quantas horas eles poderiam alugá-los por semana, dentro da logística disponível.

“Isso vai ajudar bastante a cobrir os custos da reforma”, eu disse. Durante a visita, Lauren explicou os planos deles de transformar o Velvet no clube de jogos mais seguro e lucrativo do país. Eu concordei plenamente, porque dinheiro entrando na minha conta vindo de um negócio legal sempre seria bem-vindo. Minha vingança tinha prazo de validade, e depois disso, eu planejava parar de vez com os jogos de azar, o que significava que eu precisaria substituir essa renda por fontes legítimas como essa.

Virei-me para Junior. "Precisa de ajuda para dar uma olhada nos livros?"

Ele balançou a cabeça. "Estou bem."

Lauren entrelaçou seu braço no dele e o encarou com os olhos brilhando de admiração. "Ele é um gênio da matemática em segredo."

Isso não me surpreendeu muito. Junior era um homem cauteloso. Ele

não estaria tão determinado a comprar este prédio se não fosse lucrativo, independentemente do quanto ele gostasse de uma das donas do clube.

“Ainda quero vê-los”, eu disse. “Só para confirmar. Se vou ser um sócio silencioso neste pequeno empreendimento, quero ter certeza de que está tudo acertado primeiro.”

“Te envio os números mais tarde”, disse Junior.

Dei uma olhada no meu relógio. Tinha muitos compromissos na agenda para o resto da noite e queria ir à academia antes da minha última e mais importante consulta. "Já terminamos aqui?"

“Acabou”, disse Junior.

“Ótimo. Não estrague tudo.”

Dito isso, me retirei.

4

STELLA

Era sexta-feira à noite e meu último cliente estava atrasado. O horário marcado era às 23h15, mas já eram 23h25 e ele não tinha aparecido. Tecnicamente, o salão ficava aberto até meia-noite, mas não era noite para atender sem hora marcada, então, se eu não tinha cliente, não precisava estar ali. Eu podia ficar lá em cima, deitada no sofá com uma almofada térmica, até a hora de fechar.

Como previsto, minhas costas estavam rígidas, os músculos já tensos e os ombros doloridos por ter ficado com os braços estendidos por tanto tempo. Tomei dois comprimidos de paracetamol para aliviar um pouco a dor, mas ela estava me deixando irritado, e eu ficaria ainda mais irritado se meu cliente não aparecesse.

Eu estava quase desistindo quando um homem loiro e alto entrou de repente. Do meu lugar na área de estar, eu tinha uma visão perfeita dele. Ele estava vestido como uma verdadeira vadia: calça de moletom cinza e uma camiseta branca que parecia dois números menor. Uma mochila de ginástica pendia do seu ombro, e seu cabelo estava úmido como se ele tivesse acabado de sair do chuveiro.

Eu me sentia como uma pervertida observando-o das sombras, mas por mais que tentasse, não conseguia desviar o olhar. Seu perfil era impressionante. Queixo anguloso, nariz aquilino, maçãs do rosto definidas, lábio inferior carnudo. Eu queria estudá-lo, desenhá-lo, traçar suas linhas e aprender como elas se encaixavam para criar um espécime masculino tão deslumbrante.

Meu olhar desceu até seus braços musculosos. Pele lisa e virgem até onde a vista alcançava. Ótimo. Eu gostava de trabalhar com telas em branco. Era muito mais fácil do que tentar encaixar meus desenhos entre as obras de outros artistas.

Ele parou quando não viu ninguém na recepção, e eu provavelmente deveria ter dito algo, mas ainda estava ocupada demais admirando-o. Ele parecia o garoto-propaganda da Farmers of America, a personificação da beleza rústica. Alto o suficiente para caber três tratores dentro de um sobretudo. Forte o suficiente para me preocupar que os hormônios de crescimento que injetamos na nossa carne estivessem começando a afetar

nossa genética.

Uma expressão de irritação cruzou seu rosto ao me ver, e todos os pensamentos sobre garotos do campo sumiram da minha mente. Sua expressão era a pura personificação do Rei do Gelo, até mesmo a altiva curvatura de sua testa. Isso me deu ainda mais vontade de desenhá-lo. Sentá-lo em um trono congelado e colocar uma coroa de gelo em sua cabeça. Talvez adicionar um par de chifres e substituir a parte inferior de suas pernas pelas de um cervo. Eu o transformaria em um vilão saído diretamente de Nárnia e flanquearia seu trono com ursos polares vestidos com armaduras de batalha.

"Você é Stella?", perguntou ele num tom rouco que destruiu minha fantasia.

"Depende", respondi, recostando-me na cadeira.

Ele franziu a testa. "Em quê?"

“Sobre se você pretende ou não se desculpar por chegar dez minutos atrasado(a) à sua consulta.”

"Peguei um trânsito", disse ele, virando-se completamente para mim. Caramba, ele era enorme.

“E você não podia ter ligado?”

Ele tentou me paralisar com o olhar. "Não acredito em dirigir distraído."

“Que desculpa conveniente.”

Sua mandíbula se contraiu. "Vamos fazer isso ou vou deixar uma avaliação de uma estrela no Yelp?"

Minha irritação se transformou em raiva quando me levantei. "Vamos fazer isso. Mas não por causa da sua ameaça estilo Karen, então não fique com essa cara de poucos amigos."

Seus lábios se contraíram, e eu tive que desviar o olhar. Não que olhar para seus olhos fosse melhor. Eles não eram apenas azuis; eram de um azul cobalto intenso e profundo que parecia brilhar quando captava a luz.

Por que as pessoas mais bonitas eram sempre as mais insuportáveis?

Comecei a caminhar em sua direção. "Estamos fazendo isso porque passei mais uma hora trabalhando no seu projeto esta manhã, e você vai me pagar pelo meu trabalho."

Seu olhar percorreu-me enquanto eu me aproximava, e algo passou por seu rosto, presente num segundo e ausente no seguinte. Algo frio, calculista e satisfeito. Provavelmente era o mesmo olhar que uma fêmea de louva-a-

deus ostentava pouco antes de arrancar a cabeça do seu parceiro.

Parei a poucos metros dele, cautelosa com seus braços anormalmente longos e mandíbulas brilhantes. Bem, talvez a última fosse imaginação minha, mas eu ainda não tinha visto seus dentes, então achei melhor pecar pelo excesso de cautela.

De perto, ele era ainda mais impressionante, duas vezes mais largo que eu e com mais de um metro e oitenta. Como sou alta, a primeira coisa que me veio à mente foi: "Essa é a diferença de altura que eu mereço". A segunda foi uma repreensão por ter deixado meus pensamentos sequer chegarem a esse ponto. Então ele era bonito e alto. E daí? Ele também era um babaca. E loiro. Meus padrões eram baixos, mas não eram tão baixos assim.

“Então você é Stella”, disse ele, com um tom zombeteiro que me fez sentir como se ele estivesse tirando sarro de mim de alguma forma.

"Sim. E qual era o seu nome mesmo?" Eu sabia muito bem qual era, mas ser tão mesquinha a esse ponto me pareceu a resposta adequada à sua grosseria.

“Theo”, disse ele com uma piscadela. “Você vai querer se lembrar disso.”

Fingi que ia vomitar. Normalmente, eu nunca era tão grosseira com clientes novos, mas havia algo nesse cara que me deixava imediatamente irritada.

Ele sorriu. "Ou pode me chamar de Sr. Strickland, se preferir."

"Não vou te chamar de Sr. alguma coisa", retruquei. "Você não é meu dominador."

Isso o fez soltar uma risadinha, seus olhos brilhando enquanto me examinava novamente, mais devagar desta vez.

Será que ele estava... gostando disso?

Virei-me nos calcanhares. "Estamos de volta aqui."

Sem verificar se ele me seguia, o conduzi até minha mesa no final do corredor. Passamos por Derrick, que atendia seu último cliente da noite. Todos os outros já tinham terminado e ido embora. Senti uma pontada de inveja. Precisava parar de me sobrecarregar desse jeito. O cansaço e a rigidez me deixavam mais irritada do que o normal, e sim, Theo talvez merecesse minha raiva, mas e se amanhã eu descontasse em alguém que não merecesse?

Decidida a tentar ser educada, indiquei a cadeira para clientes no centro da minha cabine. "Sente-se."

Theo caminhou lentamente em direção à sala, largando sua mochila de ginástica com um baque antes de se virar para observá-la. As paredes eram pintadas de um verde profundo. Retratos e paisagens emoldurados em dourado decoravam uma galeria à direita. Um sofá de veludo cor-de-rosa ficava em frente, coberto de almofadas e mantas. Havia estantes de livros, vasos de plantas e uma enorme cabeça de veado de bronze adornada com musgo artificial. Era um verdadeiro deleite para os sentidos.

Theo parecia sobrecarregado. "Acho que estou com dor de cabeça."

“Então feche os olhos e deite-se”, eu disse a ele.

Seu olhar deslizou para o meu. "Só se você prometer ser gentil."

Lancei-lhe um olhar frio e virei-lhe as costas. Idiota, sarcástico, cabeça-dura. Eu devia ter imaginado que ele seria um cliente problemático. Até então, só tínhamos interagido por e-mail, mas tínhamos trocado tantas mensagens sobre os detalhes do projeto que eu quase desisti de prosseguir com a consultoria.

Clientes exigentes eu conseguia lidar, e lidava com eles regularmente. Tatuagens eram para sempre, e eu entendia por que alguém gostaria de ter certeza de que a arte fosse exatamente como queria. Mas os e-mails do Theo tinham sido de outro nível, criticando cada detalhe minúsculo dos meus esboços. E então ele exigiu que eu imprimisse uma tatuagem temporária colorida para que ele pudesse ver como ficaria. O que nos leva a esta noite.

Peguei o desenho da minha mesa e me virei para ele. "Você precisa arregaçar a manga."

Ele balançou a cabeça e flexionou os músculos, que estalaram. "Não vai sair. Estou muito musculoso."

Quase vomitei de verdade quando ele levou as mãos para trás da cabeça e tirou a camiseta num movimento fluido.

A visão dele ali parado, sem camisa, me atingiu em cheio. Eu não sabia para onde olhar. Alguns fisiculturistas ficam com as veias saltadas quando ficam muito magros, mas Theo tinha gordura suficiente para que seus músculos fossem cobertos por uma pele lisa e dourada. Ele devia ter feito depilação, porque não havia um único pelo no peito. Sob a luz forte do teto, ele parecia irreal. Obsceno. Como um anjo se preparando para transar.

Minha cabeça girou. Umidade se acumulou entre minhas coxas.

Parecia que eu estava passando pela puberdade novamente.

Ele jogou a camisa de lado e sentou-se, dando-me um momento muito necessário para me recompor. O que estava acontecendo? Eu odiava homens.

Infelizmente, também me senti atraído por eles contra a minha vontade.

"Ele é um idiota", repeti para mim mesma enquanto colocava um par de luvas e reunia meu material. Esse mantra se transformou em "Ele tem um pau" quando me virei e o vi recostado, a calça de moletom cinza no lugar, emoldurando perfeitamente o que parecia ser um pênis grosso.

Desviei o olhar antes que me flagrassem. Felizmente, ele ainda estava distraído com a decoração, seus olhos percorrendo uma obra de arte após a outra. Empurrei meu banquinho para o lado esquerdo dele e coloquei o carrinho de bandejas ao meu lado.

"Se recomponha, Stella", eu disse a mim mesma. "Você é uma profissional do caralho."

Eu trabalhava com clientes sem camisa o tempo todo. Aliás, trabalhava com clientes sem calças com a mesma frequência. Não deveria ser diferente só porque Theo era uma das pessoas mais fisicamente atraentes que eu já tinha visto.

Sentei-me e me aproximei dele. Ele cheirava a sabonete caro. Daqueles feitos em pequenos lotes em fazendas de cabras em Vermont. Seu peito nu subia e descia a cada respiração, os músculos abdominais se contraindo enquanto ele se movia levemente em minha direção. Nem uma gota de tinta manchava sua pele linda, e minha boca secou ao pensar que eu poderia ser a primeira artista a deixar minha marca nele.

"O que acontece se você chegar muito perto dos ímãs?", perguntou ele.

Levantei o olhar e encontrei seus olhos percorrendo meu rosto, observando meus piercings, da sobrancelha ao piercing Austin e ao piercing Monroe.

"Nossa, nunca ouvi essa", resmunguei, mas, sinceramente? Fiquei grata pelo comentário. Isso tornou mais fácil me concentrar no que realmente importava nele: sua personalidade detestável.

Ele passou a mão sobre a boca como se estivesse tentando esconder um sorriso.

"Você tem baixa autoestima?", perguntei de repente. "É por isso que

você sente necessidade de buscar atenção negativa?"

Ele cambaleou na minha direção. "Talvez eu tenha sido uma criança negligenciada, então qualquer atenção parece boa atenção."

"Posso sugerir terapia em vez disso?"

Ele bufou. "Por quê? Não parece ter melhorado sua personalidade."

Puta merda, eu não ia deixar um marombeiro me insultar tanto. "O meu eu pré-terapia já teria te dado um soco."

Sua expressão tornou-se presunçosa. "Você teria tentado."

Eu estava prestes a responder quando me lembrei de todo o progresso que realmente havia feito na terapia. Esse comportamento era regressivo. A antiga eu. Aquela que sempre tinha que ter a última palavra. Aquela que agia como uma durona quando estava perto de alguém maior porque odiava se sentir pequena e vulnerável.

Voltei minha atenção para o carrinho, puxando-o para mais perto. "Deixe seu braço pendurado ao lado do corpo."

Theo me encarou, com um olhar cauteloso.

"Preciso que esteja reto para poder posicionar a tatuagem", eu disse a ele.

Relutantemente, ele o deixou cair e, devido à posição em que eu estava sentada, ele caiu bem entre minhas coxas, tão perto que senti o ar roçar minha pele com o movimento. Um calor se espalhou pelo meu corpo. Se ele virasse a mão no ângulo certo, conseguiria envolver meu tornozelo com aqueles dedos longos. Acariciá-los pela minha panturrilha. Passá-los por baixo da barra do meu short.

Eu guilhotinei esses pensamentos e peguei o papel de transferência do carrinho, inclinando-me para trás o suficiente para observar seu bíceps enquanto tentava avaliar onde a tatuagem ficaria melhor em seu braço.

“Relaxe os músculos”, eu disse.

“Eles estão relaxados.”

“Qual é, cara. Eu não quero ficar aqui a noite toda.”

Ele sacudiu o braço, roçando minhas coxas com o movimento, e lutei contra a vontade de me agarrar a ele com as pernas como uma planta carnívora. Que merda estava acontecendo comigo esta noite? Ah, sim. Meu traseiro viciado em trabalho não transava há seis meses, e isso estava rapidamente se tornando um problema (veja, eu quase dei em cima de um dos homens mais famosos da cidade mais cedo).

“Estou relaxado”, disse Theo, com um nível de irritação quase igual ao meu.

Cutuquei seu ombro musculoso e percebi que ele estava falando a verdade. Ele não estava fazendo pose. Ele era simplesmente definido assim. "Ah."

Ele ergueu as sobrancelhas. "Impressionado?"

“Apenas pelo seu ego.”

Um pequeno sorriso malicioso se espalhou pelo seu rosto. "O jeito como seu queixo caiu quando tirei a camisa me faz pensar o contrário."

Droga. Ele tinha percebido.

Levantei os olhos para os dele, e nossos olhares se encontraram, se mantiveram fixos.

Algo passou entre nós, algo que eu não queria nomear. Ele pareceu sentir também, suas pupilas dilatando, os lábios entreabertos. Lentamente, ele se inclinou em minha direção. Fiquei paralisada, lutando contra o impulso do meu corpo de encontrá-lo. Seu olhar desceu até minha boca, e a excitação se espalhou por mim como uma flor envenenada, infectando meus membros e tornando cada parte de mim hipersensível.

Ah, não. Estávamos flertando o tempo todo? Era isso mesmo? Aquele tipo de preliminares antagônicas, do tipo "eu não gosto de você, mas isso não significa que eu não vou transar com você"?

"Afastem-se", implorei a mim mesmo.

Não, querida, precisamos disso, respondeu meu alter ego safado.

Contra a minha vontade, minhas pálpebras começaram a se fechar.

Theo se inclinou para frente.

Derrick pigarreou na minha porta.

Theo e eu nos separamos bruscamente, como se tivéssemos sido pegos fazendo algo muito mais comprometedor.

Uma das sobrancelhas espessas de Derrick se ergueu enquanto ele olhava entre nós. "Já estou quase terminando por hoje. Quer que eu fique por aqui?"

Olhei para trás, para Theo. Ele podia até ser um idiota, mas não acionou meu alarme de pervertido. "Você vai causar problemas?"

Ele piscou. "Eu sempre sou um problema."

Cutuquei seu ombro novamente, desta vez com mais força.

Ele ergueu a outra mão num gesto de três dedos e se virou para Derrick.

"Vou me comportar. Palavra de escoteiro."

Derrick franziu a testa. "É melhor que você faça isso. Se eu descobrir que você tocou num fio de cabelo dela, eu corto seu pênis e enfio no seu cu para você saber como é se foder."

Theo se virou para mim, parecendo estar se divertindo muito. "Esta loja tem um atendimento ao cliente excelente. Acho que vou aumentar minha avaliação para duas estrelas."

Foi exatamente a coisa errada a se dizer na frente do Derrick. Eu não conseguia acreditar que quase deixei aquele idiota me beijar.

O ex-motociclista entrou na cabine.

Levantei a mão. "Vai ficar tudo bem."

Derrick me encarou por um segundo antes de balançar a cabeça e sair pisando duro, resmungando algo sobre adolescentes tarados.

Senti minhas bochechas corarem com um constrangimento tardio. Ele não estava errado. Eu definitivamente estava agindo como uma. Quase me agarrando com um cliente? Isso não era típico de mim. Pelo menos não da minha versão atual.

Eu culpei minha mãe. Ela mencionar a Maddie trouxe à tona muita coisa ruim. Me fez lembrar de quem eu costumava ser, de como era mais fácil quando eu vivia minha vida como se não houvesse consequências para os meus atos, e eu fazia o que queria, quando queria.

Bem, eu não era mais aquela pessoa. Não queria ser aquela pessoa. Daqui para frente, eu voltaria a ser a profissional exemplar. Eu não me rebaixaria ao nível do Theo, não importa o quanto ele tentasse me provocar, e definitivamente não ia beijar aquele desgraçado.

Ele se virou na minha direção quando Derrick desapareceu, e a expressão no seu rosto me dizia que ele estava prestes a levar minha determinação ao limite.

5

Tyler

"Que cara legal", comentei enquanto o colega de trabalho corpulento de Stella desaparecia pelo corredor.

"Ele é um dos melhores tatuadores do país", disse ela com aquela voz grave e sensual. Puta merda, eu não estava preparado para aquilo quando ela abriu a boca. Ainda estava lutando contra a reação do meu corpo. A cada palavra, parecia que ela estava a um passo de me mandar tirar o pau para fora.

"E isso de alguma forma justifica a grosseria dele?", perguntei, só para ouvir de novo.

“Ele estava cuidando de mim”, disse ela. “Certamente até você consegue perceber isso.”

Franzi a testa. "O que isso quer dizer?"

Ela balançou a cabeça. "Nada. Deixa pra lá."

Oh. Ohhh. Eu era o dobro do tamanho dela, e ela estava prestes a ficar sozinha comigo. É, eu provavelmente deveria ter percebido isso, mas apesar de todo o meu passado, presente e, sejamos sinceros, futuro péssimo, eu jamais me aproveitaria de alguém sexualmente.

“Você não tem nada com que se preocupar”, eu disse. “Eu não sou um predador.”

Ela ergueu uma sobrancelha com piercing para mim. "É exatamente o que um predador diria."

Mordi a parte interna da minha bochecha para não sorrir. Droga, ela era espinhosa. E tão fácil de provocar. Eu não estava mentindo quando disse que aceitaria qualquer atenção que aparecesse, e se ela continuasse me dando bronca, eu ia ficar todo excitado. O que seria bem óbvio, já que essa calça de moletom não deixava nada para a imaginação.

Inclinei-me para mais perto e baixei a voz. "Você está segura comigo, Stella."

Os olhos dela brilharam quando eu disse o nome dela, como se ela tivesse percebido o jeito como meu tom o acariciava, saboreando-o na minha língua. Isso me deu vontade de repeti-lo, mais baixo, mais áspero, para ver como ela reagiria. Não, eu não a forçaria, mas não achava que precisaria. Eu não tinha imaginado o que quase aconteceu entre nós antes de

sua colega de trabalho interromper tão grosseiramente. Eu estava prestes a beijá-la. E ela estava prestes a me deixar.

Ela abriu a boca. Fechou-a. Parecia estar tentando se controlar.

Vamos lá, era isso que eu queria dizer. Lute comigo.

Eu tinha vindo aqui com um plano para dizer a Stella que o destino do irmão dela estava em minhas mãos e, em seguida, apresentar minhas exigências sobre como ela poderia libertar Blake. Mas aí ela abriu aqueles lábios emburrados e me provocou, e eu imaginei que, depois de todo o trabalho duro que eu tinha feito, eu merecia me divertir um pouco brincando com a minha presa primeiro.

Ela pareceu repensar o que ia dizer (que decepção) e desviou o olhar para o meu braço. "Preciso que você se sente e relaxe."

Fiz o que ela pediu, mas mantive o rosto virado para ela. Sua cabeça inclinou-se para baixo enquanto ela aplicava a tatuagem temporária na minha pele, dando-me a chance de finalmente observá-la em paz. Longos cílios roçavam suas bochechas quando ela piscava. O metal de seus piercings brilhava à luz. Seus cabelos negros como azeviche estavam presos em uma trança frouxa, deixando sua maquiagem dramática em plena evidência: delineador gatinho, contorno digno de tapete vermelho, lábios azuis matte tão escuros que eram quase pretos. Combinados com sua camiseta cropped de banda, shorts rasgados minúsculos, meia-calça arrastão, botas de combate e inúmeras tatuagens, ela parecia o exemplo perfeito de millennials deprimidos.

Eu era um cara que não fazia distinção de gênero. Quer dizer, eu me sentia atraído por quase todo mundo, mas nunca tinha transado com uma garota emo. Aliás, eu estava tentando me lembrar se já tinha transado com alguém tão gostosa quanto a Stella. De perto, ela parecia irreal. E sim, eu sabia que parte disso se devia à maquiagem impecável, mas pelos traços e estrutura óssea, dava para perceber que ela seria igualmente deslumbrante sem maquiagem.

Eu sabia que ela era linda pelas fotos, mas elas não me prepararam para vê-la pessoalmente. Não capturaram o quão incrivelmente longas eram suas pernas. O quão expressivo era seu rosto. O jeito como seus olhos brilhavam de irritação. O jeito como uma sobrancelha se erguia em perfeito desdém. Podíamos ter acabado de nos conhecer, mas eu já tinha passado tempo suficiente observando pessoas em mesas de cartas para aprender

rapidamente seus sinais. Ela estava gostando da nossa troca de farpas, por mais que tentasse fingir o contrário, e isso me dava vontade de continuar provocando, deixar meu lado babaca (nem tão babaca assim) se soltar até que ela ficasse tão irritada que finalmente explodisse e—

E daí?, pensei. Me deu um soco na cara como tinha ameaçado? Arrastou as unhas pelo meu peito nu até sangrar? O que havia nessa mulher que me fazia querer provocá-la a ponto de me levar à violência?

Uma voz, muito parecida com a de Lauren, passou pela minha mente como um fantasma.

Não. De jeito nenhum. Não era isso. Eu queria Stella em seu pior estado porque isso tornaria mais fácil lembrar quem ela era: minha inimiga. Nada mais que um peão no tabuleiro de xadrez, alguém com quem eu planejava brincar até estar pronto para fazer minha próxima jogada. E então eu a descartaria, quebrada e arruinada, enquanto me concentrava em vencer o jogo.

Eu estava preparado para manipulá-la. Ameaçá-la, se necessário. O que eu não esperava era essa faísca instantânea entre nós. O que eu sentia era complexo demais para ser definido, e o que ela sentia... a julgar pela expressão no rosto dela, parecia dividida entre querer me estrangular e transar comigo.

Ambos, por favor!, meu subconsciente pediu.

Fiz o possível para abafar o olhar dela, que desviava do meu braço e percorria o resto do meu corpo, como se não conseguisse se conter. A vontade de tocá-la era tão forte que fechei a mão em punho entre seus tornozelos, pois não confiava que meus dedos não se desviariam. Eu podia sentir o calor emanando dela, ansiava por rastreá-lo até sua origem, imaginando se a encontraria molhada e desejosa.

Puta merda. Essa era uma complicação desnecessária. Eu não namorava uma mulher há mais de seis meses, só tinha ficado com homens, então achei que não havia motivo para preocupação, já que não estava numa fase feminina. Claro, Stella seria a mulher que me lembraria que eu gostava de vagina tanto quanto de pênis.

Isso só aumentou meu ressentimento em relação a ela. Ela era tudo o que eu odiava: fruto da riqueza, nascida em berço de ouro. Nunca lhe faltou nada na vida. Não fazia ideia do que era passar necessidade, de se preocupar constantemente com a próxima refeição, ou mesmo se haveria

alguma. Aliás, aquele estúdio de tatuagem provavelmente tinha sido comprado e pago pelos pais dela, tudo para sustentar seu pequeno hobby. Ela provavelmente nem era boa nisso, o lugar se mantinha funcionando graças aos outros artistas que trabalhavam com ela.

Ela emitiu um som baixo e contemplativo e afastou o papel de transferência para fazer alguns pequenos cortes.

Meu olhar se voltou para o desenho final pela primeira vez. Tive que admitir que a tatuagem era boa — um esqueleto estilizado, encapuzado, segurando cinco cartas de baralho em sua mão ossuda, vibrante em cores e contrastes. Ver o esboço era uma coisa, mas vê-lo completo, gloriosamente finalizado, era algo completamente diferente.

"Você fez isso sozinha?", perguntei, incrédula. De jeito nenhum essa patricinha mimada tinha talento de verdade.

Seu maxilar se contraiu como se ela estivesse rangendo os dentes. "Sim."

“Ninguém te ajudou?”

Seus olhos brilharam ao se erguerem para os meus. "Não. Agora, se você já terminou de fazer perguntas, eu realmente gostaria de colocar isso no lugar e te mandar embora para você ir irritar outra pessoa—" Ela se interrompeu, forçando um sorriso que parecia doloroso. "Quer dizer, deixar você continuar com o resto da sua noite."

Eu sorri, sem conseguir me conter. "Mas estou me divertindo tanto aqui com você."

Ela ignorou o comentário provocativo, levantando o papel de volta para o meu braço, e eu percebi que os cortes permitiriam que ele se ajustasse melhor aos meus músculos.

“Acho que deveria ficar aqui”, disse ela, recostando-se para verificar onde havia escolhido o lugar.

"Tudo bem", eu disse. Eu não tinha planos de fazer uma tatuagem de verdade, então não importava onde ela a fizesse. Tudo aquilo era apenas um artifício para que eu pudesse me aproximar o suficiente para conhecê-la melhor, descobrir quais botões eu precisava apertar para conseguir o que queria. Para minha sorte, a mulher parecia ser feita de botões.

“Vou passar por todos os passos, como se fosse te tatuar”, disse ela. “Assim, conseguiremos o resultado perfeito.”

Aposto que vai ficar uma gracinha, me veio um pensamento repentino,

meu olhar caindo direto entre suas pernas abertas. Aqueles malditos shorts tinham subido, deixando à mostra os músculos definidos sob a meia-calça arrastão. Minha investigação online tinha revelado muita coisa sobre Stella, inclusive que ela fora bailarina na juventude. Ela ainda tinha o corpo ideal para isso, quase esguia. Seus movimentos também eram graciosos, as mãos praticamente flutuando no ar enquanto ela se virava para pegar um par de luvas de nitrilo limpas em seu carrinho.

O movimento pressionou a coxa dela contra meu braço.

Senti uma leve pressão na virilha.

Agora? perguntou meu pau.

De jeito nenhum, eu disse. Stella estava tão perto que não tinha a menor chance de ela não notar o volume indesejado nas minhas calças se eu perdesse o controle. Maldita calça de moletom. Eu devia ter tirado um tempo para vestir a calça jeans de novo depois do treino, mas eu estava com tanta pressa para chegar aqui que me vesti na velocidade da luz.

Ela se virou na minha direção, umedecendo meu braço com uma solução de sabão e depois o secando. Meu olhar desceu para as tatuagens aparentemente aleatórias que pontilhavam sua pele pálida. Avistei uma âncora, um esqueleto dançando, o ciclo lunar e uma cobra enrolada em seu antebraço. Não deveria funcionar, mas a maneira como estavam dispostas, juntamente com o espaçamento entre elas, fazia com que parecesse mais eclética do que arbitrária, como se ela as tivesse planejado com cuidado.

Ela trocou o sabonete por uma lâmina de barbear e começou a fazer a depilação a seco no meu braço.

Levantei o olhar para o rosto dela, observando suas sobrancelhas se juntarem em concentração, o modo como seus olhos acompanhavam o movimento da navalha. Ela tinha olhos lindos. Castanhos claros com nuances de mel.

Uma mecha de cabelo se soltou da trança dela e roçou no meu braço quando ela se aproximou. Cerrei os dentes e tentei pensar em qualquer coisa, menos na sensação do hálito quente dela na minha pele. Assim que terminou, ela se virou para largar a lâmina e pegar um frasco de álcool em gel, me dando um breve momento para implorar que minhas partes íntimas se comportassem. E então ela voltou, se aproximando e limpando meu braço pela segunda vez. Ela cheirava bem. Cheirava a incenso. Daquele tipo que queimavam em lojas hippies para disfarçar o cheiro de maconha que

vinha da área de descanso lá atrás.

Mais uma meia volta fez com que a perna de Stella voltasse a encostar no meu braço, e algo dentro de mim finalmente se quebrou. Abri o punho e passei os dedos pela parte interna do tornozelo dela.

Ela congelou.

Eu também.

Que merda eu estava fazendo?

E por que eu simplesmente não conseguia me controlar?

Lentamente, ela se virou, com uma expressão indecifrável, e então a ficha caiu. Ela estava calma demais, serena demais, impecável demais. Como se aquele quase-beijo não tivesse acontecido. Como se fosse algo tão esquecível. Como se eu fosse tão esquecível. Enquanto isso, eu implorava para o meu pau não ficar duro como pedra. Me dava vontade de puxá-la para baixo, para o meu nível. Desfazê-la. Arruiná-la. Agarrá-la pela camisa e puxá-la para perto para que eu pudesse borrar aquele batom perfeito em todo o rosto dela com a minha boca.

Algo repugnante subia pela minha garganta, exigindo ser libertado. Era uma doença com a qual eu lutava a vida toda: a necessidade de provar que eu era bom o suficiente, que eu era digno. E que melhor maneira de fazer isso do que transando com uma pirralha mimada na loja que os pais dela pagaram? Ela sempre me odiaria pelo que eu fiz ao irmão dela, e pelo que eu planejava fazer a ela e a todos os outros que ela amava, então que diferença fazia se eu adicionasse mais um pecado à minha lista de crimes?

Se eu fosse ser o vilão na história dela, que pelo menos merecesse o título, não é?

Além disso, não era como se Stella fosse uma inocente qualquer. Ela própria era uma vilã na história de outra pessoa, e esse foi um dos principais motivos pelos quais a escolhi. Era mais fácil odiá-la sabendo o que ela tinha feito, sabendo que a proteção de sua riqueza e privilégios a impedia de pagar por seus crimes.

"Até amanhã!" gritou seu colega de trabalho grisalho antes que o toque da porta anunciasse sua partida.

Finalmente sozinho.

Dessa vez, envolvi toda a minha mão no tornozelo de Stella.

“O que você está fazendo?”, disse ela, repetindo o que eu havia pensado antes.

"O que nós duas queremos que eu faça", respondi, deslizando meus dedos pela parte interna da sua panturrilha.

Ela estremeceu, os olhos se fecharam, os lábios se entreabriram, exatamente como antes de sermos interrompidos. "Eu nem gosto de você."

“Quem disse que isso tem alguma coisa a ver com a gente gostar uma da outra?” Meus dedos alcançaram o joelho dela e se fecharam na parte de trás. Agarraram.

Ela começou a dizer algo, mas eu a interrompi antes que ela pudesse nos convencer do contrário.

“Suba aqui.”

Agarrei seu braço e, com um puxão, a fiz se mexer, mas a perna dela passando por cima da minha? Aquilo foi tudo obra dela. Um claro indicador de que eu não era o único que tinha perdido a cabeça. O papel de transferência caiu no chão, esquecido, enquanto ela aterrissava no meu colo. Coloquei minhas mãos em seus quadris e a pressionei o suficiente para que ela sentisse o que tinha feito comigo, apertando-a com força suficiente para que eu soubesse que a detestava por isso.

As palmas das mãos dela bateram contra meu peito nu enquanto ela era obrigada a se firmar. Mas ninguém a estava forçando a cravar as unhas com tanta força. E ninguém estava me forçando a gostar tanto disso.

"Você ficaria mais bonita sem os piercings", eu disse, uma pequena parte de mim tentando me salvar dessa estupidez sendo uma idiota.

"E você ficaria mais bonita com a boca grampeada", ela retrucou.

Eu movi meus quadris contra os dela. "Então você só me quer pelo meu corpo?"

“Não, sua personalidade vencedora.” Seu tom era profundamente sarcástico.

"Cale-se."

“Cale a boca.”

Avançamos ao mesmo tempo, silenciando um ao outro. Com a boca.

Os lábios de Stella se abriram imediatamente, e eu soube, desde o primeiro toque da minha língua na dela, que aquilo era um erro. Porque não foi nada desajeitado. Nem hesitante. Nossos dentes não se chocaram. Não precisamos ir devagar no começo, aprendendo o estilo de beijo uma da outra. Não, fomos com tudo, com intensidade. Como se fizéssemos isso há anos.

A língua dela era como o paraíso, parando, girando, aprofundando o beijo enquanto as mãos dela seguravam meu rosto e ela inclinava minha cabeça para trás para ter melhor acesso. E os quadris dela. Caramba, ela sabia como se mexer, aquele deslizar lento da sua vagina para cima e para baixo no meu pau me fazia querer rasgar as camadas entre nós e penetrar naquele calor úmido e acolhedor.

“Não deixe isso subir à cabeça”, disse ela enquanto mudávamos de ângulo. “Eu fico com todos os meus clientes.”

"Sua vadiazinha imunda." Com a voz rouca de desejo, as palavras saíram ainda mais ásperas do que eu pretendia.

Stella deve ter gostado do som, porque seus lábios se chocaram contra os meus com um gemido. Nossas línguas se encontraram novamente, as bocas entreabertas por um instante enquanto as girávamos uma contra a outra em um beijo absolutamente obsceno. Minhas mãos deslizaram de seus quadris, contornando brevemente sua cintura fina antes de subirem até suas costelas e pararem ali. Passei os polegares pela parte inferior de seus seios, sentindo-a se arquear contra mim com um pedido silencioso por mais.

O som de um sino ecoou pela loja. Paralisamos, arregalando os olhos e nos encarando enquanto passos pesados se aproximavam.

Stella saltou de lado de mim. Ou talvez eu a tenha atirado. De qualquer forma, o guincho que ela deu ao voar fez com que meus passos ganhassem velocidade.

"Sua boca", ela sibilou, voltando rapidamente para o seu banquinho. Ela era quem dizia o quê. Havia uma mancha azul do nariz ao queixo, como se ela tivesse canibalizado um Smurf.

Ao menos eu tinha alcançado meu objetivo de arruinar o rosto perfeito dela.

Tapei os lábios com a mão e puxei os joelhos para cima para esconder minha ereção, que agora estava bem visível.

Stella virou as costas para a porta no exato momento em que seu colega rabugento apareceu. Ele parou na soleira, nos encarando com evidente suspeita. "Está tudo bem por aqui?"

“Estamos bem”, disse Stella, olhando para a parede.

Seu olhar se estreitou. "Esqueci minhas chaves."

“Ah, tá”, respondeu Stella, com a voz uma oitava acima do normal. Bem suave. “Você os encontrou?”

“Sim.” O grandalhão olhou entre nós novamente. “Quanto tempo mais vocês vão demorar?”

"Talvez dez minutos?", disse Stella.

Ele assentiu com um aceno de cabeça. "Acho que vou esperar, afinal. Vou usar esse tempo para preparar tudo para amanhã."

Ele me lançou um olhar de advertência e saiu pisando duro.

Stella soltou um suspiro trêmulo e pegou uma toalha de papel para limpar a boca. Depois, jogou-a na minha direção. "Aqui, limpe o rosto."

Joguei no chão. "Eca."

Ela revirou os olhos. "Sua língua estava apenas limpando a parte de trás dos meus dentes."

“Isso não significa que eu queira usar seus panos sujos.” Estendi a mão por cima do ombro dela e peguei o rolo de papel-toalha para mim.

Em algum lugar próximo, ouviu-se um barulho alto, como se sua colega de trabalho tivesse batido uma gaveta.

Stella olhou para o corredor. "Acho que ele não gosta muito de você."

"É, bem, o sentimento é recíproco", resmunguei, limpando os lábios, mas talvez eu devesse tê-lo agradecido. Seduzir Stella teria sido divertido no momento, mas também teria complicado as coisas mais tarde.

Eu não precisava transar com ela para desempenhar meu papel de vilão; o que eu havia planejado era mais do que suficiente para fazê-la me odiar para sempre. Além disso, aquele beijo tinha saído do controle rapidamente, tinha sido bom demais. Mesmo agora, eu sentia o fantasma dos lábios dela sobre os meus, trabalhando, seduzindo, e isso me dava vontade de estender a mão e trazê-la de volta para cá, que se dane o funcionário mal-humorado dela.

Joguei o papel-toalha usado na bandeja de trabalho dela e depois lhe entreguei o rolo. Nossos olhares se encontraram quando ela o pegou, permaneceram por um instante antes de seu olhar se voltar para meus lábios.

"Isso não vai acontecer de novo", disse ela, como se estivesse tentando convencer a si mesma.

“Então talvez você devesse parar de encarar minha boca como se estivesse a cinco segundos de me atacar de novo.”

Ela arrancou os rolos de papel-toalha da minha mão. "Eu não te ataquei."

“Sim, você fez”, eu disse, gesticulando em direção à porta. “Estou quase tentada a convidar seu amigo de volta aqui para garantir que você mantenha as mãos longe.”

“Você é tão egocêntrica”, disse ela, virando-se para colocar o rolo no chão e pegar seu desenho.

“Gosto de pensar que tenho o nível adequado de autoconfiança.”

“Senhor, o senhor é loiro. Acalme-se.”

Franzi a testa. "O que isso quer dizer?"

Ela voltou correndo na minha direção, reposicionando o papel de transferência. "Não sei explicar por que isso é uma queimadura. Vai estragar tudo."

Eu a observei enquanto ela se concentrava novamente no trabalho, querendo dizer mais, querendo continuar provocando-a porque não gostava da rapidez com que ela estava se controlando novamente.

Sons mais altos vinham de perto, mais um lembrete de que não estávamos sozinhos.

Uma onda de irritação me invadiu e, desta vez, não fiz nada para conter a maré, deixando que ela me distraísse da proximidade de Stella e me lembrasse de como eu deveria ter me sentido o tempo todo.

O retorno da colega dela arruinou meu plano de me revelar. Marquei esse encontro tão em cima da hora porque a Stella tinha o (péssimo) hábito de fechar a loja sozinha, e eu queria que estivéssemos a sós quando eu explicasse minhas verdadeiras intenções. Não dava para fazer isso agora com o Lurch rondando por perto. Não que eu não pudesse vencer o velho safado numa briga — eu ainda encontrava o Josh no dojo uma vez por semana para a gente se estapear. Não, era porque eu não queria testemunhas, principalmente não um cara que parecia ter ligações com o lado mais sórdido da cidade.

Então eu teria que ficar aqui sentada e suportar a presença da Stella em silêncio. Conseguir ficar a sós com ela de novo seria um saco. Ela parecia nunca sair daqui, a não ser para atravessar a rua correndo para tomar um café, e, ao contrário da minha melhor amiga, eu não tinha tempo para ficar sentada observando as pessoas como uma esquisita. Eu tinha compromissos, outro evento para o qual me preparar.

Droga, eu ia ter que marcar uma segunda consulta de madrugada, não é? Tomara que ela tivesse algum horário disponível nos próximos dias, porque

quanto antes eu revelasse minhas cartas, melhor. Stella e o irmão dela eram incrivelmente próximos, e minha chantagem se baseava nisso. Eu e Blake tínhamos interagido apenas brevemente, mas entre minha "pesquisa" e minha habilidade de ler pessoas, eu havia determinado algumas coisas cruciais sobre ele: ele era jovem para a idade (obviamente criado em um ambiente protegido), ingênuo, crédulo e vulnerável por causa de um término recente. Isso o tornava a vítima perfeita, e ele caiu facilmente na minha armadilha.

Agora ele estava em apuros. Apuros grandes demais para os seus amigos da fraternidade o tirarem. Era um problema do tipo "laços de sangue são mais fortes que laços de sangue". O tipo de problema que você só contaria para alguém que se sentisse na obrigação de te ajudar. Alguém que te protegeu a vida toda, para que você não repetisse os mesmos erros. O que significava que havia um risco muito alto de Blake correr para Stella em busca de ajuda antes que eu pudesse dar a notícia a ela pessoalmente.

Seria essa a pior coisa que poderia acontecer? Pensei, observando-a enquanto ela colava o papel de transferência no lugar. Se Blake chegasse até ela primeiro, ela teria todas as peças necessárias para descobrir minha identidade. Ele não tinha visto meu rosto na festa, mas sabia que meu cabelo era loiro, que eu era alto, musculoso e que atendia pelo nome de Sr. Strickland. Além disso, se ele contasse a ela, eu não teria que lidar com as consequências. Os gritos. As possíveis lágrimas e súplicas por misericórdia que eu não tinha. Deus sabe que eu já tinha que lidar com essa merda o suficiente com meus clientes regulares.

Eu estava preocupada com a possibilidade de Blake ir falar com os pais? Ou pior, com a polícia? De jeito nenhum. Porque eu tinha feito a minha pesquisa. Graças ao passado conturbado de Stella, eu estava convencida de que Blake não ia querer causar mais problemas ou constrangimento aos pais. E ir à polícia representava o risco de um escândalo público, algo que os McCormick fariam de tudo para evitar.

No fundo, eu era um jogador, e era hora de arriscar.

De um jeito ou de outro, até o final da semana, Stella ia descobrir com quem estava realmente lidando. E aí eu poderia colocar meu plano em ação.

6

STELLA

“Querida, cheguei”, eu disse, fechando a porta da frente.

Do fundo do apartamento veio um "Vai se foder" alto e estridente.

Balancei a cabeça e comecei a desamarrar as botas. "Por que você está irritado, Amos? Passei uma hora com você no almoço, e foi você quem me expulsou no final."

"Guloseima?" o papagaio grasnou de volta para mim. "'Esconda, esconde, esconde, vadia dos lanches."

Fiz uma careta. Papagaios cinzentos africanos eram como crianças pequenas. Era preciso ter cuidado com o que se dizia na frente deles, porque nunca se sabia em que eles iriam fixar a atenção. Uma vez, três anos atrás, eu me referi a mim mesma, em tom de brincadeira, como sua "Cachorra dos Petiscos", e agora era a única coisa que ele me chamava. E sim, eu sabia que era intencional, porque geralmente ele ria depois. Além disso, a espécie dele era conhecida por ser tão inteligente quanto uma criança de três a cinco anos, e a maioria das outras expressões de Amos mudava semanalmente. Mas essa tinha pegado. Porque ele sabia que era um insulto e ninguém conseguiria me convencer do contrário.

Meu apartamento ficava bem em cima do estúdio de tatuagem, e a audição dos papagaios era comparável à dos humanos, então pedi aos empreiteiros que isolassem acusticamente o piso durante a construção, pois queria manter o ambiente o mais silencioso possível para o Amos.

Tirei os sapatos perto da porta e fui procurá-lo, passando pelo pequeno hall de entrada para a sala de estar integrada. A gaiola de Amos ocupava quase toda a parede do fundo, cercada por plantas que imitavam seu habitat natural. No verão, a gaiola ficava perto da janela panorâmica que ia do chão ao teto, com vista para o deck nos fundos — que, mais uma vez, estava repleto de tantas plantas tropicais que parecia uma pequena selva. Eu também havia colocado comedouros para pássaros e muitas flores que atraem polinizadores do lado de fora, para que Amos tivesse algo para observar o dia todo.

Nós a chamávamos de TV dos Pássaros.

Naquele momento, não havia muito o que ver. Passava da meia-noite e, além da janela, o céu pairava baixo sobre a cidade, carregado de nuvens e

com a ameaça de chuva.

Peguei o pacote de pistaches (também conhecido como "estoque", ou seja, a comida favorita do Amos) em uma mesinha lateral e me aproximei da gaiola dele. A única luz acesa no apartamento era um pequeno abajur na cozinha, programado para simular o pôr do sol. A lâmpada era suave e quente, e fraca o suficiente para não impedir o Amos de dormir. Eu tinha tentado colocar a capa na gaiola com ele, mas ele não aceitou, reclamando constantemente e roendo as grades até que finalmente desisti e deixei que ele fizesse o que queria — algo comum aqui em casa.

Por sorte, a lâmpada fornecia luz suficiente para que eu enxergasse o caminho, e consegui me esgueirar por entre as plantas até a gaiola. Amos já estava escalando as grades em direção à porta para me receber, emitindo sua mistura característica de assobios e gorjeios para demonstrar sua felicidade.

“Só um. Você comeu um no almoço mais cedo.”

“Três, três, esconderijo. Por favor, me poupe”, disse ele.

Amos falava tanto palavrão porque eu falava tanto palavrão, mas ele não tinha muita noção de quando exatamente deveria xingar, então acabava soltando as palavras aleatoriamente sempre que queria enfatizar alguma coisa.

"Um", eu disse a ele, abrindo a gaiola.

Ele se pavoneou até o poleiro de madeira irregular e, em seguida, pousou no meu ombro, aconchegando-se bem perto do meu rosto, como o pequeno e manipulador idiota que era. Suas penas eram macias contra minha bochecha e, embora suas garras arranhassem minha pele, eu percebia que ele estava tentando ser o mais cuidadoso possível. Algo que a maioria das pessoas não sabia era que os papagaios-cinzentos africanos têm um cheiro estranhamente limpo, como o de roupa de cama fresca seca com amaciante. Respirei fundo e inclinei meu rosto para retribuir o carinho.

Ele soltou um assobio alegre (claramente pressentindo a vitória) e colocou a cabeça para a frente o suficiente para me olhar nos olhos. "Achei!"

"Você é muito fofo e sabe disso", resmunguei.

“'Escondido? 'Escondido?”

"Sim, tudo bem", eu disse, mostrando-lhe uma noz.

Ele a agarrou com uma garra e a engoliu em menos de um segundo. "'Estoque?'"

Eu segurei por um segundo, e ele o destruiu tão rápido quanto o primeiro.

"Tá bom, mas chega", eu disse a ele. "Você vai ter diarreia se tomar muitos."

“Droga, droga. Esconderijo?”

“Não, senhor. Vamos lá, eu preciso tomar banho e o senhor precisa ir para a cama.”

"Eu te amo", disse ele com uma adorável vozinha cantada.

"Eu também te amo", eu lhe disse. "É por isso que você não pode ter mais."

Ele imitou um efeito sonoro triste que tinha aprendido em um filme, mas me permitiu transferi-lo de volta para seu poleiro e, em seguida, entrou na gaiola sozinho.

"Vai dormir, amigão", eu disse.

"Vai dormir, cara", ele me respondeu bruscamente.

Balancei a cabeça negativamente, fechei a porta da gaiola e fui em direção ao banheiro.

Eu herdei o Amos da minha avó paterna depois que ela faleceu. Ele passou os primeiros trinta anos de sua vida em uma gaiola muito menor, com quase nenhum estímulo ambiental e sem ninguém para lhe fazer companhia além de outra ave velha e rabugenta (minha avó), e eu queria que ele vivesse o resto de seus dias o mais feliz possível em cativeiro.

A princípio, tentei apresentar-lhe outras aves, pois os especialistas diziam que isso era o melhor para o bem-estar social e mental de um papagaio, mas Amos detestava absolutamente todas as criaturas, exceto eu. Então, concentrei-me em melhorar seu ambiente, dieta e enriquecimento físico. O que significava não mais do que três pistaches por dia, por mais que ele implorasse.

O som de suas reclamações me seguiu para fora do quarto. Este apartamento tinha a mesma planta da loja abaixo, e meu quarto e banheiro privativo ficavam ao lado da sala de estar. Fui direto para o chuveiro, aumentando a temperatura na esperança de aliviar um pouco a dor nas minhas costas. Quando o vapor começou a preencher o cômodo, parei para me olhar no espelho, com uma expressão culpada.

Hoje, cheguei ao fundo do poço. Beijei um cliente. E o pior é que escolhi um marombeiro insuportável para trocar saliva. Não, espera. Essa

não foi a pior parte. A pior parte foi o quanto eu gostei.

Agarrei a borda da pia e inclinei a cabeça, tentando acalmar meu pulso acelerado, desesperada para ignorar a pequena pulsação de desejo não realizado que emanava do meu âmago. Minha calcinha ainda estava levemente úmida, escorregadia desde que Theo me arrastou para cima do seu pau, e definitivamente não antes daquele momento.

Graças a Deus que o Derrick nos interrompeu de novo antes que as coisas saíssem do controle. Meu Deus, o que eu estava pensando, deixando um completo estranho me agarrar daquele jeito?

Eu não estava pensando, e esse era o problema. Mesmo depois de ter decidido ser a pessoa melhor, continuei deixando Theo me provocar a ponto de reagir às suas alfinetadas infantis. E então, bastou um único toque de seus dedos para que eu me atirasse contra ele.

Meu rosto esquentou de vergonha. Droga, ele tinha razão. Eu o havia atacado. E a amarga verdade era que passei o resto da consulta lutando contra a vontade de beijá-lo novamente. Em minha defesa, foi um bom beijo. Quente, intenso, nosso desprezo mútuo apimentando tudo com uma intensidade que me fez sentir como se minhas roupas fossem pegar fogo.

Eu realmente precisava tirar um dia de folga e encontrar outra pessoa, mais legal, para me encontrar. Pela segurança de todos os meus futuros clientes, porque, claramente, eu não era mais confiável.

O jato do chuveiro estava quase escaldante quando entrei debaixo dele, mas não conseguia dizer se era por causa da água quente ou porque minha pele ainda estava muito sensível. Tive a resposta quando passei a bucha ensaboada nos meus seios e meus mamilos se contraíram dolorosamente. Cedendo, fechei os olhos e levei a mão entre as pernas, o primeiro movimento dos meus dedos sobre o clitóris lançando estrelas cadentes na parte interna das minhas pálpebras. Cheguei ao orgasmo menos de um minuto depois, definitivamente sem imaginar os dedos grossos de Theo dentro de mim.

Depois, me sequei com a toalha e fiz minha rotina de cuidados com a pele em tempo recorde, decidida a nunca mais pensar em Theo. Ou pelo menos não até que fosse necessário, quando ele viesse para sua próxima consulta, marcada para daqui a uma semana.

Vesti-me com calças de moletom e uma camiseta velha e surrada de uma banda e voltei silenciosamente para a cozinha.

"'Estoque?' Amos chamou sonolento de dentro de sua gaiola.

“Não, amigo. Vai dormir.”

Ele resmungava baixinho, entre palavras e grunhidos, enquanto eu procurava um lanche para mim antes de dormir. Eu havia jantado algumas horas antes, mas sempre ia para a cama com pelo menos alguma coisa no estômago para ajudar a assentar. Geralmente alguns pedaços de pão ou biscoitos.

Eu estava abrindo um armário quando meu celular tocou com a notificação de que havia alguém na rua, em frente à loja. Normalmente, eu ignoraria — minha suposição padrão era que qualquer pessoa que tocasse a campainha da loja a essa hora estaria bêbada ou com alguma intenção nefasta —, mas fiquei preocupado que fosse o Derrick, que por acaso tivesse esquecido algo.

Abri meu aplicativo de segurança e vi uma forma escura e encapuzada parada do lado de fora. Sim, definitivamente vou ignorar.

Eles apertaram a campainha de novo. E de novo.

Apertei o botão do microfone. "Vai se foder."

A figura puxou o capuz para trás e se virou para a câmera. Senti uma onda de surpresa. Era meu irmão. Que diabos Blake estava fazendo ali a essa hora? E por que ele não tinha mandado uma mensagem ou ligado antes?

Franzindo a testa, desci as escadas para deixá-lo entrar.

Assim que Blake passou pela porta, tranquei-a atrás dele e reativei o alarme externo. Se eu puxei à mãe, ele puxou ao pai: alto, cabelo loiro-claro, rosto sardento, ombros largos demais para seu corpo desengonçado. Ele estava com uma aparência péssima. Parecia que tinha envelhecido dez anos na semana desde a última vez que o vi. Olheiras profundas se destacavam sob os olhos castanhos avermelhados. Suas bochechas estavam encovadas, a pele mais pálida que o normal, e o cheiro de álcool velho que emanava dele era tão forte que me dava náuseas.

Que diabos aconteceu com meu irmãozinho?

Eu o conduzi até a área de assentos. "Você está bem?"

Ele não respondeu, passando cambaleando por mim, desabou em uma cadeira e enterrou o rosto nas mãos. Uma sensação de desconforto percorreu minha espinha. Aquele não era o Blake. Ele também tinha herdado a personalidade do pai — alegre, jovial, com um sorriso

permanente no rosto.

"O que houve?", perguntei.

Como ele continuou sem me responder, estendi a mão para tocar sua testa, imaginando se ele estava doente, mas sua pele estava fria e úmida.

Sentei-me à sua frente. "Diga alguma coisa. Você está começando a me assustar."

"Eu estraguei tudo", ele disse com a voz rouca.

"Estragou tudo, em que sentido? Você estragou sem querer um par de sapatos de salto da sua mãe, ou quebrou um dos tacos de golfe do seu pai?"

Imaginei que fosse algo assim, porque Blake nunca se metia em encrenca. Esse era o meu papel, e eu o levava muito a sério até me meter em uma encrenca daquelas da qual não se tem volta. Blake era jovem o suficiente durante minha experiência para que isso o tivesse marcado para a vida toda, tornando-o avesso a riscos. Ele se tornou o bom menino, o menino inteligente. Enquanto eu era uma dor de cabeça constante, ele era um aluno exemplar. Nossos pais confiavam nele para sair de casa sem se preocupar em receber um telefonema da polícia no final da noite.

Blake finalmente levantou a cabeça, com uma expressão sombria, e disse exatamente a última coisa que eu poderia ter previsto: "Perdi minha herança no jogo."

“Hahaha”, eu disse, sentindo um alívio imenso. Blake podia até ser honesto, mas também era um brincalhão, sempre me provocando ou criando situações ridículas que sempre terminavam em constrangimento para mim. Obviamente, era mais um golpe dele, aparecendo ali com cara de arrasado só para rir de mim por ter caído na sua palhaçada.

“Não estou brincando”, disse ele, com a voz rouca.

Tudo bem. Se ele quisesse ir longe demais, nós também iríamos. "Certo, então, já que estamos fazendo confissões, devo te contar que fui apresentado recentemente ao mundo da dendrofilia, e isso realmente ampliou meus horizontes."

Ele piscou. "Dendrofilia? O que é isso?"

Eu sorri. "Transando com árvores."

Em vez de finalmente esboçar um sorriso e desistir da brincadeira, ele se levantou bruscamente, agarrando os cabelos com os dedos enquanto começava a andar de um lado para o outro. "Estou falando sério, Stel. Semana passada, recebi um convite misterioso para uma festa qualquer. Eu

não sabia o que era, então não ia aceitar, mas Henry e Grant viram e insistiram para que fôssemos todos."

Franzi a testa. Henry e Grant eram dois dos amigos dele da fraternidade, e alguns dos riquinhos mais irritantes que eu já conheci, o que era muita coisa, já que eu cresci rodeada de filhos de famosos. Eu não fazia ideia de por que meu irmão os tolerava. Blake tentou me convencer de que eles não eram tão ruins assim quando você os tinha por conta própria, que a maior parte da arrogância deles era só para inglês ver, mas eu não estava convencida.

Blake caminhou de volta na minha direção. “Era uma festa de jogos de azar ilegal ou algo assim. Todos nós tínhamos que nos fantasiar e usar máscaras. Não sei como aconteceu, mas perdi Henry e Grant de vista enquanto conversava com o cara que estava organizando o evento, e aí ele me levou até as mesas de pôquer. Tínhamos bebido antes de ir, e os garçons ficavam me servindo bebidas que eu não tinha pedido. Quando comecei a jogar, já estava bêbado.” Ele parou e me lançou um olhar culpado, como se fosse inconcebível que um menor de idade pudesse estar bebendo ilegalmente.

"E depois?", perguntei, com a cabeça a mil. Será que ele estava falando sério mesmo?

“Não sei”, disse ele. “Está tudo confuso. Eu bebi muito. Só me lembro de alguns fragmentos. Fiquei sem dinheiro. O crupiê me dizendo que a casa podia me adiantar o dinheiro para a próxima aposta. E depois para a seguinte. Continuei aceitando porque estava tão fora de mim que acho que não entendia que era dinheiro de verdade que eu estava perdendo, e...” Sua inspiração profunda soou dolorosa. “Perdi o relógio do vovô.”

Ele arregaçou a manga, revelando o pulso vazio, e meu estômago revirou. Aquele relógio era seu bem mais precioso; ele jamais brincaria sobre perdê-lo. Quando criança, ele era obcecado pelo relógio Patek Philippe vintage, e o avô o tirava regularmente para que Blake pudesse observar as engrenagens traseiras se moverem enquanto os segundos passavam. Foi o início da obsessão mecânica de Blake, sua necessidade de saber como as coisas funcionavam. Quando o avô faleceu, deixou o relógio para Blake, e eu nunca vi meu irmão sem ele.

Merda. Ele estava falando a verdade.

Inclinei-me para a frente na cadeira. "Você se lembra para quem

perdeu? Talvez possamos recuperá-lo."

Blake balançou a cabeça, parecendo prestes a chorar. "Não. Todo mundo estava usando máscaras, e minhas lembranças estão tão vagas que acho que eu não me lembraria de nada mesmo."

“Como... Meu Deus. “Quanto você perdeu?”

Ele parou de andar de um lado para o outro e fechou os olhos. "Três milhões."

Parei de respirar.

Três milhões de dólares.

Toda a sua herança.

Sumiram em uma noite.

Nossos pais podem até ter muito dinheiro, mas deixaram claro para nós que planejavam nos deixar apenas uma quantia relativamente pequena, destinando o restante para instituições de caridade quando falecessem.

Blake ainda nem sequer tinha acesso ao seu, o que tornaria impossível o pagamento da sua dívida.

“Você estava bêbado”, eu disse, agarrando-me a um pensamento pequeno, mas esperançoso. “E você é menor de idade. Não tem como eles te responsabilizarem pelos seus prejuízos.”

O suspiro de Blake foi trêmulo. "Duvido que essas pessoas se importem com qualquer uma dessas coisas. A festa inteira era ilegal. E o cara que a comanda", seus olhos encontraram os meus, com um olhar assustado, "todo mundo diz que ele é implacável. Que se você não pagar a ele em dia, ele vai te destruir."

O medo percorreu minha espinha. "Precisamos contar para a mamãe e o papai." Eles saberiam o que fazer. Eles tinham dinheiro suficiente para resolver essa situação.

Blake sacudiu a cabeça violentamente. "Não. Por favor, Stel. Eles não podem descobrir. Eu nunca fiz nada de errado antes, e não consigo lidar com a decepção deles comigo, assim como você está."

Me levantei rapidamente e o abracei com força. "Não estou decepcionada com você. Estou chocada. E acho que nossos pais se sentiriam da mesma forma. Na verdade, você deveria se preocupar mais com a possibilidade de a mamãe entrar em guerra por sua causa." Alguém havia machucado seu anjinho perfeito. Ela ficaria furiosa quando descobrisse.

Blake se desvencilhou e voltou a andar de um lado para o outro. "Não, você... você não entende. O Sr. Strickland não tem moral. Ele vai fazer alguma coisa com a mamãe e o papai. Ou ameaçar vazar minhas perdas para a imprensa. Eu não quero que eles passem por outro escândalo como o seu. Quase os destruiu da última vez."

Eu fiquei rígido.

O rosto de Blake se fechou ao me ver. "Droga, Stella, me desculpe. Eu não queria—"

“Qual era o nome que você acabou de dizer?”, perguntei, com os ouvidos zumbindo.

“Sr. Strickland?”

Minha cabeça girou. Não. De jeito nenhum. "Como ele era?"

Blake deu de ombros. "Não sei, ele estava usando máscara."

Dei um salto para a frente, agarrando seus ombros. "Mas você deve ter visto alguma coisa. Cor do cabelo, olhos, altura, qualquer coisa?" Meus dedos se cravaram em seus braços. Eu o apertava com muita força, mas não conseguia me controlar, minha mente presa em algo de mais cedo. "Theo. Você vai querer se lembrar disso." O olhar presunçoso no rosto de Theo quando ele disse aquilo. O jeito como ele completou: "Ou você pode me chamar de Sr. Strickland, se preferir." Como ele parecia estar rindo de mim secretamente o tempo todo em que esteve aqui.

"Acho que ele era alto", disse Blake. "Com cabelo loiro? Talvez olhos azuis?"

Me desvencilhei dele e saí correndo pela porta. Não devia ter passado mais de meia hora desde que eu fechara a loja. Theo ainda podia estar por perto. Havia vários bares naquele quarteirão que ficavam abertos até as 2 da manhã. Talvez ele tivesse entrado em algum deles. Ou, considerando a vaidade dele, talvez estivesse parado sob um poste de luz, admirando-se no reflexo de uma janela.

Fiquei paralisada a uns cinco metros de distância, tentando me lembrar em que direção Theo tinha ido. Esquerda? Direita? Os transeuntes se viravam para me olhar, sem dúvida se perguntando o que aquele duende com o coque desarrumado e manchas de espinhas estava fazendo ali.

Merda, merda, merda, pensa, droga, eu disse a mim mesmo, tentando ignorar os olhares curiosos. Aquele filho da puta tinha entrado na minha loja, depois do que fez com meu irmão, e agiu como um babaca arrogante.

Ele me provocou. Flertou comigo. Me beijou.

Blake surgiu ao meu lado. "O que você está fazendo?"

“Tentando me lembrar para que lado Theo foi quando saiu.”

"Quem diabos é Theo?", perguntou Blake, visivelmente confuso.

“Sr. Strickland.”

Blake fez um som de engasgo. "Ele estava aqui? Ai, droga, Stella, me desculpe."

“Não é sua culpa”, eu disse. “Você viu um homem loiro quando entrou?”

"Não." Ele olhou para os dois lados da rua, o medo tomando conta de sua expressão.

Meu sangue fervia por vingança imediata, mas me forcei a ser racional. Theo provavelmente já tinha ido embora há muito tempo. Se, por algum milagre, ele ainda estivesse por perto, provavelmente não haveria como eu encontrá-lo, e mesmo que encontrasse, o que faria? Não era como se eu pudesse espancá-lo até a morte no meio de um bar. O homem era enorme, e algo na maneira como ele disse que eu poderia tentar acertá-lo me dizia que ele sabia lutar, que todos aqueles músculos bonitos não eram apenas para exibição.

O que eu precisava primeiro era de mais informações.

A contragosto, conduzi Blake de volta para o estúdio de tatuagem, trancando a porta atrás de nós. Lá dentro, preparei para ele uma xícara de café forte na copa dos fundos — porque, meu Deus, ele cheirava a álcool — e o obriguei a beber enquanto eu relatava os acontecimentos daquela noite (menos o beijo que eu gostaria de apagar da minha memória).

"Não acredito que ele esteve aqui", disse Blake quando terminei, olhando em volta como se estivesse esperando o bicho-papão aparecer de repente.

Respondi em silêncio, com a mente a mil por hora. Blake disse que a festa foi na semana passada, mas Theo e eu estávamos trocando e-mails há mais de duas semanas. Cheirava a armação.

“Venha dar uma olhada nisso”, eu disse, indo em direção à recepção. Com alguns cliques do mouse, liguei o computador e acessei as gravações de segurança. A gravação de hoje preencheu a tela. Avancei no tempo para 23h25 e, pontualmente, Theo entrou, parecendo ao mesmo tempo mais arrogante e mais atraente do que eu me lembrava.

Apertei o botão de pausa e virei o monitor na direção do meu irmão. "É ele?"

Eu precisava fazer a pergunta. Porque, embora tudo indicasse que Theo era o Sr. Strickland, ainda havia uma pequena chance de que fosse uma coincidência horrível e que eu estivesse planejando acabar violentamente com a vida de um homem completamente inocente, embora detestável.

Blake se inclinou para perto da tela. "Você pode dar um zoom no rosto dele?"

Eu tentei, mas a imagem ficou pixelizada.

"Droga, eu não sei", disse Blake, endireitando-se. "Eu estava muito bêbado. Me desculpe."

Segurei seu ombro. "Pare de se desculpar. Isso não é culpa sua."

Ele se afastou. "Sim, é isso mesmo."

Balancei a cabeça negativamente. "Não pode ser."

Ele emitiu um som baixo de irritação. "Não faça isso. Não me trate como uma criancinha que foi enganada."

Mas você é, eu quase deixei escapar.

“Tenho vinte anos”, disse ele. “Eu escolhi ir àquela festa. Eu escolhi ficar tão bêbado.”

“Você disse que eles continuaram te oferecendo bebidas sem que você pedisse, caralho.”

“Sim, mas eu não precisava beber”, interrompeu ele, com os olhos escuros faiscando de frustração. “Assim como eu não precisava continuar jogando quando percebi que estava me metendo em algo maior do que podia lidar. A qualquer momento daquela noite, eu poderia ter desistido e saído dali.”

"Então por que você não fez isso?" Assim que as palavras saíram da minha boca, desejei poder voltar atrás. Parecia que eu estava com raiva dele. Eu não estava; eu só queria entender como meu irmão tinha passado a vida inteira sem cometer erros, para depois perder toda a sua herança em uma única noite.

“Alex terminou comigo.”

Meu coração afundou. Alex e Blake estavam juntos desde o penúltimo ano do ensino médio. Nossos pais eram bons amigos. Eu tinha quase certeza de que nossas mães vinham planejando o casamento deles em segredo há anos. Eles eram o casal perfeito. Destinados um ao outro. E

agora Blake estava me dizendo que Alex tinha terminado tudo?

Ele devia estar com o coração partido. Não admira que tenha ficado bêbado a ponto de desmaiar.

"O que aconteceu?", perguntei, estendendo a mão para confortá-lo.

Blake se esquivou do meu toque. "Ele me traiu."

Fiquei boquiaberto.

“Nos últimos seis meses.”

A raiva brotou do fundo do meu estômago, não apenas de Alex por ter magoado meu irmão, mas também do Sr. Strickland por se aproveitar tão descaradamente da sua dor. Blake era gentil, compassivo e empático. Ele via o melhor em todos, estava sempre pronto para dar segundas chances às pessoas e não tinha maldade nenhuma. Ele planejava usar sua herança para o bem, seguindo os passos da mamãe e do papai, com um futuro brilhante pela frente.

E Theo Strickland havia roubado tudo dele.

Eu ia matar aquele homem.

7

Tyler

Meu celular descartável vibrou com um e-mail recebido assim que entrei no meu prédio. Podia ser qualquer pessoa — Josh com algum pensamento aleatório que lhe tivesse passado pela cabeça, ou um prestador de serviços agradecendo por um pagamento rápido — mas a primeira coisa que me veio à mente foi Stella. O que era ridículo. Eu tinha acabado de sair da loja dela; não havia motivo nenhum para ela estar me mandando um e-mail.

A menos que fosse para me implorar que voltasse e terminasse o que tínhamos começado...

Estacionei no meu lugar de sempre e peguei minha mochila de ginástica no banco da frente. Antes de sair do carro, observei meus arredores. Até então, eu tinha conseguido manter minha vida real e minha vida secreta separadas, mas o fato de Junior Trocci ter descoberto o local da minha última festa me deixou apreensiva, e passei a última semana olhando por cima do ombro, imaginando quem poderia me encontrar em seguida. Eu tinha muitos inimigos nesta cidade.

Não vi ninguém, mas mesmo assim abri o zíper da minha mochila para ter fácil acesso à arma escondida lá dentro.

Outro e-mail chegou no meu celular assim que saí do carro. Outro enquanto subia as escadas. Outro assim que tranquei a porta atrás de mim. Quem diabos estava tão impaciente? Deve ser algum dos meus contatos mais suspeitos. Meus associados mais próximos teriam mandado mensagem ou ligado.

Coloquei minha bolsa na bancada da cozinha e peguei meu celular.

Um sopro de ar escapou dos meus lábios. Era Stella. Uma onda de excitação e expectativa percorreu minhas veias enquanto eu abria a mensagem, e meu pau deu uma fisgada como se estivesse a meio segundo de ficar duro.

O primeiro e-mail dizia: Seu filho da puta.

Franzi a testa. Será que meu pagamento tinha sido devolvido ou algo assim? Era por isso que ela estava brava? Isso não deveria ter acontecido. Eu tinha usado o cartão de crédito de um dos meus clientes, que praticamente implorou para que eu o aceitasse. Quer dizer, na época, eu

estava ameaçando mandar meus cobradores para o escritório chique dele se ele não pagasse as dívidas. Para evitar isso, ele disse que eu podia gastar o quanto quisesse no cartão platinum dele. Se ele tivesse cancelado o cartão, eu juro por Deus...

Você se aproveitou do meu irmão MENOR DE IDADE?, dizia o próximo e-mail.

Bem, a situação estava se agravando mais rápido do que eu esperava.

Se você fez isso, é melhor colocar seus assuntos em ordem.

Porque eu vou ACABAR COM VOCÊ.

Coloquei o telefone no balcão da cozinha e fui até a sala de estar, parando em frente às janelas que iam do chão ao teto para contemplar as luzes da cidade lá fora. Como jogar esse jogo? Josh já tinha me ensinado o suficiente para eu saber que esse endereço de e-mail não podia ser rastreado até mim. Eu também tinha estacionado a vários quarteirões de distância da loja da Stella, para que nenhuma das câmeras externas dela (ou de qualquer outra pessoa na rua) tivesse visto minha placa. E eu tinha usado meu pseudônimo, Theodore Strickland, em todas as nossas comunicações.

Decidi encarar as ameaças de Stella como algo positivo. Um sinal de que Blake tinha ido até ela, afinal, e que seus pais provavelmente não estavam envolvidos. Se fosse esse o caso, eu precisava manter as coisas assim. Mantê-la na mira por tempo suficiente para lançar a verdadeira isca, que, à primeira vista, pareceria uma maneira fácil de salvar seu irmão mais novo.

Um pequeno sorriso sádico surgiu nos cantos dos meus lábios enquanto eu voltava a atender o telefone.

Ameaças de morte? Digitei isso. Isso reduz minha avaliação para uma estrela.

Eu cliquei em enviar.

Sua resposta foi quase imediata.

Você está fazendo piada agora?

Dei uma risadinha, imaginando a cara de fúria dela. O jeito como o maxilar dela provavelmente estava cerrado, tão forte que ela poderia quebrar um molar.

Ah, estou falando muito sério, eu disse a ela, e então enviei um e-mail de acompanhamento: Entendeu?

Sua morte será lenta, ela escreveu. E dolorosa.

Contive o riso. Quem diria que torturar alguém psicologicamente poderia ser tão divertido? Talvez eu fosse mais adequado para o lado sombrio da minha profissão do que imaginava. Daqui a pouco, estarei quebrando rótulas como ninguém.

Qual o nome do seu irmão? Perguntei, na esperança de prolongar a conversa um pouco mais.

"Não estou participando desse joguinho que você pensa que é", escreveu Stella. "Só me diga se ele te deve dinheiro ou não."

Que tal eu te contar durante o jantar?, perguntei.

Você acabou de me chamar para sair? É isso aí, vou chamar a polícia!

Entendi que a falta de pontuação dela significava que ela estava realmente furiosa.

Essa foi a coisa mais divertida que fiz em muito tempo.

Não, você não é, digitei.

Passou-se um minuto inteiro antes que ela me respondesse.

Dois.

Puta merda, será que ela ia mesmo chamar a polícia? Eu a escolhi justamente porque achei que ela seria a última pessoa a envolvê-los. Ela e a polícia da nossa cidade têm um histórico longo e conturbado, e pelo jeito que lidaram com as acusações mais recentes contra ela, imaginei que ela ia querer evitar envolvê-los a todo custo.

Meu celular finalmente emitiu um sinal, e um alívio me invadiu quando li o e-mail.

"Quem diabos é você?", ela perguntou.

Venha jantar comigo no domingo e eu lhe contarei.

Tenho planos para domingo.

Com quem? Quase perguntei. Como se isso importasse. Como se eu realmente me importasse com a possibilidade dela estar saindo com outra pessoa.

Eu não fiz isso.

Cancele tudo, eu disse. Ela precisava entender como as coisas funcionavam entre nós, quem detinha o poder. E esteja no Angolini's, lá na zona leste, às 20h. Não me faça ameaçá-la.

Dito isso, larguei o celular e preparei uma refeição leve antes de dormir. Eu já tinha jantado, mas entre o treino e a adrenalina de ver a Stella pessoalmente, queimei calorias suficientes para estar com fome de novo. Eu

não gostava de sentir fome. Na verdade, não suportava. Me deixava ansiosa, trazia à tona lembranças que eu me recusava a pensar. Quando criança, comida era escassa, e essa insegurança era difícil de superar, mesmo na vida adulta. Agora, eu carregava uma barra de proteína de emergência para onde quer que fosse, por precaução, e tinha duas caixas dos meus lanches favoritos no banco de trás do carro.

Meu celular vibrou com notificações enquanto eu preparava um sanduíche. Ignorei-as. Eu até poderia ter acreditado que o e-mail era impossível de rastrear, mas não estava disposto a responder a nenhuma das perguntas de Stella por escrito. Daqui para frente, tudo entre nós teria que ser verbal. A família dela era de família tradicional e rica. Possuíam aquele tipo de riqueza herdada que vinha com poder e conexões reais, o que os tornava muito mais perigosos do que a estirpe inferior de novos-ricos com quem eu havia lidado até então. Eu precisava ter cuidado com ela, porque se ela achasse que o irmão estava realmente em apuros, ela poderia acabar recorrendo aos pais.

E isso arruinaria tudo.

■ ■ ■

Na noite de domingo, eu estava sentado em uma mesa no Angeloni's, um restaurante italiano na parte antiga da cidade. Eu nunca tinha estado lá antes, mas o Josh tinha me falado bem do lugar. Bem, no sentido de que ele disse que era pequeno, difícil de encontrar e relativamente reservado — o local perfeito para revelar um plano de chantagem. Eu teria testemunhas, o que provavelmente impediria a Stella de cumprir a ameaça de me matar, mas não o suficiente para causar um escândalo caso ela surtasse em público ou começasse a gritar que eu era um criminoso. A localização também dificultaria a chegada rápida da polícia, mas, na improvável hipótese de que eles fossem a) chamados e b) chegassem rápido, eu tinha chegado uma hora antes para observar a área. Se a situação desse errado, meu plano era escapar pela porta dos fundos da cozinha e fugir para o labirinto de ruas estreitas e vielas além dela.

Eu havia pago um extra à anfitriã para me acomodar em uma das pequenas alcovas isoladas no canto, e me posicionei de costas para a parede, com os olhos fixos na porta da frente enquanto esperava meu "encontro" chegar.

O restaurante podia ser pequeno, mas a sensação era de aconchego, não

de aperto. Cabines circundavam as paredes externas, enquanto mesas cobertas com toalhas brancas pontilhavam o interior. A iluminação era suave e discreta, vinda de arandelas vintage, velas e um único lustre. Garçons circulavam pelo salão vestidos com impecáveis uniformes pretos, e a música filtrava-se por alto-falantes discretos: os tons suaves de um bandolim acompanhados por um violão. Era agradável, até romântico, em outras circunstâncias.

Discretamente, enfiei a mão no bolso do meu casaco e tirei um pequeno dispositivo preto e retangular. Era um bloqueador ultrassônico que emitia um som de alta frequência, acima da faixa de audição humana. Liguei-o, retirei a película protetora e colei-o na parte de baixo da mesa. Se Stella tentasse gravar nossa conversa, o bloqueador impediria que o microfone dela captasse qualquer som.

A porta se abriu e, de repente, lá estava ela, com a luz dos postes da rua iluminando o caminho por trás. Ela parou na soleira, segurando a porta aberta com uma das mãos, como se não tivesse certeza se realmente ia fazer aquilo. Seus olhos percorreram a multidão. Eu sorri de canto, esperando que pousassem em mim. Sabia que minha expressão era arrogante, mas não conseguia evitar. Me sentia como uma aranha observando uma mosca voar direto para a minha teia.

Se esse pequeno encontro corresse como eu esperava, estaria um passo mais perto da vingança que venho buscando há anos. Os pais de Stella eram donos de uma das empresas imobiliárias privadas mais lucrativas do país, e o sócio deles era meu pai: Richard Lawson. Ao me aproximar de Stella, eu teria a chance de me conectar com todos ao redor dele e, então, poderia começar a virá-los contra ele, um por um.

O olhar de Stella me encontrou do outro lado da sala.

Levantei minha taça de vinho em sinal de cumprimento.

Ela rosnou e avançou pisando forte.

A anfitriã tentou dizer algo, mas um olhar para Stella a fez repensar a ideia e ela voltou para trás da sua mesa. Não que eu a culpasse. Stella parecia tão furiosa que dava vontade de cuspir fogo, e, para minha alegria, ela estava vindo direto na minha direção com aquela atitude.

Esse jantar ia ser divertido.

Mesmo irritada, ela estava deslumbrante. Tinha feito algo diferente com a maquiagem em comparação com a primeira vez que a vi. Estava mais

sutil, menos emo e mais gótica corporativa. Seu cabelo estava cacheado em ondas escuras. O vestido preto que usava ia até um pouco acima dos joelhos, apertado na cintura por uma espécie de tira de couro que parecia um acessório de bondage. Suas botas de cano alto e salto alto acrescentavam alguns centímetros à sua já imponente altura, e eu tinha certeza de que ela estava tentando intimidar, mas era tão linda que o efeito era o oposto.

Uma mulher incrivelmente sexy com toda a sua atenção voltada para mim? Sim, por favor.

Ela parou a um passo da mesa, lançando um olhar fulminante.

Eu sorri para ela. "Que roupa bonita. Você está fazendo cosplay de uma das noivas rejeitadas do Drácula?"

Ela me lançou um olhar fulminante. "Vim vestida para o seu funeral."

“E como vocês planejam se livrar de mim?”

Ela inclinou a cabeça para o lado. "Estou dividida entre cravar pregos de alvenaria nos seus olhos ou te encharcar de querosene e jogar fósforos em você até você pegar no fogo."

Eu pisquei para ela. "Então, o que você está dizendo é que passou muito tempo pensando em mim."

Ela abriu a boca para responder, mas nosso garçom apareceu de repente ao seu lado. "Boa noite", disse ele, com um sorriso caloroso que ignorava a tensão. "Posso lhe oferecer algo para beber?"

"Só água", disse Stella. "Não vou ficar."

As sobrancelhas do garçom se ergueram levemente antes que ele retomasse a expressão. "Já volto com isso."

Com relutância, Stella sentou-se na cabine em frente à minha.

Nossos olhares se cruzaram por cima da mesa.

Bem, isso foi um erro. Porque Stella estava iluminada à luz de velas? De tirar o fôlego.

Ela é sua inimiga, lembrei a mim mesma. Ela representa tudo o que você detesta nos ricos.

Recostei-me e usei a desculpa de dar um gole no meu vinho para me dar alguns segundos para me recompor. Os olhos de Stella permaneceram fixos em mim o tempo todo, seus ombros tensos como se ela estivesse esperando que eu me atirasse sobre a mesa.

Chegou a hora de encerrar essa conversa desagradável.

“Seu irmão me deve três milhões de dólares”, eu disse.

Ela inspirou profundamente, com uma expressão furiosa. "Então, toda aquela consulta sobre a tatuagem, foi o quê? Uma armação para me provocar? Para me ameaçar?"

“Não, na verdade. Eu ia te contar naquela hora, mas seu colega de trabalho estragou a minha diversão.”

"Divertido", disse ela, com a maior naturalidade, os olhos fixos nos meus lábios, o beijo uma palavra de quatro letras não dita pairando entre nós.

Ah, então ela queria fingir que nada tinha acontecido? Só por cima do meu cadáver. Aquela necessidade horrível de provar meu valor estava subindo pela minha garganta de novo, e se eu tivesse que reviver aquele beijo na minha cabeça o tempo todo, ela também teria.

Meu olhar percorreu-a, mais lentamente desta vez, e dei um toque de malícia à minha voz. "Acho que você também se divertiu bastante."

Um rubor tomou conta de suas bochechas, visível mesmo através da maquiagem. "Insanidade temporária."

Eu ri, um riso baixo e sem humor. "Diga a si mesma o que quiser, mas nada apagará o som dos seus gemidos na minha boca depois que eu a chamei de safadinha—"

O garçom reapareceu com a água dela, sua expressão cuidadosamente neutra me dizendo que ele definitivamente havia percebido a tensão. Ele pousou o copo e tirou um pequeno bloco de notas. "Gostaria de saber quais são os pratos especiais?"

“Não”, disse Stella.

“Sim”, respondi.

Ele olhou entre nós, hesitante.

Eu fiz um gesto para que ele continuasse. "Por favor, prossiga."

Ele começou a enumerar os pratos, cada um parecendo mais delicioso que o anterior. Mantive meus olhos nele enquanto falava, mas, pelo canto do olho, vi Stella me encarando como uma nuvem de tempestade. Nossa, nossa, nossa, os papéis se inverteram, e era bom ser eu quem estava calma e serena enquanto ela mal conseguia se controlar.

"Vou querer o frango à milanesa", eu disse quando o garçom terminou.

Ele se virou para Stella, parecendo estar se preparando para algo. "Algo para você?"

"Não", ela respondeu secamente.

“Vamos levar um pouco de pão para a mesa”, eu disse. “Só por precaução, caso ela sinta fome.”

O garçom assentiu com a cabeça.

"Não vou", disse ela, mas ele já estava se virando. Ela soltou um suspiro de frustração e voltou a me encarar. "Às vezes é tão fácil odiar os homens."

"Ah, é?" eu disse, recostando-me no assento.

“Eu disse a vocês dois que não queria nada, e vocês dois me ignoraram.”

Eu sorri. "Talvez a gente simplesmente saiba mais."

Os dedos da mão esquerda dela se fecharam em torno da faca de manteiga.

Provavelmente, agora era a hora de parar de provocá-la. Para o meu plano funcionar, ela precisava entrar no jogo, e seria mais fácil convencê-la se eu parasse de dar motivos para ela me odiar. Mas, caramba, como era emocionante irritá-la. Ela era tão fácil, tão receptiva. Isso me fez pensar se ela seria assim também na cama.

“Então”, eu disse. “Sobre os três milhões que Blake me deve.”

"Ele não te deve nada", ela retrucou.

Ergui uma sobrancelha. "Sim, ele faz."

Ela balançou a cabeça. "Não."

"Sim."

"Não."

“Sim. E Stella? Sou filha única e taurina. Posso fazer isso a noite toda.”

Sua expressão escureceu. "Ele tem vinte anos."

"Então?"

“Ele é muito jovem para jogar.”

“Legalmente.” Inclinei-me para a frente, baixando a voz como se estivesse compartilhando um segredo. “Não sei se você sabe, mas os jogos que eu organizo não são exatamente... transparentes.”

Sua expressão ficou provocante, a boca se contraindo de um jeito que atraiu meu olhar. Seus lábios estavam pintados de um vermelho cereja brilhante que ficaria incrível em volta do meu pau. Droga, eu realmente precisava parar de pensar em todas as maneiras como eu poderia transá-la.

“Isso não muda o fato de que ele é muito jovem para saber o que está fazendo”, disse ela. “Principalmente porque você o embebedou.”

Meu sorriso se desfez. "Primeiro, ele tem vinte anos, não doze, e frequenta uma das universidades mais prestigiosas do país, mantendo um GPA impressionante, então pare de fingir que ele é um cordeirinho inocente de quem me aproveitei. Segundo, eu não o forcei a nada. É norma da casa manter o álcool fluindo porque é bom para os negócios. Ninguém apontou uma arma para a cabeça dele e o obrigou a beber."

Ela piscou. "Como você sabe tanto sobre ele? Sobre nós?"

Ah, então ela percebeu que eu tinha feito minha pesquisa. "Eu faço questão de aprender o máximo possível sobre meus clientes. Como não somos transparentes, algumas pessoas acham que isso significa que não precisam pagar suas dívidas. Que podem ameaçar ir à polícia e denunciar minha operação para me fazer desistir. Digamos que ter munição contra eles acabou sendo vantajoso para mim."

Um leve tremor surgiu em sua expressão — preocupação, ou talvez medo — presente num instante e ausente no seguinte. Quando falou, sua voz era firme, contradizendo o que sentia. "Blake não pode pagar. Ele não tem esse dinheiro."

O que eu já sabia.

Recostei-me na cadeira, apoiando um braço no encosto da cabine enquanto a observava. Caramba, ela era deslumbrante. Não apenas pela pele impecável e pelos lábios carnudos. Havia algo em seus traços que fazia você querer ficar olhando, como se seu cérebro estivesse travado tentando descobrir exatamente por que ela era tão estonteante.

Consolei-me com a ideia de que não era o único distraído por sua beleza. As pessoas tinham notado sua entrada e ainda lançavam olhares furtivos das mesas próximas. Um garçom que passava quase tropeçou nos próprios pés ao vê-la.

Talvez seja por isso que senti necessidade de ser ainda mais babaca com a Stella do que o normal: era autoproteção. Uma forma de manter distância entre nós quando tudo o que eu queria era eliminá-la.

Por que as pessoas mais bonitas eram sempre as piores pessoas?

“Mas Blake vai ter esse dinheiro, eventualmente”, eu disse.

Sua expressão se fechou ainda mais. "Daqui a uns cinco anos, no mínimo. Você pode esperar tanto tempo para ser reembolsado?"

"Não."

“Então por que você não faz a coisa certa e perdoa a dívida dele?”

Antes que minha taça de vinho se quebrasse, coloquei-a sobre a mesa, olhando para o restaurante enquanto tentava me recompor. Minha raiva havia explodido como uma ferida aberta, e a vontade de explodir era tão forte que quase não consegui resistir. Que audácia dessa mulher! Me pedindo para fazer a "coisa certa" para que o irmão dela não tivesse que assumir a responsabilidade por seus próprios atos.

Ali estava a prova de que ela era exatamente quem eu pensava que fosse. Que não havia aprendido nada com seus próprios erros monumentais. Que, não importava a fachada que apresentasse ao mundo exterior, por baixo dela ela não passava de uma patricinha mimada que se safava de seu comportamento horrível, extremamente privilegiado e destrutivo porque a mamãe e o papai sempre estavam lá para intervir e salvá-la. E agora ela estava tentando fazer o mesmo com o irmão, garantindo que o ciclo continuasse.

Absolutamente não.

“A coisa certa a fazer”, repeti, voltando meu olhar para ela.

Ela assentiu com a cabeça. "Perdoe a dívida dele."

Dei-lhe mais um momento para perceber o que estava perguntando, que hipocrisia era aquela, mas sua expressão permaneceu teimosamente determinada, e finalmente perdi a paciência.

"Não", rosnei.

“Isso pode arruinar a vida dele”, disse ela.

“Talvez isso devesse arruinar a vida dele. Talvez assim ele finalmente aprendesse o que todos nós já sabemos: que nossas ações têm consequências.”

Ela fez uma careta. "Do que você está falando? Meu irmão sabe tudo sobre consequências. Ele viu—" Ela se interrompeu, respirando fundo como se tivesse repensado o que ia dizer. "Meu irmão nunca se desviou do caminho antes disso. Ele nunca tirou nem um B-."

Eu ri sarcasticamente. "Você espera que eu acredite nisso? Que ele era mesmo um cordeirinho inocente até jogar fora três milhões de dólares? Fala sério, Stella."

“Ei”, disse ela, inclinando-se sobre a mesa para me encarar. “Estou sendo sincera. Ele é um bom garoto. E ingênuo porque foi muito protegido. O namorado dele, com quem ele estava há muito tempo, partiu o coração dele recentemente. Blake estava um caco, e os amigos idiotas da

fraternidade o arrastaram para a sua festa para desabafar, onde você se aproveitou da vulnerabilidade dele. Então, sim, neste caso, acho que o certo, o decente, seria perdoar a dívida dele."

Balancei a cabeça, impassível diante de sua história triste, pois já tinha ouvido um milhão delas. Todos sempre tinham uma desculpa para seu comportamento. Uma razão pela qual não deveriam pagar, por que eram a exceção à regra. Se minha mãe me ensinou alguma coisa, foi que as pessoas viam a bondade como fraqueza. Então, não, eu nunca perdoei a dívida de ninguém. Porque eu sabia que, se o fizesse, seria inundada por pedidos intermináveis. Pior, a notícia se espalharia de que eu havia me tornado complacente, e alguém aproveitaria a oportunidade para tentar roubar meus clientes.

O garçom chegou com o pão e começou a colocá-lo na frente de Stella.

Ela o atacou verbalmente. Literalmente mordeu o ar como uma gata selvagem.

Ele largou a cesta e fugiu sem dizer uma palavra.

"Isso era necessário?", perguntei, arrastando as palavras.

"Sim", disse ela, sem se desculpar.

Voltamos a nos encarar por cima da mesa. Eu precisava que ela confiasse em mim, pelo menos um pouco, para que meu plano funcionasse, o que significava que era hora de parar de brincar com ela e ir direto ao ponto.

Inclinei-me para a frente e baixei a voz. "Não sou decente. Portanto, não, não vou perdoar a dívida de Blake."

Seus olhos castanhos escureceram com hostilidade. "Então eu vou à polícia e conto o que você fez."

"Não, você não vai", eu disse, desafiando-a. "Os policiais gostam tanto de você quanto você deles. Não tem a menor chance de você arruinar a vida do seu irmãozinho desse jeito, e sua família não pode se dar ao luxo de outro escândalo."

Ela perdeu a cor do rosto.

Pisquei para ela. "Como eu disse, fiz minha pesquisa. Mas não sou totalmente insensível" — uma mentira descarada — "então vou te dizer uma coisa. Estou disposta a transferir a dívida de Blake para você."

Ela recostou-se na cadeira, com os olhos arregalados e a pele ainda mais pálida do que um instante atrás. "Você o quê?"

"Vou deixar você assumir a dívida do Blake", repeti, porque Stella parecia estar em estado de choque.

Ela me encarou, sua expressão mudando enquanto seus pensamentos fervilhavam. Eu quase podia ver a guerra interna que ela travava, a necessidade de proteger o irmão lutando contra o instinto de autopreservação.

“Eu também não posso pagar”, disse ela.

“Já gastou toda a sua herança?”

“Está ligado a outro lugar.”

O que eu já havia imaginado pelo jeito como ela levava a vida, não gastando mais fortunas em frivolidades, mas tive que me fazer de desentendido; já tinha revelado o suficiente do que sabia por aquela noite. "Então dê um jeito de liberar esse dinheiro."

Ela balançou a cabeça. "Não posso. Mas..." Seu olhar desviou-se de mim em direção à porta, um sinal de que se sentia presa e seu subconsciente buscava uma forma de escapar. Com um suspiro pesado, ela forçou seus olhos a me encararem novamente. "Eu farei isso. Eu assumirei a dívida dele."

Exatamente como eu sabia que ela faria.

Uma onda de algo próximo à decepção me invadiu. Tinha sido tão fácil levá-la a cair nessa armadilha. Quase fiquei triste por não ter demorado mais. Da próxima vez que eu chantagear alguém, devo prolongar o ato, saborear a vitória.

"Como você pretende pagar isso?", perguntei.

“Em prestações?”, perguntou ela.

“Tenho uma ideia melhor. Que tal sair comigo?”

8

STELLA

"Namorar com você?"

Namorar com ele?!

Theo tinha perdido completamente a cabeça?

Observei-o atentamente. Estava mais bem vestido do que da primeira vez que nos vimos: calças cáqui claras; uma camisa de linho branca que, pelo peso do tecido, dava para perceber que era cara; um smoking azul-marinho que combinava com os sapatos náuticos. O cabelo estava penteado para trás e arrumado de um jeito que, se fosse qualquer outra pessoa, me daria vontade de passar os dedos por ele. Sem que eu pedisse, aquela música incrivelmente grudenta de alguns verões atrás me veio à cabeça: “Trust fund. Six five. Blue eyes.”

Theo parecia pertencer àquele restaurante chique, como se estivesse acostumado com coisas boas. Como se nossos pais frequentassem o mesmo clube de campo. Isso me fez pensar quem diabos ele era de verdade. Definitivamente um louco, mas você não diria isso pelo jeito como ele me estudava do outro lado da mesa, aqueles olhos estúpidos e bonitos, firmes e calmos.

Ele inclinou a cabeça num gesto quase imperceptível. "Namore comigo."

Eu fiquei olhando para ele, porque, que merda era essa? Não tinha como ele estar falando sério. Namorar o cara? Não, o criminoso que não tinha feito nada além de me irritar desde que o primeiro e-mail dele chegou na minha caixa de entrada. O criminoso que entrou na minha loja para me provocar depois de ter feito meu irmão perder toda a herança. O criminoso para quem eu agora devia três milhões de dólares. O criminoso que eu... não. Nem pensar nisso. Nem em como eu tinha simulado sexo com ele enquanto a língua dele fazia coisas deliciosas e lascivas na minha boca. Isso já era ruim o suficiente sem adicionar humilhação à mistura.

"Por quê?", perguntei de repente, tão confusa que por um segundo esqueci de sentir medo.

Theo deu de ombros. "Porque preciso de novos clientes. Mais especificamente, clientes ricos, e uma ótima maneira de consegui-los é me relacionar com pessoas da sua classe socioeconômica."

A julgar pelo tom de voz, havia um insulto implícito, e eu não gostei. "Minha classe socioeconômica é a de pequenos empresários que mal conseguem se manter à tona."

Ele balançou a cabeça, um sorriso discreto brincando em seus lábios. "Aquele em que você nasceu, Stella."

Eu estremeci, odiando o som do meu nome em seus lábios. "As únicas pessoas que vejo daquela turma são meus pais, e não há a menor chance de eu te apresentar a eles."

Apesar do sorriso persistente, algo malicioso brilhou em seus olhos. "Eu não sou bom o suficiente para conhecer a mamãe e o papai?"

“Não, seu filho da puta.”

Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que tinha dito a coisa errada. O sorriso de Theo desapareceu, substituído por algo frio e malévolo. Algo que finalmente me fez perceber a gravidade da minha situação. Até então, eu o via como um cara chato da academia, porque era assim que ele se apresentava. Mas essa nova escuridão me fez perceber que ele agia daquela forma de propósito, para me fazer baixar a guarda e me impedir de enxergar a adaga escondida em suas costas.

O que Blake me disse na outra noite? Que o Sr. Strickland sempre cobrava suas dívidas. Que ele seria capaz de tudo para conseguir isso. Que ele era implacável. Moralmente falido. Sem alma.

Em vez de insultá-lo, eu deveria tentar conquistá-lo, ganhar sua simpatia para que ele não sentisse a necessidade de provar ainda mais o quão canalha ele realmente era. Pedir desculpas pelo meu último comentário seria um bom começo, mas por mais que eu tentasse, as palavras não vinham. Minha teimosia tinha mostrado sua face feia, entrando em guerra com a minha lógica, e estávamos presos em um silêncio constrangedor.

“Infelizmente”, disse ele, “você não está em posição de me dizer ‘não’. Então, sim, você me apresentará aos seus pais e a todos os amigos ricos deles. Iremos juntos às festas e eventos beneficentes deles. E enquanto estivermos lá, discretamente, irei angariar novos clientes.”

Por quê? Eu queria exigir. Por que meu irmão, por que eu, por que meus pais e seus “amigos chiques”? Tudo parecia uma armação, como se Theo tivesse me preparado uma cilada na qual eu caísse direto. Se fosse uma, eu seria idiota de admitir que suspeitava de um plano maior. Além disso, era

improvável que ele respondesse às minhas perguntas, então as guardei para mim, lutando contra uma mistura de raiva e medo, me sentindo como um rato enjaulado sem ter para onde ir. Porque ele estava certo. Eu não podia dizer não a ele. Não sem descobrir a profundidade de sua crueldade. E eu não estava disposta a arriscar o futuro do meu irmão só para saciar minha curiosidade.

"Como é que namorar com você vai quitar minhas dívidas?", perguntei, aliviada por minha voz soar mais firme do que eu me sentia.

"Ao me fazer ganhar mais dinheiro", disse ele. "Seus colegas têm bolsos fundos e um tédio geracional. Meus jogos ilegais são exatamente o que eles precisam para trazer um pouco de emoção de volta às suas vidas monótonas. As dívidas deles quitarão as suas."

“E eu estarei livre assim que eles gastarem três milhões de dólares?”

Ele assentiu com a cabeça, um pequeno sorriso brincando em seus lábios que me desanimou por um segundo. Por que esse filho da puta estava sempre sorrindo?

"Quanto tempo você acha que isso vai levar?", perguntei, com pesadelos de ser forçada a fingir que realmente gostava daquele homem por meses a fio passando pela minha cabeça.

“Isso depende do tipo de jogadores que você recruta.”

"Eu?", perguntei, incrédula. "Eu também tenho que fazer o recrutamento? Você acabou de dizer que seria você quem captaria os clientes."

“Sim. Mas eu não conheço essas pessoas. Preciso que você me indique os melhores candidatos. Quem talvez esteja mais disposto a se divertir um pouco com algo ilícito sem revelar meus segredos.”

Apoiei os cotovelos na mesa e massageei as têmporas. "Você não sabe o que está me pedindo. Faz anos que não convivo com essas pessoas, e detesto a maioria delas."

“Primeiro, não me importo”, disse ele com um desdém tão evidente que me senti um idiota por pensar que isso poderia fazê-lo mudar de ideia. “Segundo, não gostar deles deve facilitar o seu trabalho.”

Levantei a cabeça para encontrar seu olhar. A vela tremeluzia entre nós, a luz dançando sobre suas feições, percorrendo seu maxilar e maçãs do rosto, suavizando sua pele e conferindo-lhe um tom dourado que dava ao seu rosto uma qualidade onírica e surreal. Meus dedos coçavam por um

bloco de desenho, e isso só fez com que eu o odiasse ainda mais. Sua beleza era uma armadilha. Uma mentira. Nada além de uma fachada fina como papel, escondendo o monstro por baixo.

Meus olhos voltaram a encontrar os dele, e o encontrei me observando, esperando, como se tivesse todo o tempo do mundo para que eu assimilasse minha situação.

"Poderia ser pior", pensei.

Meu Deus, poderia ter sido muito pior. Ele poderia ter me forçado a vender o estúdio de tatuagem, contrair empréstimos astronômicos que eu jamais conseguiria pagar, ameaçar ir atrás dos meus pais ou arruinar a vida do meu irmão. Comparado a tudo isso, fingir que estava namorando com ele deveria parecer moleza. Mas eu não sabia se conseguiria suportar, se conseguiria fingir de forma convincente que gostava da companhia de Theo quando tudo em que eu pensaria seria em quantas outras pessoas estavam presas sob o seu controle, quantas almas mais eu seria obrigada a entregar à sua porta.

Sem que eu pedisse, uma imagem de Blake me veio à mente. Dele sentado no meu estúdio de tatuagem na outra noite, com a cabeça entre as mãos, apavorado por ter arruinado a própria vida.

Respirei fundo. Por ele, eu conseguiria. Já tinha destruído minha vida uma vez, então que diferença fazia se eu fizesse de novo? Eu sabia que era forte o suficiente para suportar isso, acreditava que conseguiria encontrar um jeito de sair desse buraco e eventualmente voltar a ter uma vida um pouco mais normal, porque já tinha feito isso antes em condições muito piores.

Blake pode não ser totalmente inocente de qualquer culpa nessa situação, mas, para mim, a única coisa da qual ele era culpado era de ter o pior azar do mundo. Justo na única vez em que ele (compreensivelmente) ficou bêbado a ponto de desmaiar e agiu de forma atípica, teve o azar de dar de cara com alguém mais do que disposto a se aproveitar dele. Não parecia justo, mas a vida não é conhecida por sua justiça.

Agora eu estava em posição de impedir que Blake enfrentasse a mesma devastação que eu, de evitar que minha família sofresse outro escândalo e, depois de tudo o que eu os fiz passar, parecia o mínimo que eu podia fazer.

Blake ficaria furioso quando descobrisse que eu tinha trocado de lugar com ele. E provavelmente tentaria fazer alguma besteira, como voltar atrás.

Mas isso era um problema para a Stella do futuro. A Stella do presente já tinha problemas demais.

Encarei o olhar implacável de Theo. O marombeiro já tinha ido embora há muito tempo, e em seu lugar estava alguém muito mais formidável, muito mais perigoso.

Puta merda. Isso estava acontecendo.

Engoli em seco, com a boca subitamente seca, e assenti. "Está bem. Eu faço isso."

Seus lábios se curvaram num sorriso provocador. "Eu sabia que você era mais inteligente do que aparentava."

Fiz um esforço para não franzir a testa para ele. "Você não acha que isso já vai ser ruim o suficiente sem você ficar me insultando a cada poucos segundos?"

“Mas te insultar é muito divertido.”

Eu estava prestes a responder quando o garçom reapareceu com o prato principal de Theo. Ele sabiamente manteve o foco em Theo, perguntando se ele queria queijo asiago fresco ralado por cima. Theo concordou.

“E você pode trazer um prato extra?”, perguntou Theo. “Isso parece tão bom que minha namorada pode até querer experimentar.”

O garçom hesitou. Olhou para mim. Mantive o olhar fixo em Theo. A namorada dele? Eu já deveria estar desempenhando meu papel?

"Claro, querida", eu disse, com a voz carregada de veneno.

O garçom saiu correndo.

Theo deu uma risadinha. "Criaturinha selvagem, não é?"

Não respondi. Não confiava em mim mesma para não o morder se abrisse a boca. Ele havia voltado a ser bajulador, mas eu não ia me deixar levar pela complacência. Eu tinha vislumbrado algo muito mais traiçoeiro à espreita sob a superfície: o verdadeiro Theo.

Ele ergueu os talheres, com o garfo na mão direita, e espetou um pedaço de frango.

"Não desse jeito", eu disse de repente.

Ele parou para olhar para mim.

“Se você quer entrar no mundo dos meus pais, vai ter que se comportar como eles.” Gesticulei na direção dele. “Essa estética de família tradicional é um bom começo, mas há pequenos detalhes que vão te denunciar, que vão indicar que você não é um deles. Eles nunca vão aceitar ninguém que

suspeitem ser uma fraude.”

“Explique detalhadamente”, disse ele.

Aproximei o prato de pão e peguei meus próprios talheres, garfo na mão esquerda, faca na direita. "Assim", disse, demonstrando o jeito europeu de segurar os talheres. Cortei uma fatia de pão, posicionando o garfo com cuidado ao levá-lo aos lábios. Em vez de colocá-lo na boca, coloquei-o de volta na mesa.

“Você deveria comer isso”, disse Theo.

“Não estou com fome.”

“Você está com a aparência que deveria ter”, murmurou ele, passando o garfo para a mão esquerda e cortando o frango.

Pisquei, fervendo em silêncio de indignação. Ouvia comentários maldosos como aqueles a vida toda. "Coma um hambúrguer" era um comentário frequente nas minhas postagens do Instagram. Eu havia parado de tentar me explicar para as pessoas. Não era da conta delas por que eu estava abaixo do peso, por que ganhar peso era quase impossível, e por que qualquer peso que eu conseguisse ganhar nunca se mantinha porque o meu tipo de doença crônica não era visível a olho nu.

Meu Deus, como eu queria estar com fome, mas tudo o que eu sentia era náusea, porque meu estômago estava um verdadeiro pesadelo, cheio de acidez. Esse pico de estresse desencadeou minha gastrite e, nos últimos dias, tenho feito de tudo para evitar uma crise completa.

Meu estômago ardia, mas eu já havia tomado meus remédios de emergência, e agora não me restava nada a fazer a não ser tomar pequenos goles de água para diluir a acidez até conseguir sair dali e, com sorte, encontrar uma maneira de me acalmar.

Não que eu fosse contar nada disso para o Theo; eu não ia dar a ele mais munição para usar contra mim.

“Eu já comi antes de vir”, eu disse a ele, afastando o prato de pão.

"Claro", disse ele, com um tom que demonstrava incredulidade.

Aquela palavra foi como um tapa na cara. Ele me provocava constantemente já era ruim o suficiente. Eu não fazia ideia de como fingiria ser namorada dele se, além disso, tivesse que aguentar esse nível de crueldade gratuita.

“O que mais?”, perguntou Theo.

“O que mais, o quê?” perguntei.

“O que mais preciso saber para me misturar?”

“Tire o paletó. Ele está se esforçando demais.”

Ele enfiou mais uma garfada na boca antes de se livrar da camisa. Percebi imediatamente que tinha feito a escolha certa. Sua camisa de linho era bonita, o caimento mais pesado realçava seus músculos sem fazê-lo parecer muito grande. Se ele conseguisse manter a boca fechada, talvez se encaixasse perfeitamente. Havia algo em seus traços que lhe conferia uma beleza aristocrática. O formato carnudo de sua boca. Seu nariz aquilino. Combinado com seus cabelos loiros, ele se sentiria em casa a cavalo no interior da Inglaterra.

"Não acredito que estou aceitando conselhos de moda da Barbie Bondage", murmurou ele, colocando a jaqueta de lado.

"Só porque eu prefiro roupas pretas não significa que eu não entenda de moda. Se você quer me ignorar e correr o risco de ser imediatamente reconhecido como um intruso, fique à vontade, caipira."

Seus olhos se estreitaram. "Garoto da fazenda?"

“Ah, por favor”, eu disse. “Você acha que eu não consigo perceber traços do seu sotaque de Upper Peninsula quando você diz certas coisas? Principalmente quando você está sendo um idiota. Isso realça a sua sonoridade rotica em qualquer palavra que termine com ‘r’.”

"Rhotity", ele repetiu. "Parece uma daquelas palavrinhas chiques de escola preparatória."

“É sim.” Não adiantava negar. Eu tinha tido uma educação superior. Pelo menos, quando eu realmente frequentava a escola. “Significa que seus sons de ‘r’ são pronunciados. Como em ‘carro’”, eu disse, enfatizando ainda mais o final da palavra.

Anotado. Há mais alguma coisa que queira destacar?

“Não, não exatamente.” Pelo seu tom seco, ficou claro que eu havia abusado da sorte ao ser tão direta.

Theo soltou um longo suspiro e controlou a expressão no rosto. "Não, sério. Continue. Preciso saber tudo o que puder."

Eu o observei, sentindo que aquilo poderia ser outra armadilha. O restaurante havia diminuído ainda mais a intensidade das luzes, e entre as sombras mais profundas e a luz quente das velas, ele parecia saído de uma pintura renascentista. Meu olhar se voltou para seus lábios. Eu odiava saber como eles se sentiam contra os meus. Odiava que minha mente insistisse

em voltar ao nosso beijo. Não porque eu quisesse repeti-lo. Droga, não. Era porque eu estava furiosa comigo mesma por ter deixado aquilo acontecer.

Ele lambeu os lábios, e eu levantei o olhar para encontrá-lo me encarando, o olhar presunçoso e intenso em seu rosto me dizendo que ele sabia exatamente onde meus pensamentos tinham ido parar.

“Nunca toque no assunto dinheiro”, eu disse para quebrar o gelo. “E nunca pergunte a ninguém o que faz para ganhar a vida. A maioria dos amigos dos meus pais e das pessoas que circulam no círculo deles ainda vê ‘trabalho’ como aquilo que os camponeses fazem para eles enquanto ficam sentados, gordos e felizes, em seus castelos.”

Ele me lançou um último olhar demorado antes de voltar sua atenção para a comida. "Continue."

Passei a hora seguinte contando a ele tudo o que eu sabia sobre as regras não escritas do mundo em que cresci, me perguntando se eu estava cometendo um grande erro, rezando para que a informação não levasse, de alguma forma, à condenação de mais pessoas inocentes.

Theo absorveu tudo como uma esponja, e pelo jeito como seus olhos se aguçaram, me observando com atenção, eu não tinha dúvida de que ele havia arquivado cada palavra que eu disse. O que só reforçou o quão ferrada eu estava. Porque meu ódio não me cegava para o fato de que Theo era inteligente, determinado e aprendia rápido. Caramba, ele já manuseava os talheres como se comesse assim há anos, e sua voz havia perdido qualquer traço de sotaque caipira, transformando-se em algo mais suave e grave. Isso me convenceu ainda mais de que ele tinha segundas intenções. Que eu estava prestes a levar um lobo para um pasto cheio de... bem, não ovelhas, mas talvez lobos mais lentos e burros.

“Precisamos começar devagar”, disse ele ao final do meu curso intensivo de etiqueta. “Um jantar em família ou um encontro mais íntimo, onde eu possa conhecer seus pais sem muitos olhares. Assim, já estaremos familiarizados um com o outro antes de irmos a festas maiores, e nosso relacionamento parecerá mais legítimo para todos os outros, já que eles já me conhecem.”

Abri a boca para dizer não, porque a ideia de apresentá-lo diretamente ao pequeno círculo íntimo dos meus pais parecia demais, cedo demais, sem mencionar que seria uma traição monumental à confiança deles. Mas um olhar penetrante de Theo me fez engasgar com a palavra, lembrando-me de

sua declaração anterior de que eu não estava em posição de negá-lo. Talvez eu pudesse explorar qualquer resquício de empatia que ele pudesse ter.

"Tenho medo de fazer isso", admiti. "Não te conheço e, até agora, tudo o que você fez foi me provocar, ameaçar e chantagear. Que garantia eu tenho de que você não fará nada para prejudicar minha família?"

"Nenhum."

Esperei por mais alguma coisa, mas ele apenas ficou sentado ali, me observando. Ok, então, não havia empatia nenhuma entre nós. Não havia motivo para pânico. Não havia motivo para surtar pelo fato de que agora eu devia três milhões de dólares a esse filho da puta sem alma e estava completamente à sua mercê — da qual, obviamente, ele não tinha nenhuma. Absolutamente nenhum motivo para começar a entrar em espiral e—

Theo suspirou, percebendo minha crescente ansiedade. "Por que eu os machucaria? Não ganho nada com isso."

Olhei para ele boquiaberta. "Isso deveria ser reconfortante?"

Ele ergueu a taça e virou o resto do vinho. "Encare como quiser. Mas eventualmente terei que encontrá-los, e se este plano vai funcionar, faz mais sentido que seja do meu jeito."

Eu odiava que ele estivesse certo. Que fosse inteligente fazer do jeito dele. Uma parte de mim queria discutir, nem que fosse só para ganhar tempo e encontrar uma alternativa, mas era inútil.

"Tudo bem", eu disse. "Mas saiba que você só pode me pressionar até certo ponto. Minha família não é indefesa. Se algum dia eu achar que um escândalo enorme é preferível a este acordo, contarei tudo aos meus pais, não importa as consequências."

Seus dentes brilharam à luz de velas. "Isso é uma ameaça?"

Balancei a cabeça negativamente. "Apenas uma constatação."

"E você acha que eu não tenho como revidar?", ele perguntou arrastando as palavras, passando o braço por cima do encosto da cabine novamente. Ele parecia e soava relaxado, mas eu sabia que estava indo mais longe do que provavelmente deveria. Uma pena. Era preciso fazer isso. Ele precisava entender que eu não era um brinquedinho indefeso.

“Tenho certeza de que você é mais do que capaz de retaliar”, eu disse. “Mas se você quer fazer ‘do seu jeito’, precisamos de regras básicas.”

“Tudo bem. Regra número um: nada de sexo.”

O calor subiu-me às bochechas, e esqueci completamente a promessa

que fiz de controlar a raiva. Que audácia desse homem. Abri a boca para lhe dizer que a única pessoa com quem ele transaria seria ele mesmo, mas ele ergueu a mão para me interromper.

“Não faça isso”, disse ele. “Não suporto ouvir uma mulher implorar, e você deve saber que, por mais que se esforce, não mudarei de ideia. Precisamos manter alguns limites profissionais entre nós.”

Engasguei com a minha língua. Eu ia matá-lo.

“Número dois”, disse ele. “Você tem que ser gentil comigo na frente dos outros.”

“E como você espera que eu faça isso quando cada palavra que sai da sua boca é uma provocação?”

“Tenho certeza de que você encontrará um jeito.” Seu olhar me encarou. “Principalmente considerando a alternativa.”

Meu rosto ficou ainda mais vermelho. Ótimo, então já estávamos de volta às ameaças.

"Não revele a ninguém quem eu realmente sou", disse ele. "Nem avise as pessoas para ficarem longe de mim. E nem pense em insinuar que eu possa ser algo além do seu namorado adorado."

"Adorável", respondi, com a voz embargada.

Ele assentiu com a cabeça enquanto me examinava, sua expressão mudando para algo cru, possessivo, como se já conhecesse cada curva e reentrância escondida sob meu vestido e mal pudesse esperar para me ver sem ele. Inclinando-se para a frente, ele levou a mão até colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, seus dedos deslizando pelo meu queixo, parando para erguer meu queixo e poder me encarar profundamente nos olhos.

Alguém por perto soltou um suspiro sonhador, claramente observando a cena.

Theo baixou a voz para um tom pecaminoso. "Ao contrário de você, não tenho dúvida de que posso desempenhar meu papel."

Me desvencilhei bruscamente de seu aperto, odiando a forma como meus mamilos estavam arrepiados e o calor se acumulava em meu interior, meu corpo caindo em suas mentiras mesmo enquanto minha mente se rebelava.

"Mais alguma coisa?", perguntei.

Ele enumerou mais algumas regras, todas elas impondo restrições ao

meu comportamento. Finalmente, cedeu. "Acho que é isso por agora. Podemos resolver o resto conforme formos avançando."

“Maravilhoso. Mal posso esperar.” Meu tom era carregado de sarcasmo.

“Depois da primeira festa, iremos a uma um pouco maior”, disse Theo. “Você escolhe. E é lá que você começará a apontar as pessoas.”

Minhas sobrancelhas se ergueram. "Você confia em mim para escolher?"

“Confio que você se lembrará de que é do seu interesse escolher sabiamente.” Desta vez, seu sorriso era mais um mostrar de dentes. “Você tem muito mais a perder do que eu. Se você realmente acha que ameaçar contar aos seus pais será suficiente para me impedir de fazer o pior, isso só mostra que você é tão ingênua e protegida quanto seu irmão.” Sua voz baixou para um rosnado grave. “Você não quer me irritar, Stella. Você não quer que eu te machuque.”

Ele abriu a carteira, jogou trezentas notas de cem dólares na mesa e saiu. Fiquei olhando para ele, sem palavras diante de sua última declaração, tão perturbadora. Seu rosto estava completamente inexpressivo, como se a escolha de me machucar ou não dependesse inteiramente de mim, e para ele tanto fizesse diferença.

Com as mãos trêmulas, peguei meu celular na bolsa e apertei o botão de parar no aplicativo de gravação de voz. Graças a Deus eu tinha pelo menos isso, caso precisasse ir à polícia. Vi o áudio ser salvo nos meus arquivos, levantei e saí do restaurante, colocando um fone de ouvido enquanto esperava meu Uber chegar, porque não havia a menor chance de eu voltar andando até o metrô com esses saltos.

A gravação parecia perfeita a princípio (eu tinha apertado o botão de iniciar pouco antes de entrar no restaurante), mas apenas alguns segundos depois, algo deu errado. Ruídos estranhos e distorcidos começaram a tocar e, logo em seguida, tudo o que eu ouvia era um tom baixo e contínuo, vibrando, que fazia meu tímpano vibrar. Tirei o fone de ouvido, imaginando se esse era o problema, mas quando reproduzi a gravação no alto-falante do meu celular (para grande irritação das pessoas que passavam na calçada), aconteceu a mesma coisa.

Em pânico, avancei rapidamente no arquivo, mas tudo parecia corrompido.

Não. Não. Eu contava com essas provas para comprovar que estava

sendo chantageada. Sem elas, eu não tinha nada além da minha palavra, que não valia nada nesta cidade.

Voltei-me para encarar o restaurante. Será que Theo... tinha feito alguma coisa para causar isso?

Uma sensação de mal-estar percorreu minha espinha.

Quem diabos era ele?

E em que diabos eu me meti?

9

Tyler

Eu sabia que Stella vinha de uma família rica. Sabia que ela havia crescido no melhor bairro da região, frequentado as melhores escolas que o dinheiro podia comprar e passado as férias escolares viajando pelo mundo todo. Eu até tinha visto os últimos relatórios de patrimônio líquido da empresa da qual meu pai e os pais dela eram sócios. Mas ver números no papel era uma coisa; testemunhar aquela riqueza com meus próprios olhos era algo completamente diferente.

Os pais de Stella moravam nos arredores da cidade, no mesmo CEP que políticos influentes, músicos famosos e bilionários. As ruas eram largas e bem cuidadas, ladeadas por grandes carvalhos centenários. Mulheres com leggings caras passeavam com cachorrinhos nas calçadas impecáveis. Jardineiros podavam as sebes e cuidavam dos canteiros de flores. As casas se erguiam imponentes em terrenos amplos, com carros de luxo nas garagens.

Os pais de Stella moravam no final do bairro, em um terreno de dois hectares densamente arborizado. Minha pesquisa revelou que a mata era, na verdade, uma floresta planejada, algo chamado arboreto. Era uma espécie de jardim para árvores raras que haviam sido trazidas de todo o mundo pelo proprietário original no século XIX, e agora a propriedade abrigava alguns dos maiores exemplares do país.

Meu carro passou pelos portões da frente, os pneus rolando sobre a entrada de tijolos. As árvores se fechavam ao meu redor, troncos tão largos quanto meu Mercedes Classe S, a copa tão alta que criava um crepúsculo artificial. Após uma leve curva, a floresta se abriu e, bem à minha frente, erguia-se uma mansão que parecia ter sido arrancada do interior da Inglaterra e simplesmente jogada em uma clareira, com jardins e tudo. A fachada de pedra era cor de areia, acentuada por caixilhos brancos nas janelas. Nada menos que seis chaminés se elevavam do telhado de ardósia, e minha cabeça girou ao pensar em quanto devia custar aquecer aquela coisa no inverno.

Mais de uma dúzia de carros estavam enfileirados na frente, desde um Maserati de edição limitada com um preço de um quarto de milhão de dólares até um Range Rover de modelo antigo, que parecia ter acabado de

sair de uma trilha off-road. Não era a primeira vez que eu ficava feliz por ter gasto parte do meu suado dinheiro no meu veículo, porque o emblema europeu chamativo no capô me ajudaria a me misturar com esses idiotas.

Estacionei no final da rua e desliguei o motor. A adrenalina inundou minhas veias. Era isso, todos os anos que passei planejando finalmente dariam frutos. Dentro daquela casa estava a chave da minha vingança. O círculo íntimo dos McCormick era o círculo íntimo do meu pai, e quanto mais eu me aproximasse deles, mais munição eu teria. Eu podia agir como um idiota na maior parte do tempo, mas isso não significava que eu não pudesse ser charmoso, e entre esse charme, minha boa aparência e minha capacidade de ler as pessoas, os segredos não ficavam enterrados por muito tempo. Eu tinha um talento para extraí-los, ou, pelo menos, para detectar sua existência, o que era tudo o que eu precisava antes de cavar em busca de mais podres.

Essa parte do plano era bem simples: me aproximar do máximo possível desses filhos da puta. A parte difícil viria depois, começando na próxima festa que fôssemos. Eu tinha dito para a Stella que queria mais clientes e dinheiro, que ia mirar em pessoas da classe socioeconômica dos pais dela, mas era mentira.

Meu foco principal eram as pessoas que os cercavam. Seus funcionários, seus contadores e todos os outros contratados que pudessem ter segredos a revelar. Quanto mais descontentes, melhor. Quanto mais obscuros, melhor. Porque esse tipo de gente era explorável, seja por suborno ou chantagem, e era assim que eu planejava derrubar meu pai. Não com um plano de vingança extravagante. Não, sua morte seria por mil cortes de papel, sangrando lentamente, excruciantemente, forçado a assistir enquanto seu império desmoronava ao seu redor, tijolo por tijolo.

Cheguei, mandei uma mensagem para a Stella.

Estamos lá atrás, ela respondeu.

Que bom para você. Agora venha me cumprimentar como uma namorada de verdade.

Uma bolha de texto apareceu. Desapareceu. Apareceu de novo, só para sumir mais uma vez. Presumi que ela estivesse se segurando para não me mandar à merda.

Talvez eu tivesse sido grosseiro, mas não via sentido em tentar ser simpático, principalmente dadas as circunstâncias. De jeito nenhum eu

entraria na festa sozinho. Conhecendo minha sorte, eu me perderia. Ou daria de cara com um dos pais da Stella e seria obrigado a me apresentar sem ela.

Eu conseguiria fazer isso, mas preferiria ter Stella ao meu lado. Só a presença dela já me daria uma sensação de pertencimento que facilitaria a minha aceitação pelos outros. Sem ela, eu chamaria mais atenção, talvez o suficiente para que as pessoas sentissem o cheiro de sangue fresco e me cercassem como tubarões. E sim, eu já tinha passado muito tempo perto de babacas ricos, mas havia uma grande diferença entre milionários e a elite herdeira de gerações de ricos que se misturavam naquela festa.

Pelo que eu sabia sobre os ultrarricos, eles eram algumas das pessoas mais predatórias e insensíveis do planeta. Menos de um por cento da população detinha a riqueza necessária para mudar o mundo, melhorar a vida do resto de nós, e o que eles faziam com ela? Usavam para financiar o turismo espacial para seus amigos, construir um relógio de cento e cinquenta metros dentro de uma montanha que só eles podiam ver, ou pesquisar a imortalidade, enquanto ao seu redor, seres humanos continuavam a morrer de doenças evitáveis.

Só Deus sabe o que mais eles aprontavam que o público desconhecia. A maioria dos rumores eu descartei como teorias da conspiração sem fundamento, mas havia outros fatos mais difíceis de negar. Como o de que tínhamos nosso próprio monstro escondido nesta cidade há anos: Bradley Bluhm. Ele fora um predador a vida toda, com sua família bilionária sempre o acobertando ou o bancando. Assim como os pais de Stella fizeram por ela. Ao contrário de Stella, Brad cresceu e se tornou um assassino em série, e ainda havia agentes federais desenterrando corpos em seu quintal, a poucos quarteirões de distância. E onde estava Brad, para responder por seus crimes? Muito provavelmente na Europa, segundo as últimas notícias, levado às pressas por seus pais.

Encarei a imponente casa de pedra pela janela, me perguntando por que diabos eu estava tão nervoso. Eu podia não ser ninguém, mas ainda assim me considerava moralmente superior àqueles filhos da puta.

Você está nervosa porque ele pode estar aqui, lembrou-me uma vozinha.

Certo. Havia isso. A probabilidade de eu encontrar meu pai em qualquer um dos eventos que eu frequentava com Stella era alta, e essa era a principal causa da minha hesitação. Porque, por mais que eu estivesse

preparada para encará-lo, por ter prometido a mim mesma que manteria a calma quando finalmente nos encontrássemos, eu ainda temia que minha raiva pudesse explodir e arruinar anos de planejamento em um instante.

Respirei fundo, lembrando a mim mesma que ele provavelmente nem estava na cidade. A última notícia que eu tinha era que ele estava em algum lugar na Itália. O que significava que não havia motivo para eu me preocupar com ele.

Abri a porta de repente e saí do carro. A floresta ao redor abafava o barulho das ruas próximas, de modo que a casa ficava isolada em sua própria bolha de tranquilidade. Grilos cantavam na grama. Pássaros gorjeavam no céu. Uma onda de risadas vinha de algum lugar próximo, logo atrás da esquina da casa, fora do meu campo de visão. Era agradável, quase bucólico.

A porta da frente se abriu, e pelo olhar de Stella, percebi que a paz estava prestes a ser quebrada. Ela me viu e avançou, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Ah, sim. Com certeza eu a irritei.

Recostei-me no carro, enfiando as mãos nos bolsos do meu short de linho enquanto tentava não sorrir. Nunca gostei muito de provocar as pessoas — isso era mais a praia do Josh —, mas comecei a me perguntar se, por ter passado tanto tempo com meu melhor amigo, um pouco da personalidade dele tinha me influenciado. Não havia outra explicação para a pequena emoção que me percorreu, por saber que tinha conseguido irritar a Stella de novo.

Pirralho.

Afasto esse pensamento com um esbarrão quando ela se aproxima. Em vez do visual monocromático que eu esperava dela, ela usava um vestido branco estilo boneca com bolinhas pretas, meias brancas até o joelho e sapatos Mary Jane pretos. A barra do vestido subia a cada passo daquelas pernas ridiculamente longas, e eu não conseguia desviar o olhar, na esperança de que subisse o suficiente para que eu pudesse vislumbrar o que ela vestia por baixo.

Só quando Stella se aproximou é que percebi que os "pontos" em seu vestido eram caveiras em miniatura. Porque, é claro, eram.

Diferentemente de mim, ela não usava óculos escuros, então pude ver claramente a fúria em seus olhos quando parou a um passo de mim,

lançando-me um olhar fulminante. Por causa desse olhar, o sorriso forçado que ela esboçou parecia insano. "Oi. Que bom que você pôde vir." Seu tom dizia o contrário. "A festa é lá fora, então, por favor, me acompanhe."

Com isso, ela se virou e começou a ir embora. Eu a agarrei pelo pulso e a girei de volta. Ela se chocou contra meu peito com um "Oof".

“Fique quieto”, eu disse.

Ela tentou se desvencilhar. "Não há ninguém aqui para quem eu me apresente."

"Tem alguém observando lá de dentro", resmunguei, com um sorriso forçado. Eu conseguia vê-los bem no canto do meu campo de visão, emoldurados por uma janela no terceiro andar, olhando para nós.

Stella ficou mais rígida que uma tábua. "Como eles são?"

Envolvi-a pela cintura com meus braços e abri as pernas, puxando-a para o meio delas. Para minha frustração, ela se encaixou perfeitamente.

Mantendo o rosto ligeiramente virado para ela, lancei um rápido olhar para cima. "Deve haver uma luz acesa atrás deles, porque tudo o que consigo ver é um contorno sombrio."

Ela fez uma careta. "Que nojento."

“Eu, ou o nosso misterioso voyeur?”

"Sim", disse ela, mordendo a isca exatamente como eu sabia que faria.

Apertei sua cintura em sinal de aviso. "Comporte-se. Estamos em público, e a regra é: seja gentil comigo em público."

Seus olhos brilhavam de irritação, mas ela permaneceu em silêncio. Boa menina.

Arrisquei mais um olhar em direção à janela, mas não consegui distinguir mais nada. "Seja quem for, temos que presumir que, se é curioso o suficiente para espionar, também é curioso o suficiente para fofocar. O que significa que você não pode ficar aí parado como uma estátua, ou vão pensar que você não está interessado nisso."

"Não estou interessada nisso", murmurou ela, aproximando-se um pouco mais. "Ninguém está interessado nisso. Nem mesmo Deus está interessado nisso."

Balancei a cabeça negativamente e deslizei minhas mãos até sua cintura, apertando um pouco mais forte desta vez. Seu humor não me faria mudar de ideia.

Stella fez uma careta, soltou um suspiro e, em seguida, relutantemente

colocou as mãos no meu peito.

"Você parece estar me segurando", eu disse. "Vamos lá. Não vai te matar me abraçar."

Com uma expressão que ameaçava matá-la de verdade, Stella deslizou as mãos em volta do meu pescoço.

"Vamos ter que trabalhar nas suas habilidades de atuação", eu disse. "Ninguém vai acreditar que você é obcecado por mim se continuar assim."

“Você está se esquecendo de que essas pessoas realmente me conhecem. Elas esperam que eu seja uma megera. Se eu, de repente, começasse a bajular um homem qualquer, isso imediatamente levantaria suspeitas.”

Apertei minhas coxas de cada lado dela, tentando ignorar o quão bom era tê-la ali. "Tem certeza de que não está dizendo isso só porque tem medo de que, se fingir estar obcecada por mim, acabe percebendo que realmente está?"

"Não sou obcecada por você", disse ela, com um tom quase sem vida, de tão monótono, mas eu percebia pelo jeito como seu corpo se movia que ela estava se esforçando para controlar a raiva.

“Como quiser, meu bem.”

Ela balbuciou. "Não me chame assim."

Um sorriso de escárnio surgiu em meu rosto enquanto uma onda sombria de triunfo me percorria. Senti-me como um lobo avistando um cervo ferido. "Vou te chamar do que eu quiser."

Ela abriu a boca, mas outro aperto de advertência a fez fechá-la com força. Talvez ela pudesse aprender.

Percebi um movimento pela janela e a puxei o último centímetro para a frente, até estarmos completamente coladas. Dali, foi fácil me inclinar e afundar meu rosto em seu pescoço. Droga, ela tinha um cheiro incrível. Como aquela mistura nostálgica de protetor solar com cheiro de banana e sol que sempre me lembrava do verão. De repente, o apelido carinhoso pareceu perfeito.

Sua pele era macia sob meus lábios e quente por causa do calor do dia. O vestido tinha um decote coração, deixando seus ombros e clavículas à mostra, e eu fiquei tentado a percorrer com a boca cada centímetro exposto dela.

Você odeia essa mulher, lembrei a mim mesma.

Sim. Eu senti. Ela e pessoas como ela eram uma praga neste planeta.

Minha reação foi apenas uma resposta fisiológica à proximidade com outro ser humano. Eu teria me sentido da mesma forma com literalmente qualquer outra pessoa.

“Por quanto tempo precisamos manter isso?”, perguntou ela.

"O tempo que for necessário para você perder essa atitude", retruquei, esfregando meu nariz na coluna do pescoço dela.

Ela suspirou. "Vamos morrer aqui."

Fiquei feliz por ela não ter visto meu sorriso de resposta. Ela poderia interpretar isso como se minhas ameaças fossem vazias e que eu pegaria leve com ela. Que eu não destruiria a vida dela se ela estragasse meus planos.

Um novo olhar furtivo pela janela revelou que nosso voyeur havia sumido, mas sentir a impaciência de Stella para sair dos meus braços me fez querer mantê-la ali por mais um tempinho.

"Diga-me quem está na festa, meu bem", murmurei em sua pele.

“Nova regra”, ela rebateu. “Nada de apelidos carinhosos.”

“Tarde demais para isso.”

“Então isso significa que eu posso escolher o seu.”

“Não, não faz”, eu disse, mordiscando sua pele delicada em uma ameaça velada.

Um tremor percorreu seu corpo. "Então, você decide todas as regras e eu tenho que segui-las?" Sua voz era baixa, ofegante, e me fez pensar que talvez eu não fosse o único afetado pela nossa proximidade.

“Hum-hum”, murmurei, traçando o contorno da sua orelha com os meus lábios.

Ela soltou um suspiro trêmulo. "Você já parou para pensar que talvez fosse um bom apelido?"

Recuei o suficiente para olhá-la. "Foi mesmo?"

Sua expressão tornou-se cautelosa, seus olhos desviando-se dos meus. "Acho que você nunca vai descobrir."

Entendi isso como um não.

“Quem está na festa?”, perguntei novamente.

“Eu já te enviei a lista de convidados.”

Tínhamos trocado alguns e-mails desde o nosso primeiro "encontro". Normas não escritas que ela havia esquecido de mencionar durante o jantar. Mais regras para ela seguir. Um plano geral para hoje.

"Eu sei", eu disse. "Eu li. O que estou perguntando é se há alguém aqui que não estava na lista."

“Algumas crianças. A amiga da minha mãe, Susan. O sócio dos meus pais. E, hum...” ela fez uma careta. “O Blake também está aqui. Contei para ele sobre a troca, e não diria que ele está exatamente feliz com isso. Também não esperava que ele estivesse aqui, porque ele está muito bravo comigo. Tentei falar com ele a sós algumas vezes para avisá-lo que você está vindo e que é melhor ele se comportar, mas ele também está me evitando.”

O sol do meio-dia de repente pareceu cinco vezes mais quente do que um segundo atrás. Meu pai estava aqui, nesta casa?

Levantei o olhar em direção à porta da frente, meio que esperando encontrá-lo lá, me esperando, mas isso era ridículo. O homem não sabia quem eu era. E mesmo que soubesse, não se importaria o suficiente para vir me cumprimentar. Ele deixou bem claro, anos atrás, que não queria ter nada a ver comigo e com a minha mãe.

A raiva estendeu suas garras venenosas dentro de mim, e uma sombria expectativa a invadiu. Depois de todo esse tempo, toda essa espera, o dia finalmente chegara para encontrar o desgraçado, para encará-lo nos olhos enquanto eu sorria e apertava sua mão. Para finalmente obrigá-lo a olhar para mim, a reconhecer minha existência, mesmo que fosse apenas como uma estranha.

Com o tempo, o resto do que Stella disse fez sentido. Blake. Droga. Essa era uma complicação desnecessária.

"Há algum lugar onde possamos conversar com seu irmão a sós?", perguntei. Se ele causasse um escândalo e arruinasse meus planos, eu o faria se arrepender pelo resto da vida. Eu estava tão perto. Não podia falhar agora.

“Ai, você está me machucando”, disse Stella, afastando-se enquanto eu afrouxava o aperto. “Há um escritório logo ali dentro, à direita da porta da frente.”

“Vá buscar o Blake e traga-o para lá. Não me importa se tiver que arrastá-lo. Você tem cinco minutos.”

Finalmente a soltei, e pelo meu tom de voz e pela minha expressão facial, Stella deve ter percebido o quão perto do meu limite eu estava, porque se virou e correu para dentro. Em vez de cinco minutos, dei-lhe dez,

fingindo mexer no celular caso alguém olhasse pela janela. Eu precisava desse tempo extra para me acalmar e esperava que Stella o usasse para explicar a situação a Blake, assim eu só precisaria entrar e ameaçá-lo para que se comportasse.

Respirei fundo, enfiei o celular no bolso e fui em direção à casa. Felizmente, não havia ninguém perto da entrada.

A entrada parecia saída de uma revista: piso de ladrilhos preto e branco, lambris, molduras no teto, móveis e obras de arte caros, uma escada escura subindo em direção ao andar superior. À minha esquerda, havia uma sala de estar. À minha direita, com a porta fechada, ficava o escritório que Stella havia mencionado.

Girei a maçaneta e entrei, fechando a porta atrás de mim.

"Cuidado!" gritou Stella.

Na fração de segundo que meus olhos levaram para se ajustar à luz mais fraca, quase não vi o punho voando em direção ao meu rosto.

Reagi instintivamente, bloqueando o soco com o antebraço e acompanhando o movimento, agarrando o pulso de Blake e usando o impulso dele contra ele enquanto o empurrava para longe.

"Blake, pare!" Stella sibilou.

Ele tentou se virar para mim, mas eu cheguei lá primeiro, agarrando-o pela nuca e jogando-o contra a parede, imobilizando-o. Agarrei seu pulso que se debatia no ar e o puxei para cima e para trás das costas com tanta força que ele gritou.

"Pare de lutar comigo", rosnei.

Ele se debateu em meus braços. "Vai se foder! O acordo está cancelado. É minha dívida. Eu vou pagar. Deixe minha irmã em paz."

“Blake”, disse Stella, aproximando-se de nós rapidamente, com uma expressão suplicante. “Já está feito.”

“Então desfaça isso”, exigiu ele, tentando me empurrar para longe.

Pressionei-o com mais força contra a parede, sua bochecha roçando na madeira, o braço se contorcendo tão alto que corria o risco de sair do lugar. "Não. E fale mais baixo, porra."

Sua respiração tornou-se ofegante e dolorosa.

Você vai se comportar se eu te deixar ir?

"Não!" ele gritou, tentando pisar nos meus pés.

Suspirei. "Stella."

Ela deve ter percebido a ameaça implícita no meu tom de voz, porque a dela se tornou mais conciliadora. "Blake, eu sei que você está bravo, mas já está resolvido. Theo concordou em transferir sua dívida para mim, e é assim que vou pagá-la. Na verdade, ele está nos dando uma folga. Poderia ser muito pior. Ele tem o poder de piorar as coisas se você continuar o irritando."

Que bom saber que ela entendeu tão bem a situação. Talvez seja mais fácil mantê-la na linha do que eu imaginava.

Ela se aproximou, com o olhar fixo no irmão. "Você precisa aceitar que isso está acontecendo, porque surtar ou agir como um idiota só vai chamar a atenção, e aí o que você pretende dizer para a mamãe e o papai?"

Blake ficou imóvel em meus braços, mostrando que ele realmente não havia pensado bem nisso. Isso me fez ter uma opinião ainda pior dele, me fez duvidar da afirmação de Stella de que ele era um garoto inteligente. Talvez os pais dela não fossem os únicos que o haviam superprotegido e mimado. Talvez ela também o tivesse feito, e por isso ainda o via com lentes cor-de-rosa em vez de enxergá-lo como ele realmente era: um universitário bobo, tão impulsivo e hormonal quanto qualquer outro da sua idade.

"Já terminou?", perguntei a ele.

"Sim", murmurou ele.

Ele estava mentindo. De jeito nenhum ele teria se deixado intimidar tão facilmente.

Soltei-o, dando um passo para trás para ter espaço para desferir um golpe quando ele demonstrasse que não era confiável.

Ele se virou para mim imediatamente, desferindo um soco no ar.

Às vezes eu odiava estar sempre certo.

"Blake!" Stella rosnou.

Esquivei-me do seu soco desajeitado e acertei-lhe um soco na lateral, bem abaixo das costelas salientes, onde ficava o rim.

Ele soltou um grito estrangulado e desabou no chão.

Stella tentou correr para ajudá-lo, mas eu a agarrei pela cintura e a puxei para trás enquanto Blake se contorcia de dor.

"Ele está bem", eu disse enquanto ela lutava comigo. "Não bati nele com força suficiente para causar danos permanentes, mas urinar sangue por uma semana deve servir de lembrete para se comportar. Certo, Blake?"

"Vai se foder", ele sussurrou ofegante do chão.

Empurrei Stella em direção à porta. "Saia. Deixe-me falar com ele a sós."

Ela parou abruptamente, balançando a cabeça. "Não. Você vai machucá-lo de novo."

Encarei-a com um olhar duro. "Só se ele me obrigar." Meu olhar voltou-se para Blake. "Seu irmão e eu só precisamos chegar a um consenso, é tudo."

Ela não se mexeu. "Só irei embora se você prometer não machucá-lo."

“Você ainda não entendeu, né?” Dois passos e eu estava cara a cara com ela. “Promessas não significam nada no meu mundo. São só mais uma forma de manipular idiotas ingênuos.”

Ela recuou, com os olhos arregalados e a expressão dividida entre fúria e medo.

“Você é idiota, Stella?”

Suas bochechas coraram e ela balançou a cabeça, a raiva vencendo a batalha enquanto seus olhos se estreitavam em fendas. "Não, não vou. Se você machucá-lo de novo, tudo pode acontecer."

Dei-lhe um sorriso. "Agora sim, estamos falando a mesma língua."

Então eu a empurrei para fora e tranquei a porta atrás dela.

10

STELLA

Caminhei de um lado para o outro do lado de fora do escritório, com os ouvidos aguçados para captar qualquer som de dor, mas tudo o que eu conseguia ouvir eram vozes masculinas baixas, baixas demais para que eu conseguisse distinguir as palavras. Ter Theo ali fora um erro. Possivelmente o segundo maior erro que eu já cometera. O que já era dizer muito, visto que o primeiro fora tão desastroso que alterara para pior a trajetória da vida de várias pessoas, inclusive a minha.

Finalmente, a porta do escritório entreabriu e Theo saiu. Atrás dele, avistei Blake, sentado em uma poltrona, agarrando a lateral do corpo. Seu rosto estava sombrio, mas resignado, como se a luta tivesse desaparecido.

“Blake”, eu disse.

Ele me viu e acenou com a cabeça. "Estou bem."

Theo fechou a porta antes que eu pudesse perguntar se ele tinha certeza.

“Quero falar com meu irmão”, eu disse.

Theo passou o braço em volta da minha cintura. "Ele precisa de um tempo sozinho para refletir."

"O que você disse para ele?", perguntei.

“Isso é entre mim e seu irmão”, respondeu ele, com a voz carregada de advertência enquanto nos conduzia em direção ao corredor.

Um aperto na minha cintura pontuou as palavras, e lutei contra uma onda de náusea que tinha tanto a ver com a proximidade dele quanto com a minha gastrite. Eu queria me afastar bruscamente de Theo e esfregar minha pele até ficar em carne viva por causa do seu toque, mas infelizmente isso não era uma opção. Alguém poderia aparecer a qualquer segundo, e empurrá-lo não passava exatamente uma imagem de "apaixonados".

Meu Deus, ele se moveu tão rápido quando Blake tentou acertá-lo. Rápido demais. Eu achava que tinha noção do perigo que corria, mas aquela fração de segundo me fez perceber o quão precária era a minha segurança. Claro, eu sabia dar um soco, conhecia o básico de autodefesa, mas era óbvio que Theo não estava exagerando quando disse que eu tentaria acertá-lo, e se os últimos cinco minutos me ensinaram alguma coisa, foi que eu jamais conseguiria me defender se ele decidisse me machucar.

Minha mente vagou de volta para aquela noite no estúdio de tatuagem,

ele se inclinando para perto e dizendo que eu estava segura. Mentira. Eu estava longe de estar segura e, de repente, com tanto medo de ficar sozinha com ele, que desejei desesperadamente me juntar à multidão de pessoas detestáveis lá fora. Já que Theo parecia determinado a levar adiante essa pequena farsa, eu esperava que isso significasse que ele não representava um perigo para mim enquanto estivéssemos perto de outras pessoas. Que havia segurança em grupo.

Novo objetivo de vida: nunca mais ficar sozinha com ele.

Nossos passos ecoavam pelo piso de mármore enquanto caminhávamos. O silêncio entre nós era tenso e constrangedor, mas eu não pretendia quebrá-lo. Estava absorta demais em meus pensamentos confusos e na raiva que sentia por ele ter agredido meu irmão. Também estava furiosa comigo mesma. Não fiz nada para intervir. Apenas fiquei parada, observando a altercação se desenrolar. Tentei justificar minha inação como choque — a violência surgiu do nada e me pegou de surpresa —, mas a triste verdade era que eu nunca havia enfrentado uma ameaça real antes, e meu instinto fora me encolher e me esconder para evitar me tornar o próximo alvo de Theo.

Acho que não era tão durão quanto pensava.

Essa descoberta recente me deu vontade de chorar, me fez sentir pequena e vulnerável de uma forma que não experimentava há anos, mas reprimi as lágrimas porque me recusei a demonstrar qualquer fraqueza perto daquele homem. De agora em diante, eu representaria meu papel em público, mas em particular? Ele não conseguiria nada de mim.

Ao nos aproximarmos da entrada do corredor, Theo apertou o abraço em minha cintura, inclinando-se o suficiente para sussurrar: "Você ficou rígida de novo."

“Nossa, por que será?”

Um puxão na minha cintura e eu girei em direção à parede, exatamente como Blake fizera momentos antes. A diferença era que eu acabei de costas para ela, uma das mãos de Theo no meu quadril, a outra apoiada acima da minha cabeça enquanto ele se inclinava sobre mim. Imediatamente me lembrei da entrada da garagem e de como ele me puxou para perto, contra a lateral do carro. A sensação dos seus lábios deslizando pelo meu pescoço. A forma como meu corpo reagiu ao seu toque. Nunca me senti tão traída antes.

E juro por Deus, se você reagir agora, vai ser guerra declarada entre nós, ameacei. Felizmente, parecia que meu cérebro e minha vagina finalmente estavam em sintonia, e essa sintonia continha uma única frase: Nós odiamos Theo Strickland.

Ele e eu estávamos parados nas sombras projetadas por uma coluna de mármore, e o jogo de luz e sombra em seus olhos fazia suas íris parecerem um mar revolto. Novamente, congelei, sentindo-me como uma lebre olhando para um gavião circulando. Blake não era pequeno. Ele tinha quase a mesma altura que Theo e praticara esportes a vida toda, e ainda assim Theo o havia dominado como um urso espantando uma borboleta. Theo fazia a violência parecer fácil, nem sequer estava ofegante quando tudo acabou. Tremi ao pensar no que ele seria capaz se realmente dedicasse sua energia a ferir alguém.

Ele deve ter percebido meus pensamentos estampados no meu rosto, porque soltou um som baixo e frustrado e se aproximou mais. "Eu não quero te machucar."

Talvez ele quisesse que as palavras fossem reconfortantes, mas tudo o que ouvi foi mais um aviso. "Eu também não quero que você me machuque."

Ele colocou a mão no meu queixo e inclinou meu rosto para cima. "Então não me obrigue, Stella."

Meu Deus, que frase horrível. Uma para a qual eu nem conseguia formular uma resposta coerente, porque meu instinto de sobrevivência finalmente estava se manifestando, e as palavras dele me deram vontade de sair correndo e gritando para meus pais, contar tudo o que tinha acontecido e lidar com as consequências de mais um escândalo, porque parecia melhor do que ficar perto daquele homem por mais um segundo.

Seu aperto se intensificou, pressentindo minha rebeldia interior. "Não precisa ser difícil. A gente sorri, flerta, interage com outras pessoas e você vai se livrando da dívida. Quanto melhor você se sair, mais rápido vai se livrar de mim."

Me livrar dele. Agora sim, uma ideia que fazia sentido. Talvez eu pudesse voltar ao meu plano original de acabar com esse filho da puta. Isso resolveria todos os meus problemas e, a julgar pela personalidade brilhante dele, eu duvidava que alguém se importasse se ele desaparecesse de repente. Ou entrasse em coma depois de um traumatismo craniano. Melhor

ainda, morresse numa explosão.

Ele deu um sorriso irônico. "Contemplando minha morte de novo?"

Tentei controlar minha expressão. "Não."

“Nem adianta mentir. Você fica com um olhar de tubarão toda vez que imagina me matando.” Ele piscou. “Ou me fodendo.”

“Não me imagino transando—”

“Ah, finalmente você está aqui”, disse minha mãe. “Pensei que você tivesse se perdido.”

Paralisei, o pânico percorrendo minhas veias. Era tarde demais para desistir. Tarde demais para implorar a Theo que me deixasse pagar a dívida de outra forma. Mamãe nos encontrou, o que significava que estávamos fazendo isso, realmente fazendo isso, prestes a fingir que não nos odiávamos na frente de uma multidão de pessoas que me conheciam a vida toda. Como eu ia fingir atração por um homem cujo toque me dava vontade de vomitar? Eu praticamente conseguia ver o desastre iminente vindo direto na minha direção como um trem desgovernado, mas eu estava presa aos trilhos. Não havia escapatória.

Theo endireitou-se, virando-se para minha mãe. "Foi minha culpa", disse ele, com uma voz mais refinada do que eu jamais ouvira. O sorriso que lhe dirigiu era encantador, e seus olhos brilhavam como se carregassem um calor genuíno. "Eu queria um momento a sós com Stella antes de ser obrigado a compartilhá-la com todos os outros." Seu olhar voltou para o meu, o calor em seus olhos aumentando consideravelmente, como se ele estivesse ansioso para me ter a sós novamente.

Não vomite, não vomite, não vomite.

Saí de trás da coluna de mármore e me forcei a encarar o olhar curioso da minha mãe. "Mãe, este é o Theo, meu," ai meu Deus, eu não podia acreditar que estava dizendo isso, "namorado. Theo, esta é minha mãe, Georgianna, mas todos a chamam de—"

“Georgie”, disse ela, lançando-me um olhar de advertência.

“Por que essa cara? Eu ia dizer isso.”

“Desculpe-me por não confiar em você, mas você já me apresentou como Bitchy McBitchface.”

“Eu tinha dezesseis anos, e você estava se comportando como um—”

“Theo!” disse minha mãe, interrompendo-me novamente enquanto estendia a mão para ele. “Que prazer conhecê-lo. Não me lembro da última

vez que Stella trouxe um namorado para conhecer a família.”

A última parte foi dita com um olhar de soslaio bem generoso na minha direção. Porque eu nunca tinha apresentado ninguém à minha família. Eu gostava demais de todos os meus ex-parceiros para submetê-los ao escrutínio deles. Não que minha mãe fosse realmente uma megera ou algo assim. Bem, pelo menos não intencionalmente. Ela era apenas superprotetora, tinha padrões elevados e, mesmo depois de todas as minhas travessuras, ninguém era bom o suficiente para a filha dela.

Theo pegou delicadamente a mão da mãe. "Fico feliz por ter sido escolhido." Eles apertaram as mãos, e Theo fingiu olhar em volta. "Você tem uma casa linda. Aquela era uma obra de Morisot que eu vi pendurada lá atrás?"

Quase fiquei boquiaberto.

Mamãe pareceu satisfeita. "Foi sim."

“É uma pena que ela não seja mais conhecida”, disse Theo. “Ela sempre foi uma das minhas favoritas.”

Mamãe passou o braço pelo dele e o conduziu de volta pelo corredor. "Stella te contou a história de como conseguimos isso?"

Theo balançou a cabeça. "Adoraria ouvir isso de você."

“Bem, há vinte anos, passamos um verão poeirento no sul da França”, começou ela.

Ignorei o resto porque conseguia recontar tudo de memória. Berthe Marie Pauline Morisot foi uma pintora impressionista francesa que não era tão celebrada quanto seus compatriotas homens, apesar de seu talento incrível. Casada com o irmão do famoso Édouard Manet, ela lutou durante toda a sua carreira para ser levada a sério como artista, com a maioria dos críticos homens elogiando condescendentemente o "charme feminino" em sua obra. Tanto minha mãe quanto eu a adorávamos, e esta pintura, uma das obras menos conhecidas de Morisot, era a joia da coroa da coleção de arte dos meus pais. O fato de Theo ter reconhecido uma pintura de Morisot que nunca havia sido reproduzida em gravura era inacreditável.

Literalmente.

Aquele desgraçado deve ter espionado minha família muito mais do que eu imaginava, e agora eu estava preocupado com o quanto ele sabia sobre nós. Sobre mim.

Eu me juntei a eles perto da pintura.

“Não”, disse Theo, parecendo genuinamente chocado. “Estava simplesmente lá no fundo da galeria?”

"No chão, se você consegue imaginar, encostado na parede num canto esquecido do quarto", disse a mãe para ele.

“E eles não faziam ideia do que tinham?”

Mamãe balançou a cabeça. “Praticamente roubamos deles. Para nossa defesa, a princípio não acreditamos que fosse real. A borda inferior estava tão coberta de poeira que apenas as primeiras letras da assinatura eram visíveis, e mesmo depois de termos restaurado profissionalmente, achamos que certamente era uma falsificação. Imagine nosso choque quando uma de suas biógrafas nos disse que era autêntica. Ela havia encontrado uma referência a ela em um dos diários de Morisot, e todas as outras análises confirmaram sua crença.”

“Incrível”, disse Theo.

“E está pendurado aqui desde então”, eu disse, me intrometendo na conversa deles. Essa pequena interação me deixou irritada. Eu queria Theo o mais longe possível da minha mãe. Não gostei da facilidade com que ele se insinuou, nem da suavidade do sotaque americano aristocrático que ele estava usando. A transição dele foi quase tão assustadora quanto o seu acesso de violência, e me fez voltar a me perguntar quem diabos era aquele homem e o que ele realmente queria.

Seguindo o exemplo da minha mãe, passei meu braço pelo dele e o puxei. "Deveríamos entrar na festa."

“A Tippi vai ficar tão feliz em te ver”, disse a mãe. “Já vou. Só preciso pegar uma coisa lá em cima para a Babs.”

Nos separamos, minha mente girando enquanto eu conduzia Theo para longe.

"Como você pretende convencer alguém de que estamos namorando se só me deixa ficar cinco segundos com essa pessoa?", ele sussurrou.

“Acredite, eu estava te fazendo um favor. Minha mãe é incrivelmente observadora. Quanto mais tempo passarmos perto dela, maior a probabilidade de ela perceber que nos detestamos.”

"Ódio?", disse Theo, e eu pude ouvir o sorriso em sua voz sem precisar olhar para ele e confirmar. "Uma palavra tão forte."

"Bem, deixe-me ir atrás de um dos seus familiares, chantageá-lo, atacar esse mesmo familiar e depois entrar à força na sua vida. Depois me diga

como você se sente."

Ele deu de ombros. "Vá em frente e tente. Eu não tenho família."

"Isso explica muita coisa", murmurei.

Infelizmente, ele me ouviu. "O que isso quer dizer?"

"Nada."

Ele diminuiu o passo. "Diga, Stella."

Tudo bem. Ele realmente queria saber? Eu contaria. "Eu estava pensando que provavelmente é fácil ser um completo insensível quando você não se importa com ninguém além de si mesmo."

"Eu não iria tão longe", disse ele, como se nem sequer tivesse se sentido insultado. "Eu tenho amigos, como qualquer outra pessoa."

“É, amigos que provavelmente são tão problemáticos quanto você.”

Por algum motivo, isso o fez rir baixinho. "Ah, Sunshine. Você não faz ideia."

Meta na Segunda Vida: nunca conhecer seus amigos.

Nossa conversa se pôs fim assim que chegamos à festa. Os cômodos dos fundos da casa tinham janelas enormes para aproveitar a vista do gramado ondulado e das árvores. Através delas, vi uma multidão de pessoas reunidas em torno de várias mesas, com guarda-sóis protegendo do sol do meio-dia e ventiladores soprando uma brisa suave para refrescar o ambiente. O pátio era amplo, estendendo-se em uma série de terraços que terminavam na piscina. Pelos gritos e respingos que ecoavam pelas portas sanfonadas abertas, percebi que os jovens convidados estavam se divertindo na água.

“Ah, sejam bem-vindos de volta”, disse Richard, aproximando-se de nós.

O aperto de Theo na minha cintura intensificou-se dolorosamente antes de afrouxar. Outro aviso? Se fosse esse o caso, eu não precisava. Finalmente, eu estava com medo de verdade do que aconteceria se eu o irritasse, e temia que nem mesmo ir à polícia o impediria de se vingar de mim.

“Tive que ir buscar meu namorado”, eu disse, o palavrão saindo um pouco mais fácil da minha boca. “Richard, este é o Theo. Theo, o sócio dos meus pais, Richard Lawson.”

Richard deu um passo à frente com a mão estendida em direção a Theo. Eles tinham quase a mesma altura e eram ambos loiros, embora o cabelo de Richard estivesse agora quase todo grisalho. Sua pele também estava alguns

tons mais escura, bronzeada de sua recente viagem à Itália, o que fazia seus olhos azuis claros se destacarem sob o sol do meio-dia. Entre sua boa aparência bem preservada e sua riqueza, ele era um dos solteiros mais cobiçados da cidade, mas não namorava ninguém há anos, pelo menos não que eu soubesse. Todos nós presumíamos que ele ainda estivesse se recuperando da mágoa persistente que quase o destruiu algumas décadas atrás.

“Prazer em conhecê-lo, Theo”, disse ele.

Theo me soltou para cumprimentar o homem mais velho com um aperto de mãos, o sorriso fácil e o olhar fixo em mim. "Você também, Richard."

Os homens se soltaram e Theo voltou a passar o braço em volta da minha cintura, como se fosse o seu lugar. Richard fazia parte da minha vida desde o dia em que nasci. Era meu padrinho e, para mim, era mais como um tio do que qualquer um dos meus tios de sangue. Além da minha família, ele me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa naquela festa, e eu precisava fazer Theo se afastar antes que Richard percebesse o meu desconforto.

"Você viu a Tippi?", perguntei. "Quero ter certeza de que o Theo a conheça antes de servirem a comida."

Richard inclinou a cabeça em direção ao quintal. "A última vez que a vi, ela e seu pai estavam lá embaixo, no gramado."

“Foi um prazer te conhecer”, disse Theo enquanto eu o arrastava para longe.

“Você também”, respondeu Richard.

Cumprimentávamos os outros enquanto caminhávamos em direção ao gramado, cumprimentos rápidos e breves apresentações na maioria das vezes. Theo parecia encantar a todos imediatamente, e isso só me deixava mais irritada. Tudo em que eu conseguia pensar era na altercação no escritório. Por trás de seus sorrisos fáceis e brincadeiras amigáveis, eu vi algo mais: ele se virou, rápido como um raio, e desferiu um golpe com a mão que estava em minha cintura contra a lateral do meu irmão. Sem hesitação. Sem piedade.

Apesar do calor do verão, eu tremi.

Finalmente, pisamos na grama e Theo me puxou para mais perto. Ninguém estava perto o suficiente para nos ouvir, mas mesmo assim ele baixou a voz. "Sorria, Stella. É um dia lindo, estamos numa festa chique

para comemorar o aniversário de uma velha senhora, e seu irmão ainda tem todos os dedos das mãos e dos pés."

“Por enquanto”, respondi. “Mas tenho certeza de que da próxima vez que eu te irritar, você vai ameaçar cortar algumas delas.”

“Não é uma má ideia”, ponderou ele.

Rosnei.

Ele deu uma risadinha, um som baixo e provocador. "Sabe, para alguém da sua idade, você se irrita com muita facilidade."

Parei de andar, pensando se devia ficar irritada ou insultada. Com Theo, eu nunca conseguia decidir entre as duas coisas. "Tenho trinta e cinco anos."

Ele parou um passo atrás de mim, virou-se e sorriu. "Você é praticamente uma ladra de berços."

“Ah, por favor”, eu disse, examinando-o de cima a baixo. “Não posso ser muito mais velha que você.”

“Na verdade, dez anos.”

Que diabos estavam dando para esses caipiras do meio-oeste comerem?

“Então”, continuou ele, e eu não gostei do olhar dele, “isso significa que quando você tinha a minha idade, eu era—”

Tapei a boca dele com a mão para o fazer calar.

E então a realidade voltou com força total, e eu percebi quem eu tinha calado e imediatamente retirei a mão. Eu estava prestes a me forçar a pedir desculpas, por mais desagradável que fosse a ideia, quando alguém se aproximou pelo canto do olho.

Virei-me para ver meu pai, praticamente com um sorriso de orelha a orelha enquanto olhava para nós dois. Ao contrário da mamãe, não havia nenhuma emoção mais profunda escondida por trás do sorriso, nenhuma malícia no olhar. Ele estava genuinamente feliz por eu finalmente ter trazido alguém para casa para conhecê-lo. Foi então que percebi como essa interação entre Theo e eu poderia parecer: como se estivéssemos tendo uma pequena e fofa troca de palavras entre um casal, e tudo não passava de uma brincadeira. Principalmente por causa do tamanho do sorriso de Theo enquanto se virava para o papai.

“Sr. McCormick”, disse ele, oferecendo-se para cumprimentá-lo com um aperto de mãos.

Papai estremeceu, os olhos castanhos se franzindo nos cantos enquanto

ele enrugava o nariz sardento. "O Sr. McCormick era meu pai", disse ele, apertando a mão de Theo. "Por favor, me chame de Phil."

“Phil”, disse Theo enquanto se separavam. “Muito obrigado por me receber.” Ele se virou para observar a cena. “Que festa!”

O sorriso do pai suavizou-se. "Provavelmente este será o último ano da Tippi conosco, e queríamos garantir que a velhinha fosse homenageada em grande estilo."

"Não diga isso", repreendi-o, agachando-me enquanto Tippi cambaleava em nossa direção. Seus olhos lacrimejantes estavam fixos em mim, e ela acelerou um pouco o passo, seu rabo começando a abanar como se ainda lhe restasse um pouco de vida. "Ela vai viver para sempre, não é, garota?", eu disse, acariciando seu rosto e depositando um beijo em sua testa.

Ouvi um som de engasgo vindo de cima e, em seguida, a voz incrédula de Theo: "Tippi é uma cachorra?"

11

Tyler

Tudo isso por causa de um maldito cachorro, pensei, dando um gole no meu coquetel enquanto contemplava o crepúsculo que se aproximava. As luzes bruxuleantes do café começavam a acender, os fios estendendo-se entre as duas alas da casa. Lá fora, na floresta, mais luzes ganhavam vida, envolvendo os troncos e subindo pelos galhos das árvores, criando a atmosfera de um bosque encantado.

Um grito estridente rasgou o ar. Desviei o olhar para o gramado, onde crianças corriam umas atrás das outras carregando estrelinhas acesas. Seus pais as observavam de espreguiçadeiras próximas, dispostas ao redor de uma enorme fogueira. Corria o boato de que haveria marshmallows assados na fogueira mais tarde, e os melhores lugares estavam se enchendo rapidamente à medida que as chamas começavam a crescer.

À minha esquerda, um quarteto de adolescentes com ar entediado ocupava uma mesa de piquenique, com os rostos grudados em seus celulares. À minha direita, um grupo de homens estava reunido em volta da churrasqueira, conversando e rindo enquanto um chef terminava de preparar os últimos hambúrgueres e cachorros-quentes orgânicos, de animais criados soltos, de origem local e de um único fornecedor, em pães sem glúten.

Eu estava sozinha. Já não aguentava mais esses filhos da puta, concentrando-me na minha antipatia por eles porque era mais fácil do que pensar no meu pai. Tudo o que eles falavam era sobre os planos para as férias de verão ou sobre qual designer de interiores contratar para reformar a casa de praia, como se o mundo não estivesse pegando fogo ao nosso redor. Tudo era superficial e fútil com essas pessoas, e embora Stella estivesse certa sobre ninguém falar abertamente sobre dinheiro, todos pareciam adorar insinuar o quanto tinham.

Um olhar para trás mostrou Stella ainda sentada sozinha a uma mesa, sob um guarda-sol. Ela tinha um copo d'água à sua frente e nada mais, e isso me deu vontade de rosnar. Passei metade da festa tentando fazê-la comer, mas tudo o que ela tinha colocado na mesa eram alguns pedaços de pão sem tempero, e aquilo estava me irritando profundamente. Ela devia estar morrendo de fome, e saber disso me trouxe más lembranças, me fez sentir pontadas fantasmas de fome. Aquela fome profunda e lancinante que

parece que o estômago está tentando se devorar.

"Então", disse alguém, e eu me virei para ver Richard vindo em minha direção.

Porra.

Meus dedos tremiam com uma mistura de adrenalina e raiva, e deixei minha bebida cair ao meu lado para que ele não percebesse.

"Está se divertindo?", perguntou ele.

“Sou sim”, menti. “Os McCormicks dão ótimas festas.”

Ele sorriu. "Você pode não acreditar, mas na época da faculdade, eles costumavam dar festas horríveis."

“Phil? Não. Não consigo imaginar. Georgie, no entanto...” brinquei, orgulhosa de mim mesma por estar lidando com a situação. Conhecer meu pai era o teste definitivo das minhas habilidades de atuação, e se eu conseguisse passar por esta noite sem cometer nenhum deslize, não tinha dúvidas de que conseguiria executar o resto dos meus planos sem problemas.

Seu risinho em resposta me fez olhar para ele. Normalmente, eu tinha que olhar para baixo para as pessoas, mas estávamos lado a lado. Sim, eu tinha a mesma altura, a mesma cor de pele, o mesmo porte físico e o mesmo nariz. Mas eu tinha traços suficientes da minha mãe para não parecer uma cópia exata dele, e por isso, eu era imensamente grata. Não apenas porque eu não queria me parecer com ele, mas porque isso impediria que alguém suspeitasse se soubesse sobre o filho secreto dele.

Um pensamento me ocorreu então. Será que eu era a única? Ou haveria dezenas de nós espalhadas pelo mundo? Não me surpreenderia. Quem trai uma vez, trai sempre, e ele havia descartado minha mãe com tanta maestria quando descobriu que ela estava grávida que duvidei que fosse a primeira vez que ele fazia isso.

“Como você e Stella se conheceram?”, perguntou ele.

Lutei contra a vontade de ranger os dentes. O fato de ele estar mais interessado em mim como estranha do que estivera em seu próprio filho foi como um soco na cara.

“Na loja de tatuagens dela”, eu disse. Tínhamos combinado de nos ater à verdade nesse ponto, porque quanto menos mentiras contássemos, melhor.

Richard me examinou de cima a baixo, claramente procurando por tinta.

“Fui para uma consulta”, expliquei. “Não tenho certeza se estou pronta

para prosseguir com isso.”

Richard assentiu com sabedoria. "É sempre melhor dedicar tempo a coisas que têm algum grau de permanência."

Quase ri. "Tipo engravidar suas amantes?", eu queria perguntar. Que hipócrita do caralho. "Stella disse que você acabou de voltar da Itália?"

"Sim, eu fiz isso. Um antigo amigo da faculdade se mudou recentemente para um vinhedo na Toscana e não para de falar maravilhas do lugar, e eu queria ver se esse tipo de aposentadoria era para mim."

"E?", perguntei.

Ele inclinou um pouco a cabeça. "Ainda estou indeciso. Por um lado, há uma simplicidade nesse tipo de vida que uma parte de mim anseia. Por outro, sinto que ainda tenho muito trabalho a fazer aqui."

“Você foi sozinho ou com a família?”, perguntei, tentando parecer menos interessado do que realmente estava.

"Sozinho como o solteirão trágico que sou", disse ele, lançando-me um sorriso autodepreciativo.

Não senti pena dele nem por um segundo. De jeito nenhum eu ia cair nessa atuação de coitado; tinha certeza de que ele preferia ficar sozinho porque isso significava que ele podia percorrer o interior em relativa paz. Homens como ele nunca mudam, porra.

Olhei para trás para ver se Stella estava bem, mas ela tinha sumido.

"Procurando sua amada?", perguntou Richard.

“Sim”, eu disse, encerrando tanto essa conversa quanto essa maldita festa. Eu tinha feito o que vim fazer: me enturmar com o círculo íntimo.

Richard inclinou a cabeça para o lado. "Ela acabou de entrar." Sua expressão tornou-se contemplativa quando encontrou meu olhar. "Honestamente, estou surpreso que ela tenha aguentado tanto tempo. Normalmente, ela fica nesses eventos por cinco, talvez dez minutos antes de desaparecer." Ele sorriu, dando um tapinha no meu braço, e foi uma luta para não me afastar bruscamente. "Você deve ser uma boa influência para ela. Não que ela não seja uma boa pessoa", acrescentou rapidamente. "Só cometeu alguns erros na juventude. Mas ela está fazendo tudo o que pode para consertar isso, e poucas pessoas reconhecem o seu valor." A última parte foi dita com um olhar de desaprovação para um grupo de mulheres mais velhas que nem sequer olharam na direção de Stella durante toda a tarde.

Quase dei uma risada irônica. Como Stella poderia "consertar" o que tinha feito? Na minha opinião, não havia volta depois de uma cagada daquelas, e a opinião de Richard só reforçou minha crença de que ele era uma das piores pessoas daqui.

Inclinei minha bebida na direção dele. "Fico feliz em saber que você se sente assim." Outra mentira. "E foi um prazer conversar com você."

“Você também, Theo”, disse ele, olhando para mim um pouco mais atentamente do que havia feito um instante atrás.

Me despedi e entrei na casa para procurar Stella, mas ela não estava nos dois cômodos dos fundos que estavam sendo usados para a festa. Meu instinto foi perguntar à equipe do buffet se a tinham visto, porque eu sabia que eles prestavam mais atenção do que qualquer um imaginava, então fui até a cozinha. Lá, encontrei uma mulher com aparência atarefada, usando um chapéu de chef, colocando velas em um bolo de aniversário.

Ela se enrijeceu quando entrei em seu campo de visão, agarrando o peito. "Meu Deus, pensei que você fosse a Sra. McCormick de novo."

O que me revelou algumas coisas importantes, todas as quais eu poderia explorar.

"Desculpe pelo susto", eu disse, piscando o olho.

Ela me examinou de cima a baixo, observando minhas roupas caras e percebendo que eu não fazia parte da equipe de empregadas. Um rubor tomou conta de seu rosto. "Não que a presença de Georgianna em sua própria cozinha fosse algo ruim, eu só—"

Levantei as mãos. "Não se preocupe. Você não precisa se explicar." Olhei por cima do ombro. "Se isso ajudar, acho que ela ainda está lá fora assustando um dos funcionários do bufê."

A mulher me deu um sorriso fraco. "Você... precisa de alguma coisa?"

Ah. Porque senão por que um desses riquinhos babacas estaria na cozinha do mordomo?

Baixei o tom da minha voz para um tom conspiratório. "Estou me escondendo. Tudo o que as pessoas querem falar comigo é sobre golfe, e eu não jogo."

Os olhos dela se arregalaram. "Um pecado imperdoável."

Dei uma risadinha, apontando para a sobremesa de três andares, ricamente decorada. "Você que fez isso?"

Ela assentiu com a cabeça, começando a se mostrar mais amável, com

um toque de orgulho na expressão. "Sim, eu fiz."

"É deslumbrante." Lancei-lhe um olhar interrogativo. "É comida para gente ou para cachorro?"

“Comida de gente”, ela respondeu. “O estômago da pobre Tippi não é mais o mesmo.”

Assenti com a cabeça como se já soubesse disso. "Você trabalha para os McCormicks há muito tempo?"

Ela riu. "Às vezes parece que dura uma eternidade."

"Alguma dica para um recém-chegado?", perguntei. "Sou namorado da Stella."

"Ah, é mesmo?", disse ela, olhando para mim como se não conseguisse nos imaginar juntos.

“Somos o tipo de casal que se atrai com base na atração dos opostos.”

Ela sorriu. "Essa sou eu com meu Hamid."

Passei os dez minutos seguintes agradavelmente envolvido com a Sra. Tori Ahmadi, sendo eu o mais encantador possível, fazendo perguntas aparentemente inocentes sobre os pais de Stella sob o pretexto de usar as informações para causar uma boa impressão, quando na verdade, eu tinha motivos ocultos com intenções muito mais obscuras.

"A Stella passou por aqui ultimamente?", perguntei durante uma pausa natural na conversa.

Tori acenou com a cabeça na direção da frente da casa. "Acho que ela está lá fora. Provavelmente esvaziando os pneus do carro da Cordelia."

Franzi a testa. "Quem?"

“Mulher baixa, parecida com um sapo. Profundamente desagradável.”

“Ah”, eu disse. Eu sabia exatamente de quem Tori estava falando. Mais cedo, uma mulher com essa descrição balançou a cabeça ao ver as tatuagens de Stella e murmurou “Que pena!” no sussurro mais alto que eu já tinha ouvido. “Então eu provavelmente deveria ir ajudá-la. Muitas mãos tornam o trabalho mais rápido, e tudo mais.”

Tori me desejou boa sorte, eu a agradeci pelas dicas valiosas e saí da cozinha, cruzando com Blake no corredor.

Não havia mais ninguém por perto. Era a primeira vez que estávamos relativamente sozinhos desde o nosso "momento de aproximação" no escritório. Eu me preparei para outra cena desagradável, mas devo ter deixado meu ponto bem claro antes, porque ele me olhou e desviou o olhar,

passando por mim em completo silêncio. Apesar de parecer intimidado agora, eu não confiava que ele não tentaria ser corajoso novamente em outra ocasião, e fiz uma anotação mental para ficar de olho nele.

Empurrei a porta da frente e saí nos degraus. A noite estava mais próxima, mais evidente nas sombras densas da mata. As únicas fontes de luz vinham da própria casa e dos postes de iluminação, dispostos em intervalos ao longo da entrada, iluminando o caminho de volta à civilização. Os sons da festa estavam distantes o suficiente para que os de um crepúsculo de verão reafirmassem sua dominância. Ouvi grilos. Os últimos chamados de um casal de rolas-luto.

Um dia, tudo isso poderia ser seu, eu disse a mim mesmo. Ou talvez algo um pouco melhor. Menor. Menos ostentoso e mais isolado, com uma vista melhor. Aqui, tudo o que você tinha para contemplar eram troncos de árvores e o céu.

Elevei o olhar para o céu, buscando o primeiro raio de sol entre as estrelas. Agora que eu havia conseguido me infiltrar na vida de Richard, não me restava muito tempo — alguns meses, talvez um ano — para que meu objetivo fosse alcançado e eu estivesse livre para seguir em frente. Livre para finalmente começar a viver para mim mesma, em vez de ser movida por essa necessidade constante e avassaladora de vingar minha mãe.

Essa era a vida que ela deveria ter tido. Mimada, protegida, feliz e segura. Em vez de... não. Eu tinha me prometido que não pensaria nisso esta noite. Que não me permitiria remoer seus últimos anos, terríveis e solitários.

Um palavrão suave e feminino me fez voltar à realidade. O capô de um carro se abriu no final da fila, perto de onde eu havia estacionado. Vi um clarão branco ao redor dele e ouvi outro palavrão baixo.

Stella.

Desci as escadas e fui na direção dela. Achei que Tori estivesse brincando sobre esvaziar os pneus do carro de alguma esnobe, mas talvez ela tivesse razão. Na esperança de surpreendê-la, me movi paralelamente aos carros estacionados. Mais palavrões tingiram a noite, e minha curiosidade aumentou. O que diabos ela estava fazendo? Me abaixei e contornei uma BMW, aproximando-me sorrateiramente por trás para vê-la com o braço enfiado no bloco do motor, o celular apoiado no carburador enquanto um vídeo do YouTube mostrava onde encontrar as velas de

ignição.

Endireitei-me em toda a minha altura. Meu Deus, ela estava mesmo sabotando o carro de alguém.

E por que isso de repente me fez respeitá-la um pouquinho? Seu comportamento vingativo provou que ela tinha fibra, mas também significava que eu teria que ser mais cuidadoso perto dela daqui para frente — não gentil, claro; eu jamais chegaria a esse ponto. Apenas... cauteloso.

Cruzei os braços sobre o peito, observando Stella mexer nos fios. Pelo volume do celular e pelos palavrões constantes, duas coisas eram claras: ela não tinha a menor ideia do que estava fazendo e não fazia ideia de que havia alguém ali com ela. Olhei em volta, franzindo a testa para o seu planejamento péssimo. Sim, era crepúsculo e a festa ainda estava a todo vapor, mas a luz era suficiente para que qualquer um que saísse para o carro a flagrasse em ação.

Amador.

Dei mais um passo à frente, perto o suficiente para estender a mão e tocá-la se quisesse, e disse em tom cantado: "O que você está fazendo?"

Stella gritou, dando um pulo e batendo com a cabeça na parte de baixo do capô. Um gongo profano soou, e Stella caiu de joelhos na brita, meio debruçada sobre o para-choque.

Dei um passo à frente e agarrei o capuz antes que ele caísse sobre ela. "Se isso causar algum tipo de inchaço cerebral e você morrer, saiba que sua dívida voltará para seu irmão, e eu não serei tão leniente com ele quanto fui com você."

Ela soltou um gemido fraco, levando a mão trêmula à cabeça, e levei um segundo para perceber que ela estava me mostrando o dedo do meio.

Dei uma risadinha irônica e levantei o capô novamente. Não havia sinais óbvios de adulteração e, pelo tom de frustração de Stella, imaginei que isso significava que ela não tinha conseguido causar nenhum dano real.

“Você nem chegou perto do cabeçote do cilindro”, eu disse a ela.

"O quê?", ela murmurou.

“Onde ficam as velas de ignição. Veja só.” Eu a levantei e mostrei a ela. “Mas isso é fácil de resolver. Se você realmente quer sacanear alguém, afrouxe o conector do sensor de fluxo de ar.”

Ela se afastou de mim, um pouco cambaleante, mas conseguiu ficar de pé sozinha. Provavelmente não estava com concussão, então. Uma pena. "O

que isso faz?", perguntou ela. "Não estou tentando machucar a Cordélia, só incomodá-la."

“Marcha lenta irregular. Motor apagando.” Dei de ombros. “Pode ser que nem ligue.”

Um leve estalo chegou aos meus ouvidos. Olhei ao redor do carro e vi a porta da frente se abrindo. Droga, estávamos prestes a ser pegos. Rapidamente, fechei o capô, agarrei Stella e a sentei em cima dele, me espremendo entre suas coxas.

"O que você está fazendo?", ela sibilou, tentando me empurrar.

"Entrada."

Ela olhou de relance para a casa e, sem que eu precisasse dizer nada, passou os braços em volta dos meus ombros. Bem a tempo. O casal acenou para alguém e depois se virou na nossa direção.

No último segundo, puxei Stella para a frente e selei meus lábios nos dela. Estávamos perto do fundo do estacionamento, a luz do carro mal nos alcançando. Para o outro casal, provavelmente parecíamos apenas silhuetas sombrias. O que significava que não precisávamos fingir que aquele beijo era real.

Stella provavelmente não percebeu isso, porque seus lábios se entreabriram sob os meus. Fiquei paralisado por meio segundo, dividido entre deixá-la se envergonhar e lutar contra minha própria curiosidade mórbida para ver se nosso primeiro beijo não passara de um acaso. Por um lado, humilhá-la era realmente atraente, mas por outro—

Sua língua percorreu o contorno da minha boca. Abri os lábios e retribui o beijo, e, caramba, foi tão bom quanto da primeira vez. Sem hesitação, sem delicadeza. Se possível, desta vez foi ainda melhor. Porque foi um beijo raivoso.

Stella me beijou como se quisesse me punir, deixando hematomas na minha boca, apertando minha camisa com as mãos. Ela se afastou o suficiente para morder meu lábio inferior com força, e entre a pontada de dor e o gosto metálico na minha língua, eu soube que ela tinha me machucado. Meu pau ficou duro como pedra, e eu movi meus quadris para trás antes que ela percebesse e pensasse que eu estava gostando. Eu não estava. O que ela tinha dito antes? Nem Deus estava?

Luzes piscaram sobre nós e congelamos. Um assobio alto rasgou o ar, e então os faróis se desviaram quando as pessoas no carro desceram a entrada

da garagem.

Stella e eu separamos nossas bocas com força, ambas respirando com dificuldade, o batom escuro dela borrado novamente.

Dei um sorriso, sabendo que não era amigável. "Parece que o Drácula ejaculou na sua cara."

“É, bem, parece que você andou por aí cheirando escapamento de carro.” Ela me empurrou para trás e deslizou para fora do capô. “Deus, como eu te odeio.”

“O mesmo para você, Elvira.”

Sem dizer mais nada, ela se virou e caminhou a passos largos em direção à casa, e eu interpretei isso como um sinal para sair dali o mais rápido possível enquanto ainda me restava um mínimo de sanidade.

12

STELLA

Eram cinco horas da tarde de quinta-feira. Normalmente, eu ainda estaria no trabalho, mas tinha outro compromisso e achei que seria uma boa ideia dar uma caminhada. Uma tempestade havia passado pela cidade mais cedo, e eu esperava que isso significasse uma refrescância. Que nada. Pelo contrário, continuava quente, mas com o agravante de uma umidade tão alta que parecia que dava para mastigar o ar.

Passaram-se vários dias desde a festa na casa dos meus pais, e Theo e eu mal tínhamos conversado desde então. Apenas o suficiente para eu lhe dizer quando ele deveria me buscar amanhã e o que esperar da nossa próxima noite juntos.

Nos últimos cinco dias, tenho tentado desesperadamente equilibrar meu nível de estresse: meditando todas as manhãs, praticando ioga todas as noites antes de dormir, limitando a cafeína a um matcha no meio da tarde, seguindo a dieta mais insossa possível e evitando completamente as notícias e as redes sociais. Sempre que começava a sentir o mínimo de ansiedade, iniciava meus exercícios de respiração, mesmo no meio de uma sessão de tatuagem, o que confundiu alguns clientes. Mas descobri que essa era a única maneira de enfrentar uma crise forte, na qual eu definitivamente estava, graças àquele completo idiota do Theo e ao fato de estar devendo três milhões de dólares a ele.

Meu estômago não estava tão ruim há mais de um ano, queimando sempre que eu comia demais ou de menos. Eu acordava todas as manhãs com dor de garganta porque era obrigada a dormir sentada, com a boca aberta apesar da tipoia que eu usava na cabeça, que supostamente deveria impedir isso.

Eu sentia náuseas constantes. Dor constante. Comecei a limitar minhas consultas e a tomar banhos de uma hora depois do trabalho, porque flutuar em uma piscina de água quente enquanto assistia a vídeos de ASMR no meu tablet era o único momento, além de dormir, em que eu sentia algum alívio desse inferno.

Senti um aperto no estômago e interrompi meus pensamentos de autocomiseração, começando outro exercício de respiração para acalmar meu pulso acelerado enquanto uma rajada de vento fazia gotas de chuva

caírem dos prédios que se erguiam acima de mim.

Puxei o capuz da minha jaqueta de chuva, desviando de poças, bicicletas e dos guarda-chuvas balançando de outros pedestres. Mechas de cabelo grudavam no meu pescoço. Uma gota de suor escorria pelas minhas costas. Eu estava começando a me sentir como uma bruxa do pântano, mas uma das melhores coisas para gastrite era movimento leve, especialmente caminhar, então eu estava disposta a aguentar o mal-estar até chegar ao hospital.

Que diabos eu ia fazer com toda essa situação do Theo? Ele era um tremendo babaca, e eu estava desesperada para encontrar uma nova maneira de me livrar da dívida. Talvez eu pudesse chantageá-lo, descobrir seus pontos fracos e usá-los contra ele.

Infelizmente, eu não sabia exatamente como fazer isso. Não era como se eu já tivesse perseguido alguém antes, e Deus sabe que eu não tinha tempo para começar um novo hobby. Eu tinha a loja para administrar, compromissos para cumprir. Eu não podia me dar ao luxo de tirar muito mais tempo de folga. Literalmente. Eu não estava mentindo para o Theo quando disse que minha herança estava comprometida. Eu dependia totalmente da renda da loja para pagar minhas contas, então eu teria que encontrar outra maneira de descobrir mais sobre ele. Um detetive particular, talvez? Quanto custavam? Provavelmente fora do meu orçamento.

Eu poderia abandonar completamente o plano de chantagem e deixar meu ódio de lado para me insinuar na graça de Theo. Ou eu poderia embebedá-lo. Drogar, amarrar e torturar. Transar com ele até ele ficar inconsciente, tão extasiado que baixaria a guarda e responderia às minhas perguntas.

Eu queimei esse último pensamento e o joguei de um penhasco, só para garantir. A regra número um significava que sexo com Theo jamais aconteceria. Mesmo sem sexo, eu não seria tentada. Nem se ele fosse o último homem na Terra. Nem mesmo se isso salvasse minha vida. Eu preferiria morrer sem a confirmação de que ele, no máximo, me deu uma transa mediana.

Homens tão bonitos sempre eram ruins de cama, porque nunca tinham se esforçado para isso. Ele provavelmente era o mais convencional possível, só fazia sexo de missionário e chorava quando chegava ao clímax. Eu tentei me convencer de que o beijo no estúdio de tatuagem tinha sido uma

anomalia isolada. Uma falha na Matrix. Ou talvez eu estivesse tão carente de contato físico que qualquer coisa pareceria incrível naquele momento.

Mas aí o nosso segundo beijo na festa foi tão bom quanto o primeiro. Por isso eu vinha ignorando teimosamente o fato de que aquilo tinha acontecido, e agora voltaria a fazer exatamente a mesma coisa.

Um carro passou rente à calçada, atingiu uma poça e lançou uma onda de água na minha direção. Por pouco não me molhei toda, culpei o Theo pelo susto. Se eu não estivesse tão distraída com a existência idiota e estúpida dele, não teria quase me encharcado.

Com o olhar fixo na calçada, continuei caminhando, mas por mais que tentasse, meus pensamentos insistiam em voltar para ele, como tinham acontecido a semana toda. Até onde ele iria para conseguir o que queria? Quem mais eu conhecia que poderia acabar magoado por causa dele? E eu realmente ia entrar no joguinho sádico dele sem lutar? Se a forma como paralisei no escritório do meu pai fosse um indicativo, a triste verdade era que eu talvez cedesse, e eu odiava a ideia. Mas o que eu poderia fazer? O futuro do meu irmão estava em jogo, junto com o nome (um tanto manchado) da minha família.

Meia hora depois, quando cheguei ao meu destino, ainda não tinha respostas. Passei por baixo da placa de boas-vindas do hospital e me dirigi ao elevador mais próximo. O Johnson Memorial era o maior complexo médico da cidade, e eu já tinha estado lá tantas vezes nos últimos sete anos que conhecia a planta do prédio como a palma da minha mão. Peguei o elevador até o terceiro andar, registrei-me na recepção para o horário de visitas e caminhei pelo corredor.

“Toc, toc”, eu disse, enfiando a cabeça na porta de um quartinho. “Espero que você não esteja se pegando com uma enfermeira gostosa.”

A mulher na cama fechou o livro e me lançou um olhar inexpressivo. "Ha, ha, ha."

Runa Lund estava na casa dos quarenta, com a pele pálida e os cabelos loiro-claros que indicavam sua ascendência norueguesa. Meu olhar percorreu seu corpo, buscando instintivamente sinais de como ela se sentia. Olheiras profundas marcavam seus olhos azul-gelo, e sua pele estava pálida, as bochechas encovadas, a boca contraída num gesto que parecia de dor. Ela havia saído da cirurgia dois dias antes, mas eu sabia muito bem que não devia visitá-la nas próximas trinta e seis horas, pois ela era

especialmente sensível a medicamentos e sempre ficava atordoada demais para fazer muito mais do que murmurar e dar risadinhas.

Dessa vez, ela estava internada para uma cirurgia de TMR (reinervação muscular direcionada) para aliviar a dor fantasma que sentia nas pernas. Ambas haviam sido amputadas acima do joelho, mas a perna direita lhe causava mais problemas do que a esquerda, e ela decidiu (com sorte) corrigi-la primeiro.

“Não me olhe assim”, eu disse enquanto me afundava na cadeira ao lado da cama dela. “Não é como se eu nunca tivesse te flagrado se engraçando com funcionários do hospital antes.”

Ela deu um tapa no meu ombro com o livro. "Quantas vezes eu tenho que te dizer que ele estava colocando o eletrodo do ECG no meu peito?"

“Claro que sim”, eu disse, afastando minha cadeira do alcance dela. “Sabe, aposto que consigo encontrar outra pessoa para verificar seu eletrodo de novo, se você estiver a fim. Essas salas privativas têm todo tipo de vantagem.”

Desviei para o lado para evitar que o livro voasse em direção à minha cabeça.

"Isso é abuso literário", eu disse, pegando o livro do chão e jogando-o de volta na cama.

"Estou a dois segundos de apertar o botão de emergência", ameaçou Runa.

Levantei as mãos. "Tudo bem, eu vou me comportar."

Ela me olhou desconfiada enquanto se recostava nos travesseiros, e eu me forcei a manter o olhar fixo em seu rosto, em vez dos fios conectados a ela. Vê-la assim sempre me fazia lembrar da primeira vez que nos encontramos, sete anos atrás. Eu era o passageiro no carro de Madison Clyde quando Maddie subiu na calçada e atropelou Runa.

Maddie fugiu a pé, me deixando para trás para lidar com as consequências. Enquanto eu ligava para o 911 e tentava salvar a vida de Runa, Maddie ligou para os pais dela, que ligaram para o advogado da família, que imediatamente começou o processo de me culpar por tudo. Eu havia roubado o carro da festa em que estávamos, alegaram eles, e Maddie nem sequer esteve lá.

A única outra testemunha do acidente foi Runa, que estava voltando para casa a pé depois de um turno de trabalho noturno e,

compreensivelmente, não se lembrava de nada além do carro vindo em sua direção em alta velocidade e, em seguida, de uma dor excruciante. Os paramédicos chegaram depois que Maddie fugiu, testemunhando que eu era a única pessoa presente. Os advogados dos meus pais lutaram com unhas e dentes no tribunal para limpar meu nome, mas tudo o que conseguiram foi lançar dúvidas sobre quem estava dirigindo. Maddie se recusou a ser interrogada pela polícia ou a depor, então o juiz não teve escolha a não ser arquivar o caso por falta de provas, deixando ninguém responsável por pagar as crescentes despesas médicas de Runa.

Contrariando o conselho dos meus pais e do meu advogado, decidi assumir a responsabilidade, admitindo a culpa em um processo civil que terminou com um acordo de dez milhões de dólares, coberto pelo plano de saúde da minha família. Fui considerado responsável por pagar todas as despesas médicas que Runa acumulasse em decorrência do acidente. E lá estávamos nós, de volta ao hospital, rezando para que a cirurgia de ressecção transmural tivesse dado certo. Não porque eu estivesse preocupado em ter que arcar com o custo de outro tratamento — eu o faria com prazer —, mas porque eu só queria que Runa ficasse livre da dor.

Eu não estava dirigindo naquela noite, mas me senti tão culpado como se estivesse. Porque facilmente poderia ter sido eu. Já tinha passado por situações de risco antes. Bebi demais e achei que estava em condições de dirigir quando não estava. E não fiz nada para impedir a Maddie de dirigir, mesmo sabendo que não devia. A complacência seria uma forma elegante de descrever nosso comportamento, mas não era isso; era privilégio, pura e simplesmente. Nada de ruim jamais nos aconteceu. Apesar de todas as besteiras que fizemos antes do acidente, nunca houve consequências reais. Uma noite na cela, talvez algum serviço comunitário se tivéssemos azar. Nossos advogados ou pais nos livravam de tudo o resto.

A vergonha me consumia toda vez que pensava em mim mesma mais jovem. Eu era imprudente, descuidada, tão obcecada em buscar a próxima onda de euforia — fosse ela proveniente do álcool, das drogas ou da adrenalina — que nunca parava para refletir sobre meus atos. Eu era uma mimada, entediada e arrogante, uma pessoa absolutamente insuportável, e as lembranças do meu comportamento passado me assombrariam pelo resto da vida.

Tudo mudou naquela noite, sete anos atrás.

Puta merda, a Runa quase morreu sangrando ali mesmo na calçada porque eu estava tão bêbado que não conseguia fazer o torniquete direito, mesmo depois de ter falado com a atendente do 911.

“Pare”, disse Runa.

Pisquei e voltei a mim.

O olhar de Runa era censurador. "Você está fazendo isso de novo."

"Não sou", menti.

“Você simplesmente começou a chorar.”

“Não, eu—” As palavras morreram na minha língua quando levantei a mão e vi uma lágrima escorrendo pela minha bochecha. Ops. Dei um sorriso hesitante para Runa. “Desculpe.”

“Estou bem, Stel. O médico disse que tudo correu tão bem quanto o esperado.”

"Eu sei", eu disse a ela. "Eu só... me preocupo."

Sua expressão suavizou-se. "Eu sei que sim."

Nossos olhares se cruzaram, e havia tanta coisa que eu queria dizer a ela. Pedir desculpas, mais uma vez, pelo meu papel naquela noite. Perguntar como ela realmente estava, por trás da fachada de coragem que sempre demonstrava. Eu queria assegurar-lhe que, mesmo que essa cirurgia não resolvesse completamente sua dor, eu pagaria por outra, e outra. Quantas fossem necessárias ou quantas ela estivesse disposta a suportar.

Ela deve ter percebido as palavras surgindo em minha mente, porque mudou de assunto rapidamente. "Como está Blake?"

Fiz uma careta.

Ela ergueu as sobrancelhas. "Ah? O garoto de ouro já não é tão ouro assim?"

“Ele perdeu toda a sua herança em jogos de azar.”

Runa ficou boquiaberta. "Não."

“Sim, mas consegui transferir a dívida dele para mim, então agora devo três milhões de dólares a um agiota.”

“Você está brincando, obviamente.”

Balancei a cabeça negativamente.

Ela se inclinou para a frente. "Conte-me tudo."

Abri a boca e toda a história sórdida saiu de repente. Runa e eu tínhamos passado por tanta coisa juntas que desenvolvemos um tipo estranho de relação, em que não éramos melhores amigas, mas ainda assim

contávamos absolutamente tudo uma para a outra. Mais do que você contaria para uma amiga. Estou falando do pior do pior, coisas que você não contaria nem para o seu terapeuta — o tipo de coisa que você geralmente leva para o túmulo.

Eu culpava todas as noites em claro em hospitais. No início, não sabíamos se Runa sobreviveria, e eu era quase como um padre para ela, uma forma de ela admitir seus pecados, me contar todas as suas últimas confissões e arrependimentos da vida. Eu não gostava de como isso parecia unilateral, então comecei a retribuir, e agora, tantos anos depois, toda vez que estávamos juntos em um quarto de hospital, desenterrávamos memórias ou horrores esquecidos e os compartilhávamos. Era uma conexão traumática da melhor qualidade, mas depois, ambos nos sentíamos mais leves, mais próximos. Menos solitários.

Então não escondi nada, contei tudo para Runa, e de todos os detalhes que ela poderia ter percebido, incluindo todas as ameaças horríveis e a briga no escritório do meu pai, é claro que ela escolheu focar no primeiro beijo.

"Na sua cabine?", disse ela, com um olhar escandalizado.

Assenti com a cabeça. "Rastejei direto para cima dele na cadeira do cliente."

Ela fungou e olhou para a tinta em seu braço. "Eu não recebi esse tipo de tratamento quando você me tatuou."

“Você nem sequer se sente atraído por mulheres.”

“Mesmo assim”, disse ela, “eu gostaria de ter tido a oportunidade de recusar”.

Dei um leve toque no ombro dela. Com cuidado, porque, meu Deus, havia tantos fios.

"Você quer beijá-lo de novo, não é?", ela insistiu.

“De jeito nenhum. Duas vezes já foi demais.”

“Stella. Sou eu.”

Soltei um suspiro. "Não sei. Talvez sim, ou talvez eu só queira beijar alguém. Estou sozinha há..."

"Toda a sua vida adulta?", ela respondeu, prestativa.

"É, isso mesmo", resmunguei. "Fingir que éramos um casal mexeu com a minha cabeça. Não que eu tenha começado a sentir alguma coisa por ele, mas me fez perceber o quão sozinha eu tenho estado, e acho que... eu quero isso. Alguém para fazer coisas junto."

"Ah, que fofo", disse Runa. "A mulher de lata anseia por um coração."

Mostrei-lhe o dedo do meio.

Ela ficou séria. "Você devia apresentar a Maddie ao Theo. Diga para ele embebedá-la da próxima vez e gastar toda a herança dela."

"Eu teria que vê-la para fazer isso, e acho que não conseguiria sem tentar matá-la. Ela disse para a mamãe me mandar um oi."

Runa recuou. "Não, ela não fez isso, porra."

"Sim."

"Levem-me para a próxima festa. Matá-la a pauladas com uma das minhas pernas protéticas seria uma justiça poética perfeita."

Eu engasguei. O senso de humor de Runa sempre pendia para o lado mais sombrio, e ela vivia dizendo coisas pelas quais eu provavelmente iria para o inferno por rir.

“Mas falando sério”, disse ela. “Você vai mesmo fazer isso? Ajudar o Theo a ir atrás dos amigos da sua família?”

"Acho que não tenho escolha", eu disse a ela. "Fico tentando pensar em alguma maneira de resistir, mas tenho medo do que ele possa fazer se eu o sabotar."

Sua expressão tornou-se contemplativa. "E se... você realmente disser para ele ir atrás da Maddie? Ou, se não for ela, de pessoas como ela. A pior parte da pior parte no círculo dos seus pais. Aqueles que se safaram de coisas horríveis. Gente como os Bluhms, os Montgomerys e os Hatchers. O Vincent Prout e o filho dele não se safaram depois de desviar centenas de milhões de dólares dos investidores?"

Franzi a testa, ponderando sobre as palavras dela, lembrando-me de algo que Theo havia dito durante o jantar sobre como o fato de eu não gostar daquelas pessoas deveria facilitar meu trabalho. Talvez houvesse algo de verdade naquela afirmação. Até então, eu vinha me debatendo, tentando desesperadamente encontrar uma maneira de sair daquela situação, mas e se houvesse outro jeito? E se Runa estivesse certa?

Anteriormente, todos os meus crimes haviam sido cometidos sob efeito de álcool ou drogas, e a maioria deles fora acidental. Esta seria a primeira vez que eu faria uma escolha intencional, estando completamente sóbrio, de causar dano real a outra pessoa.

Meu Deus, será que eu conseguiria fazer isso? Passei tantos anos em terapia tentando superar todo o meu ódio e ressentimento pelas pessoas com

quem cresci, e finalmente estava começando a ver a luz no fim do túnel. Ao fazer isso, mergulhando de volta naquele mundo com a intenção de ajudar a arruinar aquelas pessoas, eu estaria desfazendo todo o meu progresso? Regredindo à pior versão de mim mesmo?

Meu foco voltou para Runa, para os tubos conectados a ela, o som constante do monitor cardíaco ao seu lado. Maddie tinha feito isso com ela. E então ela seguiu em frente, vivendo uma vida feliz e descomplicada... a julgar por seu feed do Instagram repleto de publicações.

A raiva queimava em meu estômago. Runa estava longe de ser a única pessoa nesta cidade que havia sido injustiçada pelos ricos e abandonada à própria sorte. Havia pessoas por aí que haviam cometido atos horríveis e indizíveis, e que haviam escapado impunes por tanto tempo que eu duvidava que seus crimes algum dia as alcançariam. Aquelas pessoas? Se alguém merecia Theo, eram elas.

Runa percebeu minha expressão e sorriu, sentindo um pouco de cor voltar às suas bochechas. "Pegue seu celular e vamos fazer uma lista negra do Theo."

“Cuidado. Ele é um agiota. Mandar matar pessoas pode não ser algo totalmente impossível.”

O sorriso que se espalhou pelo rosto dela era pura maldade. "Nesse caso, coloque o nome da Maddie no topo."

13

TYLER

Você ainda pode me buscar às seis?, dizia a mensagem de Stella.

Sim, eu respondi.

A festa começa então, mas é melhor chegar um pouco atrasado nessas coisas. Confie em mim.

Ah. Improvável.

"Você está pronto?" perguntou Dean.

Levantei os olhos do meu celular. "Sim."

Dean e seu companheiro explorador urbano, Aubrey, estavam lado a lado comigo no fundo de um poço estreito, a uns cinco metros abaixo de um restaurante tailandês. À nossa direita, estava a escada em ruínas pela qual tínhamos descido. À nossa esquerda, a boca escura de um túnel.

"Há outra entrada?", perguntei. Várias rotas de fuga eram imprescindíveis no meu ramo de trabalho. Essa única entrada era estreita demais e óbvia demais para que todos passassem por ali. Eu precisaria dividir a multidão para evitar que chamassem a atenção.

Dean assentiu com a cabeça, seus cabelos ruivos reluzindo na penumbra. "É, tem pelo menos mais um lá na Décima Primeira. A entrada é mais discreta, mas o caminho é mais complicado."

Soltei um som pensativo, observando o túnel que se ramificava à nossa frente. Podia funcionar. Eu poderia mandar os clientes mais jovens e em melhor forma para aquele, e todos os outros para cá. Também precisaria de iluminação suspensa ao longo dos dois caminhos, o que significava pagar meu eletricista duvidoso para fazer uma ligação em uma linha próxima, mas essa discussão estava além da alçada dos exploradores. O único propósito deles era a busca de locações, e eu os pagava bem o suficiente para que não ficassem curiosos sobre o que, exatamente, estavam procurando.

“Então vamos lá”, eu disse.

Juntos, nós três ligamos nossos faróis e avançamos para o interior do túnel. Dean foi na frente, seguido por Aubrey. Eu fechava o grupo, observando os arredores enquanto atravessávamos as profundezas sombrias da cidade subterrânea. O chão sob nossos pés era pavimentado com concreto centenário, rachado e deformado em alguns pontos, e anotei mentalmente que precisava pedir para alguém pintar as áreas mais perigosas

com tinta spray neon que brilhasse no escuro para que ninguém tropeçasse.

Pelo menos o cheiro era melhor do que o do navio de carga no início, mas isso não significava muito. Havia um odor rançoso e fétido no ar, que denunciava a decomposição, como se provavelmente não fosse seguro respirar por muito tempo. Ao nosso redor, as paredes se comprimiam e o teto era baixo: o pior pesadelo de um claustrofóbico. Todo o túnel estava úmido e mofado, com algas verdes proliferando nas juntas, como se estivessem infiltrando-se da rocha. Sim, estava em péssimo estado agora, mas eu já conseguia vislumbrar o potencial.

Mais à frente, Aubrey olhou para trás como se quisesse se certificar de que eu ainda estava lá, e Dean, que havia explorado metade desta maldita cidade comigo, estava mais quieto que o normal. Eu era bastante imperturbável, mas até eu podia admitir que havia algo perturbador naquele lugar, algo inquietante. Talvez fosse por causa da leve brisa, pontuada por um suspiro intermitente e forte que dava a impressão de que o túnel estava respirando.

Ou talvez eu estivesse sendo tendencioso por conhecer sua história sombria. Como Al Capone e seus comparsas comandavam seus negócios de contrabando por ali durante a Lei Seca. E não era só isso. Armas, mulheres, drogas — esses túneis serviam como principal meio de transporte para muita coisa indecente, e muita gente lutou e morreu neles. A prova disso estava nos buracos de bala que vimos, alguns com os restos retorcidos de chumbo ainda presos nas paredes.

Finalmente, o túnel se abriu e entramos em uma sala cavernosa, revestida de pedra e repleta de colunas de tijolos imponentes. Originalmente, fora o porão de um banco do século XIX, reforçado para suportar o peso astronômico do prédio acima, mas na década de 1920 foi transformado em um depósito de bebidas alcoólicas ilegais, até que os agentes federais descobriram e realizaram uma das maiores batidas de toda a Lei Seca. Mesmo agora, havia vestígios de seu passado obscuro espalhados pela sala: prateleiras de madeira apodrecendo ao longo de uma parede distante; restos de barris estilhaçados pelo chão; canos de cobre antigos que provavelmente faziam parte de uma destilaria improvisada; e ainda mais buracos de bala perfurando as paredes.

Não parecia grande coisa, mas eu tinha imaginação suficiente para ter certeza de que poderia ser transformado em algo espetacular. Velas nos

nichos, iluminação suave com pendentes. Na minha cabeça, imaginei algo parecido com o restaurante italiano onde Stella e eu tivemos nosso primeiro "encontro". O bar ficaria à direita, as mesas de pôquer à esquerda, e blackjack, dados, roleta e bacará preencheriam o espaço entre elas. Eu poderia realmente explorar a atmosfera de Gatsby e contratar uma banda de jazz para tocar, dando aos meus clientes uma desculpa para se vestirem a rigor para a ocasião.

Foi simplesmente perfeito.

Sem querer me expor, acenei para Aubrey e Dean seguirem em frente. "Vamos ver a outra entrada."

■ ■ ■

Duas horas e um dos banhos mais longos da minha vida depois (o metrô desta cidade era nojento), eu estava vestido com um terno que Stella havia recomendado. Era azul-marinho escuro, leve e com um caimento impecável, já que eu tinha conseguido ajustá-lo em tempo recorde. Por baixo do paletó, usava uma camisa social sem gravata. Meu cinto e sapatos eram de um marrom quente que Stella também havia escolhido, e ao me ver no espelho, tive que admitir: eu estava bem vestido. Não apenas bem vestido, mas estiloso. O que significava que ela não estava mentindo — ela entendia de moda, mas por algum motivo estranho escolheu se vestir com roupas descartadas por Bela Lugosi.

Me virei parcialmente para me observar de outro ângulo. Blazers geralmente ficavam ridículos em mim por causa do meu tamanho, mas Stella conseguiu encontrar um que parecia ter sido desenhado para fisiculturistas. Ele acentuava a largura do meu peito, mas como não tinha ombreiras, não me deixava com uma aparência exageradamente volumosa, e o corte fazia minha cintura parecer mais fina em comparação. Eu jamais admitiria isso para ela, mas mais tarde naquela noite, eu entraria na internet e compraria o mesmo blazer em todas as outras cores disponíveis.

Peguei meu celular descartável, carteira e chaves e saí do apartamento. A umidade me atingiu em cheio assim que pisei lá fora. Fiquei feliz por o terno ser tão leve; qualquer coisa mais pesada e eu provavelmente teria começado a suar. Cigarras cantavam nas árvores ao redor do meu prédio, e o ar estava pesado e denso, como se outra tempestade estivesse chegando.

Entrei no meu carro e segui em direção à loja da Stella, passando o trajeto pensando na logística para o novo local. Eu precisaria contratar

muita gente para o evento, mais do que no último, no navio cargueiro, e isso me deixou apreensivo. Quanto mais pessoas envolvidas no que eu estava fazendo, maior o risco de alguém falar demais, e mesmo que eu só contasse aos funcionários o que eles precisavam saber para fazer o trabalho deles, eu ainda estava paranoico com a possibilidade de alguém contar algo para a pessoa errada. Eu precisaria pedir para o Tim, meu advogado, redigir um acordo de confidencialidade mais rigoroso. Eu também precisaria deixar claro que haveria consequências que iriam além das legais caso o acordo fosse quebrado.

Por sorte, as pessoas com quem eu trabalhava tinham experiência em manter a boca fechada. Meu carpinteiro era um ex-presidiário que havia se regenerado, meu encanador costumava quebrar rótulas para a Bratva, e até a empresa de catering que contratei era corrupta, então eu tinha a sensação de que tudo daria certo.

O trânsito estava mais tranquilo do que eu esperava e cheguei à loja da Stella mais cedo do que o planejado. Estacionei a meio quarteirão de distância, na primeira vaga que encontrei, e fui andando até lá. Assim que entrei no estúdio de tatuagem, fui atingida por uma sobrecarga sensorial. Meu Deus, quanta coisa! Parecia que uma vovó mórbida com problemas de acumulação tinha doado seu lixo mais macabro para a Stella. Sério, por que tinha uma mão mumificada boiando num pote de... alguma coisa bem ali no balcão de atendimento?

Olhei em volta e vi mais coisas assustadoras. Praticamente imploravam para serem assombradas. E nem me fale de todas as tranqueiras estranhas entulhando as prateleiras ou penduradas nas paredes. A "decoração" era tão carregada que me deu vontade de calçar um par de luvas e começar a limpar tudo, e eu estou longe de ser uma maníaca por limpeza. O Josh jamais conseguiria vir aqui. Ele costumava jogar minhas meias fora se eu as deixasse no chão do meu próprio quarto; ele ficaria coberto de urticária da cabeça aos pés se visse este lugar.

Duas mulheres estavam atrás do balcão. Uma era baixa, pálida, curvilínea e tinha cabelos rosa-fogo. A outra era quase da altura de Stella, com pele morena clara, cachos espirais e tantos piercings que parecia ter levado uma bomba de estilhaços no rosto. Suas roupas poderiam ter saído do guarda-roupa de Stella: escuras, ousadas, antissociais.

Ótimo, mais góticos. Espero que tenham vindo com uma atitude melhor

do que o chefe deles.

O mais baixinho soltou um assobio baixo quando me aproximei. "Você está no lugar errado?"

Abri meu sorriso mais encantador. "Não. Só estou indo buscar minha namorada."

Eles trocaram olhares.

"Quem é sua namorada?", perguntou a mais alta, me examinando demoradamente.

“Stella”, eu disse.

Expressões de choque tomaram conta de seus rostos.

A baixinha engasgou. "Stella?"

Acho que ela não tinha contado para eles.

Apoiei o cotovelo no balcão. "Ainda é recente." Fazendo um gesto para que se aproximassem, baixei a voz. "Entre nós, a Stella está um pouco insegura. Ela não namora há um tempo e está se sentindo enferrujada. E," olhei em volta como se estivesse prestes a revelar um segredo suculento que não queria que ninguém ouvisse, "ela disse algo sobre não se sentir boa o suficiente para mim?"

Os semblantes das mulheres suavizaram-se.

“Não sei bem de onde vem isso”, continuei. “Ela é tão bonita e talentosa, e embora pareça tão confiante por fora, por dentro está repleta de inseguranças paralisantes e sentimentos de inadequação.” Olhei em volta novamente. “Me faça um favor?”

As mulheres assentiram com a cabeça.

"Seja mais gentil com ela por um tempinho, tá bom? Ela pode bancar a durona, mas é para esconder o quão vulnerável ela realmente é, e eu acho que ela precisa da segurança de que é valiosa."

A mais alta olhou para a colega de trabalho. "Eu nunca soube."

A mulher de cabelos rosa balançou a cabeça. "Deveríamos ter feito isso. São sempre as pessoas mais rabugentas que, no fundo, têm os corações mais bondosos."

Contive um sorriso. Stella ia odiar isso.

14

STELLA

"Estou lá embaixo", Theo mandou uma mensagem.

Em pânico com a possibilidade de ele estar irritando meus funcionários, peguei minha bolsa da mesa de centro e corri para a porta da frente. Meus saltos estavam me esperando ao lado dela, e enquanto os calçava, lancei um olhar para trás, na sala de estar, para Amos, que eu acabara de colocar de volta na gaiola. "Não abra a porta enquanto eu estiver fora."

“Entrem!” ele grasnou.

Se minha mãe não me deixasse ser assaltado, ele deixaria.

"Já volto", eu lhe disse.

"Quer um petisco, sua vadia?"

“Mais tarde, prometo.”

Saindo pela porta, respirei fundo para acalmar os nervos e desci as escadas. O som de risadas femininas chegou aos meus ouvidos. Esperava que Elayne e Shaunté tivessem dado uma bronca daquelas no Theo e agora estivessem gargalhando com a destruição do seu frágil ego masculino.

Passei pela última cabine de tatuagem e entrei no saguão, parando abruptamente ao ver os três juntos, com olhares cúmplices no rosto enquanto riam. Theo estava encostado no balcão da recepção, falando em voz baixa, e de repente me arrependi de não tê-lo convencido a comprar um terno mais feio. Porque ele estava incrível. Parecia que tinha acabado de sair de um comercial de perfume caro. Ele devia ter mandado ajustar, porque o terno lhe caía perfeitamente, e o azul-marinho realçava seus olhos de uma forma que eu não esperava.

Ao vê-lo, senti um aperto no fundo do meu abdômen e, se não fosse pela plateia, eu teria me transformado no velho do Family Guy e dado um soco nas minhas partes íntimas, mas em vez de gritar "Acorda, droga!", eu estaria berrando "Eu te avisei o que aconteceria se você voltasse a se comportar como uma vadia!".

Theo me viu e se endireitou, sua expressão ficando séria enquanto seu olhar percorria meu corpo da cabeça aos pés. "Você está incrível", disse ele, parecendo realmente sincero, mas havia um brilho de malícia em seus olhos que me inspirava desconfiança.

As mulheres se viraram para mim, com expressões quase... de

compaixão?

“Nossa, Stel”, disse Shaunté.

“Caramba”, acrescentou Elayne. “Olha só a fumaça!”

Contive um franzir de testa. Que diabos era aquilo? Cadê as alfinetadas sarcásticas da Elayne que eu esperava? O sanduíche de insultos pelo qual a Shaunté era conhecida?

"Obrigada?" Franzi a testa e dei um passo à frente para me juntar a eles.

Trocaram um olhar, as expressões mudando para algo que poderia ter sido pena.

“Não se preocupe com a loja enquanto você estiver fora”, disse Shaunté. “Nós cuidaremos de tudo.”

“Sim”, disse Elayne. “Você faz demais. Merece uma noite de folga com seu namorado. Podemos encerrar por aqui.”

Ok. Que diabos estava acontecendo aqui? Por que eles estavam sendo tão legais de repente?

Meu olhar se voltou para Theo, que estava sorrindo de orelha a orelha, e eu sabia, eu sabia, que ele tinha dito alguma coisa para eles. Provavelmente algo constrangedor ou inventado. Eu pareceria uma louca se começasse a interrogá-los, e como isso poderia ser exatamente o que ele queria, decidi que a única saída era fingir que não tinha percebido nada.

“Não precisa fechar”, eu disse. “Já devo estar de volta até lá.”

"A menos que eu a convença a ficar na minha casa", acrescentou Theo, com a voz baixa e cheia de insinuações.

Meu estômago deu um nó. Embora eu não estivesse totalmente decidida a entregar a ele a lista de nomes que Runa e eu tínhamos preparado — eu queria garantias de que os alvos só sofreriam prejuízos financeiros —, uma coisa eu tinha certeza: quanto menos eu brigasse com Theo, mais fácil seria meu relacionamento com ele. O que significava que eu precisava começar a agir como se ele fosse realmente meu namorado. Pelo menos na frente dos outros.

Caminhei até ele e me agarrei ao seu lado, uma mão em suas costas, a outra apoiada em seu quadril enquanto o encarava com falsa devoção. Seu braço me envolveu automaticamente, e o jeito como seus olhos escureceram ao me fitarem não era apropriado para uma cena pública.

“Nesse caso”, eu disse às meninas, “vocês vão fechar”.

Theo e eu trocamos olhares enquanto os dois riam e faziam piadas

obscenas. Mantive minha mente cuidadosamente vazia enquanto encarava seu olhar impossível, ignorando o calor que emanava de seu corpo grande, a sensação de músculos e ossos sob minhas palmas. Ele tinha um olhar sedutor, mas eu não me deixei enganar. Percebi um brilho calculista em seus olhos, que indicava que ele não confiava na minha atuação.

Antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, voltei-me para as meninas. "Não aumentem muito o volume da música. O Amos precisa do seu sono de beleza."

“Não vamos”, garantiu-me Shaunté.

“Senhoras”, disse Theo, envolvendo completamente a minha mão com a dele. “Tenham uma boa noite.”

"Você também", disseram em coro, alternando o olhar entre nós duas como tias orgulhosas que se despedem da sobrinha e a levam para o baile de formatura.

O aperto de Theo se intensificou enquanto ele me conduzia para fora da porta. Assim que sumimos da vista das vitrines, ele praticamente jogou minha mão de volta em minha direção.

“Quem é Amos?”

“Meu papagaio cinzento africano.”

“Isso explica o cheiro.”

Quase disse para ele calar a boca, mas, milagrosamente, consegui controlar minha resposta. "O Amos não cheira mal. Ele cheira a roupa lavada."

Ele ficou em silêncio quando entramos no carro. Era surpreendentemente bonito. Limpo. Até cheirava bem. Coloquei o cinto de segurança e esperei que ele ligasse o motor, mas ele apenas ficou sentado, me encarando.

“O que você está fazendo, Stella?”

“Estou esperando você dirigir para que eu possa te dar as direções.”

Ele fez um gesto na minha direção. "Não, eu me refiro àquela coisa de esposa perfeita."

Forcei um sorriso. "Estou me comportando como você mandou. Mostrando a você como posso ser uma boa chantagista."

“Você está aprontando alguma coisa.”

"Não sou", falei entre os dentes. Meu Deus, esse homem era exaustivo.

“Se você fizer alguma coisa que coloque isso em risco, eu acrescento

mais um quarto de milhão, e aí você nunca mais vai se livrar de mim.” Sua expressão tornou-se ameaçadora. “Talvez a gente até tenha que ficar noivo.”

Senti o sangue fugir do meu rosto. "Prometo que não serei um problema."

De alguma forma, foi a coisa errada a dizer. Num instante, Theo estava no meu espaço, com a mão no meu queixo, o aperto quase doloroso enquanto me encarava nos olhos. "Não pense nem por um segundo que vou cair nessa. O que você está planejando?"

“Absolutamente nada.”

"Eu juro por Deus, Stella", ele sibilou, claramente sem acreditar em mim, "se você mexer com os meus negócios, eu vou destruir a sua vida inteira. Estou falando de uma vingança arrasada, sem deixar nada para trás."

"Casual."

"Porra!" ele gritou, me soltando. "Isso não tem graça!"

"Sim, eu entendo", eu disse a ele, inclinando-me o máximo possível para trás na cadeira. "Mas ou você faz uma piada ou começa a chorar, e meu rímel não é à prova d'água. Eu só estava tentando facilitar as coisas entre nós, mas você é um tremendo idiota, então é obviamente impossível!"

O motor do carro roncou e, em seguida, saímos disparados da vaga de estacionamento em direção à noite. Agarrei a maçaneta da porta enquanto passávamos em alta velocidade por lojas e pedestres. Um movimento em falso e... oh, meu Deus.

"Calma aí", eu disse, lutando contra uma onda de náusea causada pelo pânico. Cenas da noite do acidente passaram pela minha mente.

Theo me ignorou, as ruas passando velozmente enquanto ele ultrapassava o limite de velocidade e se aproximava da barreira do som. Mais à frente, o sinal ficou amarelo, mas em vez de frear, ele pisou fundo no acelerador e atravessamos o cruzamento bem na hora em que o sinal fechou. Eu me encolhi, me preparando para um impacto que, felizmente, nunca aconteceu.

Lágrimas brotaram nos cantos dos meus olhos e minha voz saiu embargada. "Por favor."

Ele olhou para mim e praguejou, mas tirou o pé do acelerador e o carro reduziu a velocidade para um nível seguro.

Um silêncio se instalou entre nós. Eu não fazia ideia do que lhe dizer, porque até então, nada parecia certo. Não importava como eu agisse, tudo

dava errado. Ou melhor, dava errado para ele. Acho que nunca conheci alguém tão cheio de raiva, e isso me fez questionar o que o havia transformado nisso. Será que ele aprendeu? Ou já nasceu cuspindo veneno?

“Para onde estou indo?”, ele finalmente perguntou.

"Pegue a estrada e siga para o norte", respondi. É claro que ele não ia se desculpar por me ameaçar e depois me assustar. Deus, como eu o odiava.

Ele olhou para mim. "Parece que você se recuperou completamente, infelizmente, depois de bater a cabeça no capô daquele carro semana passada. Imagino que sua cabeça esteja bem?"

Dei de ombros. "Nunca recebi nenhuma reclamação."

"Droga, Stella", ele disparou.

"O quê?" gritei de volta, com a paciência à flor da pele. "Discutir com você não funcionou, e nem ser gentil. Se você vai ser um idiota o tempo todo, eu posso muito bem fazer piadas para me divertir."

Ele não respondeu, apenas manobrou a alavanca de câmbio manual enquanto seguíamos para leste em direção à entrada mais próxima. O silêncio se prolongou até ficar constrangedor. Pelo menos para mim. Eu queria dizer algo para quebrar o silêncio, para selar uma trégua entre nós, mas não sabia como.

Um olhar rápido revelou que ele estudava a estrada à frente, o maxilar cerrado como se ainda estivesse à beira de um ataque de nervos. Ondas de luz e sombra brincavam em seu rosto enquanto passávamos sob os postes de luz, uma analogia perfeita para sua volatilidade. Tinha que haver algum jeito de conquistá-lo. Se é que ele tinha algum.

Ouvi um barulho de algo amassado vindo de trás quando ele se virou e olhou na direção da caixa. Havia várias caixas de comida empilhadas no chão atrás de nós. Vi biscoitos, barras de proteína e mix de castanhas.

“Acho que você se esqueceu de descarregar algumas das suas compras”, eu disse, inclinando-me para a frente novamente.

“Não, eu não fiz isso.” Ele me lançou um olhar feio. “Nem todos nós crescemos com o mesmo acesso fácil à comida que você, e isso pode deixar marcas em uma pessoa. Eu sempre tenho alguma coisa à mão, por precaução.”

Suas palavras me deram vontade de afundar no chão e deixar o trânsito me engolir.

Theo estava em situação de insegurança alimentar. Meu cérebro não

sabia o que fazer com essa informação.

Ele era um babaca? Com certeza. Mas isso não me impediu de sentir pena dele. Nenhuma criança deveria ter que crescer assim. Este país tinha tanta riqueza que o mínimo que podíamos fazer era garantir que ninguém passasse fome.

Fiquei olhando pela janela, relembrando a noite no restaurante. Como o Theo tinha sido um idiota por eu ter recusado comida. E na festa dos meus pais, quando ele insistia em colocar hambúrgueres, salada de batata e macarrão no meu prato. Achei que fosse só uma provocação por eu ser tão magra, mas e se não fosse isso? E se o fato de eu não comer o deixasse nervoso, trouxesse à tona traumas antigos, e a reação dele fosse me obrigar a comer?

Isso me fez querer aprender mais sobre ele. Descobrir o que o motivava, para que eu pudesse evitar pisar em outras armadilhas escondidas.

"Desculpe", eu disse.

“Não tenha pena. Não quero sua piedade.”

Abri a boca para lhe dizer que não era pena, mas mudei de ideia. Ele não acreditaria em mim de qualquer maneira, e provavelmente veria meu arrependimento como mais uma oportunidade para explorar, conhecendo-o.

O resto da viagem para o norte transcorreu em um silêncio constrangedor, pontuado apenas pelas minhas instruções. Theo manteve o carro a uma velocidade razoável, mas eu ainda me assustava sempre que ele mudava de faixa bruscamente ou colava na minha traseira. Depois da noite do acidente, eu evitava ao máximo veículos motorizados e, apesar de ter explorado os motivos na terapia, estar dentro deles ainda me deixava apavorada. Principalmente quando alguém em quem eu não confiava estava ao volante.

“Conte-me mais sobre a festa de hoje à noite”, disse Theo quando estávamos a alguns quilômetros de distância. Tudo o que eu tinha lhe dito por mensagem era que haveria muita gente para ele socializar.

“Fica na casa de verão de Cordelia Fentwick”, eu disse.

“Pensei que você a odiasse.”

"Eu faço."

“Qual é o objetivo da festa?”, perguntou ele.

“É a celebração anual do dia da morte do falecido marido de Cordelia.”

“Isso não pode ser real.”

“Eu garanto que sim. Ele faleceu há vinte anos, e todo ano, no aniversário de sua morte, ela organiza um jantar enorme e luxuoso, cuja renda é destinada à pesquisa do câncer de pulmão.”

“Foi disso que ele morreu?”

“Não. Ele sofreu um AVC em um campo de golfe.”

O volante rangeu de tanto que Theo o apertava. "Stella."

“Estou falando sério! Foi exatamente assim que ele morreu. E não, eu não sei por que o dinheiro foi para outra coisa. Provavelmente porque ela o odiava.”

Ele balançou a cabeça. "Imagine ser tão mesquinho."

“Bem, pelo menos essa mesquinhez resulta em muito dinheiro sendo investido em pesquisas para uma forma realmente mortal de câncer. E...”

Ele olhou de relance na minha direção. "E o quê?"

Suspirei. Hora de dançar com o diabo. "E já que Cordélia é uma idiota tão mesquinha, isso significa que muitas outras estarão presentes, então você terá muitas pessoas para atormentar."

“Seus pais vão embora.”

"Sim", respondi, num tom ríspido porque não gostei da insinuação. "Porque eles realmente querem contribuir financeiramente para a pesquisa."

“Cordélia estava na festa deles.”

“Porque ela é tia do meu pai e a convidaram por educação.”

Seu perfil se contorceu em uma careta. "Você é parente daquela vaca velha?"

“Infelizmente, sim.”

Ele voltou a me encarar. "Acho que não deveria me surpreender. Vocês dois têm uma semelhança impressionante."

Encarei-a com raiva. "Ela tem um metro e meio de altura, cabelos ruivos flamejantes e parece o cadáver reanimado de um sapo."

Como eu disse, impressionante.

Não me lembrava da última vez que tive tanta vontade de socar alguém. Não havia absolutamente nenhuma esperança de me dar bem com ele.

“Descreva-me as festividades”, disse ele enquanto saíamos da estrada principal e começávamos a subir em direção às colinas.

“Haverá bebidas e aperitivos assim que chegarmos. Não exagerem, pois os jantares da Tia Cordy costumam ter cinco pratos. Depois, haverá mais confraternização e dança, seguida da arrecadação de fundos.”

“E quem você espera que esteja lá?”

Suspirei, quebrando a cabeça. "Faz anos que não vou a um desses eventos, mas os participantes raramente mudam em nossos círculos, então imagino que os grandes nomes serão os MacArthur, os Warner, os Crown, os Rosenfield e os Bluhm. Talvez os—"

“Os Bluhms?” Theo interrompeu. “Tipo, o Bradley?”

"Obviamente que não, já que ele está ocupado fugindo pela Europa. E provavelmente nem os pais dele. Acho que eles estão praticamente confinados em casa. Mas a tia, o tio e os primos dele ainda estão socializando, e pelo que a mãe disse, eles estão contando para todo mundo que o Brad sempre os deixou arrepiados, mesmo quando criança."

Theo zombou. "Por favor, diga-me que você não é burro o suficiente para acreditar nisso."

Coloquei as mãos no colo, apertando-as para evitar estender a mão e espremer a garganta de Theo. "Não, não vou. Principalmente porque tenho informações de uma fonte confiável de que eles ajudaram a encobrir alguns dos crimes de Brad quando ele era mais jovem."

"Você deve saber tudo sobre esse tipo de comportamento, não é?", disse ele.

Inclinei a cabeça para o lado, encarando-o. "O que isso quer dizer?"

Ele me lançou um olhar fulminante. "Por favor. Eu pesquisei. Sei de todas as coisas horríveis que você fez impunemente porque seus pais resolviam o problema com dinheiro."

"Olha, eu sou o primeiro a admitir que era um idiota imprudente quando era mais jovem, mas dirigir embriagado e fazer pegadinhas que saíram do controle não são a mesma coisa que entrar com o carro no quarto de alguém porque essa pessoa te rejeitou em um encontro."

“Mas atropelar alguém é.”

Respirei fundo. "Você não tem a menor ideia do que está falando."

“Não? Você não atropelou uma mulher e saiu impune?”

"Cala a boca", eu disse, e na minha mente, vi Maddie correndo para a escuridão, ouvi Runa gritando.

“Já não se acha tão importante assim, não é?” disse Theo, com um tom desagradável e provocador na voz.

“Eu disse: cale a boca.” Meus ouvidos começaram a zumbir.

“Pode falar o que quiser, mas a verdade é que você é tão ruim quanto

todos aqueles outros idiotas.”

“Não, não estou”, eu disse, com a voz trêmula.

“Diga isso para a mulher que você—”

"Eu não era quem estava dirigindo a porra do carro!" gritei.

15

TYLER

Stella saltou do veículo antes mesmo de eu ter parado completamente.

Saí do carro, joguei minhas chaves para um manobrista que esperava e corri para alcançá-la.

“Stella.”

Ela me ignorou e continuou caminhando em direção à enorme mansão de tijolos da sua tia-avó. Graças a Deus não havia ninguém lá fora para testemunhar aquela cena, exceto os manobristas. Pela quantidade de carros enfileirados na entrada, devíamos ser alguns dos últimos hóspedes a chegar.

“Stella”, repeti, em voz mais alta. Ela acelerou o passo, quase correndo.

Puta merda, não era assim que deveríamos entrar, mas a culpa era toda minha. Falar da minha infância sempre me deixava com muita raiva, e Stella era um alvo fácil. Não só pela proximidade com Richard, mas porque ela tinha se tornado uma espécie de personificação de tudo de errado com os ricos. Então, eu perdi a cabeça e fui longe demais. E embora eu não diga que me arrependo do que fiz, não sou totalmente imune ao arrependimento.

Por que eu não conseguia me lembrar que, para isso dar certo, Stella precisava estar disposta a trabalhar comigo? Ora, se ela estivesse falando a verdade, era isso que ela estava tentando fazer esta noite. E eu estraguei tudo porque não consegui controlar meu maldito temperamento.

Dei um último impulso, agarrei-a pela cintura, levantei-a do chão e arrastei-a em direção a uma cortina de arbustos perenes.

"Me solta!" ela gritou, debatendo-se.

Um dos manobristas deu um passo à frente.

Apontei o dedo para ele em sinal de aviso. "Cem dólares para cada um de vocês que cuidar da própria vida."

Ele deu um passo para trás, simulando fechar os lábios com um zíper. Os outros fizeram o mesmo.

Balancei a cabeça e me esgueirei para as sombras, enojado por ter sido tão fácil. Eles não me conheciam. Nada me impedia de agredir a mulher em meus braços. E, no entanto, tudo o que foi preciso foi dinheiro para corrompê-los.

Contornamos a lateral da casa, onde soltei Stella no chão, prendendo-a contra a parede pelos ombros antes que ela pudesse escapar. "Como assim,

você não estava dirigindo? Você era a única pessoa no local."

Lágrimas se acumularam nos cantos dos seus olhos. Ela balançou a cabeça. "Não vou fazer isso com você. Não te devo nada."

"Se você não me contar, vou me tornar um canalha ainda maior."

"Faça isso", ela cuspiu as palavras. "O que me importa?" Seu lábio inferior tremeu, e ela o mordeu como se estivesse tentando me impedir de perceber.

Meu coração disparou. Eu odiava isso. Odiava ver a vulnerabilidade dela. Preferia muito mais que ela ainda estivesse gritando comigo. Abaixei a voz. "Não. Diga-me o que você quer dizer. De todos os documentos que li, ficou claro que você estava dirigindo."

"Como?", perguntou ela, com a voz embargada. "Não havia nenhuma das minhas impressões digitais no lado do motorista do carro."

“Você os limpou.”

“Então por que a Maddie’s ainda estava lá?”

Pisquei. "Isso não constava nas transcrições do tribunal."

“Sim, graças aos advogados dela.”

Afrouxei o aperto em seus ombros. Ela estava... dizendo a verdade? Stella realmente não estava dirigindo? Droga, eu ia dar uma bronca no meu detetive particular. Eu o paguei muito caro para que ele deixasse passar uma coisa dessas. Ele deveria investigar até encontrar todos os corpos, e depois continuar investigando até achar aqueles que ninguém mais conhecia. Ele nunca tinha me decepcionado antes, mas se Stella estava falando a verdade, claramente ele tinha feito besteira.

Ela deve ter percebido minha distração, porque conseguiu se desvencilhar do meu aperto antes que eu percebesse que ela estava se movendo. Desta vez, quando corri atrás dela, havia um casal de idosos caminhando pela entrada da garagem, então não consegui arrastá-la de volta para as sombras.

Stella acenou com a cabeça na direção deles. "Sr. e Sra. Ashley. Que bom vê-los novamente."

“Senhorita McCormick”, respondeu o homem.

A mulher não disse nada, e eu lancei-lhe um olhar reprovador antes de alcançar Stella, tomando cuidado para não a tocar desta vez, porque ela parecia prestes a gritar.

"Não faça nada para estragar isso", avisei, em voz baixa, enquanto nos

aproximávamos da porta da frente.

"Não vou", respondeu ela secamente.

E então estávamos lá dentro, aceitando taças de champanhe de um garçom posicionado na entrada. Meu olhar se elevou à grande escadaria em espiral, que subia vários andares até uma claraboia de vitral no alto. As obras de arte penduradas pareciam pertencer a um vidro à prova de balas, e eu nem queria saber o preço da antiga estátua que atualmente servia de cabide.

Será que ela realmente não estava dirigindo o carro? Eu me perguntava, com a mente presa em um ciclo vicioso.

“Stella?”

Nos viramos e lá estavam os pais dela, marchando em nossa direção com olhares de surpresa.

“Eu não sabia que você estaria aqui”, disse a mãe dela.

“Você me convidou”, disse Stella, com um tom cortante.

Georgie ergueu as sobrancelhas. "E você o quê? Veio para me fazer arrepender?"

Stella suspirou. "Desculpe. Dia longo."

Dei um sorriso, forçando um tom descontraído na voz. "A culpa do atraso é minha. Não encontrei meus botões de punho." Levantei os pulsos em sinal de demonstração.

O pai dela balançou a cabeça. "Você devia ter ligado. Eu teria te emprestado um par dos meus."

“Na próxima vez”, eu disse.

Georgie aproximou-se de Stella e baixou a voz. "Como estava Runa quando você a visitou?"

Tive que me esforçar para não reagir. Runa era o nome da mulher que Stella — ou Maddie? — atropelou com o carro.

Ao meu lado, Stella enrijeceu, mantendo os olhos fixos na mãe enquanto respondia: "Ela foi boa".

"Sabemos se a cirurgia foi bem-sucedida?", perguntou Phil.

“Ainda é muito cedo para dizer”, disse Stella. “Podemos falar sobre outra coisa, por favor?”

Georgie franziu a testa. "Querido, eu gostaria que você nos deixasse cobrir parte dos custos."

"Mãe", disse Stella, irritada. "Não aqui."

Minha cabeça dava voltas. Que diabos eles estavam falando? Stella era de alguma forma responsável pelas despesas médicas de Runa? Isso não podia estar certo. Ela tinha sido considerada inocente de todas as acusações.

Lutei para disfarçar a confusão enquanto a encarava. Seria por isso que sua herança estava "bloqueada"?

Um movimento chamou minha atenção. As pessoas lançavam olhares para o nosso grupo, ou melhor, para a minha namorada de mentira. Era fácil reconhecê-la, destacando-se como um dedo mindinho dolorido por ser a única com tatuagens e piercings, a única com uma maquiagem tão dramática — contorno completo, cílios postiços, batom roxo matte. Seu vestido era outro ponto focal: preto, diáfano, com um decote em V profundo na frente, muito mais apropriado para um tapete vermelho do que para aquela reunião formal.

Stella certamente notou a atenção extra, mas pelo jeito como girava a taça de champanhe intocada, parecia completamente indiferente. Mesmo assim, dei um passo em sua direção e coloquei a mão em sua lombar num gesto silencioso de apoio.

Sim, eu zombeei das escolhas de estilo dela, mas não havia maldade nas minhas observações. Fiz isso pelo prazer mórbido de saber que a tinha irritado. Mas esses filhos da puta foram vingativos nas críticas. Mesmo odiando a Stella, fiquei furioso ao vê-la como alvo da censura deles.

“Ah, graças a Deus”, disse uma voz masculina. Richard. Meu humor despencou direto para o inferno.

Ele parou ao lado do pai de Stella. "Phil, esta é a última vez que venho a um desses eventos. Dennis já está bêbado e não para de falar daquela vez em que terminou abaixo do par no Ocean Course em 2015."

Phil sorriu de bom humor. "Para ser justo, se eu conseguisse fazer isso, provavelmente nunca mais pararia de falar sobre o assunto."

Georgie lançou um olhar confuso para os dois.

“É o campo de golfe mais difícil do país”, explicou Phil.

Ela revirou os olhos. "O Dennis trapaceia no gamão e fica sem fôlego subindo escadas, então me desculpe se eu tiver dificuldade em acreditar que ele não tenha errado todas as dezoito tacadas."

Richard deu uma risadinha. Phil balançou a cabeça, parecendo ao mesmo tempo divertido e profundamente apaixonado pela esposa. Ao meu lado, Stella permanecia imóvel, quase sem expressão, como se nem os

tivesse ouvido.

Segui o olhar dela em direção a uma mulher pequena e de aparência familiar, com nariz arrebitado e grandes olhos azuis. Seus cabelos loiros estavam cacheados em ondas soltas e, combinados com a maquiagem leve e o vestido rosa-claro, ela parecia estar tentando aparentar ser mais jovem do que era.

Maddie.

Porra.

"O que ela está fazendo aqui?", perguntou Stella com a voz rouca.

"Quem?", perguntou Phil, virando a cabeça. Seu olhar pousou na mulher e, pela primeira vez desde que o conheci, sua calma e afabilidade se desfizeram, dando lugar a algo bruto e raivoso.

Voltei minha atenção para Maddie e seu jeito de loira inocente e fofa. Era ardiloso, na verdade, sabendo o que eu já sabia sobre ela. Mesmo que Stella estivesse mentindo, e Maddie não tivesse sido quem bateu em Runa, sua lista de pecados era extensa.

Stella praguejou e se afastou bruscamente do nosso grupo, indo direto para um corredor lateral. As cabeças se viraram para acompanhar sua partida, e isso foi o suficiente para chamar a atenção da própria mulher que ela estava tentando evitar.

Maddie a avistou em meio à multidão, uma expressão determinada tomando conta de seu rosto enquanto se desculpava com as pessoas com quem estava e seguia atrás de Stella. Devido ao ângulo em que Stella estava, ela nem veria Maddie chegar.

“Ah, não”, disse Georgie, percebendo a mesma coisa.

Phil se virou para intervir, mas eu o impedi. "Deixa comigo", disse, seguindo Stella, alongando meus passos para alcançá-la sem parecer que estava com pressa. Eu não queria chamar mais atenção para a possibilidade de colisão entre eles.

Infelizmente, Maddie não teve nenhum escrúpulo e partiu para cima de Stella. Droga. Mais pessoas estavam percebendo. As conversas começaram a falhar e as cabeças se viraram na direção das duas. Essas pessoas obviamente sabiam do passado das mulheres e pressentiam uma cena iminente. Os olhares famintos em seus rostos me embrulharam o estômago, me lembraram um bando de abutres se preparando para atacar um cadáver fresco.

Abandonei minha tentativa de agir com naturalidade e alcancei Stella com um último esforço.

"Vai", eu disse, colocando a mão nas costas dela para impulsioná-la para a frente.

Ultrapassamos a borda da multidão e chegamos à entrada de um corredor.

“Stella!” Maddie gritou atrás de nós.

"Não faça isso", eu disse, mas Stella me ignorou.

Ela parou abruptamente, com o rosto fechado como uma nuvem de tempestade ao se virar. "O quê?"

Maddie estava bem atrás de nós, com os olhos brilhando e o queixo tremendo. Ela deu mais um passo à frente, e eu me arrepiei. Aquela demonstração de emoção era falsa. Eu percebia isso na sua respiração uniforme, na palidez das suas bochechas, no jeito como seus braços pendiam soltos ao lado do corpo, como ela olhava para a multidão como se aquilo fosse um espetáculo.

"Stella", eu disse, em voz baixa, tentando avisá-la de que aquilo era uma armadilha.

"Eu só quero conversar", disse Maddie.

Eu esperava que Stella explodisse, gritasse com Maddie como tinha gritado comigo no carro, mas sua voz saiu mortalmente calma. "Sobre o quê, Maddie? Sobre como você está pronta para ir à polícia e confessar tudo?"

O rosto de Maddie se transformou em uma expressão de inocência. "Stella, por favor."

“Se não for isso”, continuou Stella, “então você deve estar aqui para se oferecer para me reembolsar as despesas médicas de Runa.”

"Por que eu deveria te pagar de volta?", implorou Maddie. "Eu não fiz nada."

Stella rosnou e tentou avançar, mas eu a agarrei pela cintura.

Maddie soltou um pequeno berro assustado e deu meio passo para trás enquanto sussurros raivosos subiam da multidão. Droga. Se Stella mordesse a isca e desse um soco nessa mulher, eu duvidava que seríamos convidadas para mais festas, e aí meus planos estariam arruinados.

Aproximei meus lábios da lateral da cabeça de Stella, logo acima da orelha, e baixei a voz para que só ela pudesse ouvir. "Ela está te

provocando. Seja esperta."

Stella ergueu a cabeça bruscamente, finalmente percebendo a multidão de curiosos.

Maddie enxugou uma lágrima. "Eu só pensei que, depois de tudo o que você fez comigo e com a minha família, finalmente poderíamos conversar."

Stella estava a um passo da violência. Eu percebi isso na forma como seu corpo praticamente vibrava com a necessidade de se atirar sobre a outra mulher. Discretamente, apertei meu abraço nela.

"Olha", disse Maddie em um sussurro teatral. "Eu sei que muito do que aconteceu foi por causa do seu vício, mas pensei que agora que você está sóbrio, talvez estivesse pronto para se desculpar."

"Você fo-"

Puxei a cintura de Stella, usando meu corpo para protegê-la dos olhares curiosos. Minhas mãos subiram rapidamente ao seu rosto, obrigando-a a me encarar. "Vá", eu disse, num sussurro de ordem. "Te encontro quando terminar com ela."

Os olhos de Stella estavam furiosos enquanto me encaravam, mas ela deve ter percebido algo no meu tom de voz que a convenceu, porque assentiu com a cabeça e se soltou do meu aperto. Virando-se nos calcanhares, ela caminhou pelo corredor sem olhar para trás.

Chegou a hora de resolver esse problema.

Forcei uma expressão de preocupação ao encarar Maddie. "Você está bem?"

Ela balançou a cabeça, soluçando. "Não. Você ouviu o que ela quase me chamou?"

"Fale um pouco mais alto, querida", resmunguei para mim mesma. "Acho que as pessoas lá atrás não te ouviram."

“Sim, eu fiz. Vamos até aqui e nos recomponhamos um pouco”, eu disse, conduzindo-a para longe da multidão, em direção à entrada. “Aqui.” Entreguei-lhe o lenço que estava no bolso do meu paletó.

"Obrigada", disse Maddie, fazendo questão de enxugar as bochechas com leves toques.

A raiva brotou do fundo do meu estômago, mas consegui forçar meu rosto a assumir uma expressão de empatia preocupada. As pessoas ainda nos observavam, com os olhos atentos, ávidas por um escândalo.

Parei o carro pouco antes da porta da frente, de costas para a multidão.

Um olhar por cima do ombro confirmou que ninguém estava perto o suficiente para me ouvir antes que eu falasse novamente: "Se você fizer alguma coisa para chatear minha namorada de novo, vou garantir que todos descubram a vadiazinha desprezível que você realmente é."

Maddie ergueu a cabeça bruscamente, os olhos semicerrados, as lágrimas falsas esquecidas. "Com licença?"

“Você me ouviu.” Sorri para ela, deixando o silêncio se prolongar, sustentando seu olhar até que ela desviasse o contato visual.

Ela abriu a boca, claramente prestes a causar um escândalo.

“La Mer”, eu disse.

Seus dentes se fecharam com um estalo.

Eu ri baixinho. "Era esse o nome do barco, não era? Devo admitir que seus pais fizeram um bom trabalho acobertando seus crimes anteriores. Mas digamos que eles não foram tão minuciosos com aquele incidente em Turks e Caicos."

Ela fungou. "Não sei do que você está falando."

“Ah, não”, eu disse, com uma voz enganosamente suave. “Eu não sou a Stella nem nenhum dos outros idiotas com quem você está acostumado a lidar. Você não vai me enganar com essa história de inocência. Eu sei tudo o que você fez naquela noite.” Inclinei-me para mais perto. “Então você vai sair por aquela porta e tirar uns meses de folga da vida social?”

“Meus pais—”

"Emily", eu disse, elevando a voz para que todos pudessem ouvir.

Ela se calou, espiando por cima do meu ombro para ver se alguém tinha ouvido.

Baixei a voz novamente. "Era esse o nome dela, certo? A garota que beijou seu namorado. Aquela que 'escorregou e caiu'", eu disse, fazendo aspas com os dedos ao terminar a frase. "Subornar um legista é arriscado, porque se eles falsificam um laudo por dinheiro, fazem muitas outras coisas por dinheiro também. Como responder perguntas."

O rosto de Maddie empalideceu. "Quem é você?"

“Pode me chamar de Sr. Strickland”, eu disse. “Agora, vá embora.”

A raiva tomou conta do seu rosto. Ela tinha sido uma mimada a vida inteira, paparicada, protegida — e não estava acostumada a receber ordens.

“E só para deixar bem claro, eu não dou a mínima para quem você é”, eu disse. “Não me importa que você seja rica. Não me importa que você

seja mulher. Se você contar para alguém sobre isso, eu vou fazer o que você fez com a Emily parecer brincadeira de criança. E vou rir enquanto faço isso."

Eu sorri, imitando um olhar que uma vez vi o pai de Josh usar, mostrando dentes demais, meus olhos vazios e desfocados, como se eu estivesse olhando através dela para a cartilagem e o osso por baixo. Como se eu não pudesse esperar para ouvir o quão alto eu conseguiria fazê-la gritar.

Maddie virou-se e saiu correndo pela porta.

■ ■ ■

Encontrei Stella andando de um lado para o outro em um escritório (essas casas de gente rica eram infestadas deles), as mãos se fechando e abrindo com força, os olhos vermelhos como se estivesse lutando contra lágrimas violentas. Ela não me notou a princípio, o olhar fixo no tapete, e isso me deu um momento para observá-la. Observar suas longas pernas chutando a saia do vestido a cada passo. O jeito como mechas soltas de cabelo roçavam a pele pálida de suas costas expostas.

Ela não tinha machucado Runa; Maddie sim. Entre o que Stella disse lá fora, aquela interação com os pais dela e depois a cena com Maddie, eu estava convencido disso. E embora Stella estivesse longe de ser inocente, eu podia admitir que ela provavelmente não tinha feito o suficiente para merecer o tratamento que eu estava dando a ela até então.

Puta merda, como é que eu ia consertar isso?

Fechei a porta e me encostei nela.

Stella ergueu a cabeça bruscamente. Ao me ver, pegou um peso de papel de uma mesa próxima e o atirou na minha cabeça.

Eu mal consegui pegá-lo no ar.

Seu rosto se contorceu de raiva, suas mãos se fecharam em garras enquanto ela avançava para cima de mim. "Seu desgraçado! Eu evitei aquela vadia por sete anos porque sabia que ela faria alguma merda dessas, e você me arrastou direto para ela."

Mantive minha posição, pronto para bloquear o golpe que eu sabia que viria. "Tecnicamente, você escolheu esta festa."

"Ah, vai se foder, Theo", ela cuspiu as palavras, meu nome falso soando estranho em seus lábios. "Você me forçou a voltar para este mundo!"

Ela avançou, mas foi fácil agarrar seu pulso no ar, segurar sua outra mão

antes que pudesse atingir meu rosto e bloquear a joelhada que ela tentou me acertar na virilha. Sem querer machucá-la, virei-me e a prendi contra a porta, imobilizando suas mãos acima da cabeça e usando meu corpo para achatá-la contra a madeira. Seu peito se chocou contra o meu. Encarei seus olhos negros de fúria. Eles se voltaram para o meu ombro, e eu soube, eu sabia que ela tentaria me morder, mas não fiz nada para impedi-la.

Um instante depois, ela atacou, seus dentes cravando no meu paletó, mordendo com força suficiente para doer. Eu não recuei. Não gritei com ela. Por mais perturbador que parecesse, senti que era certo deixá-la me machucar depois de tudo que eu tinha feito com ela. Foi quase... uma libertação. Quase me senti bem, como se ela finalmente estivesse me dando o que eu tanto queria.

Pirralho.

Balancei a cabeça, estremecendo quando Stella mordeu com mais força. Não. Não era isso. Eu tinha sido uma lutadora a vida toda, não tinha um pingo de submissão. Aquilo era apenas alívio por vê-la tão furiosa. Esse tipo de raiva eu conhecia, guardava dentro de mim desde que me lembro. Eu sabia falar a sua língua, sabia como usá-la contra ela.

“Eu acredito em você”, eu disse a ela.

Stella me soltou, a parte de trás da cabeça batendo contra a porta enquanto fechava os olhos, toda a resistência havia desaparecido. "É, bem, ninguém mais vai conseguir." Um tremor percorreu seu corpo. Outro. Lágrimas escorreram por baixo de suas pálpebras, e ela mordeu o lábio inferior para conter o tremor.

Eu provavelmente era a última pessoa — além da Maddie — que ela gostaria que a consolasse naquele momento, mas como eu era a única pessoa por perto, ou era eu ou ninguém. Aliás, ela provavelmente preferiria que ninguém estivesse lá, mas eu me sentia culpado o suficiente pela forma como a tinha tratado para me sentir na obrigação de fazer alguma coisa.

Eu só precisava de uma mão para manter seus pulsos presos, então soltei com a outra, envolvendo a parte de trás de sua cabeça e puxando-a para a frente até que sua testa encostasse no meu peito — uma decisão perigosa, dada sua propensão a morder.

“Você não precisará vê-la em outro evento”, eu disse. “Me livrei dela.”

"Como?" Stella murmurou para mim.

“Digamos que você não é a única pessoa sobre quem tenho podres.”

Ela ficou em silêncio por um longo momento, respirando fundo e calmamente, como se estivesse tentando se acalmar. "Mesmo depois de tudo o que ela fez, mesmo depois de todos esses anos que passei a odiando, eu não esperava por isso. O que eu fiz com a família dela? Meu Deus, ela é má."

“Sim”, concordei.

“Não quero voltar lá. Todas aquelas pessoas malditas.” Ela respirou fundo mais uma vez para se acalmar. “Eu vi os rostos deles. Maddie sempre será a garotinha inocente para eles, e eu sou a grande vilã que tentou arruinar a vida dela. Eu a odeio. Odeio todos eles.”

Inclinei a cabeça dela para cima. "Então me ajude a tirá-los de lá."

"Por que eu deveria?", perguntou ela, seus olhos buscando os meus. "Quem garante que você não vai me apunhalar pelas costas quando eu terminar? Ou continuar acumulando mais dívidas sempre que eu te irritar, para que eu fique presa sob seu controle para sempre?"

Soltei um suspiro. Era hora de fazer o que fosse preciso para consertar as coisas. "Tudo bem. Vai ficar em três milhões, como combinamos, mesmo que você me irrite o tempo todo."

“Mais uma vez, por que eu deveria acreditar em você? Você já me disse que eu seria um idiota por confiar em suas falsas promessas.”

“Eu sei. Mas foi porque eu pensei que você fosse igual a eles.”

“Eu sou igual a eles”, disse ela. “Você deixou isso bem claro.”

“Então por que você está pagando as contas da Runa?”

“Isso não é da sua conta.”

"Posso descobrir com alguns telefonemas, mas prefiro saber de você agora e economizar tempo e dinheiro."

"Como se você fosse acreditar em mim", disse ela, com um tom ácido na voz.

Encarei-a por um instante. "Não há registro. Então, o que você fez, Sunshine? Resolveu tudo num processo civil particular?"

Ela cerrou os dentes e desviou o olhar, confirmando minhas suspeitas.

“Você fez isso, não fez? Você admitiu a culpa.” Franzi a testa. “Por quê? Você já tinha sido inocentado no processo criminal.”

Ela tentou puxar os pulsos da minha mão, mas eu os mantive presos à porta.

"Por quê?", repeti.

“Porque Runa não pôde pagar”, disse ela, com a voz baixa, os olhos olhando para todos os lados, menos para mim.

“E você poderia.”

Não era uma pergunta, mas ela assentiu com a cabeça.

"Você realmente odeia essas pessoas tanto quanto afirma?", perguntei, querendo ver sua resposta de perto, onde ela não pudesse se esconder.

“A maioria deles, sim. Com cada fibra do meu ser. Por que você acha que passei grande parte da minha vida me anestesiando com drogas e álcool e agindo de forma tão estúpida e imprudente? Eu estava descontando em mim mesma. Sendo uma criança rebelde e egocêntrica, porque era isso ou me isolar completamente do mundo.”

“Por que você não fez isso?”

“Porque eu tinha medo de que isso significasse que eu também perderia minha família.”

Encarei seus olhos, procurando por mentiras, mas não vi nenhuma. Apenas medo, raiva e arrependimento.

“Por que você os odeia tanto?”, perguntou ela.

Forcei um sorriso, passando o polegar sobre o lábio inferior dela, maravilhada com a forma como a cor permanecia intacta. Será que ela tinha aprendido a lição com nossos dois primeiros encontros e mudado para um batom que não borrasse se nos beijássemos de novo? Isso significava que ela queria que eu a beijasse novamente?

Balancei a cabeça, afastando esses pensamentos. "Digamos apenas que presto atenção ao que acontece nesta cidade e não gosto que existam regras para mim, mas não para você. Não há como Bradley Bluhm ser o único monstro escondido nesses círculos, e se o nosso sistema judiciário não lidar com eles, então alguém mais deveria fazê-lo."

“E esse alguém é você?”

“Não vejo mais ninguém disposto a assumir a responsabilidade.”

Seu olhar percorreu meu rosto, penetrante e observador. Mantive minha expressão cuidadosamente neutra, pois era evidente que estávamos nos aproximando de um momento crítico, no qual Stella finalmente se decidiria sobre o que queria: me ajudar a derrubar essas pessoas ou continuar na minha mira.

“Vamos lá”, eu murmurei. “Você sabe que quer arruiná-los.”

“Sim”, admitiu ela. “Mas apenas financeiramente. Não quero ser

cúmplice de que as pessoas sejam prejudicadas de qualquer outra forma.”

"Só vou machucá-los se eles me obrigarem", eu disse, repetindo a frase que já havia dito a ela.

Ela revirou os olhos, a suave luz vinda de cima realçando os reflexos dourados em suas íris. As pessoas que diziam que olhos castanhos eram sem graça nunca os tinham visto de perto o suficiente para perceber sua verdadeira beleza.

"O que você está fazendo?", disse ela, com a voz baixa e rouca.

Parei, meus lábios a um centímetro dos dela. Que merda eu estava fazendo?

Pelo visto, estou perdendo a cabeça.

Forcei um sorriso. "Estou tentando te seduzir para que você aceite meus planos. Está funcionando?"

Ela se soltou do meu aperto. "Meu Deus, você é tão insuportável! Nem sei por que te contei tudo isso."

Quando me virei, ela já estava do outro lado da sala. "É porque você se importa muito com a minha opinião pessoal sobre você."

Ela pegou um pequeno globo terrestre de uma estante e o atirou em mim.

Consegui bloquear o golpe antes que me atingisse na virilha. "Porra! Trégua, beleza? Queremos a mesma coisa. Você fora das dívidas e esses idiotas dentro delas. Só precisamos encontrar um jeito de trabalhar juntos sem nos matarmos. Deve ser fácil."

"Fácil, né?", ela repetiu como um papagaio. "Foi o que eu tentei fazer antes, e como você reagiu?" Ela estufou o peito, com os braços bem abertos. Sua voz baixou uma oitava inteira em deboche. "Estou falando de terra arrasada, Stella. Vou te mandar para o espaço com uma bomba nuclear, amaldiçoar toda a sua linhagem e trocar todo o piso do seu apartamento por peças de Lego."

Puxa vida, ela não tinha graça nenhuma. "Você pode me culpar por não confiar em você?"

"Sim!"

Nos entreolhamos, claramente num impasse. Eu tinha causado a maior parte do estrago naquela noite, e era eu quem mais tinha a perder se ela não cumprisse a sua parte do acordo, então cabia a mim consertar isso. Superar meus problemas e fazer o que eu tinha me proposto a fazer: trabalhar com

ela, mesmo que eu não a suportasse.

"Tudo bem", eu disse. "Vou tentar ser menos babaca."

Ela caminhou até as janelas, abriu as cortinas de repente e ficou olhando para a escuridão.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“À procura dos porcos voadores.”

“Stella”, eu disse com a voz embargada.

Ela se virou, com um sorriso irônico, e eu percebi que era a primeira vez que ela chegava perto de sorrir na minha presença. A cena foi... normal. Foi normal. Só isso.

“Ah, não”, disse ela, em tom de deboche. “Qual é o problema? Você não gosta quando alguém é malvado com você? Isso te magoa? Te deixa com raiva?”

"Não. Isso me excita", respondi secamente.

Isso a fez calar a boca.

"Você topa ou não?", perguntei. "Isso vai ser muito mais rápido se estivermos no mesmo time."

O que significa que você se livrará de mim mais cedo, não precisava acrescentar.

Ela me olhou do outro lado da sala. "Eu topo. Mas você vai ter que seguir minhas instruções hoje à noite", disse ela. "Nenhum daqueles velhos babacas esnobes daqui vai aceitar um convite, pelo menos não sem te denunciar imediatamente e chamar a polícia. Eles são muito arrogantes."

Soltei um suspiro irritado. "Então, que diabos estamos fazendo aqui? Você disse que haveria muitos alvos."

“São os filhos e netos deles que nos interessam”, disse Stella. “São eles que estão entediados e deprimidos, em busca da emoção que vocês podem proporcionar. Mas primeiro precisamos terminar o jantar. Depois, podemos seguir a turma mais jovem para a festa pós-jantar, em algum outro lugar da casa ou nos jardins. É lá que a verdadeira diversão começa.”

16

STELLA

O resto do happy hour passou num piscar de olhos. Passamos todo o tempo com meus pais — ninguém mais queria chegar perto de mim. Finalmente, Cordy, parecendo uma rã em seu vestido verde-pântano, convidou todos para a sala de jantar, onde era impossível escapar dos olhares julgadores que me lançavam. O lado bom era que eu estava tão distraída pela minha raiva persistente que eles quase não me afetavam.

É melhor Theo estar certo, e é melhor eu nunca mais ver a Maddie. Porque não havia a menor chance de eu conseguir me impedir de atacá-la. De despedaçá-la, arrancar pedaços inteiros de seu disfarce de boneca americana para expor a criatura horrenda que se escondia por baixo.

Meus dedos ainda tremiam de raiva reprimida, e eu os escondi debaixo da mesa de jantar para que ninguém percebesse. Que audácia daquela vadia, ficar ali parada, olhando nos meus olhos e mentindo descaradamente. Parecia uma experiência extracorpórea, e mesmo agora, parte de mim ainda não consegue acreditar que aconteceu. Quem se comporta dessa maneira? Quem é tão manipuladora e sem alma?

Uma grande parte de mim reconheceu esse comportamento porque eu o tinha visto na Maddie quando éramos mais novas — em situações menores e menos assustadoras, quando ela tentava manipular as coisas a seu favor. Eram momentos de alerta, mas eu os ignorei porque os pais dela eram donos de uma empresa de mídia e ela tinha recebido treinamento em relações públicas desde pequena. Ela estava apenas fazendo o que tinha aprendido, eu dizia a mim mesma.

Meu Deus, como eu fui estúpido.

O burburinho na sala pareceu se dissipar enquanto meus pensamentos voltavam àquela noite terrível, sete anos atrás. Eu jamais esqueceria a sensação de estar ajoelhada na calçada ao lado de Runa, vendo Maddie fugir para a escuridão, o telefone pressionado contra a orelha enquanto soluçava: "Mamãe!", como se fosse uma criança em vez de uma adulta, me deixando sozinha para lidar com as consequências de seus atos.

A mão de Theo pousou na minha coxa, grande o suficiente para envolvê-la completamente. Ele apertou uma vez, e então seu perfume invadiu meu nariz enquanto ele se inclinava para frente, algo fresco e puro,

completamente em desacordo com sua personalidade.

“Dê um jeito nessa cara”, murmurou ele, com os lábios roçando minha têmpora. “Você parece que está tentando incendiar as pessoas com a mente.”

Esse sim seria um superpoder pelo qual eu mataria.

Ele se afastou e eu tomei um gole de água para diluir a acidez crescente no meu estômago. Agora que a adrenalina estava começando a passar, eu sabia que ia pagar caro pelos acontecimentos daquela noite. Teria que recorrer às armas mais fortes quando chegasse em casa e me anestesiar com o único analgésico potente que, até então, não havia piorado meus sintomas.

Theo riu de algo que meu pai disse, e eu desviei o olhar. Olhando para ele, ninguém diria que ele era deslocado. Que não havia crescido neste mundo. Como eu temia, ele era uma imitação quase perfeita de modos e comportamentos. Até mesmo suas expressões faciais eram iguais. Aquele sorriso preguiçoso e presunçoso. A arqueada de sobrancelhas quando fez um comentário para minha mãe. Meu olhar caiu sobre suas mãos, e notei como ele segurava o garfo e a faca com perfeição.

Concordar em ajudá-lo a armar uma cilada para algumas dessas pessoas provavelmente ia se voltar contra mim — com Theo, eu estava mais convencido do que nunca de que nada era exatamente o que parecia — mas, naquele momento, eu não conseguia sentir nenhuma preocupação ou arrependimento.

Em vez disso, uma sensação de justiça própria me invadiu. Foi um alívio parar de lutar contra ele, parar de me debater e me agarrar a qualquer esperança enquanto tentava encontrar uma saída. Escolher participar ativamente me fez sentir muito melhor, e isso tinha menos a ver com o caminho de menor resistência e mais com o fato de que eu finalmente poderia dar vazão à raiva que guardei por toda a minha vida. Ter uma válvula de escape em vez de reprimi-la como fiz durante toda a minha infância. Recuperar meu poder de decisão, deixando o papel de vítima e assumindo o de agressor.

Claro, eu provavelmente estava desfazendo meia década de crescimento conquistado com trabalho árduo e terapia, mas sabe de uma coisa? Nada daquele autoaperfeiçoamento me pareceu tão gratificante quanto a promessa de vingança. E talvez isso estivesse errado, talvez isso me tornasse uma pessoa horrível, mas eu realmente não me importava.

Eu estava numa vibe meio justiceiro agora, e a sensação era boa.

Mais tarde, eu teria que agradecer à Runa por me ajudar a montar a lista que eu agora podia seguir. Eu estava até um pouco grata à Maddie, porque ela tinha acabado de deixar claro que nunca, jamais mudaria. Que nunca seria uma pessoa melhor. Quanto mais ela se safava, pior ficava, e eu sabia com certeza absoluta que ela estava longe de ser o pior monstro daquele grupo.

Runa tinha razão. Theo também. Se a lei não os fizesse pagar pelo que fizeram, alguém deveria fazê-lo.

"Bolinho de lagosta?", disse uma voz.

Me virei e vi um garçom se inclinando com uma bandeja cheia de aperitivos.

"Ah, não, obrigada", eu disse. "Na verdade, você poderia pedir ao chef para me preparar um sanduíche de pasta de amendoim e banana? Em pão branco simples?"

Ela assentiu com a cabeça. "Com certeza."

“Obrigada.” Meu estômago começou a roncar, o que era ruim. Estômago vazio significa estômago cheio de ácido, e eu precisava comer alguma coisa. Logo.

“Diga-me que você vai comer mais do que isso”, disse Theo, num tom quase suplicante, e por algum motivo, as palavras “Depois do que eu te disse no carro” pareciam pairar pesadamente entre nós.

"Ela não pode", respondeu minha mãe. "Ela está em crise."

"Mãe", sussurrei, inclinando-me para a frente para lançar-lhe um olhar de advertência. Pelo menos ninguém mais a tinha ouvido. Entre os garçons servindo comida e as inúmeras conversas ao nosso redor, sua voz não tinha ido além de alguns metros.

Ela me dispensou com um gesto de mão, concentrada em Theo. "Ela se recusa a contar para alguém quando bate nela, mas eu conheço os sinais. Pegue seu celular e eu te digo o que observar para que você possa reconhecê-los."

Olhei para além dela, implorando silenciosamente ao meu pai por ajuda.

“Georgie”, disse ele, com um tom de repreensão na voz.

“Não”, disse a mãe. “O Theo precisa saber dessas coisas para poder cuidar dela quando ela se recusar a cuidar de si mesma.”

A última parte foi dita com um olhar fulminante na minha direção, e eu

me recostei na cadeira, sabendo que essa era uma discussão que eu não venceria.

Theo me lançou um olhar curioso enquanto pegava o celular, e presumi que ele estivesse me examinando em busca de sinais de doença.

Essa era a questão com muitas doenças crônicas: elas eram invisíveis a olho nu. Na maior parte do tempo, eu me apresentava como uma mulher relativamente saudável, embora magra, mesmo durante as crises, porque, ao longo dos anos, aprendi a mascarar minha dor, o que não era incomum entre os doentes crônicos. Não posso falar por todos, mas, para mim, simplesmente não via motivo para demonstrar sinais externos de desconforto. Qual seria o sentido? Não era como se houvesse algo que alguém pudesse fazer para aliviar meu sofrimento, e falar sobre isso era a última coisa que eu queria. Pensar demais nisso poderia levar à fixação, o que poderia aumentar meu estresse e resultar em sintomas prolongados.

Então, apesar da insistência da minha mãe, eu não tinha planos de anunciar quando estivesse em crise. E eu me cuidava. Na maior parte do tempo. Mas não era como se o mundo inteiro parasse quando minha doença atacava. Eu tinha que continuar trabalhando, tinha ficado muito boa em controlar meus sintomas durante a crise e era ainda melhor em evitar qualquer coisa que a desencadeasse.

O único motivo pelo qual eu estava em crise agora era por causa do Theo.

Dei uma olhada rápida e vi que ele estava anotando enquanto minha mãe falava, e a cena me fez começar meus exercícios de respiração para não surtar. Ela achava que estava me ajudando, mas estava fazendo o contrário. A maioria das pessoas provavelmente saberia da minha gastrite e pararia de falar sobre comida, mas o Theo? Apesar da nossa trégua provisória, eu me preocupava que ele não conseguisse resistir às suas tendências babacas e me atormentasse com todas as coisas que eu não podia comer ou beber.

Meu olhar se desviou para a minha taça de champanhe intocada. Eu não bebia há anos porque o álcool era um dos meus maiores gatilhos, e eu nunca odiei tanto esse fato quanto agora. Eu queria poder virá-la de uma vez e aliviar minha ansiedade. Mesmo com meus remédios, eu estava sofrendo. Ver todos aqueles rostos julgadores, estar de volta a este mundo, trouxe à tona muitas lembranças ruins. Não apenas aquela noite com Runa, mas

todas as coisas estúpidas que eu fiz em festas exatamente como esta. Todos os motivos pelos quais eu senti a necessidade de me anestesiar em primeiro lugar.

Ao meu lado, Theo guardou o celular no bolso da jaqueta e me lançou um olhar indecifrável. Nossos olhares se cruzaram, e me veio à mente o escritório e o grunhido baixo e masculino que ele soltava quando eu o mordia. Parecia que ele tinha gostado.

“Como estão os bolinhos de lagosta?”, perguntei, baixando os olhos para o prato dele. Ele havia pegado três e já tinha comido um.

"Delicioso", disse ele, levando outro pedaço à boca com o garfo. "Gostaria de algo além de água?" Sua voz era alta o suficiente para que minha mãe ouvisse, e pelo pequeno sorriso dela, ela deve ter pensado que ele já estava cuidando de mim.

"Estou bem, obrigada", eu disse, erguendo meu copo e tomando outro gole.

O resto do jantar se arrastou, cada prato demorando uma eternidade porque Cordélia insistia em explicar as minúcias de cada um, a raridade dos ingredientes, o tempo de preparo, sua origem remota. Por mais que eu detestasse aquela mulher, ela sabia como dar uma festa, e os aromas que emanavam de alguns pratos eram tão deliciosos que comecei a salivar, mesmo depois de terminar a primeira metade do meu sanduíche. Hesitei em comer a segunda parte, esperando para ver como me sentiria. Gastrite fazia o estômago inchar tanto que era preciso ter cuidado. Comer demais significava passar mal ou vomitar, e eu não estava nem um pouco a fim de ter que sair correndo dali com a mão na boca.

Pelo jeito como Theo me olhava de relance, eu sabia que ele estava ficando impaciente para que eu terminasse de comer, e foi nesse momento que percebi algo: éramos os algozes perfeitos um do outro. Theo parecia ter uma necessidade compulsiva de me ver comer. Enquanto isso, eu literalmente não conseguia, e essa fixação dele nisso estava começando a me estressar. Se eu fosse religiosa, ou acreditasse em destino, diria que fomos colocados juntos como punição por nossos pecados passados.

Finalmente, a sobremesa foi servida, e fui obrigado a ficar sentado em silêncio torturante enquanto as pessoas ao meu redor se deliciavam com suflês de aparência delicada, doces extremamente elaborados e uma torta sem farinha absolutamente decadente.

"Nem uma única mordida?" perguntou Theo, inclinando-se para frente.

Balancei a cabeça, uma onda repentina e inesperada de autopiedade me dominando. Será que algum dia eu conseguiria ter uma vida normal de novo? Ou estaria condenada a uma existência de privações? Era tão injusto que todos os outros pudessem beber e comer à vontade sem se preocupar com a dor, enquanto eu era obrigada a me alimentar com a dieta mais insípida possível e ainda sentia dores.

Theo deve ter percebido algo dos meus verdadeiros sentimentos no meu rosto, porque ele se endireitou em vez de fazer qualquer comentário idiota que tivesse preparado.

Após o jantar, nos dirigimos ao salão de baile, onde Cordelia fez um grande discurso sobre o apoio a uma nobre causa. Ao contrário da maioria dos eventos beneficentes, Cordy não planejou um leilão nem qualquer outra pompa. Ela simplesmente pediu aos convidados que abrissem seus talões de cheques e fizessem uma doação.

“Ela nem sequer mencionou o marido”, disse Theo, em voz baixa.

“Eu te disse que ela o odiava.”

As mesas aqui eram menores, redondas e não tinham lugares marcados, então as pessoas sentavam onde queriam. Ainda estávamos com a mamãe e o papai, mas agora o Richard tinha se juntado a nós, junto com os Herdwicks.

"Vocês dois pretendem dançar?", perguntou Richard.

Olhamos de relance na direção dele. Droga. Eu não sabia se o Theo sabia dançar. Um cara grande e desajeitado como ele?

“Ainda estou criando coragem para perguntar a ela”, disse ele.

Richard inclinou o copo na nossa direção. "Vocês devem fazer isso enquanto podem. Ninguém tem a garantia de um amanhã."

Mamãe se virou para mim, com uma expressão irônica. "Com essa declaração tão sombria, como você pôde dizer não?"

Richard deu uma risadinha bem-humorada. Ele já estava acostumado com as besteiras da minha mãe.

Os olhos de Theo encontraram os meus num olhar desafiador, e então o desgraçado me ofereceu a mão. Droga, eu não queria dançar com ele. Três minutos grudados um no outro enquanto uma sala cheia de gente assistia com um julgamento nada silencioso? Passo.

“Quase não há ninguém na pista de dança”, eu disse, procurando uma

rota de fuga.

“Isso só acontece porque eles estão esperando que um casal jovem e bonito os atraia para lá”, disse minha mãe, dando um leve empurrão no meu ombro.

Lancei-lhe um olhar que prometia retaliação.

Ela sorriu, aparentemente se divertindo muito torturando um de seus filhos.

Theo aproveitou minha distração para entrelaçar sua mão na minha e me puxar para cima. Meu Deus. Isso estava mesmo acontecendo.

"Sorria, meu bem", disse ele, me conduzindo para fora da mesa.

Dei-lhe o meu sorriso mais radiante, falando entre dentes. "Chame-me assim de novo e eu piso em todos os seus dedos."

Seu próprio sorriso se alargou ainda mais. "Faça isso, e eu retribuirei o favor."

Por dentro, estremeci, imaginando todo aquele peso caindo sobre meus pés.

Ele me conduziu até o meio da pista de dança e me guiou suavemente em sua direção. Fixei meu olhar no dele para me distrair do fato de que agora éramos o centro das atenções.

A música começou. Para meu azar, Theo me puxou para uma valsa sem esforço, praticamente deslizando pelo chão, e de repente minha atenção se voltou para não errar os passos. Fazia muito tempo que eu não fazia isso e estava fora de prática.

"Dançar juntos era mesmo necessário?", perguntei, com o sorriso ainda estampado no rosto.

“Sim”, respondeu Theo, virando-nos parcialmente quando nos aproximamos da banda, que tocava uma música clássica mais lenta que eu não consegui identificar. “Ainda estou tentando me aproximar de todos. Pare de ser tão dramática.” Ele me encarou. “Ou você está com medo de que ficar tão perto de mim possa te dominar pela luxúria e você tente me apalpar em público?”

"Você tem a cara mais socável que eu já vi", eu disse, com um tom açucarado.

Seus olhos brilharam. "Eu imploro que você experimente. Eu adoraria ter uma desculpa para te dar uma gravata."

Minha expressão continuava amena, mas meu tom era gélido. "Então,

acabou a minha promessa de não ser mais um idiota."

"O que posso dizer?" Ele sorriu. "Você consegue despertar isso em mim."

Eu sorri de volta. "Você anda exagerando na proteína de soro de leite? Porque seu hálito está cheirando a peido de leite."

“Melhor do que o cheiro de ácido de bateria que você fica exalando.”

Isso me fez calar a boca, porque pode ser verdade.

“Você está pronto?”, perguntou ele.

"Para que?"

Em resposta, ele me girou para longe dele tão rápido que quase saí girando pela pista de dança como um pião desgovernado. Só o aperto mortal que ele deu na minha mão me impediu. Com um puxão, girei de volta para ele, parando quando minhas costas se chocaram contra o seu peito. Sua mão livre se fechou no meu ombro, me mantendo ali enquanto nos embalávamos ao ritmo da música por alguns instantes.

“De novo”, disse ele, repetindo todos os avisos que me deram antes de me fazer girar novamente.

Dessa vez, me entreguei ao movimento, permitindo que ele me guiasse, embora preferisse mastigar vidro. Com um puxão mais suave, ele me puxou para frente. Encostei a palma da mão no ombro dele, e a outra encontrou a dele como se fossem ímãs. A mão livre dele foi para a minha cintura, tão grande que senti os dedos se estenderem até a metade das minhas costas. Em vez de resistir, me entreguei ao seu toque, meus longos anos de dança finalmente vencendo o desconforto. Meus membros se soltaram, os passos se tornaram firmes, e logo estávamos flutuando pelo salão.

"Onde você aprendeu a dançar assim?", perguntei, porque, por mais que eu detestasse admitir, ele era um bom líder.

“Por quê? Crianças pobres não deveriam saber como fazer isso?”

“Não era isso que eu queria dizer, e você sabe disso. Pare de colocar palavras na minha boca.” Meu rosto começou a doer de tanto segurar esse sorriso, apesar da minha crescente irritação. “O que aconteceu com a nossa trégua?”

"Tudo bem." A palavra saiu truncada, e eu sabia que ele estava sofrendo tanto quanto eu, apesar de sua aparente calma. "Então, o que você quis dizer com esse comentário?"

"Presumi que um atleta nato como você estivesse ocupado demais

levantando animais de fazenda no supino para se dedicar à dança de salão."

“Um dos meus ex-namorados era instrutor de dança”, disse ele. “Às vezes, ele me pedia para ajudar com as demonstrações. E sim, eu sou atleta, o que significa que é fácil para mim aprender qualquer coisa que envolva movimentar o corpo, inclusive isso.”

A música estava chegando ao fim, e Theo me girou novamente, mais devagar dessa vez, permitindo que eu me esticasse completamente, meu braço livre se elevando, a mão solta como minhas instrutoras de balé haviam ensinado, o pé esticado, o pescoço alongado. Um puxão suave me fez girar de volta para ele, e ele me passou de um braço para o outro antes de se agachar parcialmente e me colocar sobre o joelho.

Paramos ali, com o peito ofegante, ambos respirando mais forte do que deveríamos. Nossos olhares se encontraram, se chocaram, e eu implorei a mim mesma para não pensar na sensação dele me prensando contra a porta do escritório. Sim, eu odiava aquele homem, mas estava começando a perceber que o ódio não me impedia de querer transar com ele. Violentamente. Forçando-o a admitir que também se sentia atraído por mim, e que eu não era a única presa naquele inferno de desejo indesejado.

O que eu sentia por ele tinha menos a ver com desejo e mais com domínio, com vencer esse jogo doentio. Eu até me impedia de gozar, só para provar que conseguia fazê-lo gozar, mas ele era incapaz de me dar o mesmo prazer.

Ele encostou o nariz no meu. "Você está com esses olhos de tubarão de novo. Está pensando em matar ou beijar—"

Um apito alto cortou o ar, seguido de aplausos.

Desviei o olhar de Theo para ver os outros dançarinos ao redor da pista, alguns deles aplaudindo para nós. Meu Deus. Quanto tempo tínhamos sido os únicos dançando? Quanto tempo tínhamos sido o centro das atenções?

E por que diabos eu não tinha percebido?

"Sorria, raio de sol", disse Theo, me ajudando a levantar.

Algum idiota bateu uma faca no copo e, em seguida, o som de um tilintar se espalhou pela sala. Não. De jeito nenhum. Eu não ia beijar aquele homem na frente de uma multidão de... ah, droga... Theo estava me girando de novo, me inclinando sobre o braço, minhas costas arqueando enquanto sua mão livre acariciava minha bochecha. Seu rosto preencheu minha visão, se aproximando, e então seus lábios estavam nos meus, quentes e firmes,

presentes num segundo e ausentes no seguinte, enquanto ele me levantava.

"Faça uma reverência", disse ele em voz baixa.

Fiz uma reverência de balé enquanto ele se inclinava para a frente, a partir da cintura. Os aplausos se intensificaram.

Então saí correndo da pista de dança, sem me preocupar em verificar se Theo me seguia. Eu precisava ir embora, só precisava de um maldito minuto para mim mesma para me recuperar do que quer que tivesse sido aquilo.

17

Tyler

Acenei para a multidão e segui Stella, que se dirigia diretamente para uma porta lateral. Meus lábios formigavam por causa do beijo, minhas mãos se contraíam com a necessidade de tê-la em meus braços novamente. Eu sabia que ela também sentia isso, essa atração inexplicável e irritante, porque seus olhos não paravam de se fixar nos meus lábios enquanto dançávamos, e suas pupilas estavam dilatadas, mesmo quando ela me insultava.

Empurrei a porta e parei abruptamente. Stella estava parada com um grupo de cerca de dez outras pessoas, jovens, ou pelo menos mais jovens do que a maioria das pessoas no salão de baile, na faixa dos vinte e poucos aos trinta e poucos anos.

"Bons movimentos", disse um homem atraente, de cabelos escuros e cacheados e lábios carnudos, seus olhos verdes me devorando.

“Meus pais nos obrigaram”, explicou Stella. “Pessoal, este é o Theo. Meu namorado.” Ela estava ficando cada vez melhor em pronunciar essa palavra sem se atrapalhar.

Sorri e me juntei a eles. "Por favor, me digam que existe algo mais forte do que vinho e champanhe nesta casa."

Uma mulher loira, de grandes olhos azuis e lábios franzidos, nos indicou o caminho pelo corredor. "Por aqui. Cordélia guarda todas as coisas boas trancadas quando tem visitas. Ela não quer que ninguém fique bêbado e vomite em um de seus tapetes valiosíssimos."

"De novo", acrescentou uma mulher morena, lançando um olhar zombeteiro para Stella.

"Sinto muito", disse Stella. "Quem foi que incendiou o gramado naquela mesma festa?"

A morena deu uma gargalhada. "Meu Deus, eu tinha me esquecido disso."

“Provavelmente porque você estava bêbada a ponto de desmaiar”, disse um homem de cabelos loiros para ela.

Stella e eu deixamos o grupo passar à nossa frente pelo corredor, e puxei seu cotovelo para que ela diminuísse o ritmo o suficiente para que um espaço se abrisse entre nós e eles.

“Quem são meus alvos?”, perguntei em voz baixa.

“Todos, menos o AJ”, disse ela, apontando para o homem que me cumprimentou primeiro. “Os outros merecem você.”

“Quem está sendo um idiota agora—Ai!” Ela me beliscou na costela.

A loira nos ouviu e começou a se virar. Eu a agarrei pela cintura, mas ela já estava se inclinando para mim, e quando a loira finalmente nos viu, estávamos grudadas, meus lábios na têmpora de Stella enquanto ela ria baixinho como se não tivéssemos acabado de brigar.

A mulher se virou novamente, e Stella imediatamente tentou se afastar um pouco, mas eu a segurei. "Alguém mais pode olhar."

Ela emitiu um som de desagrado, mas permaneceu onde estava, e nós ficamos ainda mais para trás.

“Precisamos adicionar mais itens à lista de regras”, disse ela, em um sussurro.

Eu também baixei a voz. "Tipo o quê?" Era fácil adivinhar para onde essa conversa estava indo.

“Chega de beijos.”

Dei uma risadinha. Tão previsível. "Com medo de que você se acostume e fique triste quando nosso tempo chegar ao fim?"

“Por favor. Você beija como um peixe morto.”

“Foi por isso que você gemeu na minha boca?”

“Eu não fiz isso—” Ela respirou fundo. “Eu não fiz isso.”

Soltei um gemido baixo e agudo, imitando um gemido de filme pornô, e Stella se apressou em tapar meus lábios com as mãos.

"Você pode calar a boca?", ela sibilou.

Eu lambi a palma da mão dela.

Ela recuou a mão com uma expressão de horror.

“Veja pelo lado bom”, eu disse. “Pelo menos seu gemido não foi tão constrangedor quanto o jeito que você se esfregou em mim da primeira vez, como se não transasse há tempos.” Ela ficou estranhamente quieta, e eu a puxei para parar, satisfeito. “É só isso? Você está passando por um período de abstinência e está com medo de que, se eu te beijar muito bem, você goze em público?”

Seus olhos brilharam com uma mistura de fúria e pânico enquanto ela olhava para o corredor, obviamente preocupada que alguém pudesse ter ouvido a conversa, mas o grupo estava desaparecendo por outra porta

lateral. Só quando o último deles sumiu, ela se virou para mim. "É assim que você faz seus clientes pagarem? Você os tortura com a sua presença até que eles finalmente cedem e concordam em lhe dar o que você quiser só para se livrarem de você?"

“Ah, não fique envergonhado”, provoquei. “Quer saber? Vou fazer um favor para nós dois e aliviar um pouco o seu clima. Tenho certeza de que a maior parte dessa sua atitude ruim vem do fato de que faz muito tempo desde a última vez que você veio.”

“Ah, por favor. Você provavelmente transa como se estivesse puxando uma cadeira para mais perto da mesa.”

“E você provavelmente transa como uma modelo fitness entediada pulando em uma bola de estabilidade.”

Ela levou a mão à boca para abafar um ruído, mas pelo jeito que seus olhos se franziram, percebi que estava se segurando para não rir.

Aquela cena fez algo estalar dentro de mim.

Eu a puxei pelas axilas. Felizmente, a saia do vestido dela era larga o suficiente para que ela conseguisse entrelaçar as pernas na minha cintura, facilitando bastante prendê-la contra a parede. Meu pau, que estava duro como pedra há mais tempo do que eu gostaria de admitir, acabou exatamente onde nós dois queríamos, pressionado contra a sua vagina. Tão perto, não havia onde ela se esconder, nada que me impedisse de ver suas pupilas dilatarem ou sentir suas coxas tremerem ao meu redor.

“Ah”, disse ela, com um sorriso presunçoso no rosto. “Então é assim.” Ela rebolou os quadris ao longo do meu pau, e eu mal conseguia ficar parado. “Você não está se oferecendo para me dar prazer para que eu seja mais gentil com você. Você está se oferecendo porque está desesperado por mim, não é?”

"A única coisa que eu quero desesperadamente é te calar, e devo dizer, a ideia de usar meu pau para te amordaçar? Bem atraente agora."

"Você é repugnante." As palavras foram ditas com o que parecia ser uma luxúria mal contida.

“Pode me odiar o quanto quiser, mas não minta para mim, Stella.” Coloquei a mão entre nós e, como eu suspeitava, o tecido finíssimo do vestido dela estava levemente úmido onde havia sido pressionado contra o vão entre suas pernas. Infelizmente para ela, eu conhecia muito bem o corpo de uma mulher e, com um simples toque, a fiz se contorcer, seu corpo

a traindo. “Você é quem está desesperada por mim.”

“Hum... olá?”

Nós paralisamos, virando a cabeça bruscamente para ver a loira debruçada na porta aberta, a uns dez metros de distância pelo corredor.

“Vocês dois vão entrar aqui?” Ela sorriu. “Ou sair por aí?”

Stella me empurrou com tanta força que quase tropecei. "Desculpe!", ela gritou. "Sempre que temos dois segundos juntos, ele acaba implorando por isso."

A loira deu uma gargalhada e sumiu de vista. Provavelmente para repetir o que Stella acabou de dizer. Droga.

Soltei Stella, precisando de um momento para me recompor. Que diabos eu estava pensando, prendendo-a contra a parede daquele jeito? Se não tivéssemos sido interrompidos, eu poderia ter deslizado minha mão por baixo do vestido dela e cumprido minha ameaça de tirá-la de lá só para provar que ela não era tão imune a mim quanto fingia ser.

Por quê?, me perguntei. Por que diabos importava o que ela fazia ou como se sentia? Não era como se eu realmente me importasse com a opinião dela.

Será que isso surgiu da minha necessidade de provar meu valor? Ou era algo mais? Minha incapacidade de aceitar que eu era a única que percebia essa atração completamente indesejada? A única que se divertia tanto quanto eu me enfurecia? Por mais doloroso que fosse admitir, discutir com Stella era o momento em que eu me sentia mais concentrada em meses. Normalmente, meus pensamentos eram dispersos, minha mente correndo em mil direções ao mesmo tempo enquanto eu tentava me lembrar de tudo o que precisava fazer para garantir que minha próxima festa fosse ainda mais divertida e extravagante que a anterior. Mas com Stella, eu estava hiperfocada, precisando de toda a minha capacidade mental só para acompanhar suas respostas rápidas como um raio. Eu nunca sabia o que ela diria em seguida ou como reagiria, e levar a melhor sobre ela havia se tornado um vício. Cada vez que eu conseguia irritá-la era como dar outro golpe.

Pirralho.

Você pode calar a boca, porra? Eu disse para aquela vozinha irritante. Eu não era uma pirralha mimada.

Eu não estava.

Stella era apenas uma fruta proibida. Uma distração perigosa. Esse acordo era apenas temporário, e dentro de um ou dois meses, eu desapareceria da vida dela, deixando um rastro de destruição. E a família de Stella estaria entre as vítimas, atingidas no fogo cruzado direcionado ao meu verdadeiro alvo. Isso era inevitável, e além disso, os pais de Stella estavam longe de ser inocentes. Andavam com péssimas companhias, então quem sabia que outros esqueletos estavam escondidos em seus armários? Muito provavelmente, eles mereciam o que eu havia planejado.

■ ■ ■

Meia hora depois, eu estava relaxando no salão de bilhar, que, em termos chiques e sofisticados, significava uma sala de jogos. Era comprido e largo, com tetos abobadados e duas lareiras em cada extremidade, agora apagadas pelo calor do verão. Uma mesa de bilhar ficava sob um lustre dourado no fundo da sala. Espalhados pelo resto do espaço, havia vários jogos, incluindo cribbage, xadrez, mahjong e gamão. Eu até vi uma mesa de blackjack e uma roleta.

Num canto, duas pessoas fumavam haxixe perto de uma janela aberta. Outras três cheiravam carreiras na mesa de centro antiga ao meu lado. Eu me sentia como um figurante no set de um remake de Segundas Intenções. Nos últimos trinta minutos, tudo o que eu tinha ouvido era fofoca e reclamação sobre problemas de primeiro mundo. O único assunto que parecia tabu era o encontro de Stella e Maddie, e eu achava fascinante como todos estavam obviamente evitando-o. Seria mais uma questão de etiqueta? Eles não tocariam no assunto na frente de Stella, mas assim que ela saísse, se tornaria o centro das atenções?

“Strickland”, disse uma voz preguiçosa e arrastada.

Me remexi na cadeira e encontrei AJ, o bonitão que Stella disse ser proibido, me observando de um sofá próximo. De todos os idiotas insolentes, arrogantes e chatos na sala, ele parecia o mais tolerável. Os outros eram tão ruins quanto seus pais.

“Acho que não conheço ninguém com esse sobrenome”, disse AJ.

"E daí?" Ergui uma sobrancelha. "Tentando determinar se eu preencho os requisitos de pedigree para estar nesta sala?"

AJ olhou de soslaio para Stella, que estava sentada ao lado dele. "Sensível."

Ela revirou os olhos. "Como se não fosse isso que você estivesse

fazendo."

Ele deu um peteleco na coxa dela. "Eu não estava. Só queria saber se ele tinha irmãos, já que obviamente ele já tem dona. A menos que," ele mordeu o lábio, o olhar voltando para mim, "você esteja tão disposta a compartilhar este quanto estava com o Caleb."

Meus olhos se voltaram para Stella. Ela e AJ? E mais alguém? Droga, essa não era uma imagem que eu precisava na minha cabeça. Principalmente quando meu cérebro disfuncional me colocava como essa pessoa naquela situação.

Julia, a loira, ergueu a cabeça da mesa de centro e enxugou a remela branca sob o nariz. "Ah, Caleb. Ele era tão bonito. O que aconteceu com ele?"

“Acho que ele mora em Dubai agora”, disse Stella, olhando para todos os lados da sala, menos para mim. Por quê? Porque ela achou que eu poderia estar julgando-a? Ou porque ela estava imaginando a mesma coisa que eu? AJ espremido entre nós, o foco de todo o nosso ódio e desejo reprimidos?

“Ok, espere aí”, disse outra pessoa (talvez Federico?). “De onde você é? Não daqui.”

Desviei meu olhar para ele. "Não?"

A ruiva ao seu lado balançou a cabeça. "Não. Você parece ter nascido em alguma mansão antiga e empoeirada nos Alpes da Baviera."

Olhei em volta da sala. "Mais algum palpite?"

Algumas pessoas responderam, sugerindo nomes como Califórnia, Inglaterra ou Suécia, todos aparentemente relacionados à minha aparência clara. Sorri, sentindo-me satisfeita por ter imitado tão bem seus sotaques refinados que não havia mais nenhum traço de "rótico" para eles notarem.

Do outro lado da mesa, Stella parecia nervosa. Era por isso que eu devia ter me sentado ao lado dela quando tive a oportunidade. Para colocar uma mão de aviso na coxa dela sempre que ela começasse a ficar inquieta ou demonstrasse desconforto. Ela era realmente uma atriz péssima.

Inclinei-me para fora da cadeira e peguei um baralho de cartas da mesa mais próxima. "Sou daqui. Só que não daqui, daqui. Minha linhagem vem de mais ao norte." Deixei por isso mesmo. Que pensassem que eu era descendente de algum magnata do petróleo canadense.

Com um movimento rápido dos dedos, embaralhei o baralho, e então as

cartas ganharam vida em minhas mãos. Elas se espalharam em um círculo completo, voltaram para dentro, meus dedos se movendo num borrão enquanto eu as separava, repetidamente, movendo seções para fora e para dentro, girando cartas individuais.

Alguém soltou um assobio baixo.

Levantei o baralho com uma mão e deixei metade dele cair na outra. Fiz uma breve pausa enquanto dividia as cartas ao meio antes de virar as da mão direita e girá-las para que caíssem perfeitamente viradas para baixo sobre as da mão esquerda.

"Meu Deus, por favor, me diga que você não gosta de magia", disse uma mulher.

Dei uma risadinha. "Não. Eu só gosto de cartas." Girei o baralho novamente e levantei a cabeça. "Alguém quer jogar uma partida amigável de pôquer?"

AJ deu de ombros. "Claro." Ele lançou um olhar para Stella. "Você topa?"

O sorriso que ela respondeu foi um tanto forçado. "Acho que vou assistir a esta rodada."

Seu semblante se fechou e sua voz baixou. "Ah, certo. Desculpe."

Stella fez uma careta. "Está tudo bem."

Será que AJ sabia? Que ela não tinha dinheiro para gastar em jogos de azar?

Sem querer chamar a atenção para a conversa constrangedora entre eles, levantei-me e caminhei em direção a uma mesa repleta de fichas de pôquer. Várias pessoas me seguiram, incluindo AJ, Federico e Julia, cujas expressões de tédio desapareceram agora que havia dinheiro em jogo. Ou talvez o que os atraísse fosse a competição, a chance de derrotar e constranger os colegas.

“O jogo é Hold’em”, eu disse, embaralhando as cartas. “Todo mundo sabe jogar?”

Todos acenam com a cabeça em concordância.

“Ótimo. Qual é o limite?”, perguntei.

AJ me lançou um olhar irônico. "Sem limites."

Dei de ombros e coloquei as cartas na mesa. "Façam como quiserem. A aposta inicial é de cinquenta." Continuei explicando os blinds, os potes paralelos e as demais regras. "Todos concordam?"

Eles fizeram isso e as fichas foram divididas.

Feddy (como seus amigos o chamavam) franziu a testa quando eu não aceitei nenhum. "Você não está brincando?"

“Não seria justo.”

Tommy, o homem corpulento de cabelos loiros à minha frente, fez um ruído de desagrado. "O que isso quer dizer?"

Inclinei a cabeça na direção de Stella, que observava do sofá. "Ainda estou tentando causar uma boa impressão. Envergonhar as antigas amigas dela seria contraproducente."

As pessoas que estavam por perto reagiram exatamente como eu esperava, principalmente com irritação e incredulidade. Afinal, quem era eu para dizer não para essas pessoas?

Tommy bateu na mesa. "Nós damos conta disso."

Tentei recusar novamente, mas eles caíram direitinho na minha armadilha, praticamente me desafiando a aceitar o dinheiro deles.

“Stella?” eu disse. “Você poderia vir negociar para nós?”

Ela me encarou por meio segundo, com cautela no olhar, antes de se levantar. Sim, ela havia concordado em me ajudar, mas era óbvio que ainda estava se adaptando ao seu papel. "Tudo bem."

Uma hora depois, Tommy estava à beira de um colapso. Ele havia decidido apostar tudo comigo pela segunda vez e agora só lhe restavam míseras fichas.

"Você está trapaceando", declarou ele, atirando a mão perdedora em direção a Stella.

A acusação me consumiu a raiva, mas fiz o possível para reprimi-la. As regras do jogo eram sagradas para mim. Eu jamais cometeria o sacrilégio de trapacear.

"Tommy", disse AJ, com um leve tom de desagrado na voz.

Tommy recostou-se na cadeira. "Diga-me que você não concorda", disse ele, olhando ao redor da mesa.

Ninguém mordeu a isca, mas ninguém se apresentou para me defender também.

"Você simplesmente não sabe jogar pôquer", eu disse a ele.

"Vai se foder", ele retrucou. Nossa, que irritadiço.

“Você bate levemente no verso das cartas”, eu disse. “Quando tiver uma mão decente, apenas uma ou duas vezes com o dedo indicador direito

enquanto as segura. Quando tiver uma mão ruim, você acena com a cabeça e sorri, tentando despistar todo mundo. E quando tiver uma mão excelente, você fica quase completamente imóvel para não revelar nada.”

"Como isso não é trapaça?", disse ele, elevando o tom de voz.

Julia fez uma careta. "Porque ele só está prestando atenção?"

"Bobagem", Tommy cuspiu as palavras, e agora eu estava realmente começando a ficar bravo.

"Calma aí", disse AJ, virando a cabeça para olhar para Tommy com um ar de irritação discreta.

O homem maior fez um gesto na minha direção. "Quem diabos é esse cara?"

Stella bateu com a mão na mesa. "Meu namorado, seu cheirador de cueca."

Julia e eu reprimimos o riso de surpresa, o que só pareceu enfurecê-lo ainda mais.

“Vai se foder!”

"Nem mesmo com a vagina de outra pessoa", respondeu Stella.

Ao lado dela, Julia gargalhou.

Tommy tentou virar a mesa, mas era óbvio que alguém previdente a tinha fixado no chão, então ele acabou parecendo uma criança fazendo birra. Mesmo assim, o movimento foi suficiente para fazer bebidas e fichas de pôquer voarem pelos ares, e vozes altas e raivosas ecoaram pela sala enquanto todos se apressavam para não se molharem.

Tommy apontou para Stella. "Eu não estava oferecendo nada, sua vadia desgraçada."

Fiquei completamente imóvel, imaginando se nocauteá-lo me denunciaria como uma intrusa.

A voz de AJ cortou a sala como uma faca. "Você está começando a me entediar, Thomas. Por que você não faz um favor a todos e vai embora?"

Entrei na frente de Stella, esperando que o cara de cueca esportiva protestasse ou lhe desse um soco, mas as palavras de AJ tiveram um efeito apaziguador sobre ele. Com o rosto vermelho de raiva e frustração, Tommy saiu furioso do quarto sem dizer mais nada.

Meu olhar voltou para AJ. Aquela não era a casa dele. Ele não deveria ter nenhuma autoridade ali, e ainda assim tinha. Por quê? Porque a família dele era a mais rica? Era só isso que bastava para estabelecer hierarquia

entre esses riquinhos mimados? Eu não tinha conseguido encontrar muita coisa comprometedora sobre ele, então ou os pais dele tinham enterrado os corpos mais fundo do que a maioria, ou não havia nada para encontrar. Agora que eu sabia que Stella tinha uma queda por ele, eu estava ainda mais curiosa para descobrir qual das duas opções era a correta.

Eu a abracei forte, emoldurando seu rosto com as minhas mãos. "Você está bem?"

Ela assentiu com a cabeça. "Estou bem. O Tommy sempre foi um idiota, desde que o conheço, então isso não é novidade."

Dei um beijo na testa dela, sabendo que ela provavelmente odiaria. "Acho que agora é a nossa deixa para ir embora."

“E o jogo?”, perguntou Feddy. “Estamos te devendo uma.”

Soltei Stella. "Vamos concordar em ficar quites."

Ele me observou por um segundo antes de assentir com a cabeça.

Nos despedimos e, na saída, Feddy nos alcançou.

“Você é ele, não é?”, disse ele, em voz baixa.

Stella, a péssima atriz que era, ergueu o olhar bruscamente para mim. Mantive minha expressão impassível. Eu sabia que havia o risco de ser reconhecida — as notícias se espalhavam nesta cidade, não importava o quanto você ameaçasse as pessoas para que ficassem de boca fechada.

"Quem?", perguntei.

Feddy deu um passo furtivo para mais perto, e eu tive que reconhecer sua discrição. "O cara que dá as festas clandestinas. Meu primo Grant foi na última." Seus olhos se voltaram para Stella. "Com Blake."

"Não faço ideia do que você está falando", protestei, anotando mentalmente que deveria enviar alguns capangas para dar uma lição em Grant sobre os perigos de falar demais.

Os olhos de Feddy brilhavam com uma animação inabalável. "Quando é a próxima?"

“O próximo quê?”

“Vamos lá”, disse ele. “Eu aguento.”

Fiz questão de observá-lo atentamente. "Você consegue?"

Ele assentiu enfaticamente. "Sim."

“Que bom saber.” Coloquei a mão na parte inferior das costas de Stella e a empurrei na direção da porta. “Tenha uma boa noite.”

Sem olhar para trás, partimos.

“O que você está aprontando?” perguntou Stella do lado de fora. “Você não fez um único convite e eu acabei de ver você rejeitar o Feddy. Não caia nessa conversa fiada de amiguinho dele. Ele não é uma boa pessoa. Ele humilhou um garoto no colégio interno a ponto de ele se suicidar.”

Ah, eu sabia muito bem. "Não é assim que funciona. Eu só envio os convites uma hora antes da festa. E acabei de conhecer essas pessoas; preciso de mais algumas interações antes de me decidir. Por mais que eu adoraria estragar tudo, discrição é fundamental."

“O Feddy que fique de boca fechada”, ela interrompeu.

Balancei a cabeça negativamente. "Não, ele não pode. Garanto que ele está lá em cima agora mesmo contando tudo para a Julia sobre meus trabalhos ilícitos."

Ela fez uma careta. "Ele não faria isso. Eles não se suportam."

“Eles estão transando”, eu disse a ela.

"Não."

"Sim."

"Não."

Ótimo, voltamos a isso. "Stella, eu tenho fotos para provar."

Ela fez uma careta de nojo. "Eles são primos de segundo grau."

“E isso te surpreende? Os ricos praticam endogamia desde tempos imemoriais.”

Ela parecia tão enjoada que não conseguiu responder, o que foi bom, porque já estávamos quase chegando ao serviço de manobrista. Lembrando da minha promessa anterior, peguei minha carteira e dei uma gorjeta de cem dólares para cada um deles quando chegamos lá.

“O Classe S”, eu disse, lembrando-os em qual carro tínhamos chegado.

Enquanto um garoto, quase adolescente, saía correndo na escuridão, eu passei meu braço pelos ombros de Stella e a puxei para longe. "Recusei o Feddy porque sabia que ele contaria para a Julia."

“Quem realmente consegue guardar um segredo?”

Assenti com a cabeça. "E também odeia ouvir não. Quando os virmos de novo, ambos estarão desesperados por um convite, e eu estarei em melhor posição para ameaçá-los e fazê-los calar a boca."

Stella fez um som pensativo que me deu a impressão de que ela finalmente estava entendendo. "Acho que você não vai precisar ir tão longe. Ter acesso exclusivo pode ser suficiente para mantê-los quietos."

“Talvez, mas não vou arriscar. Já há riscos mais do que suficientes envolvidos.”

O carro deu a volta e agradecemos ao manobrista. Abri a porta do Stella antes de ir para o lado do motorista. Uma noite concluída. Inúmeras outras pela frente.

"Quando é a próxima festa?", perguntei quando já estávamos a alguns quilômetros de distância.

“Depende”, disse Stella. “A temporada de verão está a todo vapor, então há muitas opções. Você prefere um banquete, um baile, uma festa ou uma recepção?”

"O que for melhor para a sua agenda", eu disse, distraído. Não havia iluminação pública tão longe da cidade e a estrada era sinuosa pra caramba.

“Então, que seja uma festa. Libere seus planos para quarta-feira.”

18

STELLA

Já haviam se passado mais de duas semanas desde a celebração do aniversário de morte de Cordélia, e eu estava me apressando para me arrumar para os meus planos de sábado com Theo. Ele apareceria às seis, e eu não queria ouvir nenhum comentário maldoso que ele faria se eu o fizesse esperar.

Até então, tínhamos ido juntos a mais três eventos: uma festa, um coquetel à tarde e uma recepção (onde Feddy e Julia o encurralaram exigindo um convite). Em cada um deles, Theo adquiria novos alvos, escolhendo suas vítimas da lista de nomes que eu havia fornecido. Tínhamos entrado numa rotina, ele e eu, sorrindo e fingindo flertar, mas, em voz baixa, era uma constante troca de farpas e insultos que, de vez em quando, se tornavam perturbadoramente sexuais.

"Trégua", um de nós dizia pouco antes da coisa ir longe demais, e aquilo tinha se tornado nossa versãozinha de acenar a bandeira branca da rendição. Fui obrigada a dizer isso três noites atrás, quando ele me deixou em casa depois da recepção. Ele fez uma insinuação grosseira, eu disse que ele me deixava mais seca que o Saara, ele retrucou: "Isso explica toda essa areia maldita no meu carro", e então eu fiz a pior coisa de todas: ri. Muito.

Nem era tão engraçado assim, mas entre trabalhar longas horas, passar tanto tempo perto de pessoas que eu detestava e não dormir porque minha crise persistente me mantinha acordada até as 3 da manhã todos os dias, eu tinha ficado completamente descontrolada. Theo franziu a testa, parecendo um pouco preocupado, e eu soltei um "Trégua!" e saí correndo para a loja.

"Doce? Doce, doce?" Amos gritou da sala de estar, me trazendo de volta à realidade.

“Você já tomou três hoje”, eu lhe disse.

Um baque surdo, seguido do mais triste "Oh, não" que eu já ouvi.

Entrei na sala de estar e o vi empoleirado no encosto de um banquinho da cozinha, olhando fixamente para seu pedaço de madeira balsa favorito, todo mastigado.

"Ajuda."

Peguei o graveto dele e devolvi, algo que eu fazia umas vinte vezes por dia quando ele estava fora da gaiola.

Ele piou e se inclinou em direção à minha mão. "Que passarinho bonito!"

Eu lhe fiz exatamente duas carícias e meia na cabeça — tudo o que ele permitiu. "Sim, você é muito bonita."

"Eu te amoooo", ele murmurou em tom cantado.

“Também te amo, Amos.”

“Amos, Amos, vadia dos petiscos. Guloseima?”

“Talvez mais tarde”, eu lhe disse.

Ele voou para seu poleiro favorito no meio da sua selva, mantendo um fluxo constante de tagarelice insípida que se tornara uma espécie de ruído branco para mim, e eu o deixei se divertir até que Theo mandou uma mensagem dizendo que estava esperando lá fora. Coloquei Amos de volta em seu recinto, peguei minha bolsa e mandei um beijo para ele enquanto trancava a porta.

"Que bom", disse Theo arrastando as palavras enquanto eu entrava no banco do passageiro.

Optei por ignorar o apelido porque percebi que reagir a ele lhe proporcionava algum tipo de prazer doentio.

“Esse terno me parece familiar”, eu disse. O de hoje era preto, mas reconheci o tecido e o corte. “O que você fez, comprou o que eu recomendei em todas as cores?”

Seu maxilar se contraiu em sinal de irritação.

"Ah, você fez isso, não fez?", brinquei enquanto ele saía da calçada.

"Eu teria escolhido diferente se soubesse que nossas roupas seriam tão combinando."

Meus olhos percorreram seu corpo. Ele usava uma camisa preta por baixo do paletó, abraçando completamente o visual monocromático, e, para meu incômodo, funcionava para ele, tornando os traços marcantes de seu rosto ainda mais evidentes.

Eu estava usando um vestido preto justo que peguei emprestado do guarda-roupa da minha mãe. Não era meu estilo habitual, mas servia. De seda, finíssimo, sem costas. Graças a Deus eu tinha seios pequenos e conseguia usá-lo apenas com uma calcinha fio dental e adesivos de mamilo por baixo.

“Pelo menos são da mesma tonalidade”, eu disse.

Ele baixou a voz. "Negra como a sua alma."

“Você não tem graça.”

“Diga isso para a risada estridente da bruxa que você soltou da última vez que esteve no meu carro.” Ele me lançou um olhar perturbado. “Tenho ouvido isso nos meus pesadelos.”

“Foi uma risada de pena.”

“Ah, é? Tipo aquele orgasmo de pena que você me implorou para te dar?”

“Não fiz isso. Foi você quem implorou por isso, pervertido.”

"O que?"

Droga. Blake não estava falando comigo — ele ainda estava bravo por eu ter assumido a dívida dele — e eu não tinha tido a chance de contar a ele sobre minha nova palavra favorita de mãe, então é claro que eu fui lá e contei para outra pessoa.

“Nada”, eu disse.

“É assim que Georgie pronuncia?”

Virei a cabeça bruscamente na direção de Theo, imaginando como ele tinha adivinhado.

Ele deu de ombros. "Você a imita razoavelmente bem."

Meu Deus, isso foi um elogio? Tentei colocar a mão na testa dele, mas ele me afastou com tanta força que acabei socando o teto como um homem de meia-idade em um jogo de futebol.

Colidiu com um estrondo!

"Ai", gemi, aconchegando-a contra o peito. Pelo menos não foi a mão com a qual fiz a tatuagem.

“Que porra você estava fazendo?”

"Tentando verificar se você tinha febre, seu idiota. Imaginei que você devia estar delirando se estava sendo gentil comigo."

“Por favor. Isso foi, no mínimo, neutro.”

“Meu Deus, você é uma verdadeira megera.”

Nem preciso dizer que o resto da viagem não correu bem, e quando finalmente paramos em frente a um dos edifícios mais antigos e imponentes da cidade, estávamos praticamente nos encarando com hostilidade.

Theo saiu primeiro, jogando as chaves para um manobrista e subindo os imponentes degraus da entrada antes de mim. Ele não deve ter percebido que eu estava para trás, porque parou perto do topo e me lançou um olhar irritado. "Você vem?"

“Não, eu só estou respirando com dificuldade.”

Um casal que estava por perto soltou um suspiro de espanto.

O manobrista atrás de mim soltou uma gargalhada ofegante.

Theo fechou os olhos e apertou o nariz, e eu decidi levar o meu tempo para chegar até ele, porque ele parecia mais nervoso do que o normal.

Um mordomo segurou a porta para nós e entramos rapidamente.

Theo franziu a testa, olhando para mim. "Por que você está tão baixinha hoje?"

"Na quarta-feira, ganhei uma bolha por causa daqueles saltos, então estou usando sapatilhas. E tenho 1,80m. Isso é o oposto de baixa."

Ele olhou em volta, por cima da minha cabeça, como se eu não estivesse ali. "Desculpe, quem está falando? Não consigo te ver."

“Como é que você ainda não foi desmembrado por alguém?”

"Hã?" disse um cara. "Bem-vindo?"

Ah. Chegamos até a pessoa que nos recepcionou.

Theo disse-lhe os nossos nomes e, juntos, juntámo-nos à festa.

19

Tyler

O evento social desta noite foi muito parecido com o último, e com o anterior a esse, e com o anterior a esse. Stella havia me avisado que todos seguiam a mesma sequência básica de eventos — jantar, dança, doações — mas eu não havia previsto o quão rápido eles começariam a se misturar. Roupas elegantes, decoração reluzente, conversas insuportavelmente tediosas. Quando não eram irritantes. Durante o coquetel, ouvi dois homens discutindo seus planos para o apocalipse em voz baixa. Um disse que havia comprado coleiras de choque para controlar seus guardas. O outro planejava fugir para seu bunker particular, cercado por minas terrestres para manter intrusos afastados.

Isso reforçou minha convicção de que bilionários eram comida, não amigos.

Pelo menos Richard não estava nessa festa.

No entanto, vi muitos outros rostos meio familiares.

"As pessoas não se cansam de ver sempre os mesmos idiotas?", sussurrei para Stella durante o jantar.

“Não. Eles estão muito ocupados tentando superar um ao outro.”

Levantei o olhar para o cômodo ao nosso redor, ainda assimilando o fato de que aquilo era uma casa e não um museu. Mais especificamente, a casa da família de AJ, onde ele havia crescido. Seus pais eram os anfitriões do evento daquela noite, embora eu só os tivesse visto rapidamente em meio à multidão.

Voltei a me concentrar no meu prato. Uma parte de mim esperava que esse mundo ultraexclusivo servisse de inspiração para as minhas próprias festas, mas todos estavam presos ao passado, a ponto de me provocarem apenas um bocejo. Eu poderia ter organizado esse evento dormindo. Talheres de prata, porcelana branca, arranjos de flores no centro das mesas. Claro, tudo foi feito com perfeição, mas no fim das contas, era tudo tão... sem graça. Não é à toa que Stella procurou uma forma de se desligar.

Esse pensamento me fez parar abruptamente. Será que eu estava realmente sentindo empatia por ela?

Não. Absolutamente não.

Ao meu lado, ela pegou a outra metade do sanduíche e deu uma

mordida tímida. Não era só banana e manteiga de amendoim esta noite. Ela também tinha uma porção de purê de maçã sem açúcar para acompanhar. Um verdadeiro banquete.

Abri a boca para perguntar se isso significava que ela estava se sentindo melhor, mas não queria parecer que realmente me importava. Porque eu não me importava.

Em vez disso, voltei a saborear minha deliciosa comida. Isso era uma coisa que eu tinha que admitir sobre os ricos: seus chefs eram melhores que os meus. Hum. Talvez eu pudesse encontrar um restaurateur com estrela Michelin, mas com um passado duvidoso, e convencê-lo a trabalhar na minha próxima festa. Ainda havia tempo. Os túneis precisaram de mais trabalho do que eu imaginava, o que atrasou a data prevista em alguns dias. Não que eu fosse rígido quanto à frequência dos meus eventos. Às vezes, era a cada quatro semanas, outras vezes com muito mais frequência; tudo dependia do local. Essa imprevisibilidade era parte do que deixava as pessoas tão ansiosas para participar.

Após o jantar, permanecemos no deslumbrante salão de baile, presos a um leilão de noventa minutos. Havia uma impressionante variedade de itens de luxo e viagens, com algumas pinturas antigas para completar o cenário. Levantei a mão algumas vezes, ganhando um par de abotoaduras de diamantes de cinco mil dólares, mas perdendo o resto. Era tudo para inglês ver, para provar que eu tinha dinheiro para gastar.

Os apresentadores agradeceram ao público no final, e o palco foi liberado para dar lugar a uma banda de doze integrantes. Duas mesas adiante, AJ estava sentado bem à minha frente, ainda mais bonito do que eu me lembrava. Ele me olhou e discretamente inclinou a cabeça em direção a uma porta lateral.

Assenti com a cabeça e me inclinei na direção de Stella. "Estamos sendo chamadas para outro lugar."

“Ótimo. Estou tão entediado que poderia dormir.”

Dei um beijo no ombro nu dela. Só para irritá-la.

Ela deu um puxão repentino e me acertou na boca.

Eu a lambi.

"Eca!"

Todas as cabeças à mesa se viraram em nossa direção.

"Desculpe, achei que tinha visto um inseto", disse ela.

Endireitei-me, com os lábios tremendo. Sua expressão prometia vingança.

Ao nosso redor, os participantes mais jovens começaram a sair pelas portas laterais, um a um, para não chamar a atenção para sua partida. Stella e eu permanecemos onde estávamos, aguardando nossa vez.

Phil estava sentado do meu outro lado e se virou para mim durante uma pausa na conversa. "Vocês dois pretendem começar a dançar de novo?"

"Só se formos obrigados sob a mira de uma arma", respondeu Stella.

Phil deu um tapinha nos bolsos do casaco. "Eu sei que tenho aquela Ruger por aqui em algum lugar."

Georgie, do outro lado, colocou uma mão no braço dele, tentando contê-lo. "Querido, deixe-os fumar maconha com os amigos em paz", disse ela, mas com seu sotaque, pronunciou "maconha".

Lancei um olhar furtivo para Stella, cuja expressão era cuidadosamente neutra. "Não fumo maconha desde o ensino médio."

O pai dela assentiu com ar sábio. "As crianças de hoje em dia comem isso."

Georgie revirou os olhos. "Como se não fôssemos nós que inventássemos a ideia de assá-lo em brownies?"

“Eles acertaram nas balas de goma”, disse Phil para ela, olhando para Stella em busca de confirmação.

"Sim, nós os atingimos", disse ela, e embora quase não houvesse inflexão em seu tom de voz, eu percebi que ela estava se segurando para não rir por causa do brilho em seus olhos.

Poucos minutos depois, chegou a nossa vez de seguir os outros, e nos levantamos de nossos assentos.

“Com licença”, disse Stella. “Acho que vamos ver se o AJ tem alguma coisa para a gente jogar.”

Georgie deu um sorriso irônico, reconhecendo o troll pelo que ele era. Quando passei por sua cadeira, ela agarrou meu braço. "Você vai ter cuidado?" Seus olhos se voltaram para Stella, que se afastava. "Carga preciosa e tudo mais."

"Nada de maconha para mim", eu disse a ela.

Ela beliscou meu braço de forma carinhosa e me soltou, e eu sorri enquanto me afastava. Por dentro, não senti nada. Essa rara demonstração de afeto materno não foi suficiente para me fazer mudar de ideia sobre ela.

■ ■ ■

Nas primeiras horas da manhã, a festa começava a se dissipar, tanto no andar de cima quanto aqui, na área da piscina no subsolo. Observei o ambiente com o olhar. Parecia algo saído da Roma antiga. Pilares de pedra rústica, teto com estuque veneziano, iluminação suave que imitava velas e tochas. No centro do espaço cavernoso, ficava a própria piscina, com um pequeno bar aquático. Um rio artificial serpenteava ao redor, repleto de pessoas flutuando em boias — a maioria nua, pois ninguém havia trazido traje de banho. A água era azul-turquesa, refletindo os azulejos, e eu tinha que admitir, fiquei um pouco tentado. A jogar Stella lá dentro.

Olhei para a direita, onde ela e AJ estavam sentados num banco de pedra esculpido num nicho. Ele estava encolhido, com um ar indolente, os lábios carnudos curvados num sorriso divertido com o que quer que Stella estivesse dizendo. Eles estavam ali havia meia hora, e eu já estava quase pronto para interromper o reencontro deles. Principalmente porque Stella parecia tão despreocupada com o fato de haver uma mulher seminua agarrada ao meu braço.

“Com licença”, eu disse, me desvencilhando do aperto da mulher.

Ela emitiu um som baixo e petulante e tentou me alcançar novamente.

Desviei-me dela. "Não se desespere."

Alguém por perto deu um suspiro de espanto. Outro soltou uma risadinha.

A mulher, uma das inúmeras herdeiras loiras tingidas de branco presentes na sala, lançou-me um olhar fulminante e saiu pisando duro. Que bom que se foi.

Fui direto na direção de Stella, que me olhou com uma expressão interrogativa, como se tivesse perdido toda aquela conversa. Como se tivesse se esquecido completamente de mim.

Uma leve onda de antagonismo me atravessou. Porque, de jeito nenhum.

Peguei a bebida intocada da mão dela e coloquei na mesa próxima antes de pegá-la no colo. Ela deu um gritinho de surpresa, mas antes que pudesse se soltar, sentei-me onde ela estava, acomodando-a no meu colo de um jeito que a obrigou a me abraçar pelo pescoço para se equilibrar.

Pronto, muito melhor.

AJ arqueou uma sobrancelha, parecendo divertido. "Planejando usá-la

como escudo humano?"

Ah, então ele tinha visto o que aconteceu. "Sim. Todo mundo tomou ecstasy antes de chegarmos aqui? Já recebi propostas indecentes de umas seis pessoas diferentes."

AJ e Stella trocaram um olhar, e ele riu. "Não."

Lancei-lhe um olhar vazio.

“Você é carne fresca. E você é gostosa. Eles não precisam estar drogados para querer transar com você.”

"Ai, meu Deus, não faça isso", disse Stella. "O ego dele não precisa de mais estímulo."

"Seja legal", eu disse, dando um tapa na bunda dela. "Ele pode começar a achar que você não gosta de mim."

"Ha!" disse AJ, jogando a cabeça para trás. "Nem pensar. Fingir que te ignora? Só olhar para você quando estiver distraído e não perceber? Essa mulher é obcecada."

Stella ficou tão rígida que quase caiu do meu colo. "Não estou."

Eu jamais deixaria ela esquecer isso.

“Ah, qual é, meu bem”, eu disse, inclinando-me para trás o suficiente para olhá-la. “Não tem problema admitir seus sentimentos na frente de um velho amigo. Vai em frente. Diga a ele o quanto você me ama.”

"Solzinho", disse AJ, rindo ainda mais.

Os braços de Stella apertaram meu pescoço e, em seguida, seus lábios estavam perto da minha orelha. "Vou colocar vidro na sua comida."

Recuei um pouco, com um sorriso irônico. "Confirmado. Ela me ama."

Ela começou a responder, e pela expressão no rosto dela, eu sabia que não seria nada agradável, então a puxei para um beijo — rápido, forte, que terminou antes mesmo que o choque pudesse se registrar em seu rosto.

Os olhos de AJ se fixaram na minha boca quando me afastei. "Aqui", disse ele, inclinando-se para a frente. Sua mão subiu para acariciar meu queixo, o polegar pressionando meu lábio inferior e puxando-o para o lado. "O batom dela borrou." Ele o alisou para o outro lado, os olhos verdes brilhando intensamente sob a luz bruxuleante.

Stella permaneceu completamente imóvel em meus braços. Eu nem sequer pensei que ela estivesse respirando.

"São sempre só vocês dois?", perguntou AJ, desviando o olhar de mim para Stella.

"Por quê?", perguntei, com um tom áspero na voz. "Você está se oferecendo para participar?"

Lentamente, seus olhos voltaram a encontrar os meus. "E se eu for?"

20

STELLA

"Não estamos falando sério", sussurrei.

Theo e eu estávamos no meio do quarto de infância do AJ enquanto ele se arrumava no banheiro. A qualquer momento, ele voltaria, esperando um encontro casual entre mim e meu namorado, e eu estava começando a entrar em pânico.

Theo ergueu as sobrancelhas. "Você vai ser a pessoa a dizer a ele que mudou de ideia?"

“Não.” Cutuquei-o no peito. “Você é. Foi você quem começou tudo isso.”

“E você concordou com isso.”

"Porque eu não pensei que chegaria a esse ponto!" sussurrei, quase gritando.

“Então faça isso”, disse ele, com uma expressão desafiadora. “Recue. Jogue a toalha e admita a derrota.”

Dei um passo para trás, a suspeita me invadindo. Era isso que ele queria? Uma saída sem ter que ser eu a tomar a iniciativa? Ou era apenas mais um jogo? Uma tentativa de ver até onde ele podia me levar antes que eu cedesse?

Minha espinha enrijeceu em uma recusa obstinada. De repente, todas as nossas discussões, todas as nossas microagressões e brigas pareciam ter levado a este momento. Eu cedi muitas vezes e, mesmo depois da nossa trégua, ele ainda ditava todas as regras, tomava todas as decisões e controlava quase todos os aspectos das nossas interações. Claro, eu resistia quando podia, mas Theo sempre conseguia o que queria no final.

Bom, dessa vez não. Aqui, tínhamos uma plateia, o que tornava impossível para ele me coagir ou intimidar. Então sim, eu ia aceitar, pelo tempo que fosse necessário, porque de jeito nenhum eu ia ceder primeiro.

Ouvi o som de uma maçaneta girando e me joguei nos braços de Theo. Ele automaticamente me envolveu com os braços, os olhos arregalados enquanto eu segurava seu rosto e puxava seus lábios para baixo, unindo nossas bocas por um breve instante antes de me afastar e fingir estar sem fôlego.

"Vão começar sem mim?", disse AJ.

Lancei um sorriso malicioso para Theo antes de me virar em seus braços. "Você pode nos culpar?"

AJ balançou a cabeça. "Não."

Eu me encostei no peito de Theo e—puta merda. O pau dele. Completamente ereto. Pressionando contra a minha lombar. Há quanto tempo ele estava duro?

“Vem cá”, disse Theo, com a voz ficando mais rouca enquanto estendia a mão em direção a AJ. “Quero ver sua boca na dela.”

Legal, legal, legal. Isso foi ótimo. Eu poderia ficar com o AJ na frente do Theo tranquilamente.

AJ caminhou em nossa direção, passos firmes, tão bonito quanto eu me lembrava: da minha altura, esguio, porém musculoso, com um rosto expressivo e lindos cabelos cacheados. Sua pele estava bronzeada, num tom levemente dourado, sinal das férias recentes sobre as quais ele me contava à beira da piscina antes de Theo nos interromper.

AJ e eu tivemos um relacionamento intermitente durante a adolescência e o início da vida adulta, não porque tivéssemos um relacionamento tumultuado, mas porque sempre nos demos tão bem que, quando nenhum de nós estava namorando (e às vezes até quando estávamos), acabávamos juntos no final de uma festa, conversando a noite toda, antes de a coisa toda se transformar em algo mais.

Ele era uma das poucas pessoas decentes neste mundo, o que era incrível considerando que sua família tinha mais riqueza do que algumas nações. Reencontrá-lo depois de tanto tempo tinha sido... bom. Mesmo quando ele me repreendeu gentilmente por tê-lo ignorado, como fiz com todos os outros, depois do acidente de carro. Eu me desculpei, e ele aceitou graciosamente, como o cavalheiro que era, perguntando como eu estava, admirando minhas novas tatuagens e querendo ver mais exemplos do meu trabalho. Naquele momento, percebi o quanto eu havia sentido falta dele.

Ele se aproximou de mim sem hesitar, envolvendo minha cintura com os braços e deslizando as mãos pelas costas abertas do meu vestido. O sorriso que lançou a Theo por cima do meu ombro era torto e cheio de promessas enquanto se inclinava para beijar meu pescoço, prendendo os braços de Theo entre nós. Foi mais fácil relaxar em seus braços do que eu imaginava, mas, bem, eu já tinha dormido com AJ tantas vezes que perdi a conta. Embora tivesse passado algum tempo, meu corpo ainda reconhecia a

maciez de seus lábios, a sensação de seus dedos acariciando minha pele.

Uma onda de calor se acumulou em meu ventre com a expectativa do prazer. AJ era altruísta na cama, insistindo em me fazer gozar pelo menos duas vezes antes de se permitir chegar ao orgasmo, e eu queria aquilo agora. Porque Theo estava certo em uma coisa: fazia muito tempo que eu não fazia isso com alguém, especialmente alguém de quem eu gostava e respeitava. Talvez depois que Theo desistisse, eu pudesse trancá-lo para fora do quarto, e AJ e eu poderíamos terminar o que tínhamos começado.

Um dos braços de Theo escapou, e eu pensei que certamente aquele seria o momento em que ele se imporia, mas, em vez disso, ele afastou meu cabelo do caminho de AJ. Na esperança de testar sua coragem, movi meus quadris para trás, bem em direção à sua ereção pulsante.

Vamos lá, pensei, esfregando minha bunda para frente e para trás no pau dele. Sou eu. A mulher que você odeia. Você não quer mesmo fazer isso, quer?

Em resposta, ele agarrou minha cintura e se esfregou em mim, me lembrando quem ele era. O homem que eu odiava, que agora se inclinava e beijava o outro lado do meu pescoço.

"Hummm," murmurei, mesmo enquanto lutava contra uma onda de pânico. "Isso é tão bom."

A verdade horrível é que realmente aconteceu.

"Você sabe sobre a mancha bem atrás da orelha dela?", Theo murmurou contra minha pele, seus lábios se movendo para cima.

“Sim, eu aceito”, disse AJ.

Espere um segundo. Como Theo sabia disso?

Meus pensamentos voltaram àquele momento em que estávamos juntos encostados no carro dele, em frente à casa dos meus pais. A forma como meu corpo me traiu, estremecendo quando seus lábios roçaram aquela região.

Puxa vida, o homem era realmente um gênio em ler as pessoas.

Uma de suas mãos grandes começou a deslizar para cima em direção aos meus seios.

Será que eu ia mesmo deixar esse homem me apalpar?

Sim, sua vadia! respondeu meu alter ego safado.

Ou pelo menos era o que eu tentava me convencer. Mas a triste verdade era... eu não tinha uma. Aquela voz idiota era eu, não alguma personalidade

estranha e fragmentada. Era a parte de mim que eu não queria admitir que ainda existia. A parte de mim que gostava de coisas perigosas. Que ansiava pela emoção delas. Que estava desesperada para desligar o cérebro, parar de pensar demais de uma vez por todas e simplesmente sentir.

Eu vinha lutando contra isso desde a noite em que Theo entrou na minha vida, preocupada que, se eu libertasse essa parte de mim, correria o risco de voltar a ser a pessoa que eu costumava ser, mas... e se eu estivesse errada? E se não houvesse problema em ser um pouco imprudente de vez em quando? Eu tinha que ser tão rigorosa com cada alimento que comia, com todos os líquidos que bebia. Eu era religiosa quanto a tomar meus remédios, monitorava constantemente meu estresse e ansiedade porque tinha muito medo de que, se eles saíssem do controle, desencadeassem uma crise.

E eu estava cansado disso.

Estou exausto pra caramba.

Pela primeira vez, quis fingir que nada tinha mudado. Que nada de ruim jamais tinha acontecido e que nunca aconteceria. Que eu ainda era jovem, ainda saudável. Que aquilo era como qualquer outra festa, e que eu e AJ tínhamos tido a sorte de encontrar uma terceira pessoa disposta a se juntar a nós.

E talvez isso tenha sido egoísta e errado, mas não mudou o fato de que eu estava desesperada para que alguém aliviasse essa dor e me fizesse sentir bem por um tempinho.

Então, sim, eu estava fazendo isso, e não apenas para ganhar algum joguinho idiota com o Theo, mas porque eu queria, simples assim. Eu queria tirar meu vestido. Tocar em alguém, deixar que me tocassem, me vissem, vissem o quanto essa maldita doença tinha tirado do meu corpo e me dissessem que ainda me queriam mesmo assim.

Fechei os olhos, lutando contra uma onda de lágrimas, e estendi a mão por entre os homens para levantar meu vestido. Só consegui levantá-lo até a metade antes que ele se prendesse nas mãos de Theo. Num movimento que me surpreendeu, ele juntou a barra e puxou o vestido completamente, dando um passo para trás para que eu pudesse erguer os braços acima da cabeça.

O olhar de AJ me devorou com avidez, sem qualquer sinal de hesitação ou preocupação com o quão magra eu havia ficado, apenas desejo, aberto e honesto para que eu visse. Emoldurei seu rosto com as mãos, sorrindo em

silenciosa gratidão, e comecei a puxá-lo para perto.

“Ah, espere”, disse ele, tirando algo do bolso do paletó. Com um gesto rápido, tirou um lenço demaquilante. “Para o seu batom”, disse. Então sorriu, olhando para Theo por cima do meu ombro. “A menos que você não se importe?”

Theo soltou um murmúrio baixo de divertimento, tão perto que senti sua respiração percorrer minhas costas. "Da última vez que não tiramos, parecia que um palhaço deprimido tinha pintado nossos rostos."

AJ deu uma risadinha, voltando a me encarar. "Aqui", disse ele, inclinando meu rosto em direção à luz. Seus olhos se fixaram na minha boca e ele começou a limpar meus lábios com movimentos suaves. "Você quer que ele tire isso ou prefere que você mesma faça?", perguntou, inclinando a cabeça em direção aos adesivos que cobriam meus mamilos.

"Eu farei isso", disse Theo.

Quase tapei meus seios com as mãos em autodefesa. Porque não havia a menor chance de ele ser delicado. Conhecendo-o, ele provavelmente os arrancaria como se fossem Band-Aids.

"Eu consigo", assegurei-lhe, começando a estender a mão às cegas para pegá-los enquanto AJ terminava de limpar minha boca.

Theo afastou minhas mãos com um tapa e, em seguida, seus dedos encontraram a borda do meu adesivo de mamilo. Me preparei para o pior, e ele parou ali, prolongando meu terror como o sádico que era. Mas então, um cabelo loiro apareceu no meu campo de visão periférico, e senti um beijo em meu ombro, enquanto sua outra mão, quente e grande, acariciava minhas costelas antes de deslizar pela minha barriga e me puxar para perto dele. Eu odiava admitir, mas nos encaixávamos perfeitamente, suas coxas grossas emoldurando as minhas, seu corpo formando uma gaiola ao meu redor, como se ele pudesse usar seu tamanho para me proteger do mundo. Pena que era dele que eu precisava ser salva.

"Relaxe", disse ele, beijando meu pescoço até chegar perto do meu. "Serei delicado."

AJ jogou o removedor de maquiagem por cima do ombro. "A menos que você não queira que ele fique assim."

“Não dê ideias a ele”, eu disse, agarrando a jaqueta de AJ com os dedos e puxando-o para a frente.

Nossos lábios se encontraram, abrindo-se imediatamente para acolher

um ao outro. Estava tão distraída com o beijo que mal senti o puxão no meu seio quando Theo tirou o adesivo. Senti-o passar os dedos sobre o piercing no meu mamilo logo em seguida e, caramba, foi bom demais. Um puxão veio do meu outro seio, e então meu peito ficou completamente exposto, as mãos enormes de Theo me envolvendo e massageando, seus dedos roçando os dois mamilos ao mesmo tempo.

A necessidade me atingiu em cheio, e eu apertei as coxas para não me contorcer. A onda de endorfinas e hormônios da felicidade percorrendo meu corpo começou a aliviar a dor, e eu queria mais.

Com um suspiro, interrompi o beijo. "Você está vestindo roupa demais."

Virei-nos, pressionando AJ de volta contra Theo, certa de que aquele era o momento em que meu chantagista hesitaria, mas quando levantei o olhar para o dele, vi que o olhar de desafio havia desaparecido, substituído por algo completamente diferente. Algo quente, faminto, seus olhos azuis escuros, com um brilho carnal que me dizia que ele também não tinha intenção de parar.

Ter ele me olhando daquele jeito...

Meu rosto esquentou. A luxúria se enroscou em meu âmago.

Então me lembrei de como Theo era bom em ler as pessoas, e voltei meu olhar para AJ antes que ele pudesse ver demais. Abri a jaqueta de AJ. Theo agarrou as lapelas, puxando-a para baixo pelos braços, e AJ se livrou dela. Theo jogou a peça na mesma cadeira onde havia colocado meu vestido. Então seus lábios estavam no pescoço de AJ, suas mãos na camisa, desabotoando-a. Deslizei meus dedos até o cinto de AJ, soltando-o. A calça emoldurava seu pênis ereto, e parei para acariciar sua virilha com a palma da mão.

"Meu Deus, Stel", ele sussurrou, estendendo a mão para me puxar para outro beijo, este mais profundo, mais lento, as mãos de Theo se movendo entre nós enquanto ele continuava a desabotoar a camisa de AJ.

Cometi o erro de abrir os olhos quando mudamos de ângulo, e uma luz azul preencheu minha visão. Theo me encarava a centímetros de distância. Seus olhos se estreitaram, irritados, e ele desviou o olhar para a direita num claro comando: "Este é o meu lado, volte para onde você veio."

Lancei-lhe um olhar fulminante, mas mudei de ângulo novamente, e mantivemos AJ entre nós como uma barreira, mal nos tocando enquanto terminávamos de despir nosso companheiro.

A saliva se acumulou na minha boca enquanto eu encarava o pênis do AJ, nem muito grande, nem muito pequeno, a glande cheia e imponente, o corpo liso e macio, sem uma veia à vista. Uma vez eu disse a ele que alguém deveria fotografá-lo, e embora ele tenha rido, eu estava falando meio sério. Certamente algum livro de anatomia precisava de um exemplo de como um pênis perfeitamente formado deveria ser?

Não me lembrava da última vez que tinha tido um na boca, e nem mesmo a presença de Theo foi suficiente para me impedir de me ajoelhar ali mesmo no tapete e lamber a cabeça dele.

"Porra", gemeu AJ, relaxando para trás em direção a Theo, uma mão emoldurando meu rosto, a outra alcançando atrás dele, procurando o que eu já sabia ser um equipamento muito maior e mais volumoso.

Desejo-lhe toda a sorte do mundo. Eu estava feliz onde estava, girando minha língua ao redor de toda a circunferência da sua glande enquanto reaprendia a senti-lo. Ele era tão macio quanto eu me lembrava, tão receptivo, seu pênis pulsando em minhas mãos enquanto eu levava minha mão até a haste e a envolvia com meus dedos.

Eu estava começando a fechar os olhos e me permitir aproveitar o momento quando um movimento me fez abri-los de repente. A mão de Theo, acariciando a barriga de AJ, deslizou pelos meus dedos e envolveu seus testículos. E então sua outra mão, absurdamente grande, envolveu a minha nuca, entrelaçando os dedos no meu cabelo e me puxando para trás com tanta força que me fez ver estrelas.

Uma sensação quente se acumulou entre minhas pernas. Meu pulso falhou.

Com um puxão, Theo me fez avançar novamente e, ah, não, eu não deveria gostar tanto disso — ele me controlando como se eu fosse um boneco de mola. Mas, pelo jeito que minha vagina se contraiu, não havia como negar a verdade.

Retirei minha mão do pênis de AJ e a apoiei em sua coxa, abrindo mais a boca, relaxando a garganta para que ele pudesse deslizar para dentro e para fora a cada estocada. Um olhar rápido revelou AJ movimentando o braço que havia colocado atrás das costas, flexionando o bíceps. Será que AJ estava acariciando Theo por cima da calça do terno? Ou será que ele tinha conseguido libertar aquele pênis enorme enquanto eu estava ocupada adorando o dele?

Eu queria saber, tinha uma curiosidade mórbida de ver o pênis do Theo. Assim, eu poderia identificar cada parte dele quando chegasse o dia em que ele fosse longe demais para alguém e o cortassem em pedacinhos. Sim, esse é o pênis dele, com certeza, eu diria ao legista.

"Chega", disse AJ, escapando da minha boca e cambaleando em direção à cama, me deixando ajoelhada no chão, com o enorme e grosso pênis de Theo a poucos centímetros do meu rosto. Meus lábios se entreabriram ainda mais, de surpresa, tentei me convencer, mas na verdade, eu só estava tentando descobrir se aquilo caberia.

"Sim, seria", resmungou Theo.

Eu deveria ter reagido, me levantado, mas fiquei ali sentada, paralisada, olhando fixamente para aquilo, meu couro cabeludo começando a arder de tão forte que ele me segurava. De repente, ele me soltou, e só quando me inclinei para a frente percebi que, na verdade, ele estava me segurando.

"Controle-se", eu disse a mim mesma, levantando-me com as pernas trêmulas enquanto Theo se afastava.

Ele tirou o casaco, os ombros esticando o tecido da camisa por baixo.

“Caramba, Stel”, disse AJ da cama. Ele estava recostado nos travesseiros, acariciando-se distraidamente enquanto observava meu “namorado” se despir. “Onde você encontra homens tão bonitos?”

“Este me seguiu até em casa como um vira-lata.”

Theo se virou, desabotoando a camisa e revelando o peito liso e impecável que eu me lembrava do nosso primeiro encontro. Ele me lançou um olhar convencido e depois olhou para AJ. "Não se deixe enganar por ela. Ela sentou no meu colo dez minutos depois de nos conhecermos."

"Dá para culpá-la?", disse AJ. "Quer dizer, você já se viu no espelho?"

A expressão de Theo era insolente quando seus olhos voltaram a encontrar os meus. Ele seria insuportável agora.

"Acho que você é a única pessoa que já conheci que é quase tão bonita quanto ela", acrescentou AJ, e agora era a minha vez de me sentir convencido.

"Quase", sussurrei para Theo.

Em vez de me lançar algum insulto silencioso, ele me observou de cima a baixo enquanto o último botão de sua camisa se abria. Me preparei para algum comentário horrível. Para ele dizer que preferia parceiras com mais curvas — um refrão comum entre meus ex-parceiros —, mas seus olhos

brilharam ao voltarem a me encarar.

“Ninguém é tão bonita quanto Stella.”

Quase caí morto.

Sua camisa caiu no chão, seguida logo depois pelas calças e cueca, e então ele estava ali, completamente nu, e eu não sabia para onde olhar. Qualquer outro lugar teria sido ideal, mas eu não conseguia desviar o olhar. Ele era uma obra de arte. Masculinidade pura. Força brutal. Os mestres da Renascença teriam chorado ao vê-lo. Eu poderia encher blocos de notas com esboços de seu corpo nu, páginas inteiras ocupadas pela curvatura de seus peitorais, a cavidade na base de sua garganta, o V profundo de seus flexores do quadril.

Ele envolveu a base do pênis com os dedos e apertou, e eu levantei a cabeça bruscamente, encontrando seus olhos fixos nos meus.

Desviei o olhar, implorei a mim mesma, mas eu estava como um cervo paralisado pelos faróis. Será que Theo realmente queria isso? Será que eu estava certa todas aquelas semanas atrás, e alguma parte dele gostava das nossas constantes discussões e insultos mordazes?

Oh, não. Será que fiz isso?

Mentalmente, me repreendi. A resposta era não, definitivamente não. Metade das vezes em que eu reagia impulsivamente, me sentia como um gatinho encarando um dobermann, tentando parecer maior e mais forte do que era. Nas outras vezes, meu objetivo era impedir que Theo levasse a melhor. E tudo bem, talvez em um por cento das vezes eu estivesse tentando fazê-lo rir, mas isso tinha mais a ver com a minha própria necessidade doentia de ser engraçada do que qualquer outra coisa.

Theo me examinou lentamente, sua mão acariciando o pênis, os olhos escuros carregados de alguma emoção oculta que eu não conseguia decifrar. Isso me fez pensar se eu estava interpretando demais as coisas. Será que ele estava rindo de mim secretamente, e tudo aquilo era apenas uma encenação? Ele era um ator tão convincente que era impossível saber o que realmente sentia.

Me virei para a cama e a visão muito mais simples de AJ estirado sobre os cobertores. Ele estendeu a mão e diminuiu a intensidade da luz no interruptor, e o quarto mergulhou em sombras aconchegantes, não tão escuro a ponto de impedir a visão, apenas claro o suficiente para ser íntimo e convidativo.

Aproximei-me do lado direito da cama, Theo, do lado esquerdo, e paramos para um último duelo de olhares.

"Vá embora", eu disse a ele com o olhar.

"Você vai embora", ele retrucou.

Em resposta, subi na cama ao lado de AJ.

O outro lado do colchão cedeu sob o peso de Theo enquanto ele me imitava.

Esta é sua última chance, pensei, enquanto me abaixava e deslizava para os braços de AJ, que me esperava.

Se você ficar, eu fico, ele parecia dizer, movendo-se para o outro lado de AJ e depositando um beijo em seu ombro, os olhos me encarando intensamente das sombras.

Não havia mais volta.

Isso ia acontecer.

Eu estava prestes a fazer um ménage à trois com um homem que eu detestava completamente.

21

Tyler

Stella ainda estava de fio dental, e isso estava me irritando demais. Porque, afinal, era uma questão de preferência. Eu e AJ estávamos nus, então ela também deveria estar.

Era o mínimo que se podia fazer.

Ela se virou para o homem entre nós, imitando meu gesto, beijando seu outro ombro enquanto seus olhos brilhavam em desafio. De jeito nenhum eu ia recuar, e pelo olhar teimoso no rosto de Stella, eu sabia que ela também não recuaria.

Segurei o queixo de AJ, puxando-o para perto de mim. Seu olhar imediatamente se voltou para minha boca, a língua aparecendo para umedecer seu lábio inferior carnudo. Caramba, ele era lindo. Eu já achava isso desde o primeiro momento em que o vi. Cachos despenteados, pele bronzeada, olhos verde-esmeralda brilhantes.

Ele diminuiu a distância entre nós, envolvendo minha nuca com um dos braços e me puxando para perto. Nossos lábios se encontraram. Eu entreabri os meus, e ele seguiu meu exemplo, e então minha língua estava em sua boca, se movendo contra a dele. Me apoiei em um cotovelo e aprofundei o beijo, abrindo os olhos para lançar um olhar provocador para Stella, mas a encontrei nos encarando, a mim e a AJ, com a primeira expressão desprevenida que eu já vira em seu rosto.

Necessidade. Desejo. Antecipação.

Meu pau endureceu contra a coxa de AJ. Stella queria isso. E agora que eu sabia, não havia a menor chance de ela fingir o contrário. Chega de usar AJ como escudo, chega de nos desafiarmos silenciosamente a recuar. Se fôssemos fazer isso, íamos fazer direito. Sem limites.

Interrompi o beijo, passei o braço por cima de AJ e a puxei para entre nós. Ela soltou um gritinho surpreso que o fez rir, e depois um suspiro ainda mais alto quando agarrei a tira finíssima de sua calcinha de seda e a arranquei. Meus olhos se fixaram na pequena área de pelos cuidadosamente aparada entre suas pernas. De cada lado, havia um pequeno coração preto. Quem diabos tinha chegado perto o suficiente para tatuá-la ali? E por que de repente me deu vontade de matá-lo por isso?

Levantando os olhos para AJ, pressionei a calcinha fio dental de Stella

contra meu nariz, inalando profundamente seu perfume. Doce. Almiscarado. Exatamente tão deliciosamente irresistível quanto eu temia. Senti umidade nos lábios. Incapaz de me conter, entreabri-os e lambi a virilha do tecido, o sabor dela explodindo na minha língua.

"Porra", AJ sussurrou, com as pupilas dilatadas enquanto me observava.

"Ela está louca por nós", eu disse a ele.

"É verdade, Stel?" Ele a abraçou por trás, de frente para mim, e passou a mão pela barriga dela. Meus olhos acompanharam o movimento, observando com a respiração suspensa enquanto ele deslizava os dedos entre as pernas dela. Stella soltou um gemido, apertando as coxas ao redor dele. "Encharcada", ele confirmou.

O sorriso que se espalhou pelo meu rosto foi de triunfo enquanto eu fixava o olhar em seus seios pequenos e firmes e nos piercings nos mamilos que refletiam a luz. Estendi a mão e puxei delicadamente um deles, e Stella se aconchegou na mão de AJ.

“Quantos dedos você tem dentro dela?”, perguntei.

“Só uma”, disse ele. “Ela é tão apertada.”

“Ela pode tomar outro”, eu disse a ele.

A expressão dele tornou-se selvagem, e eu soube exatamente quando ele enfiou o segundo dedo na vagina dela porque ambos gemeram. As bochechas de Stella coraram, o lábio inferior mordeu-lhe os dentes enquanto olhava por cima do meu ombro.

Não, não. Ela não ia se safar dessa.

Segurei seu queixo. "Olhe para mim."

Suas pálpebras tremeram, outro gemido entrecortado escapando de seus lábios antes que seus olhares se encontrassem. Por baixo da luxúria, vi algo mais. Algo sombrio, raivoso. Como se ela odiasse me desejar. Como se quisesse me punir por isso.

Ok. Talvez eu tivesse mesmo um lado um pouco mimado, porque só de pensar na Stella descontando toda aquela agressividade reprimida no meu corpo, meu pau já estava duro.

O braço de AJ se moveu, sua mão bombeando entre as pernas dela, as veias em seu antebraço começando a saltar. "Sua namorada é tão gostosa", ele me disse, e um arrepio possessivo me percorreu ao ouvir aquelas palavras. "Tão molhada. Tão quente. Quer provar mais um pouco?"

Sons suaves atingiram meus ouvidos quando ele começou a penetrá-la

mais rápido. O cheiro almiscarado do sexo impregnou o ar.

"Sim", praticamente rosnei.

Ele puxou a mão com um ruído de sucção que não deveria ser tão excitante, e a ergueu em minha direção, oferecendo-a. Entreabri os lábios, com a saliva se acumulando na boca ao pensar em limpá-la de seus dedos, mas Stella segurou seu pulso no ar.

"Meninos maus não ganham recompensas", disse ela, e então chupou os dedos dele até a junta inferior, com os olhos fixos nos meus.

Puta merda. A visão me deixou com os testículos tensos. Me deu vontade de fazer outra coisa para irritá-la, só para ver o que ela faria em seguida.

AJ gemeu, encostando a testa no ombro dela enquanto ela afundava as bochechas e limpava até a última gota de si mesma dele. Então, ela abriu os lábios com um estalo e deslizou os dedos dele para fora, incrivelmente devagar, mantendo contato visual enquanto sua língua girava entre os dedos dele. A cena fez todo o sangue correr da minha cabeça direto para o meu pau, tão rápido que me deixou tonto.

Os olhos de AJ se encheram de lágrimas na penumbra. O olhar que ele me lançou era ao mesmo tempo de desculpas e súplica. "Quero transar com a sua namorada."

"Quero que você transa com a minha namorada." As palavras saíram antes que eu pudesse impedi-las.

Stella arranhou meu peito com as unhas. "Enquanto meu namorado enfia o pau grosso dele na minha garganta."

Meu coração parou por um instante. Ela não estava falando sério, estava?

Não, ela não podia. Isso era apenas a última cartada dela, levando as coisas a um ponto sem volta e me forçando a recuar. Só que eu não queria. E quanto mais eu olhava nos olhos de Stella, mais me convencia de que ela também não queria.

Tudo o mais entre nós era uma merda, complicado demais, mas essa luxúria? Essa era a única verdade simples entre nós, e não podia mais ser negada.

Ela levantou a palma da mão, segurando-a em frente à minha boca. "Cuspa nela."

Obedeci imediatamente, meu pau pulsando tanto pela ordem em seu

tom quanto pela própria ação. Ela deslizou a mão para trás, usando minha saliva como lubrificante no pau do AJ. Ele encontrou meu olhar por cima do ombro dela, seus dentes marcando o lábio inferior, e eu me inclinei para frente e capturei sua boca em outro beijo, prendendo Stella entre nós.

Ele estendeu a mão e envolveu meu pênis com os dedos pela segunda vez, um aperto firme e seguro, e começou imediatamente a me masturbar, sem precisar de lubrificante, pois eu já estava ejaculando bastante.

Afastando as pernas de Stella, deslizei meu joelho até o ápice de suas coxas, proporcionando-lhe fricção onde ela precisava. Um calor úmido imediatamente envolveu minha pele, indicando o quanto ela estava excitada, o quanto desejava aquilo. Minhas mãos subiram até seus seios, tão pequenos, mas tão perfeitamente formados, e rolei meus dedos ao redor de seus mamilos, roçando levemente os piercings, provocando-a porque não conseguia me conter.

AJ interrompeu nosso beijo, e Stella inclinou a cabeça para recebê-lo em seguida, suas bocas se fundindo bem na minha frente enquanto ela o estimulava, e ele me estimulava, sua mão apertando meu pau, relaxando, acariciando, apertando novamente.

Apoiei minha perna mais para cima, movendo-a num movimento constante que Stella acompanhou com estocadas trêmulas. Puxei os dois piercings nos mamilos ao mesmo tempo, e então ela ofegou, interrompendo o beijo, a cabeça caindo sobre os travesseiros enquanto se esfregava em mim. Suas bochechas coraram e seus lábios se entreabriram. Segurei seu queixo e enfiei meu polegar em sua boca para que ela tivesse algo para chupar. Sua língua envolveu meu dedo enquanto AJ bombeava meu pau, e oh, caralho—

“Estou perto”, avisei.

Stella também estava, a julgar por seus gemidos abafados.

“A primeira dela”, disse AJ.

O aperto dele em mim afrouxou, e pelo jeito que ele empurrou os quadris para trás, percebi que ele tinha se afastado da mão dela. Mantive meu joelho exatamente onde Stella precisava, continuei a provocar seus mamilos enquanto AJ roçava o nariz no ponto sensível atrás da orelha dela. Ele disse algo que não entendi, baixo e encorajador, antes de entreabrir os lábios e passar a língua pelo pescoço dela, apenas uma vez, antes de abocanhá-la e sugar.

Stella gemeu ao redor do meu dedo, respirando fundo pelo nariz, os olhos cerrados enquanto se movia contra mim. Um tremor percorreu seu corpo, suas coxas se contraíram com força, e então ela chegou ao clímax, seus quadris perdendo o ritmo, sua vagina encharcando minha perna.

Depois, a deitei delicadamente, tirando meu polegar de sua boca. No instante em que conseguiu falar, seus olhos se arregalaram e ela olhou para trás. "Coloque uma camisinha. Quero ser penetrada entre vocês dois."

Jesus Cristo.

AJ gemeu, rolando para o lado oposto ao dela em direção a um criado-mudo.

Os olhos de Stella percorreram meu corpo lentamente, como se ela estivesse memorizando cada centímetro da minha pele. Ainda um pouco ofegante por ter chegado ao clímax, ela se pôs de quatro, a boca tentadoramente perto, a bunda oferecida a AJ como um presente. Seus cabelos roçaram meu peito enquanto ela se aproximava, e então senti seus lábios roçarem minha orelha antes que ela sussurrasse: "Me amordace como você ameaçou."

Meu pau deu uma espasmódica, outra gota de líquido pré-ejaculatório escorrendo da ponta. Esta noite estava me ensinando coisas sobre mim que eu desconhecia. O fato de que eu não odiava receber ordens na cama. O fato de que eu talvez não fosse tão convencional quanto sempre acreditei. Este foi meu primeiro ménage à trois, e se fosse um indicativo, não seria o último. A fome que crescia dentro de mim não seria saciada apenas por este encontro. Não, eu queria mais. AJ esparramado na cama enquanto Stella cavalgava em seu rosto e eu o chupava. Ou ele entre nós, AJ penetrando Stella enquanto eu o penetrava. Oh, Deus. Stella entre ele e eu, presa em nossos dois paus, tão cheia que não conseguia se mexer.

Eu me ajoelhei, pairando sobre ela enquanto AJ colocava uma camisinha. Estendi a mão e toquei seu lábio superior, bem ao lado do piercing Monroe. Meu pênis era grosso o suficiente para que ela tivesse que se esticar bastante ao meu redor, e a parte de trás poderia cortar sua gengiva. "Isso precisa sair, ou vou acabar te machucando."

Seus olhos eram poços líquidos da noite enquanto ela me encarava. "E se eu quiser que você faça isso?"

Puta merda, ela não devia me dizer essas coisas. Não sabia o quanto eu tinha vontade de machucá-la. Essa vontade tinha diminuído recentemente,

mas eu não era homem o suficiente para recusar se ela me oferecesse.

Atrás dela, AJ se ajoelhou na cama, seu pênis impecável, agora coberto por uma camisinha, projetando-se de uma cabeleira escura, seu corpo dourado sob a luz tênue. A visão me deixou com água na boca. Ele havia nos chamado de lindas, a mim e a Stella, mas eu o vira atrair olhares em todas as festas que frequentávamos juntos, e sabia, pelas expressões das pessoas, que não se tratava tanto de quanto ele valia, mas sim daquele seu rosto bonito.

Ele acariciou as costas de Stella com a mão, e ela fechou os olhos e se entregou ao seu toque, praticamente ronronando. Então, seus dedos se enroscaram em seus longos cabelos, e ele puxou a cabeça dela para trás, inclinando sua boca no ângulo perfeito para receber meu pau.

Nossos olhares se encontraram acima dela.

“Ao mesmo tempo?”, disse ele.

Assenti com a cabeça, incapaz de falar, desesperado para cumprir minha ameaça anterior e enchê-la tanto de mim que ela não conseguisse mais falar.

A boca dela se abriu de repente. Peguei no meu pau e usei a glande para umedecer os lábios dela com o líquido pré-ejaculatório. Num instante, a língua dela saiu, saboreando meu pau, e ela fechou os olhos e gemeu de prazer. Atrás dela, AJ abaixou o próprio pau, os quadris mal se movendo para frente, o olhar fixo entre os dois. Caramba, o que eu não daria por um espelho no teto para ver o que ele fez.

“Caramba, você é demais, Stella”, disse ele, franzindo as sobrancelhas em concentração.

Ela não conseguiu respondê-lo, porque eu havia movido meus quadris para a frente o suficiente para introduzir a cabeça do meu pênis em sua boca, e ela estava ocupada demais circulando a língua em volta dele.

“Aqui”, disse AJ, apontando para o cabelo.

Peguei-o dele, girando minha mão uma vez para envolvê-lo em meu pulso e puxar a cabeça dela ainda mais para trás, alongando aquele pescoço bonito, endireitando seu esôfago para facilitar minha entrada.

AJ segurou os quadris dela com força, penetrando-a cada vez mais fundo, e a cena quase me desestabilizou. Seus músculos abdominais se contraíram, os antebraços flexionados, a mandíbula cerrada como se ele estivesse se segurando para não ceder à vontade de penetrá-la com força. A ideia de que, mesmo depois de ter gozado com tanta intensidade, Stella

ainda estivesse apertada o suficiente para precisar de um pouco de incentivo fez meu coração disparar. Porque agora tudo o que eu conseguia pensar era em como seria transar com ela antes que ela estivesse pronta para me receber. Não que eu já não tivesse imaginado isso antes.

Desviei o olhar de volta para a boca dela. Eu não era o cavalheiro que AJ era, e Stella tinha deixado bem claro o que queria de mim, então eu ia dar a ela.

Segurando seus cabelos com força, a mantive firme, levando a outra mão ao meu pênis e a abaixando antes de avançar, enfiando-o até o fundo de sua garganta. Ela engasgou, e eu recuei um pouco, mas não muito.

"Chupa essa", eu disse a ela.

Ela fez o que eu disse, afundando as bochechas, o calor úmido me apertando, um movimento de puxar facilitando minha próxima investida. Outro olhar para AJ mostrou-o me observando com um olhar faminto no rosto. Nossos olhares se encontraram e então impulsionamos nossos quadris para frente ao mesmo tempo.

Stella emitiu um som entre um gemido e uma tosse, mas não demonstrava que precisava de uma pausa, então não a concedi. Em vez disso, penetrei novamente, com mais força e profundidade, forçando a cabeça do meu pênis em sua garganta. A pressão era tão forte que corri o risco de sufocá-la, então recuei. Suas narinas se dilataram enquanto ela inspirava profundamente. Era todo o alívio que eu lhe daria. Minha próxima penetração foi mais profunda, e ela engasgou novamente, lágrimas começando a escorrer de seus olhos. A cena era hipnotizante.

"Nossa, como eu senti falta dessa xoxota", disse AJ, acompanhando meu ritmo e penetrando nela com movimentos suaves e lentos.

Stella soltou um gemido agudo que vibrou no meu pau, e então ela estava se equilibrando em um braço, com a outra mão entre as pernas enquanto brincava com o clitóris. Suas costas se arquearam, inclinando os quadris para receber AJ mais fundo. Ele aumentou a velocidade, e eu também, penetrando-a com mais força, fodendo sua garganta como AJ a estava fodendo.

Seu rosto ficou vermelho, os olhos cerrados com força, o rímel escorrendo pelas bochechas enquanto ela alternava entre gemidos, engasgos e ânsia de vômito. Observei meu pau entrando e saindo de seus lábios inchados, sabendo que sua garganta doeria depois disso, adorando o fato de

finalmente ter a chance de arruiná-la como eu queria desde aquela primeira noite no estúdio de tatuagem.

Deixei minha mão livre cair sobre meus testículos, puxando-os e rolando-os, meu olhar alternando entre o que eu estava fazendo com Stella e o que AJ estava fazendo.

"Eu vou gozar", disse ele. "Stella, meu bem, você vai me fazer gozar muito forte."

Ele franziu a testa, o rosto corando, o peito arfando, os olhos fixos no ponto onde a penetrava. Ouvi seus testículos batendo contra a pele dela, os sons de sucção do meu pau entrando e saindo da boca dela, os sons ainda mais úmidos vindos da vagina dela, e, meu Deus, eu também ia gozar.

A pressão aumentou na base da minha coluna. Meu pau endureceu, ficando ainda maior dentro dela. Soltei meus testículos e agarrei a nuca dela, penetrando fundo, estrelas explodindo diante dos meus olhos enquanto eu gozava. Stella engasgou e engoliu, a sensação da garganta dela se contraindo ao meu redor prolongando meu orgasmo. O sêmen escorreu dos lábios dela, e lágrimas correram por suas bochechas, enquanto um gemido baixo chegava aos meus ouvidos. Ela parecia completamente destruída quando saí de dentro dela, caindo para trás, tremendo de tanto que eu tinha gozado.

"Me foda com mais força", ela implorou, com a voz rouca e áspera.

Seus olhos se abriram de repente, vermelhos pelo que eu tinha feito com ela, e então ela agarrou minha coxa com a mão para se firmar, as unhas cravando fundo enquanto se impulsionava para trás contra o pau do AJ. Desse ângulo, eu conseguia ver tudo. Seus seios balançando, sua outra mão trabalhando furiosamente entre as pernas, as coxas do AJ se contraindo enquanto ele a penetrava com força.

"Sim, oh, meu Deus, sim", ela ofegou, fechando os olhos com força, os lábios se curvando em um sorriso de êxtase, uma nova onda de rubor tingindo sua pele delicada.

"Stella! Porra!" gritou AJ.

Eles vieram juntos, e eu nunca tinha visto nada mais bonito em toda a minha vida.

Stella desabou sobre mim depois, o peito arfando, a pele úmida de suor. Afastei seus cabelos emaranhados do rosto e a abracei, sussurrando palavras de afirmação em seu ouvido, dizendo o quanto ela tinha gostado, o quanto

ela estava linda com a boca cheia do meu pau.

AJ jogou a camisinha na lixeira ao lado da cama e se aconchegou do outro lado dela. Ela estendeu a mão para puxá-lo para mais perto. Os braços dele deslizaram sobre a cintura dela e depois sobre a minha, envolvendo minhas costas e nos unindo.

Levantei os olhos para o teto, com a cabeça girando.

Que merda a gente acabou de fazer?

E por que eu estava tão desesperado para fazer isso de novo?

22

Tyler

Meu celular tocou com uma notificação.

“Só me diz quem é, e eu paro de te perturbar”, disse Josh ao meu lado no sofá. Era domingo, e ele tinha me convencido a ir à casa dele jogar videogame porque “nunca me via” agora que não morávamos mais juntos. O que, como eu disse, era culpa dele, já que fora ele quem tinha ficado noivo.

Para Aly. Uma mulher com quem eu costumava transar.

Nada constrangedor.

Olhei de soslaio e o vi olhando para o meu celular em vez da TV. Sua pele estava bronzeada num tom oliva profundo por causa do sol de verão, e ele tinha deixado o cabelo escuro crescer o suficiente para que se visse uma leve ondulação. Estava quente hoje, e ele vestia um short folgado e uma regata que deixava suas tatuagens à mostra. Ao contrário da coleção aleatória de Stella, as dele se misturavam perfeitamente, monstruosidades góticas subindo por seus braços como demônios escapando do inferno. Por mais que sua personalidade pendesse para o lado bobo, ele podia ser um verdadeiro filho da puta taciturno quando se concentrava.

“Atrás de você”, avisei.

Tarde demais. Manchas de sangue inundaram o lado dele da tela dividida enquanto um soldado inimigo o alvejava. Ele gritou e se abaixou para o lado, tanto na tela quanto ao meu lado, esbarrando o ombro no meu e quase derrubando o controle das minhas mãos.

Maud, a gatinha deles, que estava dormindo no encosto do sofá, pulou e correu em direção a um arranhador próximo, onde seu irmão mais velho e rabugento, Fred, me observava com os olhos semicerrados. Eu e aquele pirralho nunca nos demos bem.

Josh atirou o controle na mesa de centro. "Bem, estou morto."

Ele olhou novamente para o meu telefone.

Então, atacou.

Disparei para interceptá-lo, mas ele pegou o objeto da mesa e fugiu como o maldito homem-criança que era.

Corri atrás dele porque tinha me esforçado demais para encobrir meus rastros e ele não ia querer descobrir que eu basicamente estava mentindo

para ele por dois anos. Se ele visse alguma mensagem suspeita no meu celular, jamais a deixaria passar, e como ele era um hacker de nível mundial, não haveria como impedi-lo depois que começasse a investigar. Eu sabia o quão obsessivo ele podia ser; bastaria um ou dois dias para ele desvendar toda a minha operação ilegal, e aí nossa amizade estaria realmente por um fio.

"Devolva!" gritei.

Josh contornou uma poltrona e correu para o fundo da casa, e caramba, ele era rápido. Será que ele andava fazendo mais exercícios aeróbicos ultimamente?

Corri atrás dele até o gatil fechado com tela. Ele pulou por cima de Aly, que estava esparramada em uma espreguiçadeira, lendo. Ela era quase tão alta quanto Stella, mas musculosa, com pele morena clara, longos cabelos castanhos e um nariz italiano.

"Defenda minha honra!", disse Josh, escondendo-se atrás dela.

"Ele roubou meu celular", expliquei quando ela me lançou um olhar confuso.

Ela se virou para Josh, que não fazia nenhum esforço para esconder que estava tentando invadir o dispositivo. "Amor. Limites." Ela arrancou o aparelho da mão dele e jogou de volta para mim, e meus ombros caíram de alívio. Meu Deus, essa foi por pouco.

"Quem é Stella?", perguntou Josh em tom cantado.

Merda.

Aly virou a cabeça na minha direção, com os olhos arregalados, tão curiosa quanto o noivo.

"Ninguém", respondi secamente.

“Ooh”, eles responderam em coro, no mesmo tom irritante.

Olhei para baixo e vi que Stella tinha mandado uma mensagem, dizendo a que horas eu deveria buscá-la para a festa de hoje à noite. Duas semanas se passaram desde nossa noite com AJ. Fomos a mais quatro eventos desde então, nossa guerra de palavras se intensificou, nossas paqueras ganharam um tom perigoso, a tensão chegou a um ponto de ruptura porque o conhecimento, as lembranças do que tínhamos feito estavam nos enlouquecendo.

Eu sabia que não era o único que sentia isso. Eu via o jeito como ela me encarava quando pensava que eu não estava olhando, sentia como ela

tremia sempre que um de nós encostava o outro na parede — algo que acontecia com frequência cada vez maior.

Parte do problema era que não tínhamos falado sobre aquela noite, nem sequer a tínhamos mencionado. Eu tentei tocar no assunto uma vez (de uma forma péssima, para ser sincero) e Stella disse "Não faça isso" com tanta raiva que, pela primeira vez, eu recuei.

Que erro foi aquele ménage à trois, não só porque tornou as coisas ainda mais estranhas e tensas, mas porque toda vez que eu fechava os meus malditos olhos, eu via o AJ penetrando a Stella por trás, com as mãos nos quadris dela, o olhar fixo em onde eu a fodia, na sua boquinha linda.

Aquela noite alterou a química do meu cérebro, imprimindo-se na minha pele como uma tatuagem invisível. Como diabos você se recupera disso? Como você consegue agir normalmente perto de alguém depois de ter tido o sexo mais incrível da sua vida com essa pessoa?

“O Tyler tem uma namorada”, cantou Josh.

"Ela não é minha namorada", eu disse, entrando na casa.

Fui direto para a geladeira, abrindo-a para procurar uma cerveja. O ar frio me envolveu, fechei os olhos e implorei para que meu pau se comportasse. Estava duro de novo, praticamente sem parar desde a noite do ménage à trois, e a masturbação só proporcionava alívio temporário. Eu precisava de algo mais para saciar essa sede. Stella, curvada sobre a cama enquanto eu a penetrava, AJ nos observando de uma cadeira próxima. Ou melhor ainda, meu rosto enfiado entre suas coxas enquanto minha língua trabalhava sua buceta e meus dedos acariciavam aqueles lindos mamilos.

Pare, implorei a mim mesma, encostando a cabeça na porta fechada do congelador. Pensamentos assim não estavam me ajudando em nada agora.

Você a odeia, eu dizia para mim mesmo, mas as palavras soavam vazias. Que motivo me restava para odiá-la? Ela estava dilapidando sua herança para pagar por um crime que nem sequer cometeu. Ela estava me ajudando ativamente a caçar pessoas que mereciam ser punidas. E não era como se eu pudesse dizer que ela era uma esnobe elitista. Reservada, distante, até mesmo grosseira às vezes? Claro, mas eu provavelmente merecia esse tipo de tratamento.

Então, o que restou? Eu a odiando apenas pelas circunstâncias do seu nascimento? Porque ela cresceu com tudo enquanto eu não tinha nada? Isso não parecia certo. Não mais.

“Tudo bem. Ela te odeia”, eu disse, porque isso ainda era certo. Chantagem constante era muito difícil de perdoar, e não era como se eu tivesse me ajudado com a minha personalidade “vitoriosa”. Droga, na maior parte do tempo que eu estava perto da Stella, eu me transformava na pior versão de mim mesmo, punindo-a pelos pecados do meu pai porque eu não conseguia descontar nele.

Ainda.

Bem, tudo isso mudaria amanhã à noite. Se tudo corresse conforme o planejado, seria a última festa que teríamos que ir juntos.

"Ei", disse Josh atrás de mim.

Olhei por cima do ombro e o vi encostado no batente da porta, com uma expressão arrependida.

“Desculpe por ter pegado seu celular.”

“E o que mais?” perguntou Aly do gatil.

Josh fez uma careta. "E por tentar invadir o sistema." Ele lançou um olhar furtivo para trás e então apressou o passo, abaixando a voz como se não quisesse que sua noiva ouvisse o que ele ia dizer em seguida. "Eu só me preocupo com você. Sinto que, assim que me mudei, você se distanciou. Tem certeza de que está tudo bem entre mim e a Aly?"

Suspirei. "Cara, eu e a Aly nunca tivemos nada sério. Não se preocupe, não tenho sentimentos por ela."

Ele me olhou como se não estivesse totalmente convencido.

"Você realmente acha que eu não reconheci suas tatuagens?", perguntei.

Josh ficou tenso, sabendo exatamente do que eu estava falando sem que eu precisasse dizer mais nada. Sete meses atrás, Aly tinha me mandado uma captura de tela de uma foto sensual, do cara sem camisa, coberto de sangue falso e usando uma máscara, e me perguntou se eu consideraria usar uma para ela na próxima vez que ficássemos juntos. O que era estranho, já que ela estava me ignorando há dois meses (só depois descobri que não era intencional, apenas que o trabalho dela como enfermeira da emergência tinha consumido toda a vida dela).

Aquela captura de tela era da conta "supersecreta" do Josh no MaskTok, que ele achava que eu não conhecia. Como os dois me lembravam muito um do outro — ambos cronicamente online, pouco sérios, um pouco antissociais e absurdamente mórbidos — decidi mostrar a mensagem para o Josh, na esperança de que ele entrasse em contato com ela. Em vez disso,

ele a stalkeou, porque não conseguiu se controlar, mas acabou que ela gostou, e agora eles estavam insuportavelmente apaixonados.

Dei um tapinha no ombro do Josh. "Cara, eu que juntei vocês dois."

"Eu sabia!" disse Aly, espiando pela porta de onde claramente tinha estado a ouvir a conversa. "Naquela noite no seu apartamento, quando me agradeceu por o ter tirado das suas mãos. Estavas com um ar tão convencido—"

“Essa é a cara dele”, disse Josh.

Dei um soco no ombro dele.

Aly juntou-se a nós na cozinha. "E eu sabia que você devia ter reconhecido as tatuagens dele." Ela se virou para Josh. "Eu te disse."

Ele sorriu, parecendo envergonhado. "Você pode me culpar por esperar que ele não tivesse feito isso? A imagem da minha conta não é das melhores."

"Como assim?", perguntei. "O filho de um notório assassino em série se veste como um personagem de filme de terror e simula sexo no ar ao som da música suave do Sleep Token? Não vejo nada de problemático nisso." Meu tom de voz era extremamente seco.

Josh abriu a boca.

Aly chegou primeiro. "Ele está tentando distrair você e afastá-la de Stella."

Que droga.

“Sério, cara”, disse Josh. “Quem é ela?”

"Ninguém."

"Ela deve ser alguém realmente importante para você estar rejeitando com tanta veemência."

Dei de ombros. "Tudo bem. Ela é alguém."

"Você... gosta dela, gosta mesmo?", insistiu ele.

Fiz uma careta. "Você é do ensino fundamental?"

“Com licença”, disse Josh. “Você parece estar muito sensível em relação a ela, e estou tentando respeitar sua delicadeza.”

Você é a pessoa mais irritante que eu conheço. Por que ainda somos amigos?

Ele tentou me dar uma gravata. Eu me esquivei. Ele tentou me agarrar, mas eu o impedi, e agora era minha vez de correr pela casa, pulando por cima do Fred quando ele saltou de trás do sofá, com as quatro patas

estendidas e um brilho assassino em seus olhinhos espertos — prova de que ele era tão psicótico quanto seus pais.

Peguei minhas chaves na mesa de centro ao passar. "Obrigada pelo almoço!"

"Volte aqui, seu covarde!", rugiu Josh.

Saí correndo pela porta da frente em direção ao meu carro, rindo quando entrei, me sentindo mais leve do que nas últimas semanas. Droga, eu realmente deveria começar a passar mais tempo com ele. Mesmo que o gato dele estivesse tentando me matar.

■ ■ ■

Todo verão, os pais de Stella e Richard organizavam uma festa anual para seus funcionários. Este ano, ela seria realizada em um museu no centro da cidade. Eles alugaram o local inteiro para a noite e pagaram alguns dos guias para fazerem hora extra, oferecendo visitas guiadas aos funcionários da empresa.

Eu estava atrasado por causa de um dia desastroso e pedi para a Stella me encontrar lá. Tudo sempre dava errado na semana que antecedia a noite de jogos, e esse era um dos motivos pelos quais eu nunca enviava os convites antes de uma hora do início do jogo.

Passei a maior parte da manhã tentando resolver problemas com meu eletricista, que estava preocupado com a quantidade de energia que planejávamos usar, e a tarde lidando com o encanador, que estava tendo dificuldades para redirecionar um cano de água. Além disso, minha equipe de segurança habitual não estava disponível, então tive que ligar para o Junior e perguntar quem ele recomendava. Ele me deu o nome de uma empresa de mercenários e disse para eu dizer a eles que ele havia me enviado.

Tudo isso fez com que eu chegasse mais tarde do que o planejado, e quando finalmente cheguei ao museu, a festa já estava a todo vapor.

Aqui, enviei uma mensagem para Stella assim que saí do carro.

Estou esperando perto da entrada, ela respondeu por mensagem.

Imaginei que ela se referia apenas ao interior, mas a encontrei andando de um lado para o outro do lado de fora. Ela estava incrível. Esta noite era mais formal do que todos os outros eventos a que tínhamos comparecido, o código de vestimenta exigia vestidos de gala e smokings. Ela estava de costas para mim enquanto caminhava, nua como na noite em que...

Não pense nisso ou você vai acabar cumprimentando-a com o pênis primeiro, eu me avisei.

A saia do vestido esvoaçava atrás dela, camadas de chiffon preto sobrepostas a um cinza mais claro por baixo, quase como se ela fosse um fantasma emergindo da névoa, o que soava como se devesse ser mais assustador do que sensual, mas Stella conseguiu ficar bem com o visual.

Ela se virou e começou a andar na direção oposta, e eu a admirei. A parte da frente do vestido subia até o pescoço, o chiffon tão fino que parecia transparente, mas como eu não conseguia ver seus mamilos (infelizmente), presumi que fosse algum tipo de ilusão de ótica — com um tecido da cor da sua pele por baixo ou algo assim.

Ao me aproximar, notei que ela havia trocado seus piercings prateados habituais por brincos pretos foscos para combinar com o vestido. Sua maquiagem estava mais discreta esta noite, a base tão fina que eu conseguia vislumbrar algumas sardas no nariz, e os lábios com um brilho labial simples que os deixava com um aspecto molhado e pronto para arrasar.

"O que houve?", perguntei, porque pelo olhar dela e pela forma como apertava a barriga, era evidente que algo estava errado.

Ela ergueu a cabeça bruscamente, como se estivesse tão absorta em seu próprio mundo que só me notou quando eu estava bem na sua frente. "A Maddie está aqui."

"O quê?", respondi, rosnando.

Um olhar de traição tomou conta de seu rosto. "Você me disse que eu não precisaria vê-la novamente."

“E eu falei sério.” Virei-me e caminhei furiosa em direção à porta. Aquela vadiazinha estúpida.

Stella agarrou meu braço e tentou me puxar para longe. "Theo, vamos. Eu quero ir embora."

Eu a arrastei alguns metros para a frente. "Não. Eu a avisei o que aconteceria se ela aparecesse em outro evento."

Stella puxou com mais força. "Calma. Você está começando a me assustar."

“Estou calmo.”

“Não, agora é você que está com olhar de tubarão”, disse ela. “E você com esse sorriso de quem está prestes a arruinar a vida de alguém.”

Parei e me virei para ela, minha voz suave enquanto eu acariciava seu

rosto com as mãos. "Vamos, deixe-me arruiná-la para você."

Seus olhos se fixaram em meus lábios e permaneceram ali por um instante enquanto ela ponderava.

"Diga sim, Stella", sussurrei, aproximando-me dela e inclinando seu rosto em direção ao meu. "Você sabe que quer."

Será que eu ainda estava falando da Maddie? Ou estava falando daquela pendência entre nós, querendo que a Stella finalmente se decidisse se ia ou não me deixar transar com ela?

Suas pálpebras tremularam, seus lábios se entreabriram, e ela se inclinou levemente em minha direção.

Uma buzina soou na rua.

Stella se desvencilhou do meu aperto, a luxúria sumindo de seus olhos. "Deveríamos ir. Não só por causa da Maddie, mas porque não há muitas pessoas lá dentro que você consideraria figurões. A maioria são pessoas comuns. Contadores, analistas de marketing, corretores de imóveis."

Droga, isso não era bom. Eu tinha que estar lá, porque algumas daquelas pessoas de sempre estavam na minha lista de convidados e só não sabiam ainda. A Linda do RH. O Joe do Financeiro. A assistente executiva do Phil, Jessica. O que significava que eu precisava convencer a Stella a ficar.

“Não tente fazer disso uma questão pessoal”, eu disse. “Nós dois sabemos que se trata de você ter deixado a Maddie te expulsar daqui.”

Stella balançou a cabeça. "Não posso vê-la de novo. Não confio em mim mesma perto dela."

“Então confie em mim. Você não precisará dizer nada. Só me dê alguns minutos para tirá-la daqui. É só isso que preciso.” Inclinei-me para olhar diretamente em seus olhos. “E então, em alguns dias, ela receberá um convite irrecusável.”

"A próxima noite de jogos é tão em breve assim?", perguntou Stella.

Assenti com a cabeça. "Pense bem, se tudo correr bem, talvez você nunca mais precise me ver."

Ela franziu levemente as sobrancelhas, o suficiente para me dizer que não sabia como se sentir a respeito. O que não deveria ter me dado nenhuma esperança. Depois que eu executasse meus planos, Stella não ficaria dividida; ela voltaria a querer me matar.

Encostei minha testa na dela. "Ninguém me merece como seu demônio pessoal mais do que a Maddie. Estou até disposta a dividir a dívida dela

com você para que possa recuperar parte do dinheiro que gastou ajudando a Runa."

“Como assim? Não deveria ser tudo usado para pagar minha dívida?”

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Tenho certeza de que bastará uma festa para resolver isso, o que significa que posso ser generoso com tudo o que a Maddie arrecadar."

Stella recuou, seus olhos buscando os meus. "Por que você faria isso?"

"Porque não era sua responsabilidade pagar. Era dela", rosnei.

Os olhos dela se arregalaram, e eu me endireitei, passando a mão pelo rosto, tentando conter a fúria. Eu precisava entrar lá, e Stella precisava estar ao meu lado, porque que motivo eu tinha para estar ali sem ela?

“Por mais que eu adorasse te mandar para cima da Maddie, é uma péssima ideia”, disse Stella. “Se ela se endividasse, poderia correr direto para os pais para se livrar da dívida, assim como fez depois do acidente. E eles são ainda piores do que ela. Eles não só pagaram advogados para defendê-la, como pagaram para me destruir. São o tipo de gente que incendiaria a cidade inteira para te encontrar, e fariam de tudo para que todos que já trabalharam com você, que sequer te conheceram, sofressem também.”

Apertei os dentes com tanta força que doeu, o antagonismo e a teimosia disputando a liderança dentro de mim. Nada do que Stella disse diminuiu minha determinação em ir atrás de Maddie; pelo contrário, só aumentou a pressão. Porque Maddie era quem eu pensava que Stella fosse. Maddie representava tudo de errado com os ricos, e já era hora de ela finalmente pagar por seus crimes. Já era hora de todos eles pagarem.

“Os pais dela não virão atrás de mim”, eu disse.

“Como você pode ter tanta certeza?”

"Porque Runa não é a única vítima de Maddie, e se eles lutarem comigo, eu vou ameaçar vazar o que sei. Então, sim, eles vão me pagar. E aí eu vou vazar de qualquer jeito, porque que se danem."

Os dentes de Stella se fecharam com um estalo, e eu soube que a tinha conquistado.

"O que a Maddie está vestindo hoje à noite?", perguntei, dando um passo para trás em direção às portas.

“Espere, precisamos conversar mais sobre isso.”

Girei sobre os calcanhares e entrei. Para mim, não havia mais nada a

discutir.

Stella correu para me alcançar. "O que você vai fazer?"

"Tenho certeza de que vou pensar em algo", eu disse. "Mas se você pudesse fazer uma lista dos maiores medos dela, seria útil. Não me importaria de encher a bolsa dela de aranhas."

“Isso é horrível.” Uma pausa. “Que sejam abelhas. Ela é alérgica a elas.”

Dei uma risadinha e passei meu braço em volta da cintura de Stella. Droga, ela realmente usava o humor como muleta. No começo, isso me irritava, mas agora eu temia sentir falta disso quando tudo acabasse.

“Vire à direita”, disse ela. “Eu a vi entrando no período Jurássico.”

Peguei duas taças de champanhe de um garçom que passava, entregando uma para Stella porque ela gostava de ter algo para fazer com as mãos nesses eventos. Isso diminuía a vontade dela de mostrar o dedo do meio para as pessoas. "Por que ela foi convidada, afinal?"

“Não era”, disse Stella. “Ela veio como convidada de outra pessoa.”

“É mais uma armação.”

"Absolutamente."

“Quem é o acompanhante dela, algum herdeiro bajulador?”

“Não, na verdade. Ele é o diretor financeiro da empresa. Acho que ele é o primeiro da família dele a se formar na faculdade. E eu só o encontrei duas vezes, mas ele me pareceu uma pessoa decente.”

"Ele deve ter um lado Mr. Hyde escondido se está namorando com ela."

"Provavelmente mastiga fazendo muito barulho", disse Stella.

“Usa luvas hidratantes para dormir.”

“Coleciona bonecas antigas.”

"É secretamente um pervertido."

Stella deu uma risada alegre e contagiante que eu nunca tinha ouvido antes e que me fez virar a cabeça. Ela percebeu meu olhar e ergueu os olhos, e paramos ali mesmo, no meio da multidão.

Droga. Eu não a odiava nem um pouco. Mas também não estava pronto para analisar meus verdadeiros sentimentos, então, em vez disso, acenei com a cabeça atrás dela. "Ei, olha só. Vocês combinam."

Ela olhou por cima do ombro para o dinossauro mais próximo. Ele tinha cerca de um metro e oitenta de altura, com pele manchada de cinza-escuro e protuberâncias ósseas salientes ao longo da testa e do nariz, quase

exatamente nos mesmos lugares onde estavam seus piercings.

Seus olhos se estreitaram quando ela se virou para mim. "Você é um idiota."

“Espera, quero tirar uma foto.” Peguei meu celular. “Diga: ‘Iguais!’”

"Eu te odeio", disse ela, afastando-se a passos largos, e embora o comentário tenha sido leviano, as palavras doeram.

Corri para alcançá-la, passando um braço em volta de sua cintura porque não consegui me conter, e porque poderia ser uma das minhas últimas chances. "Você sabe o que dizem sobre o amor e o ódio serem duas faces da mesma moeda."

"Eu sei que quem realmente acredita nisso é um idiota."

Baixei a voz. "Que palavras fortes vindas da mulher que gritou meu nome quando chegou."

Ela emitiu um som de horror.

Meu sorriso parecia maníaco. "Não sabia que você tinha feito isso, né?"

“Porque eu não fiz isso”, insistiu ela. “Eu disse: ‘Ai, meu Deus’”.

"Pensei que Deus fosse o apelido que você tinha escolhido para mim."

“Você é tão convencido.”

"Será?" Lancei-lhe um olhar cúmplice. "Ou será que chegou a hora de você finalmente admitir que minha autoconfiança é justificada?"

Ela desviou o olhar, percorrendo a sala com o olhar como se procurasse uma tábua de salvação. "Ah, olhem! Meus pais. E Richard está com eles."

Foi como se ela tivesse jogado um balde de água gelada na minha cabeça. Puta merda, eu não queria ver aquele idiota ainda.

Ela puxou meu braço, praticamente me arrastando pela sala. Contornamos um pequeno grupo que conversava perto de um estegossauro, e lá estava ele, parado bem entre Georgie e Phil, com uma bebida na mão e um sorriso largo no rosto, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. A visão me deu vontade de rugir como um daqueles malditos dinossauros, me deu vontade de arrancar o copo da mão dele e quebrá-lo na cabeça dele.

Pensei que ficaria mais fácil vê-lo, mas só ficou mais difícil esconder meu ódio.

Phil nos avistou. "Theo", disse ele, com um sorriso caloroso e acolhedor. "Que bom que você pôde vir."

Cumprimentei o trio, com Richard dando um passo à frente por último,

estendendo a mão.

"Que bom te ver de novo, Theo", disse ele, com um sorriso sincero.

Forcei-me a sorrir de volta, a deslizar minha mão na dele e a não sucumbir à vontade de quebrar todos os seus dedos.

Que bom te ver também, pai. Seu sorriso não vai durar muito tempo.

23

STELLA

“Sr. Lawson”, disse Theo, soltando a mão de Richard. “Como vai?”

“Ótimo”, disse Richard, lançando um olhar de soslaio para meu pai. “Essa carta tem enchido minha caixa de entrada de trabalho, e estou quase tentado a pedir demissão e fugir para um vinhedo só meu na Toscana.”

Mamãe fez uma careta. "E se transformar numa daquelas pessoas insuportáveis que não fazem nada além de falar de uvas?"

Richard passou a mão na nuca como se tivesse sido pego. "E daí se eu fiz isso?"

O olhar da mãe era repreensivo. "Você estaria morrendo de tédio em um mês e imploraria para voltarmos, mas até lá já teríamos contratado alguém muito mais qualificado do que você para ocupar o cargo, e tudo ficaria insuportavelmente constrangedor."

Richard olhou para Theo. "Há trinta anos que suporto este tipo de assédio no local de trabalho."

Theo deu uma risadinha, e para quem não o conhecia, provavelmente soaria normal, mas meus ouvidos captaram uma nota forçada. Será que ele ainda estava pensando em Maddie? Será que a tinha visto no meio da multidão? Procurei por ela, com a adrenalina correndo pelas minhas veias enquanto meu instinto de luta ou fuga se ativava. Onde ela estava? Na minha cabeça, eu a via espreitando atrás de cada grupo de pessoas, esperando para atacar no segundo em que eu baixasse a guarda.

“Ah, Jerry!” disse Richard, erguendo o copo para alguém do outro lado da sala. Ele nos lançou um sorriso de desculpas ao se afastar. “Eu sei que não devemos falar de trabalho nessas ocasiões, mas quero agradecê-lo por ter me entregado um relatório antes do prazo.”

Meus pais nos deixaram alguns minutos depois para fazer as visitas, e notei que o olhar de Theo ainda seguia Richard.

"Ele sempre vai a essas festas sozinho?", perguntou.

“Sim, ele está solteiro desde que o conheço. Quer dizer, ele já namorou, mas não me lembro de ele ter tido um relacionamento sério alguma vez.”

Theo bufou. "Típico."

“O que você quer dizer com isso?”

Ele me encarou. "Só mais um playboy rico."

“Richard não é assim.”

Sua risada em resposta foi condescendente.

“Não é ele”, insisti. “Houve um grande drama quando eu era mais jovem, e ele e a esposa tiveram um divórcio muito longo e muito conturbado. Acho que ele conheceu outra pessoa durante esse período? Mas aí ela simplesmente sumiu, e ele está sozinho desde então.” Havia mais na história, incluindo a busca desesperada de Richard pela mulher que havia desaparecido e por uma criança que ele tentava encontrar há mais de duas décadas, mas eu não ia revelar seus segredos.

“Que história!”, disse Theo, parecendo não acreditar nela, o que me deixou na defensiva. Richard era um bom homem, e eu não gostei da insinuação de que não era.

“Sabe, só porque ele é rico não significa que ele seja um mentiroso.”

Theo abriu a boca, com uma expressão cruel no rosto, mas logo pareceu reconsiderar e virou o resto do champanhe. "Preciso de algo mais forte do que isso para aguentar a noite. Onde fica o bar?"

“Acho que é do período Cretáceo.”

Ele me lançou um olhar vago.

"Por aqui."

Enquanto caminhávamos, mantive os olhos atentos à Maddie, meus ombros se curvando para cima, os músculos tensos. Onde diabos ela estava? Pelo jeito que Theo seguia a multidão, percebi que ele estava se perguntando a mesma coisa, e quando chegamos ao bar, estávamos ambos em silêncio e tensos.

Depois de fazermos nossos pedidos (uma água para mim, um Old Fashioned para Theo), fomos caminhando sem rumo até o Salão da História Humana, tentando agir com naturalidade, embora ambos soubéssemos o que realmente estávamos fazendo: procurando por Maddie.

“Olha só”, eu disse quando nos aproximamos de um homem das cavernas particularmente feio. “Agora encontramos seu gêmeo.”

Theo não teve reação nenhuma. Nem riso contido, nem revirar de olhos. Apenas silêncio. Como se nem tivesse me ouvido. Foi estranhamente frustrante, e sim, de repente me dei conta de que esperava uma resposta. Que eu não estava sendo cruel com ele apenas para minha própria satisfação, ou porque ele merecia (o que merecia), mas por algum outro motivo (provavelmente tragicamente triste) sobre o qual eu deveria

conversar com minha terapeuta.

Outra coisa que eu poderia perguntar a ela? Se eu tinha síndrome de Estocolmo. Não conseguia pensar em nenhum outro motivo para o fato de a ideia de não ver mais Theo me dar um nó no estômago.

Pensando bem, que se dane minha terapeuta. Isso estava além da alçada dela. O que eu realmente precisava era da Runa. Ela seria capaz de desabafar comigo. Talvez eu pudesse passar na casa dela amanhã, usar meus problemas como desculpa para ver como ela estava agora que tinha saído do hospital. Eu poderia ligar antes, ver se ela precisava que eu comprasse algo no caminho, porque, apesar de o apartamento dela ser adaptado para pessoas com deficiência, ainda havia áreas que eram um saco —

"Stella?" disse uma voz feminina hesitante.

Virei-me bruscamente, horrorizada com a possibilidade de Maddie nos surpreender.

Ela estava a poucos passos de distância, com os cabelos loiros perfeitamente penteados e a maquiagem igualmente impecável. Em seu vestido de baile branco, ela parecia a personificação da inocência, o que provavelmente era sua intenção.

“Maddie”, disse Theo, arrastando as palavras.

"Não." Coloquei a mão no braço dele para interromper o que quer que ele estivesse prestes a dizer. Porque eu tinha coisas que precisava desabafar primeiro. "O que você quer, Maddie?"

“Para conversar. Por favor.” Seus olhos brilhavam, e eu me perguntava como alguém poderia se deixar enganar por suas lágrimas de crocodilo.

"Tudo bem, podemos conversar", eu disse, forçando meu tom a permanecer calmo, recusando-me a dar a ela o que quer que ela quisesse.

Ela sempre fora dramática, adorava causar escândalos, adorava ser o centro das atenções. Maddie prosperava com a atenção, especialmente se conseguisse se fazer de vítima, e eu sempre me perguntava por quê. Será que ela ansiava pela atenção dos outros porque seus pais haviam sido tão ausentes durante sua infância? Seria narcisismo? Um transtorno de personalidade? Tentei perguntar à minha terapeuta, mas ela disse que precisaria conversar com Maddie para poder diagnosticá-la corretamente.

O lábio inferior de Maddie tremeu. "Tentei falar com você na última festa, mas você foi tão grosseiro."

Não respondi, recusei-me a demonstrar qualquer reação externa, e provavelmente foi a coisa mais difícil que já fiz. Essa mulher me incriminou por um crime que não cometi, quase se safou, e mesmo assim lá estava ela, pela segunda vez, agindo publicamente como se fosse a vítima.

“Eu acho...” Seu lábio inferior tremeu, e ela se preparou como se estivesse reunindo coragem. “Eu acho que você me deve um pedido de desculpas.”

A mão de Theo pressionou minha lombar num gesto silencioso de apoio, e isso me encorajou, sabendo que ele estava pronto para arruinar a vida de Maddie se eu vacilasse. Pela primeira vez desde que nos conhecemos, sua presença me deu coragem. Ele praticamente me arrastou para cá quando tudo o que eu queria era fugir, mas agora eu era grata por isso, porque me fez perceber duas coisas: Maddie não era invencível e eu precisava resolver as coisas com ela, por mais feio que fosse. E embora fosse bom ter esse grandalhão implacável ao meu lado, eu não precisava que ele lutasse minhas batalhas por mim. Eu ia fazer isso sozinha.

"Por que eu deveria me desculpar?", perguntei. "Eu não estava dirigindo o carro. Eu não fui quem fugiu do local chorando ao telefone com meus pais. Eu fiquei lá e fiz a coisa certa, e você vem me punindo por isso desde então."

"Por que você continua mentindo?", ela gritou.

“Por que você faz isso?” Acenei para as pessoas ao nosso redor, observando a cena se desenrolar. Era um grupo misto, alguns eram funcionários da empresa, outros amigos e conhecidos dos meus pais. Avistei a Sra. Heidi Ashley e apontei para ela. “Quando tínhamos oito anos, você quebrou a ânfora da Idade do Bronze dela porque ela disse que você não podia ficar com ela.”

“Foi um acidente”, argumentou Maddie.

Em seguida, apontei para Angela Renner. "Quando tínhamos doze anos, você estava louca para ganhar um pônei de aniversário, mas a Angela ganhou um primeiro, e você ficou tão brava que derrubou o bolo dela enquanto cantávamos 'Parabéns pra você'."

"Foi outro acidente", ela exclamou.

“Você tentou arrastar o pônei para longe, gritando que ele deveria ser seu.”

“Não fiz isso.”

Angela bufou. "Você fez isso sem sombra de dúvida, e há outras cinquenta testemunhas para confirmar."

Lancei-lhe um olhar de gratidão antes de voltar a focar-me em Maddie. "Um dia, todo o seu comportamento horrível vai ter consequências. As pessoas vão começar a refletir sobre todos os seus 'acidentes' e a questionar se o seu ato inocente é mesmo isso. Vão começar a ver quem você é. Quem você sempre foi. Uma vadia egoísta, mimada e arrogante."

A risada que ela deu em resposta foi feia, revelando seu verdadeiro eu. "Como se você fosse melhor."

“Sou sim”, eu disse, acreditando plenamente nas palavras. “Talvez nem sempre tenha sido, mas estou tentando compensar meu passado, enquanto você age como uma criança de trinta e cinco anos fazendo birra porque a mamãe e o papai não te amam o suficiente.” Balancei a cabeça, fazendo o possível para imitar o sorriso mais irritante do Theo, porque eu sabia em primeira mão o quanto era exasperante ter aquele sorriso direcionado a você. “Na verdade, tenho pena de você, Maddie. Sua vida deve ser muito triste se você precisa recorrer a provocar para chamar a atenção.”

Um estalo rasgou o ar, e de repente eu estava olhando para a parede.

Minha bochecha estava quente e dolorida. Meus ouvidos zumbiam.

Ela me deu um tapa.

Virei o pescoço, dando de ombros, com a língua ainda com gosto de cobre porque os anéis dela tinham rachado a parte interna do meu lábio.

Theo emitiu um som baixo e raivoso na garganta e tentou avançar, mas eu o agarrei.

“Isso é agressão”, eu disse para a Maddie.

Ela recuou um passo, com os olhos arregalados enquanto procurava apoio na multidão. "Ela me empurrou para isso. Você ouviu o que ela disse."

"Não ouvi nada", disse Angela Renner. "Mas vi você agredir Stella sem provocação, e terei prazer em contar isso à polícia quando eles chegarem."

“Eu também”, acrescentou a Sra. Ashley.

Inclinei-me para a frente e sorri, sabendo que devia parecer perturbadora por causa do sangue que escorria pelos meus dentes: "Corra, Maddie. É a única coisa que você sabe fazer bem."

Ela fugiu.

Alguém começou a aplaudir, mas outros mandaram calar a boca. Assim

que ela sumiu de vista, a atenção da multidão se voltou para mim, e meu pânico aumentou. Eu precisava sair dali.

Theo percebeu e me arrastou na direção oposta, através de uma porta com a placa "Somente para Funcionários" e para um corredor vazio.

"Caramba, isso foi incrível", disse ele, me observando como se fosse a primeira vez que me via.

Me afastei dele bruscamente e caminhei pelo corredor, com os braços em volta do estômago em chamas, o corpo inteiro tremendo de raiva reprimida. Eu não me sentia bem. Pelo contrário, sentia vontade de gritar. De vomitar. Estava com tanta raiva da Maddie por ter aparecido nessa festa e tanta raiva do Theo por praticamente me obrigar a voltar, mas também com tanto orgulho de mim mesma por ter lidado com a situação. Por não ter deixado meus sentimentos me dominarem naquele momento. Por ter encontrado um jeito de provocar a Maddie para que ela cometesse um deslize e revelasse sua verdadeira personalidade.

Havia emoções demais em meu corpo naquele momento, e como eu não estava dando a elas nenhuma outra forma de expressão, elas se manifestaram em forma de lágrimas. Fiz o possível para contê-las, mas um soluço escapou dos meus lábios.

Theo agarrou meu cotovelo e me puxou para um abraço, seus braços me envolvendo, seu calor penetrando minha pele. Imediatamente relaxei em seus braços, enterrando meu rosto em sua jaqueta e inalando seu cheiro.

Você está bem?

"Por que você se importa?" murmurei em sua camisa. "Você me odeia. Lembra?"

Ele suspirou, me abraçando mais forte. "Eu não te odeio. Eu odiava quem eu pensava que você era."

Eu não fazia ideia do que dizer, então fiquei quieta, lutando contra a ameaça constante de lágrimas porque eu não tinha feito aquilo. Eu não perdi a cabeça em público. Mantive a compostura até voltar para a segurança do meu apartamento, onde pude chorar no chuveiro até a água esfriar.

"Como você chegou aqui?", perguntou Theo. "Posso pedir a um dos manobristas que traga seu carro para que eu possa levá-lo para casa."

Balancei a cabeça negativamente. "Não tenho carro. Nem sequer tenho carteira de motorista. Não dirijo desde aquela noite."

Ele ficou em silêncio por um segundo e, quando falou, sua voz estava

mais suave. "Então eu te levo para casa na minha. Tem um banheiro atrás, se você quiser retocar a maquiagem primeiro."

Me desvencilhei de seus braços sem olhar para trás.

Por um instante, eu me esqueci de mim mesma, esqueci que ele era a última pessoa em quem eu deveria buscar conforto. Eu nem estaria nessa situação se não fosse por ele. Ele não era um porto seguro na tempestade; ele era o raio prestes a cair. E não, ele podia não me odiar mais, mas eu ainda não achava que isso o impediria de incendiar minha vida inteira se eu não cumprisse minha parte do nosso acordo.

Verifiquei se estava sozinha no banheiro e tranquei a porta antes de me aproximar do espelho. Felizmente, usei pouca maquiagem hoje e ela não estava tão borrada. Peguei alguns papéis-toalha do dispenser e tentei remover alguns borrões de rímel, mas minhas mãos tremiam tanto que quase me furei no olho.

Larguei o papel-toalha e me virei para examinar meu rosto. Minha bochecha já estava vermelha e inchada. Maddie tinha me batido com força. Inclinando-me para frente, puxei cuidadosamente meu lábio para cima e vi que, sim, a parte interna estava cortada, e eu sabia que, até cicatrizar, serviria como uma lembrança daquela interação horrível.

Meu Deus, eu devia ter ido embora. No segundo em que vi a Maddie, devia ter me virado e saído do prédio, com ou sem o Theo. Eu estava errada. Manter minha posição não me fez sentir melhor. Não me trouxe paz de espírito. Na verdade, me senti pior, porque no final de todos os meus devaneios desadaptativos sobre confrontar a Maddie, ela fez a coisa certa. Ela se entregou à polícia, prometeu confessar e tentou consertar tudo.

Agora me sentia um tolo. Porque uma pequena parte de mim obviamente alimentava uma falsa esperança de que tudo se concretizaria. Pensava que havia pelo menos uma chance minúscula de que ela fosse capaz de mudar, porque eu havia mudado.

Mas eu devia saber que não devia. Claro, eu tinha sido um idiota egocêntrico durante a maior parte da minha vida, mas nunca tinha feito nada de mal; apenas imprudente. Maddie era diferente, e pessoas como ela não acordam de repente uma manhã e decidem corrigir todos os seus erros. Ela tinha se safado de algo terrível e ia se esconder dentro do seu palácio de cristal, onde estaria segura, provavelmente morrendo velha e feliz, rodeada pela sua família amorosa, porque não havia justiça neste mundo.

Theo tinha razão em estar tão cheio de ódio e rancor. Em desejar o mal a todos da classe socioeconômica dos meus pais. Em presumir que as pessoas eram culpadas até que se provasse o contrário. Até então, eu havia lhe dado os piores nomes. Aqueles que eu considerava à altura de Maddie. Mas havia outros que eu havia omitido. Pessoas que talvez não fossem inerentemente más, mas que ainda assim haviam feito coisas ruins. Bem, eu não as pouparia mais. Entregaria cada uma delas a Theo e o deixaria ser seu juiz, júri e executor.

Porque que se fodam.

Cinco minutos depois, saí do banheiro uma mulher transformada, maquiagem impecável, coluna rígida.

Theo estava esperando onde eu o havia deixado, parecendo um vilão de James Bond em seu smoking. Seu olhar pousou em mim. "Você está pronto?"

“Não. Quero ficar. Tenho mais nomes para adicionar à sua lista.”

24

Tyler

O resto da noite não foi tão ruim quanto o começo, mas também não foi bom.

Para começar, estávamos sentados à mesa principal com nossos pais e o resto da alta administração da empresa. Ah, e o Blake. Ele apareceu pouco antes do jantar e estava agindo de forma quase hostil com a irmã. Tentei cruzar olhares com ele para dizer silenciosamente que parasse de ser um idiota insuportável, mas ele evitou meu olhar durante toda a refeição de quatro pratos.

Stella e eu estávamos de péssimo humor, ela por razões óbvias, eu porque ainda estava pensando em como Maddie era uma manipuladorazinha, também estava profundamente confusa sobre meus sentimentos por Stella, e porque estava lutando contra o nervosismo pré-evento, já que minha próxima festa se aproximava e a pressão para que tudo desse certo era astronômica.

Ah, e eu estava perto do Richard há tempo demais.

Eu tinha vontade de rosnar sempre que ele abria a boca. De obrigá-lo a abandonar esse charme e revelar seu verdadeiro eu — assim como Stella havia feito com Maddie.

Quanto mais o jantar se prolongava, mais meus pensamentos se dispersavam. Sentimentos que eu havia reprimido vinham à tona, recusando-se a ser ignorados. Eu não conseguia parar de pensar na minha mãe, uma jovem ingênua do interior que viera para a cidade com grandes sonhos, apenas para ter seus sonhos destruídos por Richard.

Meu pai riu de algo que Phil disse, e eu apertei a faca de jantar com mais força. Ele deveria ter feito a coisa certa e cuidado de nós. Não me refiro a mansões e iates, mas às necessidades básicas, como acesso constante à eletricidade e água encanada. Em vez disso, ficamos com os serviços básicos intermitentes, dependendo de minha mãe pagar as contas em dia. O mínimo de pensão alimentícia teria mudado nossas vidas. Mas não. Ele nem isso fez.

Terminei minha bebida, sinalizando para o garçom que queria outra.

Meus olhos acompanharam a jovem enquanto ela se dirigia ao bar. Será que foi assim que meus pais se conheceram? Mamãe dizia que trabalhava

como garçonete quando um homem bonito, quinze anos mais velho que ela, a encantou e lhe prometeu um sonho. Em vez disso, transformou-se em um pesadelo.

Mamãe não tinha receio de me contar o que havia passado. Ela me dizia repetidamente que eu deveria ficar longe de qualquer pessoa rica, porque não se podia confiar nelas. Que o dinheiro era a maior força corruptora do mundo, capaz de transformar até mesmo pessoas boas em más. Foi aí que nossas opiniões divergiram. O problema não era o dinheiro; eram essas pessoas.

O garçom voltou com minha bebida, mas mal tomei um gole, distraído demais com meus pensamentos sombrios até que Stella se levantou e eu voltei a mim. O jantar havia terminado.

Ficamos conversando depois, o tempo suficiente para eu conhecer as pessoas e para a Stella me apresentar a mais gente que ela achava que se encaixava no meu perfil. Em certo momento, dei uma desculpa qualquer e me afastei. Ainda havia outras pessoas a quem eu precisava me apresentar antes que a festa acabasse.

Depois de fazer meu recado, encontrei Stella, trocamos um olhar silencioso e decidimos que era hora de ir.

Lá fora, estávamos lado a lado na calçada, esperando meu carro. O trovão ribombava à distância, outra tempestade se aproximando vinda do mar.

"Você está em condições de dirigir?", perguntou Stella.

“Eu só tomei um drinque e alguns goles do segundo.”

Ela estava quieta, me observando.

“Tenho um metro e noventa e cinco de altura e peso cento e vinte e cinco quilos. Além disso, comi bastante. Estou bem.”

Ela não parecia convencida, e eu comecei a ficar irritado.

“Não sou nenhum idiota rico que desconhece os próprios limites.”

Ela estremeceu, e só depois me lembrei de que, embora ela talvez não estivesse dirigindo o carro que atropelou Runa, ela tinha sua própria condenação por dirigir embriagada de alguns anos antes.

"Não sei por que você está tão irritada", ela retrucou. "Não foi você quem teve que encarar a pessoa que arruinou sua vida."

A raiva cresceu no meu estômago. Sim, eu tinha feito isso mesmo. Mas não era como se eu pudesse dizer isso a ela, então cerrei os dentes e fixei o

olhar na rua, silenciosamente incitando o manobrista a se apressar.

Estávamos no carro havia apenas alguns minutos quando o céu desabou e a chuva começou a bater com força no para-brisa.

"Você pode ir mais devagar?", perguntou Stella.

“Estou ultrapassando por pouco o limite de velocidade.”

“Sim, mas está chovendo.”

Cerrei os dentes e tirei o pé do acelerador.

“Vai ter uma festa na casa do Feddy amanhã”, disse ela. “O AJ me convidou.”

"Você conversa bastante com ele agora, depois do reencontro?" Eu parecia um namorado ciumento. Droga, eu até me sentia assim.

“Um pouco. E acho que devemos ir. Todos lá serão ou do círculo dos meus pais ou estarão tentando entrar nele.”

Balancei a cabeça negativamente. "Não acho que seja uma boa ideia."

“Por que não? É uma sala cheia de gente rica e entediada. São literalmente os clientes dos seus sonhos.”

“Não preciso disso. A lista de convidados já está praticamente definida e é tarde demais para avaliar novos nomes. Além disso, é melhor manter a festa pequena e exclusiva.”

“Mas menos gente significa menos dinheiro.”

"Não se um deles ficar bêbado e gastar três milhões em uma noite, como o Blake fez." Foi uma coisa idiota de se dizer, e eu sabia disso, mas estava de mau humor demais para tentar consertar.

Stella soltou um suspiro. "Você é um tremendo idiota."

“Nunca afirmei ser outra coisa.”

"Então, espero que a noite seja um grande sucesso e que nunca mais precisemos nos ver."

Apertei o volante com força. "Desesperada para fugir de mim, meu bem?"

“Você pode me culpar?”, disse ela, elevando a voz. “Desde que você invadiu minha vida, contraí dívidas milionárias, tive a pior crise em anos, perdi dinheiro porque estou faltando muito ao trabalho e, para piorar tudo, hoje à noite tive outra briga feia com uma mulher que detesto, porque você me arrastou para lá!”

"Eu não te arrastei para lugar nenhum", respondi rispidamente. "Você escolheu me seguir. Eu era perfeitamente capaz de lidar com ela sozinha."

“Não, você não estava. Ameaçar a Maddie claramente não funcionou da primeira vez, e não teria funcionado uma segunda. Sempre que a vida fica difícil, ela corre direto para os pais.”

“Você não sabe se era isso que teria acontecido.”

“Sim, eu me lembro. Antes da noite do acidente, ela era minha melhor amiga. Ela sempre corre para ajudá-los.”

Lancei um olhar na direção dela. Ela tinha sido melhor amiga daquele monstro?

"Não faça isso", disse ela. "Não ouse me julgar. Você é um maldito agiota, Theo. Você arruína a vida das pessoas para ganhar a vida. Quem você pensa que é para me olhar com desprezo?"

"Já fazia um tempo que você não segurava isso, né?", eu disse, com a voz baixa e rouca.

“Sim. E tem mais uma coisa.” Ela se inclinou na minha direção. “Você pode não conseguir ver, mas você é exatamente como as pessoas que diz odiar.”

"Cale-se."

“Vocês pegam e pegam, sem remorso e sem empatia por aqueles de quem se apoderam. E eu sei com certeza que nem todas as pessoas que vocês perseguem são corruptas, porque vocês perseguiram meu irmão.”

“Pare com isso, Stella.”

“No fim das contas, você é tão ruim quanto eles, talvez até pior, porque faz isso por lucro.”

“Eu disse para calar a boca!”

Os faróis iluminaram o para-brisa. Uma buzina soou. Estendi o braço para a direita, segurando Stella enquanto freava bruscamente e virava o volante para evitar um carro que havia furado o sinal vermelho. Stella gritou quando virei para o outro lado para não bater em um motorista que havia invadido nossa faixa ao desviar do primeiro veículo. Mais buzinas soaram, e soltei Stella porque precisava das duas mãos no volante para nos tirar daquele caos.

Alguns segundos depois, paramos bruscamente na beira da rua, nossas respirações ofegantes ruidosas no silêncio repentino. Olhei para trás, em direção ao cruzamento confuso. Foi um verdadeiro milagre termos saído ilesos dali.

"Você está bem?", perguntei a Stella.

Em resposta, ela soltou o cinto de segurança, abriu a porta bruscamente e saiu cambaleando para a noite.

Droga. Ela deve estar tendo flashbacks do acidente, e embora eu provavelmente fosse a última pessoa que ela queria por perto, eu não podia deixá-la fugir sozinha para a noite.

Manobrei o carro para a frente, estacionei numa vaga vazia e saí. "Stella!"

Ela me ignorou, com os braços cruzados enquanto a chuva começava a encharcar seu vestido.

Tirei meu casaco e a alcancei, colocando-o sobre seus ombros.

"Saia de perto de mim", disse ela, apressando o passo pela calçada.

“Não. Não posso deixar que você seja assassinada em série, ou nunca recuperarei minhas perdas.” Eu tinha dito isso em tom de brincadeira, mas depois da nossa discussão acalorada, soou errado assim que as palavras saíram da minha boca.

“É só isso que eu sou para você?”, disse ela, com a voz baixa e trêmula. “Só isso que qualquer pessoa é para você? Peões num tabuleiro de xadrez?”

Fiz uma careta. Sim, era assustadoramente parecido com a forma como eu tinha pensado sobre Stella pela primeira vez. Como uma peça de jogo, para ser usada e descartada quando eu estivesse pronta para passar para a próxima. Porque era assim que eu tinha que enxergar as pessoas para sobreviver. Caso contrário, eu poderia começar a dar ouvidos às suas histórias tristes — ou pior, a me importar. E eu sabia da tolice disso.

Veja o caso do cara de quem o Junior roubou nosso clube de jogos. Ele tentou me contar uma história triste atrás da outra, quando na verdade ele não passava de um babaca com uma personalidade viciada. Ele teve dinheiro a vida toda e não entendia que era um recurso finito, então quando começou a perder nas minhas mesas, simplesmente aumentou o aluguel de todos os seus inquilinos para cobrir os custos.

Stella interpretou meu silêncio prolongado como uma confirmação de sua acusação. "Você é um tremendo canalha."

Dei de ombros. "Você não está dizendo nada que eu já não tenha ouvido cem vezes antes."

“Mas por quê? Por que você é assim?”

“Lembra do que eu te disse? Aceito qualquer reação que eu conseguir.”

“Pare com isso! Pare de mentir. Ninguém é tão horrível a menos que

alguém realmente o tenha magoado. Quem te magoou, Theo?”

“Não eu”, respondi bruscamente, com os pensamentos sombrios da noite vindo à tona. “Minha mãe.” Peguei Stella e a girei para que me encarasse. “Quer saber por que sou assim? Por causa dela. Ela era a pessoa mais gentil do planeta, e tudo o que faziam era usá-la. Os pais dela para mão de obra gratuita, meu pai porque queria uma amante jovem e gostosa, e todos os outros que entraram na vida dela. Ela dava e dava, e eles só pegavam, como você disse, e eu decidi que nunca deixaria ninguém me manipular. Nunca deixaria ninguém me tratar como a trataram.”

“Você está se ouvindo?”, disse ela, as palavras falhando enquanto tremia. “Você odiava o jeito como sua mãe era tratada, então você se tornou igual às pessoas que a maltrataram.”

"Eu não sou como eles", eu disse com desdém.

“Sim, você é.”

“As pessoas para quem eu sou merecem isso.”

“Você é malvado com todo mundo, Theo!”

Suas palavras ecoaram nos tijolos ao nosso redor, ricocheteando, penetrando em minha pele como insetos.

Eu não fui má com todo mundo. Fui legal com o Josh. Bem, mais ou menos legal.

"Diga uma vez que eu tenha sido grosseiro(a) em algum evento que participamos", eu disse.

“Calma, você tem sido cruel comigo o tempo todo, por causa de chantagem.”

“Tudo bem. Então outra pessoa.”

“Meu irmão.”

“Isso foi legítima defesa.”

“Maddie, que eu admito que mereceu, e todos aqueles que você planeja atacar. Você não merece crédito por ser gentil no resto do tempo, porque não passa de uma farsa para ganhar a simpatia deles.” Ela se soltou do meu aperto. “Chega de conversa. Você é um completo idiota, e sabe disso, e eu nem sei por que estou tentando provar meu ponto. É como falar com uma parede.”

Ela começou a se afastar, mas o pé prendeu na barra encharcada do vestido e ela cambaleou para a frente. Eu a segurei antes que caísse no asfalto, carregando-a no colo, estilo noiva. Eu poderia tê-la levado de volta

para o carro, mas não achei que conseguiria convencê-la a entrar depois de um susto desses, além do fato de que a loja dela ficava a poucos quarteirões de distância. Não seria problema carregá-la o caminho todo porque, meu Deus, ela era leve. Quase dolorosamente leve. Eu havia cometido o erro de pesquisar sobre a doença dela e descobri que pessoas com essa condição podem perder até nove quilos em um mês durante uma crise. Stella não tinha tanto peso para perder, então, pela primeira e última vez, decidi abrir uma exceção para alguém. Para ela.

“Terminamos”, eu disse.

"O que você quer dizer?"

“Tenho certeza de que basta uma das partes para liquidar sua dívida.”

Um arrepio percorreu seu corpo. Eu a abracei mais forte, e embora minha camisa estivesse tão encharcada quanto seu vestido, pelo menos o corpo por baixo estava quente. Toda a minha musculatura me fazia suar, como se uma fornalha queimasse dentro de mim. Nunca pensei que isso fosse bom para algo além de me manter aquecido no inverno, mas se eu conseguisse aquecer Stella novamente, então acho que era meu novo superpoder.

“Mas... você não pode ter certeza disso”, disse ela.

Eu a levantei mais alto. "Cuidado, parece que você quer que eu fique por perto."

"Só quero ter certeza de que, quando me libertar de você, será para sempre."

“Não se preocupe, Sunshine. É para valer. Vou dar um jeito de acabar com eles.” E mesmo que eu não conseguisse recuperar os três milhões, eu não contaria a ela. O dinheiro não era o que eu realmente queria. Vingança, sim, e como agora estava ao meu alcance, não havia motivo para prolongar isso, apesar de eu ainda não estar pronto para me despedir de Stella.

Eu tinha me acostumado com ela nas últimas semanas. E jamais admitiria isso em voz alta, mas ultimamente, eu me pegava ansioso para buscá-la, imaginando que tipo de roupa ela estaria usando, em que humor estaria. Se estaria irritadiça, geniosa ou brincalhona. Eu não sabia o que isso dizia sobre mim, o fato de eu preferir a Stella geniosa a todas as outras versões dela.

Diz que, afinal, você é um mimado e quer que ela o coloque no seu devido lugar, aos pés dela, onde você pertence, acrescentou meu

subconsciente, prestativo.

Tentei abafar. Além de pesquisar sobre gastrite, cometi o erro de pesquisar "fetiche por pirralha" no Google, e agora minha cabeça estava cheia de pensamentos e imagens desnecessárias. Eles vinham surgindo com mais frequência ultimamente, e talvez seja por isso que eu tenha sido tão idiota esta noite. Talvez não tivesse nada a ver com estar preso com Richard e sim com querer a atenção negativa de Stella para me distrair dos meus próprios pensamentos perturbados.

“Sinto muito pela sua mãe”, disse ela.

Quase tropecei. Depois de tudo que eu fiz essa mulher passar, ela estava me pedindo desculpas? Droga, como eu pude estar tão enganado sobre ela? E por que agora eu estava preocupado em estar enganado sobre outras pessoas também?

Balancei a cabeça negativamente. Não. Eu não podia começar a duvidar de mim mesma. Não agora que eu estava tão perto.

“Não precisa se desculpar”, eu disse para Stella. “Estou bem.”

Felizmente, ela deixou para lá. "Pode me colocar no chão agora."

“Descalço?”

“Estou usando sapatos—ah.”

Eles tinham caído meio quarteirão atrás, e isso me fez pensar que ela devia estar meio congelada se não sentiu nada acontecer.

"A mente realmente falha quando envelhecemos, não é?", eu disse, retornando à segurança familiar dos insultos.

"Eu não sou velha", resmungou ela.

“Disse a mulher nascida na década de 1900.”

Ela ficou em silêncio por quase um minuto inteiro. "Essa talvez seja a coisa mais cruel que alguém já me disse."

“Ei”, comecei.

Ela olhou para mim. "Sim?"

Diminuí o passo o suficiente para olhar nos olhos dela. "Não pense que isso significa que de repente vou me tornar uma pessoa melhor, mas sinto muito pelo que aconteceu com a Maddie."

Ela baixou o olhar. "Sim, você já disse."

“Quero dizer, sete anos atrás. Sinto muito que você tenha passado por tudo isso. Sua melhor amiga te abandonando daquele jeito e depois tentando te culpar pelo que fez...” Balancei a cabeça negativamente. “Isso é

muito errado. E sinto muito pelo que aconteceu no carro. Eu deveria ter prestado mais atenção na estrada. Deve ter sido... difícil."

"Não é tão difícil quanto este pedido de desculpas", disse ela. "Não me admira que você seja um completo idiota o tempo todo. Você não leva jeito para isso."

Fingi que a deixei cair.

Ela gritou e se agarrou a mim, e eu a puxei de volta para cima.

"Além disso", acrescentou ela, "embora eu não me arrependa de nada do que disse, posso admitir que gritar com você enquanto você dirigia provavelmente não foi a coisa mais inteligente a se fazer."

Fiquei em silêncio por um instante, refletindo sobre o que ela havia me dito pouco antes do quase acidente. "Eu não cobro pessoas que não podem pagar." Meu Deus, por que eu senti necessidade de me explicar? "Ou pessoas inocentes. Eu pesquiso. Normalmente, cortamos o crédito quando as pessoas atingem o que acreditamos ser o limite de sua dívida."

"Então, como você explica o que aconteceu com Blake?"

Droga. Eu caí direitinho nessa.

"Foi algo que aconteceu apenas uma vez", eu disse. Tecnicamente, não era mentira.

"Você ainda machuca pessoas. Você ainda arruína a vida delas. E talvez a maioria delas mereça isso, mas isso não te torna melhor do que elas."

Suspirei. "Tento evitar ferir as pessoas. Pelo menos fisicamente. Normalmente, preciso que caras grandes e assustadores me ameacem, e isso já é suficiente para apavorar eles. Descobri que ameaças de exposição pública ou confisco de bens são muito mais eficazes do que a violência, então é nisso que nos concentramos. E não somos irracionais. Oferecemos planos de pagamento baseados na renda."

Ela emitiu um som de incredulidade.

"Pense bem, Sunshine. Eu não conseguiria continuar atraindo clientes ricos se fosse tão insensível e brutal quanto todos dizem. As pessoas teriam muito medo de voltar."

"Então, o quê? Você foi um cara legal esse tempo todo em segredo? Ah, qual é, Theo."

"Não, obviamente que não. Fiz coisas terríveis e não pretendo parar."

"Por quê?" A palavra parecia carregada de peso.

"Por que não? É um bom salário. É desafiador, cada mês apresenta

obstáculos diferentes, novas maneiras de ser criativo. Mas, acima de tudo, eu gosto. É divertido. E é o que eu sei fazer bem."

Chegamos à loja dela, as janelas estavam escuras porque já era muito tarde.

"Está bem, pode me colocar no chão agora", disse ela.

Eu a ignorei.

25

STELLA

Para meu horror, Theo me carregou escada acima até meu apartamento.

"Onde fica o banheiro?", perguntou ele, ainda me segurando.

“Vai se foder”, respondeu Amos.

Theo se virou bruscamente, claramente procurando por outra pessoa.

"É só o Amos", eu disse a ele. "E fica ali", acrescentei, apontando.

"Quer um petisco, sua vadiazinha?", chamou Amos.

“Em um minuto.”

“Guloseimas, guloseimas, guloseimas?”

Theo se virou em direção ao banheiro. "Sunshine acaba de ser destronada."

“Se você me chamar de Vaca dos Lanches, eu juro por Deus, Theo...” Eu já não aguentava mais esta noite.

Passamos pela sala de estar, e ele parou apenas o suficiente para dar uma boa olhada em Amos em sua gaiola. "Por que alguém iria querer ter um pássaro como animal de estimação?"

“Ele era da minha avó.” Abaixei a voz, não querendo que Amos ouvisse a próxima parte, embora soubesse que ele provavelmente não entenderia. “E ninguém mais na família o queria.”

Theo resmungou e empurrou a porta do quarto com o ombro, entrando no banheiro privativo e me colocando ao lado do chuveiro enquanto o ligava.

"Estou bem agora", eu disse a ele. "Você pode ir embora."

Ele me lançou um olhar como se eu fosse estúpida. "Por favor. Não é nada que eu já não tenha visto antes, e se sua mãe me ensinou alguma coisa além de como pronunciar errado até as palavras mais básicas, é que você é péssima em cuidar de si mesma. Onde você guarda seus sacos de lixo?"

"Debaixo da pia da cozinha", resmunguei.

Ele saiu do quarto e eu cruzei os braços sobre o peito, começando a tremer novamente, sentindo um frio repentino na ausência do calor do seu corpo. Eu precisava me livrar daquele vestido arruinado, mas tinha a sensação de que Theo queria que eu o jogasse direto no lixo, então tirei apenas o corpete, porque o tecido molhado grudado nos meus seios parecia a parte mais fria do meu corpo.

Um minuto depois, ouvi um farfalhar antes que ele voltasse a entrar.

“Aqui está”, disse ele, agachando-se com a bolsa aberta. “Saia do vestido.”

A visão dele, praticamente ajoelhado aos meus pés, me atingiu como um trator. Aquele idiota arrogante e prepotente estava finalmente tentando ajudar alguém além de si mesmo, e eu não conseguia decidir se estava tocada ou excitada.

Definitivamente síndrome de Estocolmo, pensei. Eu tinha sido forçada a suportar a presença do meu chantagista por tanto tempo que as linhas entre nós estavam começando a se confundir. Fisicamente? Elas estavam arruinadas desde o nosso primeiro encontro desastroso. Mas depois do que ele acabara de revelar sobre a mãe dele, eu me senti começando a simpatizar com ele emocionalmente também. Eu queria saber mais. Abrir a mente dele e vasculhar a questão até entender o que o motivava, todos os traumas que o levaram a ser uma pessoa tão cruel e fechada.

Ele olhou para mim de relance. "Estou tentando te ajudar. Pare de me olhar como se estivesse planejando minha morte de novo."

“Você já ouviu minha mãe dizer ‘assassino’?”

"Não."

“Ela pronuncia ‘mer-dare-er’”, eu disse a ele, abaixando a cintura do vestido.

“Aqui.” Ele guiou minha mão até seu ombro.

Me apoiei na estrutura e saí do vestido. Ele manteve o olhar baixo, juntando o tecido no saco de lixo. Meu sutiã e calcinha logo vieram em seguida. Colocando o saco de lado, ele foi abrir a cortina do chuveiro e minha mão escapou da dele quando ele se levantou.

“Entre”, ordenou ele.

“Só se você disser por favor.”

Uma expressão de irritação tomou conta de seu rosto. "Stella, seus lábios estão azuis, caramba. Não é hora para piadas."

Dei uma olhada no espelho. Eu vinha ignorando meu reflexo há tempos, e, nossa, com razão. Eu parecia um cadáver. Olhos com olheiras profundas, pele pálida como pergaminho, ossos à mostra e, sim, lábios azuis.

"Por favor, entre no chuveiro", disse Theo, com voz baixa e ardente e, meu Deus, eu gostei de ouvi-lo dizer "por favor" desse jeito.

Ele me deu um leve empurrão para a frente, e eu consegui entrar

cambaleando, soltando um chiado quando a água quente tocou minha pele gelada.

Ele enfiou a cabeça para dentro bruscamente. "O que aconteceu?"

“Nada. A água está quente.”

Ele recuou, deixando a cortina entreaberta, e começou a arrancar as próprias roupas, resmungando baixinho sobre mulheres estúpidas e teimosas que insistiam em contrair hipotermia.

"Não consegui voltar para aquele carro", eu disse.

Ele se calou.

Provavelmente eu deveria ter virado o rosto e lhe dado um pouco de privacidade, mas ver Theo se despindo fez valer a pena o risco de hipotermia. Ele tirou a camisa, abaixando-se para jogá-la no saco de lixo, e eu tive meu primeiro vislumbre real de suas costas largas, a pele arrepiada, os músculos se contraindo. Meu olhar se deteve em três pequenas imperfeições: cicatrizes circulares do tamanho de... cigarros.

Jesus Cristo, o que terá acontecido a este homem?

Em seguida, ele chutou os sapatos destruídos e desabotoou as calças. Com um empurrão, elas caíram no chão junto com a cueca, e ele ficou de frente para mim, completamente nu.

"Saiam da frente", disse ele.

Dei um passo à frente, deixando-o entrar atrás de mim. Ele me abraçou pelo peito e me puxou para trás, até o chão do chuveiro, me posicionando bem na sua frente, de modo que eu tivesse seu calor nas minhas costas e a água quente batendo na minha frente.

Um tremor percorreu meu corpo todo, e ele me abraçou com mais força.

Ele rosnou. "Se você acabar com pneumonia..."

“Você sabia que não dá para ficar doente por estar com frio e molhado? Isso é só um mito.”

“Talvez sim, mas isso pode enfraquecer seu sistema imunológico, tornando você mais suscetível a doenças, e você já está doente.”

Abri a boca para responder, mas ele me interrompeu.

“Pare de discutir comigo. Você precisa de toda a energia possível para aquecer seu corpo novamente.”

"Estou bem", menti. "Você não precisa fazer isso. Apesar do que minha mãe lhe disse, eu sei me cuidar."

Ele bufou.

“Eu posso”, argumentei. “E você me odeia, então por que diabos está sentado aqui tentando—”

Ele tapou meu rosto com a mão, cobrindo minha boca e meu nariz. "Shhh. Durma."

Tentei lhe dar um tapa, mas ele agarrou minhas mãos no ar com a mão livre e prendeu meus pulsos contra meu estômago.

"Eu já te disse que não te odeio", disse ele. "Pare de buscar elogios. É patético."

Mordi a palma da mão dele. A mão dele permaneceu onde estava, e senti o pau dele se contrair atrás de mim, confirmando que ele estava gostando. Ah, não. Será que eu estava certa o tempo todo? Será que Theo tinha algum tipo de fetiche por dor ou humilhação, e eu estava, sem querer, alimentando isso?

A longa história das nossas discussões se desenrolou na minha mente. No estúdio de tatuagem. No restaurante italiano. Na casa dos meus pais. Aliás, em todos os momentos em que estivemos juntos no último mês. Todas as nossas mensagens tóxicas, e-mails e olhares mortais.

Será que Theo ficava excitado todas as vezes? Só de pensar nisso, me deu vontade de apertar as coxas. Porque tudo o que eu conseguia imaginar era o pau dele totalmente ereto, escondido dentro da calça enquanto a gente se xingava.

Eu mordi a mão dele com mais força.

Ele soltou um suspiro sibilante e finalmente me soltou, e eu pude sentir seu pau inchando na minha lombar. Que diabos eu ia fazer com essa informação? Ou será que eu precisava fazer alguma coisa com ela?

“Como você disse antes”, comecei.

Ele soltou meus pulsos para afastar meu cabelo e começou a massagear meus ombros. "O quê, exatamente? Já conversamos bastante esta noite."

Fechei os olhos. Os dedos dele eram como o paraíso, acariciando minha pele em círculos, com a pressão perfeita. Entre isso, a água e o calor do corpo dele, eu finalmente estava começando a me descongelar, finalmente começando a relaxar depois de ter ficado tão tensa a noite toda. Maddie. Eu e Theo brigando pior do que o normal. O quase acidente de carro. Eles elevaram minha adrenalina às alturas, o que mascarou os sintomas da minha gastrite, mas eu sabia que o desastre estava chegando, e honestamente? Theo me dizendo que tínhamos terminado não poderia ter vindo em melhor

hora, porque eu não achava que conseguiria aguentar por muito mais tempo sem consequências sérias e duradouras para a minha saúde.

Seus polegares deslizaram pela minha coluna, um de cada lado, e então começaram a fazer círculos lentos no topo das minhas costas. Soltei um gemido baixo e abaixei o queixo até o peito, apenas para vislumbrar suas coxas grossas emoldurando as minhas. Hesitante, estendi a mão e as toquei, forçando meus dedos a permanecerem imóveis em vez de traçar as longas linhas de seus músculos. Parte das minhas aulas de arte incluía anatomia e, mesmo anos depois, eu ainda era fascinada pela forma como o corpo humano era estruturado.

“Stella”, disse Theo.

“Hum?”

“O que você ia dizer?”

"Mais baixo."

Ele baixou a voz. "O que você ia fazer—"

Eu lhe dei uma cotovelada.

Suas mãos deslizaram pela minha espinha.

“Eu estava falando de quando você disse que tínhamos terminado”, esclareci. “O que você quis dizer exatamente? E não comece outra briga. Estou muito cansada.”

“Era exatamente isso que eu queria dizer. Chega de festas ou eventos públicos juntos. Quero meu dinheiro de volta, mas não se isso significar que você vai sofrer tanto por isso. Como eu disse, tento evitar tortura física.”

“Mas tortura psicológica é aceitável?”

“Sim, e acho que já aguentei demais isso da sua parte. Preciso de um tempo.”

“Ha, ha, ha”, eu disse, num tom monótono. “E se você não recuperar suas perdas?”

"Eu vou."

“Mas e se você não fizer isso?”

Ele suspirou, massageando minha coluna até chegar ao topo. "Stella, esquece isso. De um jeito ou de outro, vou conseguir o que quero, mas você não precisa mais se preocupar com isso."

Eu esperava pela euforia que a sentença dele deveria ter me causado, mas devo ter passado por tanta merda esta noite que não consigo sentir alegria, porque tudo o que senti foi entorpecimento. Nem mesmo alívio.

"Você promete?", eu disse.

"Sim."

Eu me virei em seus braços.

"O que você está-"

Eu o beijei. Talvez só por imprudência, talvez só para sentir alguma coisa, ou talvez porque eu estivesse lutando contra a vontade de beijá-lo novamente por tanto tempo que não consegui mais resistir.

Theo ficou paralisado por meio segundo, mas então gemeu, um gemido profundo e gutural, e me puxou para o seu colo. Seus lábios se abriram, nossas línguas se roçaram e—sim. Era isso que eu queria. Era disso que eu precisava.

Suas mãos deslizaram até minha bunda, os dedos cravando nela. Levantei as minhas até o rosto dele e inclinei sua cabeça para trás para ter um ângulo melhor. Ele beijava irritantemente bem, sabia quando aprofundar o beijo, quando recuar. Quando mordiscar meu lábio inferior de um jeito que aguçava meu desejo. Incapaz de me controlar, rebolei os quadris, deslizando minha vagina por toda a extensão do seu pau e parando no topo para sentir a glande roçando minha entrada antes de me impulsionar para baixo novamente.

Ele me puxou para si, o pau pulsando entre nós, e eu rebolei o quanto ele permitiu, o atrito da pele dele contra meu clitóris era suficiente para me deixar tonta. Ele estremeceu, a boca se movendo mais rápido, me obrigando a acompanhar. Talvez eu tenha começado tudo, talvez eu tenha apenas intensificado a situação, mas eu não tinha ilusões de que ele não tinha o poder de me tirar o controle. E mesmo assim, ele me deixou me divertir, permitiu que eu provocasse e atormentasse a nós dois rebolando sem parar, meus piercings nos mamilos roçando no peito dele a cada movimento.

Com um suspiro, inclinei-me para trás para encará-lo, meus quadris se movendo em círculos, seu pau pulsando sob mim. Droga, por que ele tinha que ser tão lindo? A água havia penteado seus cabelos para trás, não deixando nada que desviasse a atenção dos ângulos marcantes de suas maçãs do rosto, daquela boca carnuda. Seus olhos carregavam outro desafio, outra provocação, como se ele não acreditasse que eu fosse capaz. Que eu mudaria de ideia ou amarelaria, deixando a questão de quão bom poderia ser entre nós sem resposta.

Mas se ele estivesse falando sério, e esta fosse a última noite que eu o

veria, não havia motivo para me conter. Nenhum motivo para fingir que eu não o desejava desde a primeira vez que ele entrou na minha loja. Era errado? Quase patético sentir desejo pelo meu chantagista? Talvez, mas naquele momento, eu não dava a mínima. Eu estava escolhendo o problemático em vez do seguro, permitindo-me ser imprudente e estúpida mais uma vez antes de ter que voltar a viver a vida mais tediosa e cautelosa que se possa imaginar.

Inclinei-me para a frente e mordi seu lábio inferior. "Eu quero você, Theo."

Havia um quê de diabo em seu sorriso enquanto ele me encarava. "Esperei semanas para ouvir você dizer isso."

“Então por que você não disse isso primeiro?”

Seu sorriso se alargou. "Porque eu não podia ser o primeiro a ceder."

Tentei descer de cima dele.

Ele me desafiou, puxando-me de volta para o lugar e me segurando ali, os olhos fixos nos meus seios, a língua deslizando para umedecer o lábio inferior. "Eu não podia deixar você saber o quanto eu queria isso." Ele apertou meus quadris e se esfregou para cima. "Que toda vez que eu dizia algo para te irritar, era porque eu estava pensando em transar com você e precisava que você me colocasse no meu lugar."

Um rubor subiu às minhas bochechas. "Você deve ter ficado pensando nisso o tempo todo."

Ele ergueu o olhar até o meu, seus olhos quase negros de tão escuros. "Sim. Naquela noite no restaurante, imaginei me ajoelhando e lambendo sua xoxota ali mesmo na mesa. E depois, do lado de fora daquela primeira festa, quando te coloquei em cima daquele carro. Eu estava desesperado para puxar sua calcinha para o lado e te levar para um lugar onde qualquer um pudesse nos pegar."

Apoiei as mãos no peito dele, acompanhando suas investidas renovadas, sentindo minha lubrificação começar a cobrir seu membro a cada palavra obscena que saía de sua boca. Eu o queria dentro de mim, tanto, mas sabia que ainda não podia tomá-lo.

“Na casa da Cordelia”, continuou ele, “quando o AJ disse que vocês compartilhavam pessoas? Isso se tornou minha nova obsessão.” Ele balançou a cabeça e se inclinou para a frente, prendendo a boca no meu seio, a língua girando em torno do meu mamilo num movimento lânguido

antes de dar um toque no piercing que o atravessava.

Gritei, pressionando com força, desesperado por atrito.

Com um gemido, ele se afastou, usando sua força para me ajudar. "Eu não conseguia acreditar quando realmente aconteceu. Fiquei pensando que você ia entrar em pânico e sair correndo do quarto."

"Eu não podia deixar você ganhar", eu disse, sem fôlego. Eu queria a boca dele de volta em mim.

Seu olhar se tornou fulminante. "Não minta. Você também queria isso."

"Sim." A palavra soou como uma confissão entrecortada.

“Como foi a sensação?”, perguntou ele. “De ter nós dois dentro de você.”

"Tão bom." As palavras saíram quase como um soluço, de tanto que as segurei.

“Mas uma vez não foi suficiente, não é?”, disse ele. “E agora você não consegue parar de pensar em nós três juntos de novo, consegue?”

Balancei a cabeça negativamente.

"Eu também não consigo parar de pensar nisso", disse ele. "Você no meio de novo, ele e eu tão fundo dentro do seu cu e da sua xoxota que conseguimos sentir os movimentos um do outro."

Ai, meu Deus.

Recuei rapidamente, aterrissando no fundo da banheira entre as pernas dele. Ficamos nos encarando, peitos ofegantes, o silêncio tão ensurdecedor.

Ele se levantou, a água escorrendo de seu corpo grande e bonito, e estendeu a mão para mim.

“Sobe aqui. Quero você quentinha e limpa antes de te foder.”

26

Tyler

Stella e eu demoramos uma eternidade no chuveiro, nos acariciando, nos beijando e nos provocando até o êxtase, entre uma lavagem e outra. Levamos ainda mais tempo nos secando antes que ela vestisse um roupão — curto, de seda e, claro, preto — e enrolasse o cabelo em uma toalha enquanto eu amarrava uma na cintura. Depois, a conduzi para o quarto.

Meu corpo implorava por alívio, e eu percebi pela falta de ar de Stella que ela também precisava. Havia um espelho na parede, à vista do canto da cama, e esse se tornou meu alvo.

"Onde estão seus preservativos e lubrificante?", perguntei.

"Mesa de cabeceira."

Ela puxou minha mão. "Não tenho DSTs."

"Eu também sou."

“E eu tomo anticoncepcional”, disse ela, mordendo o lábio inferior.

“Stella, você está me dizendo que eu posso transar com você sem camisinha?”

Ela assentiu com a cabeça. "Se você quiser."

Eu gemi. "Sim, eu quero." Peguei o lubrificante e a conduzi até a beirada do colchão. "Venha aqui", eu disse, sentando na beirada, com os pés apoiados no chão. Puxei-a para o meu colo, de costas para mim, segurando-a firme enquanto ela encolhia as pernas, apoiando-se nos joelhos. "Não se preocupe, eu não vou deixar você cair."

Ela olhou para mim por cima do ombro, com uma sobrancelha perfeitamente arqueada. "Você dizer isso me faz sentir como se estivesse prestes a me empurrar."

“Este é o único lugar onde você pode confiar em mim”, eu disse a ela, levantando seus quadris o suficiente para desenrolar minha toalha e enfiar meu pau por baixo dela, suas nádegas emoldurando a base, meu membro pressionado contra cada centímetro de sua carne escorregadia. Meu Deus, ela estava encharcada.

Um arrepio percorreu seu corpo.

"Você ainda está com frio?" Eu não sabia como ela podia estar. Ela parecia uma fornalha, a combinação da água quente com o que tínhamos feito debaixo dela elevando sua temperatura.

Ela balançou a cabeça. "Não. Isso é bom."

“Olha”, eu disse, apontando com a cabeça na direção do espelho.

Ela girou, observando-me desatar seu roupão. Ele se abriu, revelando-a sentada no meu pau.

“Você é absolutamente deslumbrante, Stella.”

Ela sorriu, sabendo que era verdade, e rebolou os quadris. Eu gemi, puxando a gola do seu vestido para baixo para beijar a parte de trás do seu ombro. Ela era tão quente, tão acolhedora, e, a julgar pela umidade que me envolvia, tão excitada quanto eu, me dizendo que eu não estava sozinho nisso. Ela também sentia isso, essa coisa entre nós, essa faísca de desejo que estava a um sopro de se transformar em um incêndio.

Como seria penetrá-la agora? Não seria preciso muito, apenas um movimento de seus quadris e uma estocada vigorosa. Mas, apesar do calor úmido dela, ela estava longe de estar pronta para isso, e se esta fosse minha única noite com ela, eu faria valer a pena.

Com esse pensamento em mente, puxei a toalha de seus cabelos e me inclinei para beijar o ponto atrás de sua orelha. Ela inclinou a cabeça para o lado, observando-me enquanto eu mordia e acariciava sua pele, movendo os quadris como se estivesse testando a posição.

“Theo”, disse ela naquele tom baixo e rouco que eu mais gostava.

“Shhh”, eu disse, tentando acalmá-la. “Eu sei do que você precisa.”

Deslizei as mãos pelo roupão e acariciei seus seios por cima do tecido, acariciando-os com as palmas das mãos. Nossa diferença de altura me dava o ângulo perfeito para ver por cima do seu ombro, permitindo-me observar o que eu fazia, acompanhar meus dedos enquanto a acariciavam e provocavam, vê-la dar mais um movimento experimental com os quadris. Era um deleite para os sentidos, e me deixou ávido por mais.

Afastando o roupão, tirei-o dela e o puxei de entre nós, deixando-a completamente nua à minha vista. Seus piercings nos mamilos brilhavam na penumbra, implorando por atenção. Passei os dedos sobre eles simultaneamente. Stella me recompensou com um gemido suave, apertando as coxas abertas. Flexionei as pernas, pressionando meu pênis contra ela, oferecendo-lhe mais fricção. Ela se contorceu contra mim e gemeu novamente, começando a demonstrar impaciência.

"O lubrificante", eu disse, sem querer soltá-la nem por um segundo.

Ela procurou às apalpadelas, e fiquei aliviado ao ver que não era o único

me sentindo pressionado e desesperado. Com um movimento rápido, ela abriu. "Está esquentando."

“Me cubra com isso.”

Ela espremeu uma grande quantidade, e eu tive que segurar seus quadris enquanto ela se levantava, fazendo o que eu mandava.

Assim que ela terminou, eu a acomodei de volta, com meu pau ainda ereto embaixo dela, porque seria melhor para nós dois se ela gozasse primeiro antes de eu penetrá-la.

Ela deu um suspiro, movendo os quadris sobre o meu membro, e inclinou-se um pouco para a frente, apoiando as mãos nos meus joelhos para se firmar antes de começar a se mover. Segurei seus quadris e a ajudei, meu pau começando a esquentar com o lubrificante e o calor dela. Na vez seguinte em que ela se ergueu, puxei-a para baixo com ainda mais força, obcecado com o jeito como sua bunda batia contra mim.

Ela estremeceu, as unhas cravando nos meus joelhos. Um som baixo e desesperado escapou de sua garganta. No espelho, ela parecia meio desfeita, tão exausta quanto eu depois de tanto tempo nos provocando no chuveiro. Eu só queria levá-la ao ápice e convidá-la para o esquecimento comigo, então voltei a acariciar seus mamilos, enquanto movia meus quadris para cima.

Ela gritou.

"Diga, meu bem", eu rosnei. "Diga que você queria que eu estivesse dentro de você."

"Queria que você estivesse dentro de mim." No espelho, seus olhos encontraram os meus num desafio familiar. "Quero que esse pau grande e lindo me parta ao meio."

Eu paralisei, mesmo enquanto ela continuava se movendo. "Você deveria vir primeiro. Vai ser mais fácil."

"Não quero que seja fácil." Ela se ajoelhou. "Quero que você me foda com tanta força que eu fique dolorida por dias."

“Stella, eu imploro. Não sou uma pessoa boa o suficiente para dizer não ao que você está pedindo.”

Ela inclinou os quadris para trás e eu vi meu pau se erguer entre nós. Observei-a tirar uma das mãos do meu joelho e usá-la para guiar meu membro até a entrada dela. "Eu não quero uma pessoa boa. Quero que o homem que eu odeio me prove o quão grande e perverso ele realmente é.

Esta é a sua única chance de me foder, Theo." Seus olhos escuros me encararam fixamente. "Faça valer a pena."

"Vai doer", rosnei.

“Ótimo. Que se dane, Theo.”

"Isso é uma ordem?", perguntei, repetindo palavras que tinha lido num fórum online para crianças mimadas.

Sem hesitar, Stella respondeu: "Sim".

Algo se quebrou dentro da minha mente, toda a fúria reprimida, a frustração sufocada e a atração negada finalmente encontraram vazão.

Ótimo. Se era isso mesmo que ela queria, eu faria o pior que pudesse.

Envolvi-a pela cintura com um braço, tapei-lhe a boca com a mão para abafar o som que ela estava prestes a fazer e puxei-a para cima do meu pau.

Ela gritou, com os olhos arregalados acima da minha mão.

Eu a abracei enquanto suas costelas subiam e desciam e suas narinas se dilatavam, o som de sua respiração entrecortada enchendo meus ouvidos. Ela estava tão apertada que eu sabia que devia estar sentindo dor, sabia que aquilo devia ter doído pra caralho, mas, meu Deus, a visão dela, presa contra mim, meu pau penetrando nela. Aquilo me excitou. Tornou impossível ficar parado por mais tempo.

“Pisque duas vezes se precisar de um segundo.”

Ela me encarou, sem piscar, e mordeu minha palma com tanta força que provavelmente chegou a ferir a pele. A sensação foi incrível. Coloquei as duas mãos em seus quadris e comecei a fazê-la quicar no meu pau com estocadas curtas e brutais, porque ela era tão apertada que esse era o máximo de movimento que sua vagina permitia. Ela arfou, as unhas cravando nos meus joelhos, os quadris se inclinando para trás para me encontrar.

As palavras começaram a jorrar de seus lábios. "Porra. Sim. Ai. Não, não pare. Está bom. Theo, está perfeito. Assim mesmo."

Eu não sabia o que era mais excitante: o que estávamos fazendo ou o fato de estarmos assistindo como se fosse nosso próprio filme pornô particular. Suas coxas se contraíram, a barriga se projetou, os seios balançaram, os lábios se entreabriram, e meus pensamentos voltaram à noite em que eu havia enchido aquela boca imunda com tanta força que ela quase se engasgou.

Inexplicavelmente, a vagina dela apertou ainda mais, e ela começou a

me penetrar com mais força. Será que ela estava...?

“Porra! Isso aí, Theo, mais forte.”

Caramba, ela já estava vindo.

Usei minha pegada em seus quadris para levantá-la um pouco e penetrá-la com força, dando a Stella tudo o que eu tinha, sem me conter.

"Perfeito", ela soluçou. "Oh, é tão bom. Assim mesmo. Bom. Menino."

O prazer que me invadiu com o elogio foi diferente de tudo que já senti na vida, e passei de quase gozar a ter um orgasmo completo num piscar de olhos. Puxei-a para baixo com força, apertando seus quadris enquanto ejaculava profundamente dentro dela.

Puta merda.

O que é que foi isso?

Stella ficou mole, começou a cair para a frente, e eu a segurei antes que ela caísse. Deitei-a na cama e a cobri com o cobertor para que ela não sentisse frio novamente.

Não podia ser só isso. A única vez que eu ia transar com ela. Porque agora que eu tinha feito isso uma vez, eu nunca mais queria parar.

Mas eu precisava fazer isso. Porque eu ainda tinha um trabalho a fazer, e assim que eu o fizesse, ela passaria de me odiar a querer me matar.

A menos que . . .

Encontrei uma maneira de poupar os pais dela e atingir apenas o Richard. Talvez seja possível, mas isso forçaria uma reestruturação dos meus planos e causaria mais algumas semanas de atraso, depois de já ter esperado anos por essa oportunidade. Será que eu realmente poderia fazer isso? Deixá-los impunes depois do que o melhor amigo e sócio deles fez?

Na minha mente, eu via Georgie e Phil, ela com seu olhar penetrante e sagacidade, ele com sua afabilidade e sorrisos fáceis. O amor evidente que sentiam pelos filhos. As inúmeras vezes em que os vi afugentar os detratores de Stella quando ela não estava prestando atenção, protegendo-a silenciosamente como dois leões protegendo um filhote.

No fim das contas, eu não tinha provas concretas de que eles tivessem qualquer envolvimento no que aconteceu com a minha mãe, apenas suposições. Talvez não fosse a pior ideia do mundo jogar pelo seguro e poupá-los, na remota possibilidade de serem inocentes. Eu estava enganada sobre a filha deles. Quem garante que eu não estava enganada sobre eles também?

Deixei esse pensamento de lado para depois. Ali, naquele momento, tudo o que importava era aproveitar o que poderiam ser os últimos instantes que eu teria com Stella. O resto podia esperar.

Ela se esticou ao meu lado como um gato, com os dedos dos pés esticados e as mãos erguidas acima da cabeça. "Hum, eu precisava disso."

“É óbvio”, respondi arrastando as palavras. “Você fica cinquenta por cento mais tolerável assim.”

Seus olhos se abriram, faiscando.

“Ops, falei cedo demais.”

Ela começou a rolar para longe, mas eu a impedi, puxando-a de volta para mim de bruços.

"Não se mexa", eu disse, ajoelhando-me entre as pernas dela e as afastando ainda mais.

“O que você está fazendo?”, perguntou ela, olhando para mim por cima do ombro.

Deslizei minha mão pelas costas dela, enfiei meus dedos entre suas nádegas para provocar seu pequeno e arrebitado ânus, e então afundei lentamente meus dedos em sua vagina encharcada, deliciando-me com a certeza de que metade daquele esperma era meu.

Ela sibilou.

"Dolorido?"

“Sim, mas eu queria ser. Theo, isso foi...”

“Eu sei”, eu disse, girando meus dedos dentro dela, desejando que tivéssemos mais tempo. “Preciso ir logo. Infelizmente, meus planos estão sempre dando errado e preciso resolver algumas coisas.” Tirei meus dedos de dentro dela e os levei até suas costas, começando a desenhar sobre elas. “Não tome banho.” Depositei um beijo em seu ombro. “Se esta for a única noite que temos juntas, quero saber que você adormeceu com as minhas palavras na sua pele.” Dei outro beijo no topo de sua coluna. “Essa parte de mim ainda estará aqui com você depois que eu partir.”

Mergulhei meus dedos nela, acariciando-a, aliviando um pouco de sua dor, querendo fazê-la se sentir bem uma última vez, antes de retirá-los e desenhar a próxima letra, repetindo o movimento até fazer Stella chegar ao orgasmo novamente e escrever uma mensagem secreta completa em suas costas.

27

STELLA

Já eram quase 3 da manhã quando finalmente saímos do meu quarto, eu de roupão, Theo de calça social e a maior camiseta que eu tinha.

Não tínhamos acendido nenhuma luz na sala de estar, então foi especialmente assustador quando Amos fez um barulho baixo de clique e gritou "Olá!" do escuro com uma voz aguda.

Theo parou abruptamente, e eu quase esbarrei nele.

“Onde ele está?”, perguntou.

“Do outro lado da sala, em sua gaiola.”

Mais cliques. “Ah, ha ha ha haaa.”

Era a risada habitual de Amos, mas agora, até eu podia admitir que soava um pouco assustadora.

Os ombros de Theo se ergueram em direção às orelhas. "Tem certeza?"

“Sim.” Para provar meu ponto, passei por ele e acendi a luz suave da cozinha.

A luz iluminou o apartamento o suficiente para que eu conseguisse distinguir a gaiola e as plantas, mas Theo ainda não tinha saído da porta do meu quarto. Não sou fã de pássaros, então.

"Oh, Theo!" exclamou Amos, imitando-me quase perfeitamente.

Jesus. Será que eu realmente falava assim?

Theo se virou para mim com uma expressão insuportável.

"Ele repete o que ouve", eu disse, constatando o óbvio enquanto me retirava para a cozinha. "Quer água ou algo assim antes de ir?" Dei-lhe um sorriso irônico. "Já que acabei de te deixar sem fôlego."

Seu olhar percorreu meu corpo, como se estivesse se perguntando se tínhamos tempo para uma segunda rodada. Ai, meu Deus, eu esperava que não. Minha vagina não aguentaria. Não depois do que ele tinha acabado de fazer comigo. Do que eu praticamente implorei para que ele fizesse comigo.

"Só água", disse ele finalmente.

Peguei uma garrafa na geladeira e me virei, congelando.

Theo estava de pé ao lado do meu sofá, meio curvado sobre a mesa de centro. "O que é isso?"

A forma como seu tom de voz mudou para pura alegria foi um claro indicador de que ele havia encontrado algo para me atormentar, e eu dei

uma rápida olhada nos objetos espalhados pela mesa, preocupada por ter deixado algo embaraçoso à vista, como um vibrador, meu aparelho ortodôntico ou... ai, droga.

Meu caderno de esboços.

Tentei atacá-lo, mas ele me empurrou com o quadril, me jogando no sofá, e enquanto eu estava me esquivando, ele agarrou o caderno de desenhos. O caderno se abriu em suas mãos, e uma folha solta se soltou. Senti um arrepio ao ver um desenho a carvão do seu bíceps cair no chão.

Seu sorriso se alargou quando ele virou para a primeira página, e ele me lançou o olhar mais bajulador e presunçoso que eu já tinha visto. "Eu sabia que você era obcecada por mim."

Saltei do sofá e tentei pegar o objeto dele, mas ele o manteve fora do meu alcance, e eu não ia pular para pegá-lo como uma criança no parquinho. De qualquer forma, já era tarde demais. O estrago estava feito e agora o ego dele estaria tão grande que não haveria mais conversa. Ainda bem que esta era nossa última noite juntos.

Uma leve pontada de decepção me percorreu ao pensar nisso, e tentei reprimi-la.

Theo virou outra página, o sorriso desaparecendo, uma ruga aparecendo entre as sobrancelhas. "Estas são realmente boas."

“Sim, e daí? Você já viu meu trabalho. Por que está surpreso?”

Ele me lançou um olhar. "Eu não estava totalmente convencido de que você tinha feito isso sozinha."

"Saia daqui", eu disse, apontando para a porta.

Ele me ignorou, virando outra página. "Nossa, você é realmente obcecada por mim."

Eu não conseguia acreditar que tinha acabado de ter o melhor sexo da minha vida com esse idiota.

Um som de rasgo ecoou pelo apartamento quando ele arrancou uma página.

"Ei!" eu disse, estendendo a mão para pegá-lo.

“Vou levar este comigo.” Ele virou o papel e eu vi seu rosto de perfil. Provavelmente era o desenho mais simples que eu já tinha feito dele, com o queixo apoiado na mão e uma expressão de tédio.

"Por que essa?", perguntei, confusa por ele ter escolhido essa em vez do desenho a tinta muito mais elaborado dele sentado em um trono, com uma

coroa de gelo na cabeça, ladeado por bajuladores sem rosto.

“Foi o primeiro desenho que você fez, então deve ter sido o momento em que você percebeu que estava apaixonado(a).”

“Vou fechar os olhos, e quando eu os abrir, é melhor você já ter ido embora.”

“Ah, não fique bravo(a).”

Uma mão deslizou pela minha cintura. Abri os olhos e, sim, lá estava ele de novo com aquele sorriso mais irritante. Aquele que me dava vontade de socá-lo.

"Adeus, Stella", disse ele, diminuindo a distância entre nós. Deu-me um último beijo embriagador e, por alguma razão estúpida, eu deixei.

Depois, ele deu um passo para trás e me piscou o olho. "Me manda uma mensagem quando você perceber que não consegue viver sem mim."

“Adeus para sempre”, eu disse.

Com uma risada, ele se virou e saiu do apartamento. Esperei um minuto e o segui para ter certeza de que ele realmente tinha ido embora antes de ativar o alarme. Feito isso, voltei para o andar de cima, onde lutei contra a minha curiosidade por uns bons dez minutos antes de perceber que era uma batalha perdida. Com um suspiro, desci novamente.

Elayne fazia tatuagens que brilhavam no escuro com frequência, e tinha uma luz negra grande em sua cabine que ela ligava durante o processo. Levei a minha para o banheiro da loja, liguei-a na tomada, vesti meu roupão até a cintura e me virei de costas para o espelho. Os dedos de Theo se moviam tão lentamente que eu não conseguia distinguir as letras enquanto ele as escrevia. O jeito como ele parava para depositar beijos nas minhas costas e depois nas minhas costelas me fez pensar que ele estava emocionado, como se talvez quisesse um pouco mais de tempo juntos para explorar essa coisa inexplicável e totalmente confusa entre nós.

E o que ele tinha dito...

“Se esta for a única noite que tivermos juntos, quero saber que você adormeceu com as minhas palavras na sua pele. Essa parte de mim ainda estará aqui com você depois que eu partir.”

Com certeza ele havia escrito algo sentimental ou possessivo. Algo que provavelmente não queria que eu visse, mas de que outra forma eu conseguiria vislumbrar o que realmente se passava naquela cabeça dura dele?

Liguei a luz negra e apaguei as luzes. Minhas costas brilharam no espelho, e levei um segundo para decifrar as palavras, porque elas não só estavam invertidas, como também ligeiramente borradas.

F . . .

U . . .

C . . .

K . . .

Y . . .

O . . .

U.

Vai se foder.

Ele escreveu "vá se foder" nas minhas costas com esperma.

Eu definitivamente ia vê-lo de novo. Só uma vez. Para matá-lo.

Subi as escadas pisando duro e peguei meu celular da bolsa encharcada. Felizmente, ele ainda funcionava.

"ME FODE?", mandei uma mensagem para ele.

"Nossa", ele respondeu. "Eu tinha certeza de que você esperaria pelo menos um dia antes de implorar por isso de novo, mas acho que você está mais obcecada por mim do que eu imaginava."

Deixei o telefone cair antes de ceder à vontade de arremessá-lo do outro lado do cômodo. Ele tinha feito isso de propósito, e eu tinha caído direitinho na armadilha. Qualquer resposta que eu enviasse só ia atiçar ainda mais o fogo, dar a ele a vantagem e ainda mais oportunidades para me provocar.

Dessa vez não, porra. Eu me recusei terminantemente a morder a isca.

Deixei meu celular no chão e me virei para ir esfregar minhas costas até ficarem em carne viva no chuveiro. Só quando me deitei para dormir é que sorri e comecei a rir. Incontrolavelmente. Porque essa talvez tenha sido a melhor pegadinha que já me fizeram, e eu não achava que nada pudesse superar aquilo.

■ ■ ■

Segunda-feira era o único dia da semana em que estávamos fechados, porque era o dia com menos agendamentos. Passei a manhã fazendo compras e tentando ignorar a deliciosa dor entre as minhas pernas, mas momentos da noite de sábado não paravam de me vir à mente. Theo me deixando tomar a iniciativa no banheiro. O prazer excruciante dele me

puxando para cima do seu pau depois que eu praticamente o ordenei a me machucar. Suas mãos grandes acariciando meus seios. A imagem de nós dois transando, refletida no espelho.

Sim, o sexo tinha sido incrível, mas eu tinha gostado da dinâmica de poder tanto quanto, e fiquei igualmente chocada e excitada com a disposição do Theo em fazer o que eu mandava. Ele passou tanto tempo me dando ordens que foi bom finalmente ter a minha vez. Havia algo estimulante em ter um homem enorme, que poderia facilmente me dominar, tão disposto a ser submisso. Era a primeira vez que eu me sentia assim, que queria dominar alguém, e eu já tinha tido vários parceiros. Isso me fez pensar se era algo meu, algo do Theo, ou algo nosso.

Balancei a cabeça negativamente. Provavelmente era coisa do Theo. Não havia a menor possibilidade de eu ser a única parceira sexual dele que queria que ele se sentasse e calasse a boca.

Uma imagem de Theo amarrado e amordaçado passou pela minha mente, e eu tive que cruzar as pernas no ônibus.

Eu estava indo para a casa da Runa, com uma sacola de compras aos meus pés. Ela estava em casa havia alguns dias, e eu me ofereci para passar lá com algumas coisas essenciais. Nós duas sabíamos que era apenas uma desculpa para eu visitá-la depois da cirurgia.

Ela morava em um prédio adaptado para pessoas com deficiência, na zona leste. Era um apartamento de um quarto no terceiro andar, com cozinha reformada e uma vista razoável, sazonal, do pequeno parque nos fundos. Nessa época do ano, suas janelas estavam repletas de verde, dando a impressão de que ela morava no meio da copa das árvores, pois os carvalhos do lado de fora estavam muito altos. Ela me liberou a entrada com o controle remoto quando cheguei, e eu usei minha chave para abrir a porta, para que ela não precisasse se levantar.

“Ei”, eu disse, indo direto para a geladeira. “Não tinha aquela marca de macarrão sem glúten que você gosta, então encontrei um de grão-de-bico para você.”

Ela fez um barulho de ânsia de vômito vindo de algum lugar da sala de estar. "Essa porcaria se desfaz na água."

“Perguntei ao atendente, e ele disse que essa marca não faz isso.”

"Veremos", disse ela, com um tom de grande suspeita.

Guardei o resto das compras dela e a encontrei na sala de estar. Minhas

mãos estavam atrás das costas, carregando um presente que eu sabia que a deixaria louca de alegria.

Ela estava esparramada no sofá, com a cadeira de rodas ao lado, pois levaria um tempo até que estivesse recuperada o suficiente para usar as próteses novamente. Na TV passava seu programa holandês favorito, uma produção de época sobre um hotel perto do oceano, com o volume mais alto que o normal porque a máquina de lavar estava funcionando.

Parei ao lado dela, e ela apertou o botão de pausa e olhou para mim.

“O que você fez agora?”

“Comprei algo para você.”

Ela revirou os olhos e se endireitou, e eu fiquei feliz por vê-la com uma aparência melhor do que no hospital. Menos exausta, menos atormentada pela dor. "É melhor que não seja outra caixa gigante de camisinhas, Stella."

“Não é”, eu disse. Pela expressão no rosto dela, eu sabia que ela não acreditava em mim, então fiz um gesto exagerado com as mãos. “Ta-da!”

Os olhos dela se arregalaram. "Cala a boca, você não fez isso."

Assenti com a cabeça e abri a tampa da caixa do bolo, mostrando-lhe que, na verdade, tinha ido até sua padaria favorita, do outro lado da cidade, só para encomendar seu bolo invertido de amêndoa, figo e favo de mel, também predileto dela (e fora de época), pelo qual tive que pagar o dobro.

“Traga-me meu maior garfo”, disse ela, acenando para a cozinha.

Eu ri e coloquei o bolo no colo dela antes de obedecer ao seu pedido, pegando um garfo para mim também.

"Não, não", disse ela, puxando a caixa para perto e curvando-se sobre ela como um dragão guardando seu tesouro.

"Ei, fui eu que comprei", resmunguei. "Não ganhei nem uma mordida?"

“Só depois que você me disser por que comprou um bolo de desculpas para mim.”

“Não é um bolo de desculpas.”

Ela enfiou o garfo na sobremesa e deu a maior mordida imaginável, tudo isso mantendo contato visual direto. "Vou comer essa porcaria inteira na sua frente", disse ela, com a boca tão cheia que migalhas caíram.

“Por que não pode ser um bolo ‘Espero que você se sinta melhor’?”

Ela engoliu em seco. "Porque você não para de me ligar de hora em hora desde que eu saí daquele maldito hospital, e você sabe muito bem que minha recuperação está indo melhor do que o esperado. A verdade, sua

vadia." Ela apontou o garfo para mim. "Desembucha."

Joguei-me na poltrona ao lado dela. "Vi a Maddie de novo."

Runa quase se engasgou. "Que merda? Onde?" Seus olhos se estreitaram. "Se você a matou sem mim, eu vou ficar muito brava."

Balancei a cabeça negativamente. "Eu não a matei, mas cheguei perto. Ela estava na festa da empresa dos meus pais."

“Eu te disse que ela voltaria. Eu te disse que nada do que Theo dissesse a ela seria suficiente.” Eu vinha mantendo Runa informada sobre tudo o que tinha acontecido. Quase tudo.

“Eu deveria ter te escutado.”

Runa fez uma careta. "Quão ruim foi?"

Contei a ela toda a história, começando com Theo me convencendo a ir à festa e depois aquele encontro desagradável. Pulei a parte do quase acidente depois, para não traumatizá-la, mas contei sobre a minha briga com Theo e sobre ter estragado meu vestido favorito na chuva.

Ela ergueu a caixa de bolo na minha direção. "Tudo bem. Acho que você gostaria de uma mordida."

Peguei um pedaço com o garfo e coloquei na boca, e talvez esse também fosse o meu bolo favorito, porque, caramba, a combinação de sabores era tão sutil, mas tão boa.

"Sinto muito", disse Runa. "Que as coisas tenham acontecido dessa forma."

“Por quê? Porque ela ainda está viva?”

“Sim, mas também porque parece de enlouquecer.” Ela balançou a cabeça. “Ela simplesmente ficar ali parada, exigindo um pedido de desculpas depois de tudo o que fez? Meu Deus.”

"Não sei como consegui manter a compostura. Nunca me senti assim na vida. Como se eu pudesse realmente matar alguém com as minhas próprias mãos. Bem, tirando o Theo."

"Que pena que ela não seja solteira, senão você poderia juntá-los. Parece que eles se merecem."

Peguei outra garfada generosa de bolo, tomando cuidado para não olhar nos olhos dela.

Ela suspirou. "Você transou com ele, não foi?"

Enfiei o bolo na boca e apontei para ele como quem diz: "Ops, desculpa, hora errada. Não posso te responder."

Ela se inclinou para a frente e deu um tapa no meu ombro. Eu realmente deveria saber que não devia sentar tão perto dela.

Mastiguei a comida e engoli. "Foi algo que aconteceu só uma vez."

Ela brandiu o garfo como se fosse uma espada. "Mentirosa."

“Tudo bem. Foi algo que aconteceu só uma vez. Duas semanas atrás, transamos com o AJ.”

Runa soltou um grito de alegria. "Sua vadiazinha imunda. Como foi?"

Cobri o rosto, espiando-a por entre os dedos. "Que horas?"

“Ambos, óbvio?”

“Foi...” Deixei minhas mãos caírem, tremendo.

Ela soltou um assobio baixo. "Tão bom assim, hein?"

“Sim, mas isso não vai acontecer de novo. Theo acha que tem gente suficiente para quitar minha dívida.”

“Mas e se ele estiver errado?”

“Obrigada! Foi o que eu disse.” Rapidamente a atualizei sobre o resto da noite, incluindo a pegadinha do Theo, porque, mais uma vez, não havia segredos entre nós.

Ela riu tanto depois que eu fiquei com medo de que ela fosse se engasgar. "Você precisa vê-lo de novo. Não pode deixar esse homem sair impune depois de uma coisa tão diabólica."

“Por que eu o veria se acabei de me libertar?”

Ela me lançou um olhar do tipo "Não seja idiota". "Porque você quer."

O som da água corrente parou, e então ouvi a porta do box fechar e passos pesados vindo do quarto dela. Fiquei boquiaberto. Não tinha sido a máquina de lavar. Havia outra pessoa ali. Logo de manhã.

Encarei-a com um olhar acusador. "Há algum homem no seu quarto, Srta. Lund?"

Ela baixou o olhar para o bolo. "Não sei do que você está falando."

"Sua vadia do caralho. Todo esse tempo, eu estive me abrindo completamente, e você o quê? Simplesmente não vai me contar que sua recuperação está indo tão bem porque você está sendo fodida até ficar saudável?"

Seus olhos se voltaram para a porta fechada do quarto. "Você pode falar mais baixo?"

Levantei-me da cadeira. "Foi aquela enfermeira gostosa que 'colocou seus eletrodos'", disse, fazendo aspas com os dedos. "Não foi?"

Ela balançou a cabeça. "Não."

“Só há um jeito de descobrir.” Dei um passo para trás.

"Nem pense nisso!" ela sussurrou, quase gritando.

Corri em direção ao quarto, estendendo a mão para a maçaneta, ameaçando abrir a porta.

“Tudo bem! É ele, tá bom?”

Fiz uma pausa de meio segundo, prolongando seu pânico, antes de balançar a cabeça e voltar para o sofá. "Por que você não me contou?"

Suas bochechas coraram.

“Ahhh”, eu disse. “Você gosta mesmo dele, não é?”

“Sim, e eu não queria dar azar falando dele.” Sua expressão tornou-se apologética. “Desculpe.”

"Eu entendo", eu disse a ela. Nossa, como eu entendi. Tudo o que nós duas fizemos foi desabafar sobre nossos traumas e falar mal do mundo inteiro. Se ela tivesse tentado tocar no assunto casualmente, eu provavelmente teria dado um jeito de provocá-la ou transformar tudo em piada. "Fico feliz por você."

Ela sorriu. "Obrigada."

Ouvi mais barulho vindo do quarto e olhei na direção dele, começando a me sentir como um intruso. "Acho que vou embora."

Runa segurou meu braço quando comecei a me levantar. "E o Theo? Você vai vê-lo de novo?"

Balancei a cabeça negativamente. "Não sei. Ele literalmente me chantageou."

Runa deu de ombros. "E daí?"

“E me trataram como lixo.”

Ela revirou os olhos, sorrindo. "Não estou perguntando se você vai se casar com ele. Estou perguntando se você vai transar com ele de novo."

“Você é uma péssima influência.”

Ela ficou séria. "Você não sente que seu trabalho está pela metade? Quer dizer, claro, sua dívida pode ser paga, mas ainda há mais pessoas por aí precisando de justiça pelas próprias mãos."

"Menina, meu estômago está muito ruim para eu sair por aí vivendo minhas fantasias de Mulher-Gato."

Runa riu. "Justo."

“Além disso, Theo já tem nomes suficientes. E ele já tem um pé dentro

do grupo. Quando as pessoas desse meio perceberem que existe uma festa ultraexclusiva para a qual não conseguiram ingresso, ficarão desesperadas para encontrar um jeito de entrar. Tudo o que eu precisaria fazer é dizer a ele quais nomes abordar."

"O que te dá a desculpa perfeita para falar com ele de novo", disse ela com um sorriso triunfante.

28

STELLA

Meu celular tocou com uma notificação, o que significava que devia ser o Blake ou um dos meus pais, já que eu tinha configurado o modo "não perturbe".

"Sinto muito", eu disse, afastando-me da minha cliente, uma mulher latina baixa e com curvas generosas, mechas rosas no cabelo e um visual de pin-up. "Preciso verificar isso."

“Ah, graças a Deus”, disse ela. “Eu estava prestes a pedir uma pausa.”

“Fazer sombreamento é sempre a pior parte.”

Ela cobriu os olhos com o braço. "E eu consigo aguentar duas horas seguidas disso antes de precisar desistir, mas posso dizer para o assistente gato do necrotério que trabalha no meu hospital que estou a fim dele? Não."

"Você é um partidão, Vern", eu disse, tirando minhas luvas. "Ele seria um idiota se te rejeitasse."

“Eu sei disso. Mas e se ele não souber?”

“Então ele claramente não é bom o suficiente para você”, eu disse a ela, empurrando minha cadeira em direção à minha mesa.

Peguei meu celular, desbloqueei a tela e paralisei. Era uma mensagem do meu irmão que dizia: "Vista um vestido de coquetel bonito. Vou te levar para sair."

Hum... às 22h de uma terça-feira? Estou trabalhando? Respondi. E você não fala comigo há mais de um mês? Oi, olá?

"Estive ocupado", ele respondeu por mensagem. "Mas não tão ocupado quanto seu namorado. Confie em mim, você vai querer vir a esta festa."

"Uma emergência familiar?", perguntou Vern, com um tom esperançoso.

Olhei para ela de relance. "Mais ou menos." Que diabos Blake estava falando?

A expressão de Vern mudou para um alívio evidente. "Podemos terminar se você precisar."

“Você precisa mesmo?”

Ela fez uma careta. "É. Acho que não tenho muita energia para hoje à noite."

Observei sua coxa e o retrato de sua avó que lentamente ganhava vida.

"Certo, mas você acha que consegue aguentar até eu terminar esta parte?"

Ela olhou para o lugar onde eu havia parado. "Quanto tempo mais?"

“Cinco minutos, eu prometo.”

Ela se recostou, com um olhar resignado. "Eu consigo."

Virei-me e coloquei um novo par de luvas. "Que mulher corajosa. O próximo passo é convidar para sair um homem que saiba se virar perto de um cadáver."

Ela arqueou as sobrancelhas. "Espero que ele também saiba se virar com animais de verdade."

Eu ri e voltei ao trabalho.

Por sorte, Vern foi minha última paciente da noite e, assim que terminei de examiná-la, tentei ligar para Blake.

Ele me encaminhou para a caixa postal e, em vez disso, me mandou uma mensagem com a localização. Encontre-me em trinta minutos.

Só depois que você me disser do que se trata.

Não consigo explicar por telefone. Por favor, confie em mim.

Normalmente, eu não teria hesitado, mas entre toda aquela história de ter perdido toda a herança no jogo e o jeito como ele vinha agindo, de mau humor e distante (por mais que eu me desculpasse), eu não tinha certeza se conhecia meu irmão tão bem quanto pensava. E o fato dele não me dizer para onde íamos me pareceu um grande sinal de alerta.

Será que era mesmo ele?

Onde escondemos a estátua do pug da Cordy?

Na armadura, junto à entrada principal de sua casa. Por quê?

Só para confirmar.

Sou EU. Blake. O irmãozinho a quem você vai agradecer no final da noite, porque vou resolver o problema que eu criei.

Uma sensação de desconforto me embrulhou o estômago. Uh... do que diabos ele estava falando?

Não há mais nada para "consertar", respondi por mensagem. Estou livre.

Não. Você não é. Nenhum de nós é. E eu estou prestes a provar isso para você. Meia hora, Stella. Esteja lá.

Tentei responder às suas mensagens várias vezes, mas ele simplesmente parou de responder.

Droga. O que diabos ele estava aprontando? Eu tinha acabado de me livrar da chantagem do Theo, finalmente tinha conseguido entrar no lado

bom dele — aliás, no lado menos ruim. Se o Blake fizesse alguma coisa para irritá-lo, eu temia que a gente acabasse exatamente onde começou. Ou pior.

Corri para a barraca do Derrick. Ele ia fechar hoje porque eu tinha decidido começar a cuidar de mim mesma, limitando minha carga horária a um horário de trabalho mais administrável.

“E aí!”, eu disse, debruçada no batente da porta dele. Ainda bem que ele estava entre clientes.

"Sim?", respondeu ele, arrastando as palavras e arqueando uma sobrancelha branca e espessa.

"Preciso sair por um tempo, mas posso ficar disponível se surgir alguma coisa."

"Não vai acontecer", disse ele, e pelo seu tom de voz, tive a impressão de que, mesmo que algo acontecesse, ele mesmo resolveria.

Corri escada acima.

"Guloseima?" gritou Amos.

"Já chega por hoje", eu disse a ele, correndo direto para o meu closet.

Ele soltou um assobio triste, que me comoveu profundamente, mas eu precisava ser mais firme. Eu vinha dando a ele petiscos extras por semanas, por culpa das minhas ausências, e isso era pior do que não dar nada. Eu queria que ele vivesse toda a sua longa vida, e alimentá-lo em excesso era contraproducente.

Abri a porta do meu armário com um estrondo. Escuridão até onde a vista alcançava.

“Como a sua alma”, Theo havia brincado, mas meu guarda-roupa monocromático era mais prático. Preto combinava com tudo. Manchas de tinta eram difíceis de ver. Isso reduzia o cansaço na hora de escolher a roupa. Além disso, simplesmente ficava bem em mim.

Escondido lá no fundo, havia um vestido curto de tule com espartilho que me fazia sentir como o Cisne Negro sempre que o usava. Peguei-o e me vesti rapidamente antes de correr para o banheiro. O marcador de localização que Blake me enviou indicava que eu estava a vinte minutos de distância sem trânsito, o que significava que eu precisava me apressar se quisesse encontrá-lo a tempo.

Um olhar rápido no espelho do banheiro revelou que minha maquiagem tinha resistido muito bem ao longo do dia. Tudo o que eu precisava fazer

era dar leves batidinhas no rosto, reaplicar o blush e o batom, e depois adicionar mais uma camada de pó fixador e spray fixador.

Pronto. Está bom o suficiente.

Pedi um Uber, tranquei a porta do apartamento e saí.

Após uma viagem de carro um tanto apreensiva, eu estava de volta ao ar ameno da noite, parada em uma esquina perto de uma joalheria e um salão de cabeleireiro. Era uma parte mais movimentada da cidade, repleta de hotéis e bares, e havia gente por toda parte. Procurei meu irmão com os olhos pelas calçadas, mas não o vi.

Cheguei, mandei uma mensagem.

Onde? Não te vejo.

Procurei por ele novamente, então espiei pela esquina do prédio, e lá estava ele, caminhando em minha direção de smoking, com uma aparência impecável. Ele havia feito algo com seu cabelo castanho-claro, penteando-o para trás, e a expressão carrancuda que eu vira em seu rosto ultimamente havia desaparecido, substituída por determinação.

“Você está pronto?”, perguntou ele.

“Oi, sim, olá. É bom te ver também. Fico feliz que estejamos conversando de novo. Você finalmente entendeu por que eu fiz o que fiz?”

“Não, seu idiota altruísta. Vamos lá.” Ele entrelaçou seu braço no meu e me conduziu pela rua.

"Você não tinha como pagar", eu disse, observando algumas outras pessoas bem vestidas que seguiam na mesma direção.

"Você poderia?" perguntou Blake.

“Chegamos a um acordo.”

Ele balançou a cabeça. "E você confiou que ele cumpriria a promessa? Que ele não tinha segundas intenções?"

“Não me olhe assim”, eu disse. “Eu não sou idiota. Nunca confiei, nem jamais confiarei, naquele homem. E sim, eu estava preocupada com segundas intenções, mas estava mais focada em nos livrar dele.”

“Foi aí que você errou. Enquanto você passou o último mês flertando com ele, eu estava prestando mais atenção.”

“Eu não estava flertando.” Pelo menos não o tempo todo.

Blake me lançou um olhar de reprovação. "Sim, você estava."

Uma onda de raiva me invadiu. Eu não o havia julgado por ter perdido três milhões de dólares, e agora lá estava ele, me julgando pelo que eu tinha

feito para recuperar aquele dinheiro.

"O que estamos fazendo aqui, afinal?", perguntei, com a voz monótona. Eu queria que aquilo acabasse logo, voltar para o meu apartamento e me acalmar. Também planejava me afastar um pouco mais do Blake. Porque estava claro que meu relacionamento com meu irmão estava mais instável do que eu imaginava, e eu não estava em condições de tentar consertá-lo.

“Eu te disse”, disse ele. “Vamos a uma festa. Uma festa muito exclusiva.”

Exatamente como eu temia. "Como você conseguiu outro convite?"

“Eu roubei o do Henry.”

“E você acha que o Theo vai simplesmente deixar a gente entrar juntos?”

Blake bufou. "Theo não vai ter a mínima ideia de que estamos lá até que seja tarde demais. Essas festas fazem nossos encontros sociais parecerem adoráveis reuniões entre amigos."

"Como assim, tarde demais?", perguntei, estendendo a mão para dar um tapinha no peito dele. "Você não tem uma bomba ou algo do tipo, tem?"

Ele afastou minha mão com um tapa. "Não, e você verá em breve."

“Se você fizer alguma besteira, ele vai dar um jeito de se vingar.”

"Não se ele estiver na prisão", disse Blake, com um tom sombrio.

Meu pulso disparou, meus pensamentos girando em torno daqueles homens grandes e assustadores que Theo havia mencionado, que não estariam na cadeia, mas ainda assim livres para machucar pessoas. E sim, Theo tentou evitar isso, mas eu apostaria que ele abriria uma exceção para aqueles responsáveis por colocá-lo atrás das grades.

Agarrei o braço do meu irmão, tentando nos fazer parar. "O que você fez?" Eu precisava encontrar um jeito de impedir o que quer que estivesse prestes a acontecer.

Ele se desvencilhou de mim e continuou andando. "Você está prestes a descobrir. Chegamos."

Desviei o olhar dele, e tudo ao nosso redor voltou a ficar nítido. Aqui? Aqui, onde? Esta rua parecia com qualquer outra parte congestionada da cidade. Trânsito, pedestres, vitrines, tapumes de construção.

Meus olhos se fixaram na única coisa diferente: dois homens grandes, vestindo uniformes da prefeitura e coletes de segurança, guardavam a entrada do canteiro de obras. Era tarde da noite.

Uma mulher de sobretudo parou em frente a eles. Os três trocaram algumas palavras, e então ela passou entre os dois, desaparecendo na escuridão.

Blake se afastou de mim e eu corri para alcançá-lo, meu coração batendo tão forte que eu sentia que ia me engasgar. Eu não queria ter nada a ver com o que estava prestes a acontecer, mas era evidente que Blake estava determinado, e eu não fazia ideia de como impedi-lo sem recorrer a golpes na cabeça dele e arrastá-lo para fora dali inconsciente.

Talvez eu conseguisse encontrar um jeito de fazê-lo mudar de ideia quando estivéssemos lá dentro? Ameaçar contar para a mamãe e o papai? Lembrá-lo de que Theo era um gênio do mal assustador, com inúmeros capangas prontos para cumprir suas ordens malignas?

"Senha", disse o sujeito parrudo parado à direita, girando a cabeça enquanto seu olhar percorria o resto da rua.

“Rhoticidade”, respondeu Blake.

Pisquei. Não acredito.

O cara da esquerda nos fez sinal para passarmos.

Blake e eu entramos na estreita entrada de um beco. Acima de nós, alguém havia instalado luzes de café, cujo brilho quente proporcionava iluminação suficiente para enxergarmos. O pavimento sob nossos pés estava limpo e varrido, e havia até um leve aroma de limão no ar, como se alguém tivesse se dado ao trabalho de passar um pano.

“Aqui, coloque isto”, disse-me Blake, entregando-me uma máscara de baile de máscaras simples.

"O quê? Por quê?", eu disse.

“Simplesmente faça.” Ele amarrou o dele no lugar. “Ninguém mostra a cara.”

Resmunguei sobre a maquiagem estragada, mas a contragosto a retoquei enquanto nos aproximávamos de outro guarda grande, este de terno, parado no final do corredor. Meu olhar percorreu as paredes ao nosso redor. Não vi nenhuma porta ou janela, e isso me fez temer que estivéssemos caminhando direto para algum tipo de armadilha.

Puxei a manga de Blake, minha voz baixa em tom de aviso. "Não gosto disso."

Ele me silenciou com um gesto e continuou andando, e conforme nos aproximávamos do guarda, percebi que a mancha escura no chão ao lado

dele era um bueiro aberto.

Oh, Jesus.

O guarda nos fez sinal para avançarmos. Blake se aproximou dele, e o homem começou a passar uma varinha de trinta centímetros sobre ele, lentamente, de cima para baixo. "Sem celulares ou dispositivos de gravação?"

“Não”, disse Blake.

“Hum… eu tenho um celular na minha bolsa”, confessei.

"Tire isso daqui e desligue", ordenou o guarda, e eu obedeci prontamente.

Ele apontou para uma cesta e disse que eu podia pegá-la na saída. Depois, ele me submeteu ao mesmo tratamento com a varinha mágica da cabeça aos pés enquanto Blake se aproximava do túnel.

“Siga as luzes quando chegar ao fundo”, disse o guarda.

E não. Nem pensar. De jeito nenhum. Não havia a mínima chance de eu descer voluntariamente por um buraco escuro no chão com esses saltos e esse vestido. Estávamos claramente sendo atraídas para a morte. Blake foi um idiota por não perceber. Ele estava cego de ódio, ainda se recuperando do término do namoro. Ele estava... se virando e descendo direto para o buraco.

Que droga.

Ele nem sequer olhou para mim ao desaparecer de vista, concentrado demais em qualquer fantasia de vingança que estivesse se desenrolando em sua mente.

O guarda fez-me sinal para avançar, impaciente para que eu seguisse meu irmão. Novas vozes ecoaram pelo beco, baixas e animadas. Droga, eu não podia simplesmente ficar parado ali.

Com um suspiro profundo e um ronco sinistro no estômago, segui Blake, colocando cuidadosamente a ponta do calcanhar no último degrau da escada. Meus membros tremiam enquanto eu descia, e o arrependimento foi instantâneo e absoluto. Porque, embora a abertura do bueiro fosse larga, o túnel era muito mais estreito. Tijolos revestiam as paredes circulares, o que, tipo, estava tudo bem? Não deveriam ter sido feitas de algo mais resistente, como cimento? Algo que não se deteriorasse tão rapidamente e pudesse causar deformações, um desabamento ou... ai, meu Deus, eu ia ter um ataque de pânico.

"Ei, você vai se mexer?", gritou alguém de cima.

Percebi que estava paralisada, minha respiração ofegante alta no espaço fechado. "É, desculpa", gritei para eles, me forçando a voltar a me mover.

Uma pequena eternidade depois, meus pés tocaram o chão do túnel. Pelo menos era de cimento e estava seco, graças a Deus. Esses saltos não aguentariam lama ou esgoto a céu aberto (eca).

Lá em cima, mais luzes de café estavam penduradas em uma linha que se afastava do bueiro, e eu avistei as costas de Blake desaparecendo em uma curva mais adiante no túnel. Eu tinha dignidade suficiente para não gritar "Espere!" enquanto corria atrás dele, tentando não pensar no que mais poderia estar correndo por ali. As paredes eram mais largas do que o buraco por onde eu acabara de descer, mas ainda assim muito perto para o meu conforto, e eu tinha plena consciência de que, se algo acontecesse com as luzes, ficaríamos na escuridão total.

“Por favor, ouça a razão”, implorei quando alcancei Blake. “Theo tem gente que trabalha para ele. Quem vai impedir que eles venham atrás de nós se ele estiver na cadeia?”

Blake bufou, com um olhar arrogante no rosto. "Eles não ousariam."

“Tá bom, riquinho”, eu disse, agarrando seu braço, a súbita onda de raiva me dando a força necessária para puxá-lo e fazê-lo parar. “Primeiro, sim, eles fariam isso. Segundo, como você ousa agir com tanta naturalidade a ponto de colocar a segurança da sua família em risco?”

“Mamãe e papai não vão a lugar nenhum sem gente por perto, a casa deles tem mais segurança do que a maioria dos bancos, e o motorista deles é um ex-membro da Legião Estrangeira Francesa.”

“E eu, seu idiota?”

“Por favor”, ele cuspiu as palavras. “Você acha que eu não sei que você está trabalhando com o Theo? Que você está dormindo com ele? Todo mundo na casa do AJ viu vocês três saindo da festa completamente bêbados. Por que ele machucaria a pessoa que está ajudando ele a destruir a nossa família?”

Meu rosto ardeu com uma mistura de raiva e vergonha. Meu Deus, isso deve ter parecido tão ruim do ponto de vista de Blake. Eu deveria ter imaginado que as pessoas iriam fofocar, mas eu estava tão concentrada em superar Theo que esse pensamento nem me passou pela cabeça.

"Eu não estava ajudando ele a machucar nossa família", eu disse. "Eu

estava consertando a bagunça que você criou."

“Não! Você estava piorando tudo!” ele gritou, com a voz ecoando pelo túnel.

"Desculpem, com licença", disse alguém, e meu rosto ficou ainda mais quente enquanto eu dava um passo para trás para deixar três pessoas passarem.

Blake me lançou um olhar de nojo e seguiu atrás deles, e eu fiquei tão atônita e confusa que simplesmente o deixei ir. Esse comportamento não era típico dele. Eu conhecia Blake. Ele não tinha um pingo de maldade. Ele nunca tinha me tratado assim antes, nem mesmo quando eu estava no meu pior momento.

Sim, mas foi a pior?, perguntou uma vozinha.

Esse pensamento me deixou profundamente desconfortável. Porque, mais de uma vez nas últimas semanas, me perguntei se eu estava regredindo ao meu eu do passado, desfazendo todo o meu esforço. Será que eu estava tão consumido pelo ódio ao mundo em que cresci que deixei que ele me cegasse para o que realmente estava acontecendo?

Pensei que, ao unir forças com Theo e ajudá-lo a derrubar as piores pessoas que eu conhecia, ele pouparia os inocentes, mas e se eu estivesse enganada? E se Blake estivesse certo, e minhas persistentes suspeitas sobre as segundas intenções de Theo fossem justificadas? Meu irmão parecia acreditar nisso, e se ele estava tão convencido de que vir a esta festa provaria isso, então talvez eu precisasse parar de subestimá-lo.

Recomecei a caminhar, seguindo os outros participantes da festa por um labirinto de túneis em direção a uma crescente onda de ruído. Risos, aplausos, os sons frenéticos de uma banda de jazz.

Virei a última esquina e parei abruptamente. Porque, nossa! O salão amplo à minha frente parecia um cenário de filme. Lustres brilhantes pendiam do teto, uma torre de taças de champanhe se erguia sobre uma mesa coberta com toalha branca. Mulheres em vestidos de melindrosa dançavam com homens de terno e gravata. Pessoas se aglomeravam em volta de mesas repletas de comida ou jogos, rindo, bebendo, parecendo estar se divertindo muito. Um movimento chamou minha atenção para a esquerda, e vi um conjunto de cortinas brancas penduradas no teto, como se estivessem cobrindo janelas ou portas que davam para um terraço.

Foi Theo quem fez tudo isso?

Não admira que as pessoas estivessem tão desesperadas para comparecer às suas festas.

Alguém tocou no meu ombro. "Com licença."

Virei-me para deixá-los passar e paralisei. O homem era alto e magro, com cabelos loiro-claros e uma cicatriz no queixo de uma queda feia que sofrera quando criança. "Keith?"

Ele sorriu e levantou a máscara. "Stella? Pensei que poderia te encontrar por aqui."

Senti um frio na barriga, porque jamais imaginei que o veria aqui.

29

STELLA

Keith Shattuck trabalhava para meus pais havia quase quinze anos, por isso o reconheci, mesmo com a máscara. Ele vinha de uma família de classe média tradicional, se formou em uma universidade pública e entrou na empresa como contador, começando em um cargo básico antes de ir subindo aos poucos. E claro, seu salário era decente, mas ele não tinha dinheiro suficiente para frequentar festas como essa.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntei a ele.

“Seu namorado me convidou.” Ele gesticulou de volta para a multidão. “Vários de nós estamos aqui.”

Senti um frio na barriga. Que porra é essa?

"Quem mais?", perguntei.

“Eu vi a Jessica há alguns minutos.”

“A assistente executiva do meu pai?”

Keith assentiu com a cabeça. "E Mike, Brian, Adam, Laura, Charlotte, Wayne, Joe e algumas outras pessoas, mas tenho certeza de que somos mais."

Senti como se o chão tivesse sumido debaixo dos meus pés.

“Ainda não encontrei o Theo”, disse ele. “Você poderia agradecê-lo por nós se o encontrar primeiro? Que emocionante!”

"Por favor, diga-me que você não gastou nenhum dinheiro", eu disse, sentindo o sangue fugir do meu rosto.

“Não. Mas sempre quis experimentar o blackjack, então acho que vou lá primeiro.”

Ele tentou se afastar, mas eu o segurei. "Keith, me escuta. Você precisa sair daqui. Não é o que você pensa. Theo não é realmente meu namorado."

Ele se soltou do meu aperto, parecendo dividido entre rir e franzir a testa. "O que você quer dizer?"

Outras pessoas perceberam que eu me atirava e estavam se virando na nossa direção, então eu o puxei para um canto. "Isto não é apenas uma festa temática qualquer. Isto é uma rede de jogos de azar ilegal."

Ele deu uma risadinha, parecendo desconfortável. "Esquema de jogos de azar? Isso já é demais, não acha? Eu sei que você sempre teve um senso de humor mais sombrio, mas—"

“Keith, eu imploro que você vá embora. Há muito mais acontecendo agora do que eu posso explicar—”

"Steve!" ele gritou quando um novo grupo de convidados chegou. "Ei, você conseguiu!" E então ele simplesmente... foi embora.

Fiquei olhando para ele. Tá bom, Keith, quer saber? Tudo bem. Que se dane você. Não é como se eu estivesse tentando salvar a sua pele ou algo assim. Me afastei dele, tão irritada quanto assustada, e voltei para o meio da multidão, com uma sensação de formigamento percorrendo minha espinha.

Havia algo estranho acontecendo ali. Pelo que eu havia aprendido, Theo só atendia a um certo tipo de clientela: os ricos, a elite criminosa, os arrivistas, os gestores de fundos de investimento, os investidores imobiliários, etc. Parte do que tornava suas festas tão empolgantes era a oportunidade de interagir com pessoas fora dos seus círculos sociais habituais, e as máscaras adicionavam uma emoção extra porque você não tinha ideia de com quem estava falando — o herdeiro aparente de um conglomerado estrangeiro ou um mafioso.

Esses eventos deveriam ser exclusivos. Convidar pessoas comuns e aleatórias contrariava tudo o que haviam prometido.

Minha mente trabalhava a mil por hora enquanto eu procurava discretamente meu irmão na multidão. Eu não tinha dúvidas de que, se Theo nos pegasse, ficaria furioso.

Desde o início, eu me perguntava por que Theo havia convidado um universitário aparentemente aleatório e menor de idade para um evento como aquele, se não houvesse um motivo específico. Sim, Blake vinha de família rica, e poderia ter sido escolhido apenas por isso, mas ele não se encaixava na lista de convidados. Ele não era um gastador extravagante. Não era um socialite ou conhecido nos círculos de festas; era um estudante de engenharia estudioso.

Minha suposição era que Blake era um alvo. Que Theo o havia escolhido por ser vulnerável, com o plano de chantageá-lo para entrar na alta sociedade e expandir sua clientela para os super-ricos, tornando essas festas ainda mais exclusivas.

Isso fazia sentido. Explicava por que Theo se apressou em oferecer que eu assumisse a dívida de Blake. E todo o plano de fingir um namoro para atrair os ricos saiu da boca dele tão rápido quanto surgiu.

Mas agora eu me perguntava se eu também tinha sido vítima e se meus

pais eram o verdadeiro alvo. Porque eu não conseguia entender por que tantos funcionários deles estavam naquela festa — inocentes e desavisados, e, a julgar pela indiferença de Keith, pensando que era apenas uma noite de jogos divertida — a menos que algo maior estivesse sendo tramado.

E se Theo fizesse com eles o que fez com meu irmão? Os embebedasse, os sentasse em mesas com jogadores mais experientes e depois se oferecesse para adiantar todo o dinheiro que precisassem, permitindo que se afundassem cada vez mais em dívidas?

Por que motivo?, pensei, sentindo-me desesperada. Por que ele atacaria pessoas que jamais poderiam lhe pagar de volta?

A menos que... ele não estivesse atrás do dinheiro deles, mas de outra coisa. Informações? Podres sobre a empresa? Arquivos secretos? Para quê? Chantagear meus pais, na esperança de conseguir uma grande recompensa? Tentar uma aquisição hostil da empresa? Balancei a cabeça, meus pensamentos girando, mais opções surgindo, cada uma mais sombria que a anterior. Sim, Theo odiava os ricos, mas isso era direcionado, e me fez pensar o que diabos meus pais poderiam ter feito para se tornarem o alvo do seu ódio.

Meus pais eram boas pessoas. Eu acreditava nisso de todo o coração. Eram perfeitos? Não. Mas nunca tentaram esconder seus erros, sempre os usaram como lições para mim e para o Blake enquanto crescíamos. Até onde eu sabia, não havia nenhum segredo obscuro neles.

Duas pessoas se separaram à minha frente, e finalmente consegui ver meu irmão novamente.

Fui direto até ele, passando meu braço pelo dele e, o mais casualmente possível, o puxei para o lado, quase esbarrando em Feddy e Julia, que estavam ocupados demais se agarrando para nos notar — que nojo. Assim que nos afastamos da multidão, puxei Blake para parar junto à parede do fundo, ao lado de outra porta oca. "Que diabos tantos funcionários da mamãe e do papai estão fazendo aqui?"

“Ah, finalmente você entendeu, não é?”

“Blake, me responda!”

“Não sei, tá bem? É a única peça do quebra-cabeça que ainda não consegui encaixar.”

“Como você sabia que eles estariam aqui?”

“Porque, como eu já disse, eu tenho prestado atenção. Desde aquela

primeira festa. Enquanto você estava sabe-se lá onde, o Theo estava ocupado bajulando a Tori.”

“O chef dos nossos pais?”

“Sim. Eu os ouvi conversando na cozinha e fiquei escutando perto da porta, e ele fez aquele charme dele e começou a fazer um monte de perguntas sobre a mamãe e o papai. Ele fez isso de novo em todos os eventos depois disso. Sempre que você virava as costas, ele dava um jeito de escapar e ir conversar com os funcionários ou com alguém próximo aos nossos pais. Você não o viu na festa da empresa?”

Meus pensamentos voltaram àquela noite, memórias dominadas pelas brigas com Maddie e Theo, e depois pelo que aconteceu em seguida. Concentrei-me, e uma imagem fragmentada de Theo dando risadas com um grupo de pessoas depois do jantar finalmente se materializou.

E ali estavam todas aquelas pessoas.

A traição e a raiva percorriam minhas veias. Theo estava me enganando o tempo todo, e eu fui uma idiota por não perceber. Por estar tão consumida pela minha própria situação, doença e preocupações que me distraí demais para enxergar a floresta por causa das árvores.

Blake me agarrou pelo braço e me arrastou para além da porta, por outro túnel estreito até um beco sem saída. "Conversei com a Jessica no museu, e ela me disse que o Theo comentou algo sobre dar festas. Eu sabia que isso significava que ele ia mandar um convite para ela, então fui direto para a delegacia e contei tudo o que sabia. Eu não ia ficar de braços cruzados e dar a ele a chance de executar esse plano doentio."

Apoiei um ombro na parede, cambaleando. Ai, meu Deus. Isso era ruim. Muito, muito ruim. "Blake, ele vai te matar."

“Ele não terá essa chance. A polícia já está a caminho.”

Uma onda gélida de medo percorreu minha espinha. "Por que você me trouxe aqui?"

"Porque eu pensei que você ficaria feliz!", gritou ele, com a voz ecoando na pedra. "Pensei que você gostaria de ver a cara do Theo quando ele fosse preso, mas não imaginei que você tivesse desenvolvido sentimentos pelo homem que estava te chantageando."

Fiz uma careta, sem me dar ao trabalho de me defender, pois a acusação era justificada. Eu havia desenvolvido sentimentos por Theo. Porque pensava que estávamos trabalhando juntos por um objetivo final justo. Mas

agora eu sabia que nunca havia sido nada para ele além de mais uma peça no tabuleiro, para que ele pudesse alcançar seu objetivo final.

“A polícia provavelmente vai invadir essa festa com uma equipe da SWAT”, eu disse a Blake, porque essa não era a primeira vez que eu me envolvia em eventos ilegais. “Todo mundo lá dentro vai ser preso. Inclusive todos os funcionários dos nossos pais.”

“Sim, mas eles serão libertados assim que a polícia perceber que são inocentes.”

Tão inteligente, mas tão ingênuo. "Os policiais não são os mocinhos, Blake, e quanto antes você perceber isso, melhor. Precisamos encontrar um jeito de tirar todo mundo daqui sem fazer barulho."

Uma figura escura entrou na abertura da alcova.

Blake e eu nos viramos.

Teo.

Porra.

Ele apontou para meu irmão. "Levem-no."

Apareceram dois homens corpulentos, indo diretamente em direção a Blake.

Ah, que se dane! Eu tinha spray de pimenta na minha bolsa porque nunca ia a lugar nenhum sem um frasco, e rapidamente o tirei às apalpadelas e o levantei até a altura dos olhos.

Theo suspirou. "Não machuque minha namorada. Ela é a idiota com o spray de pimenta, se você não percebeu."

Apertei o gatilho sem aviso prévio, porque que se fodam os três.

Acertei o Capanga 1 direto nos olhos e, quando ele avançou, mirei no Capanga 2, atingindo-o na boca. Os dois caíram gritando, e uma nuvem de fumaça flamejante encheu o ar. Theo cobriu o rosto com o braço e recuou.

"Prenda a respiração!", gritei tossindo, agarrando Blake e o empurrando para frente. Ele virou à esquerda na entrada da alcova, e eu tentei segui-lo, mas Theo me agarrou antes que eu pudesse passar. Virei o spray de pimenta para ele, e ele me atingiu no pulso com tanta força que minha mão inteira ficou dormente, e o spray caiu no chão.

Blake ficou paralisado.

"Corre, ou eu nunca vou te perdoar!" Eu disse, debatendo-me nos braços de Theo. Eu não sabia o que ele faria comigo, mas tinha certeza de que não seria nem de perto tão ruim quanto o que ele faria com Blake se o

pegasse.

Um dos guardas saiu correndo do nicho, limpando o rosto vermelho, parecendo um touro enfurecido em busca de alvo. O segundo homem vinha logo atrás, tossindo e cuspindo enquanto tentava limpar a boca.

"Corra!" gritei.

Blake finalmente fugiu, com os guardas tropeçando atrás dele. Eles não tinham a menor chance. Blake havia competido na primeira divisão do atletismo em seu internato. Eu só rezava para que ele conseguisse passar por quem quer que estivesse guardando a outra extremidade do túnel.

Theo me empurrou para longe dele, e eu me virei, mãos erguidas, pronta para me defender. Nunca o tinha visto tão furioso. Sumiu o homem que me carregou por três quarteirões na chuva. Sumiu o homem que massageou meu pescoço. Que distribuiu beijos pela minha espinha. Este era o Theo com quem eu tinha lidado no restaurante. Aquele que ameaçou destruir minha vida por completo.

Ele deu um passo à frente. "Se o seu maldito irmão estragar esta noite para mim..."

Recuei, minhas costas roçando a parede. O pânico me invadiu e olhei para além dele, pensando em tentar me libertar, mas ele era grande demais. Não havia espaço. Eu estava presa, sem saída e sem chance de avisar discretamente todas as pessoas inocentes que ele havia atraído para cá.

Isso me deixou com apenas uma opção.

“Polícia!” gritei, minha voz alta o suficiente para ecoar sobre a pedra. “Corram! A polícia está chegando—”

Theo avançou, tapando minha boca com a palma da mão para me calar. Minha cabeça bateu na parede, me deixando zonzo por um segundo, e quando o mundo parou de girar, percebi que mais pessoas estavam gritando e apitos cortavam o ar. Droga, a polícia estava mesmo aqui.

De repente, uma multidão de pessoas invadiu o túnel adjacente, todos tentando fugir ao mesmo tempo.

"Porra!" Theo rugiu, me puxando para o caos à sua frente, um braço em volta do meu peito, o outro impedindo que as pessoas caíssem em cima de mim.

Éramos como ratos num tubo estreito, sem ter para onde ir, todos gritando, debatendo-nos e esbarrando uns nos outros. Ouvi um baque, senti Theo ser jogado para a frente como se alguém o tivesse atingido nas costas.

Uma mulher gritou à frente e eu a vi cair. Tentei agarrá-la quando nos aproximamos, mas Theo foi mais rápido, puxando-a pela parte de trás do vestido e empurrando-a para a nossa frente para que ela se movesse novamente.

De repente, ele virou à direita, entrando em um túnel ainda mais estreito e vazio.

"Socorro!" gritei, certa de que ele estava prestes a me matar.

Ele me sacudiu como uma boneca de pano, com tanta força que meus dentes bateram. "Cale a boca. Esta é outra saída."

Naquele momento, eu não me importava se fosse presa, muito menos se isso significasse que ele seria algemado junto comigo. Abri a boca para gritar de novo, mas Theo tirou uma arma de dentro do casaco e apontou direto para mim.

“Vire-se e ande”, disse ele.

Fiz o que me mandaram, meu corpo inteiro começando a tremer com uma mistura de raiva e medo. Ele estava com uma arma apontada para mim. Um minuto depois, contornamos uma leve curva e o túnel escureceu drasticamente. Eu mal conseguia enxergar a poucos centímetros do meu rosto.

“Coloque a mão direita na parede”, disse ele. “Há uma grade ali na frente. Encontre-a.”

Estendi a mão e minha palma pousou em algo viscoso. Ai, meu Deus, que nojo. Lutei contra o vômito e continuei andando, imaginando o que estava acontecendo atrás de nós. As pessoas estavam gritando de verdade agora, e as paredes fechadas do túnel faziam o som de seus passos ecoar de uma forma que me dava a sensação de que seríamos pisoteados. Apitos cortavam o ar, junto com ordens gritadas de "Parem!", "Voltem aqui!" e "Mãos para cima!".

Foi uma completa anarquia. E partiu meu coração porque eu sabia que havia pessoas inocentes envolvidas. Tudo culpa minha. Tudo isso foi culpa minha por ter ajudado o Theo.

Meus dedos se enroscaram em algo e eu parei. A grade? Theo me atingiu em cheio pelas costas e eu cambaleei para a frente, tropeçando no chão irregular e caindo de quatro. Soltei um chiado, sabendo pela sensação de queimação que tinha me arranhado feio.

“Levante-se. Está aqui”, disse Theo.

O rangido do metal rangendo rasgou o ar.

Meus olhos arderam com as lágrimas enquanto eu me levantava. Droga, isso doeu.

Theo me empurrou para a nova passagem. Tropecei novamente em um degrau e caí de lado desta vez, batendo com o quadril e o ombro no chão molhado e lamacento.

Eca, eca, eca, mas também ai, ai, ai.

“O que você está fazendo?”, disse ele, puxando-me pela cintura. “Precisamos nos apressar.”

“Então pare de me empurrar!”

Outro guincho metálico rasgou o ar quando ele fechou a grade, e então uma luz brilhou em sua direção, iluminando os arredores. Recuei diante da visão que se apresentou. Parecia algo saído de um filme de terror: paredes úmidas e escuras, com a água a sessenta centímetros de uma enchente anterior; lixo espalhado pelo chão; canos correndo pelo teto, pingando sabe-se lá o quê em nós; o brilho alaranjado de globos oculares perto do chão que me indicava que não estávamos sozinhos naquele túnel.

Sem dizer uma palavra, Theo me empurrou para a frente, e eu não tive escolha a não ser segui-lo direto para o assassino em série que obviamente estava esperando para nos desmembrar. Em minha mente, elaborei um plano para empurrar Theo primeiro contra eles, direto para a faca estendida, para que eu pudesse escapar e encontrar meu irmão.

“Por que eles estavam aqui?”, perguntei.

“A polícia?”, disse ele, fingindo-se evasivo. “Pergunte ao seu irmão. Aliás, sabe de uma coisa? Deixe-me perguntar a ele.”

“Os funcionários dos meus pais. Por que diabos eles foram convidados?”

Ele não me respondeu, e a vontade de arrancar seus olhos era quase irresistível. A única coisa que me impedia era a arma.

“Theo”, eu disse.

"Você poderia calar a boca e me deixar me concentrar? Eu só passei por isso uma vez, e não quero me perder e acabar tendo que comer seu cadáver para sobreviver."

“Por que sua mente foi direto para a ideia de me canibalizar?”

“Porque sou louco o suficiente para isso!”

"Você está louco? Você está louco, Theo?" Virei-me para ele. "Você

mentiu para mim, seu filho da puta!"

"Que horas?" O sorriso no rosto dele me fez ir para o espaço sideral. Eu nunca tinha ficado tão bravo em toda a minha vida.

“Ainda bem que você não está negando”, cuspi as palavras. “Se você tivesse me manipulado psicologicamente além de tudo isso, eu—”

"O quê, Stella?", ele exigiu. "Que diabos você poderia fazer comigo? Theo Strickland nem é meu nome."

Recuei cambaleando, horrorizada, ao perceber que nada entre nós jamais fora real, e que agora eu estava presa em um túnel subterrâneo com alguém que tinha mais motivos para me querer morta do que viva.

30

TYLER

Stella recuou como se eu a tivesse esbofeteado. Quase não senti nada ao ver a expressão de traição em seu rosto, pois minha raiva era avassaladora. Eu acabara de decidir poupá-la, a ela e à sua família, das consequências da situação envolvendo Richard, e ela e o irmão apareceram e arruinaram tudo, provando que nenhuma boa ação fica impune. Era algo que eu jamais deveria ter esquecido.

"Quem diabos é você?", ela perguntou.

“Acredite em mim, você não está preparada para descobrir. Sua cabecinha linda explodiria. Agora anda”, eu disse, apontando a arma para ela.

Graças a Deus estava vazio, porque eu poderia ter sido tentada a usá-lo. Me senti louca, desesperada. Estava tudo arruinado. Tudo pelo que trabalhei tanto, perdido, porque uma mimada rica teve um palpite de sorte. Eu deveria ter sido mais cruel, ter aproveitado cada oportunidade para encurralar Blake e aterrorizar aquele pirralho estúpido. Pensei nisso, mas me contive porque temia que Stella ficasse brava o suficiente para voltar a trabalhar contra mim. Meu erro. Eu deveria ter imaginado que pagaria o preço por abrir uma exceção à minha própria regra.

Por mais irritado que eu estivesse com os filhos de McCormick, eu estava ainda mais irritado comigo mesmo.

Atrás de nós, os ecos de pânico começaram a se dissipar. A equipe da SWAT provavelmente estava perto de reunir todos na sala principal e começaria a verificar os túneis laterais em seguida. O que significava que precisávamos nos mover mais rápido. Graças a Deus eu tinha pedido aos exploradores urbanos para encontrarem mais saídas. Eles descobriram duas. Uma ramificando-se da outra entrada e esta, que serpenteava por cerca de 800 metros sob a cidade antes de voltar à superfície. Eu havia anotado as instruções no meu celular, e a próxima dizia: vire à direita embaixo da roda laranja com ranhura em U. Meus olhos percorreram os canos no teto, procurando por ela.

Jesus Cristo, esta noite foi por pouco. Subornar os policiais acabou sendo uma vantagem para mim, porque um deles ligou para me avisar que eu estava vindo atrás deles. Eu estava indo em direção a este túnel para

escapar quando avistei os irmãos McCormick e decidi ouvir a discussão deles.

"O que aconteceu com a promessa de não perseguir pessoas inocentes?", perguntou Stella lá da frente, com a voz baixa, mas furiosa.

Minha risada em resposta foi horrível. "Apesar de você se dizer uma das pobres agora, você fez um péssimo trabalho de integração. Tira a cabeça do seu traseiro, Stella. Todo mundo é capaz de fazer coisas horríveis e malignas e sair impune, porque a humanidade, em sua essência, é egoísta e interesseira. Estamos no topo da cadeia alimentar porque somos os mais inteligentes e os mais cruéis. A única diferença entre os crimes cometidos pelos pobres e os cometidos pelos ricos é que estes últimos têm mais dinheiro e recursos para escondê-los."

"Você espera que eu acredite que o Keith do departamento de contabilidade é um assassino em série disfarçado?"

“Não. Mas ele é culpado de abuso contra idosos. Você sabia que os irmãos dele estão planejando processá-lo por ter alterado ilegalmente o testamento da mãe deles quando ela estava morrendo de Alzheimer, tornando-o o único beneficiário e excluindo-os da herança?”

“Mas eu pensei que ela não tivesse muito dinheiro”, disse Stella.

Quase joguei a arma na nuca dela. "Não importa que não seja um milhão de dólares. Trinta mil é mais do que suficiente para fazer um babaca ganancioso como o Keith cometer um crime. E já que estamos falando nisso, você sabia que a assistente executiva do seu pai está tendo um caso com o Adam do Financeiro há seis meses? Ah, e adivinha? Ela acabou de fazer um segundo seguro de vida secreto para o marido. Nossa, não seria horrível se ele morresse em algum acidente bizarro ou fosse assassinado em uma invasão domiciliar que desse errado?"

“E daí? Todo mundo que trabalha para os meus pais é ruim?”

Quase gritei. "Não. Porra, você está me ouvindo? Nada é preto no branco. Tenho certeza de que eles têm muitas pessoas normais na folha de pagamento, mas não são com essas que eu me importo."

“Então era isso que você queria. Os segredos sujos deles. Por quê? Para chantageá-los e obrigá-los a fazer o quê?” Sua voz se elevou, alta e áspera. “O que meus pais já fizeram para você os escolher como alvo?”

Eu não respondi. Porque estava com tanta raiva que não conseguia confiar em mim mesma, tanta raiva que não queria falar tudo sem parar,

como uma supervilã de desenho animado. Sempre achei que esses monólogos eram preguiça dos roteiristas, mas agora eu sentia que entendia um pouco melhor as motivações das personagens. Elas só queriam que alguém, qualquer um, até mesmo o pior inimigo, soubesse o quanto estavam prestes a perder. O quanto de esforço e planejamento estavam indo por água abaixo e como era injusto que uma detetive amadora sortuda fosse a responsável por derrubá-las.

Uma roda laranja surgiu à vista mais à frente.

“Vire à direita”, eu disse para Stella.

Ela fez isso e imediatamente caiu de novo. Estendi a mão para ajudá-la a levantar, uma parte boba e sentimental de mim incapaz de suportar vê-la estirada na lama, antes que eu reprimisse o impulso.

Não. Eu tinha terminado. Já tinha cumprido minha missão fingindo ser um cavalheiro. Puxa, eu até tentei ser uma pessoa melhor por ela, e agora provavelmente havia um mandado de prisão por aí com meu nome falso estampado nele.

Eu havia aprendido a lição sobre ir contra o que eu sabia ser verdade. Era hora de voltar a ser quem eu realmente era.

Stella se levantou lentamente, e pelo soluço que tentou esconder, percebi que estava chorando.

Endureci meu coração diante de suas lágrimas. "Há uma escada no fim deste túnel. Vamos descer mais um nível."

"Onde provavelmente vivem os ratos maiores", murmurou ela.

“Talvez você tenha sorte e eles te comam.”

“Antes ou depois de você me matar?”

Não disse nada. Deixe-a com medo. Era o mínimo que ela merecia.

Continuamos em silêncio por vários minutos e, enquanto minha raiva diminuía, tentei me convencer de que nem tudo estava perdido. Embora esse plano pudesse ter ido por água abaixo, ainda havia outras opções. Eu sabia que havia a possibilidade de alguém falar com a pessoa errada, ou encontrar um policial bonzinho que não pudesse ser comprado. Ou de um dos meus concorrentes se infiltrar nos meus jogos. Então, dediquei um bom tempo a desenvolver alternativas. O Plano A consistia em abordar as coisas de forma indireta para impedir que as pessoas adivinhassem minhas intenções, convencendo-as de que simplesmente haviam caído em dívida comigo por acaso e, nossa, como sou generoso por não quebrar os joelhos

delas imediatamente, mas, em vez disso, permitir que me pagassem em parcelas ou com informações.

Plano B: chega de enrolação. Sem maquinações, sem enganos. Mandei meus capangas atrás de todos aqueles que eu conhecia e disse para me darem o que eu queria ou eu transformaria a vida deles num inferno. Parecido com o que eu tinha feito com a Stella, mas me excluindo da jogada. As pessoas que eu tinha como alvo não saberiam exatamente quem estava do outro lado da chantagem, apenas que eu existia e era capaz de cumprir minhas ameaças.

Plano C... bem, digamos que foi mais complicado. Envolveu eu sujar as mãos. E era o último recurso por um motivo.

“Você é ele, não é?” disse Stella.

"Quem?", perguntei.

“O filho de Richard Lawson. Durante todo esse tempo, eu pensei que você estava mirando nos meus pais porque você foi atrás do Blake e depois de mim, mas é ele que você realmente quer atingir, não é?”

Encarei suas costas sob a luz forte do meu celular. Como diabos ela tinha chegado a essa conclusão? "O que te faz pensar isso?"

"O que você passou com a sua mãe. O quanto você odeia gente rica. Sua mãe sendo uma 'amante jovem e gostosa' de um homem rico mais velho. Minha cabeça explodiria se eu soubesse quem você é. Além disso, vocês dois se parecem. Percebi isso na primeira vez que os vi juntos, mas achei que fosse só coincidência. E você tem a mesma idade que o filho dele deveria ter."

Puta merda. A culpa foi minha de novo, por ter falado demais. Por ter dado pistas sobre o contexto.

Balancei a cabeça negativamente. "Você me disse que ele é um bom sujeito, e agora está aqui revelando informações sobre uma criança abandonada. Que homem exemplar."

Seus passos diminuíram. "Richard não te abandonaria assim."

“Abandonar uma criança”, eu disse, sem querer confirmar suas suspeitas. “E mudei de ideia. Você é mesmo tão burra quanto parece.”

“E você é tão malvado quanto parece!” Ela parou, virando-se para mim. “Richard é um bom homem. Um dos melhores que conheço.”

“A maioria das pessoas que você conhece são escória irrecuperável.”

“Ele não. Ele ficaria radiante ao descobrir que o filho dele estava na

mesma cidade que ele.” Ela fez uma careta. “Bem, talvez não tão radiante por ser você, porque, você sabe, você é horrível. Mas saber que você estava viva e saudável? Ele ficaria nas nuvens.”

“Por que diabos você pensaria isso, Stella?”

“Porque eu me lembro de você.”

Dei um passo cambaleante para trás. "O quê?"

Ela balançou a cabeça. "Ouvi falar de você. Durante o divórcio do Richard. Lembro-me dos meus pais comentando que ele tinha conhecido alguém novo, que as coisas estavam indo bem e que ele estava feliz."

"Bobagem."

“Não, eu lembro sim!”, ela insistiu. “E aí eu me lembro dele triste por meses, perguntando o que tinha acontecido, e ninguém me dizia nada. Uma noite, ouvi meus pais cochichando sobre um bebê, e o Richard desesperado para encontrá-lo.”

Eu ri. Não consegui evitar. "Agora você está mentindo."

"Não estou mentindo!" ela gritou, ficando vermelha como um pimentão. "Por que eu mentiria?"

“Porque é só isso que pessoas como você fazem!”

"Pessoas como eu?", ela rugiu. "Você mente sobre tudo, seu filho da puta!"

"Não estou mentindo agora!" gritei de volta. "Richard é um completo filho da puta."

“Baseado em quê? Nas suas ideias preconcebidas sobre ele? Na sua falsa crença de que ele abandonou você e sua mãe? Eu conheço esse homem desde que nasci. Ele é meu padrinho. Ele esteve presente em todos os momentos importantes da minha vida e foi uma das poucas pessoas que não me abandonaram depois do que aconteceu com a Maddie. E como passei muito tempo com ele, sei que não estou errado. Sou um bom juiz de caráter. Para exemplificar, eu soube imediatamente que você era um babaca.”

“E mesmo assim você me beijou.”

“Pretendo conversar bastante sobre isso com minha terapeuta para desvendar o profundo ódio a si mesma que deve ter levado a essa decisão”, disse ela. “A questão é que eu conheço o Richard. E ele não é capaz de esconder nenhum segredo grande, obscuro e feio. Ele é honesto e genuíno.”

Balancei a cabeça negativamente. "Por que eu confiaria na palavra de

alguém que era melhor amiga da Maddie Clyde? Você sabe que ela matou uma garota, não é? No Caribe? Deu uma pancada na cabeça dela com um remo e a jogou na água, onde ela se afogou."

O sangue sumiu do rosto de Stella.

“Então, não, talvez eu não conheça o Richard tão bem quanto você, mas confio muito mais no meu julgamento sobre o caráter dele do que no seu. E posso provar que estou certo.”

"Como?"

“Levando você até alguém que estava lá quando tudo aconteceu.” Levantei a arma novamente, apontando-a para além dela. “Continue andando.”

31

STELLA

O movimento do carro me despertou bruscamente. Devo ter adormecido de alguma forma, o cansaço finalmente vencendo o medo. Não devo ter dormido muito, pois ainda estava escuro lá fora.

Meus olhos imediatamente se voltaram para o relógio do painel. 5h30 da manhã. Eu estava na estrada há menos de uma hora e, pelo que parecia, ainda estávamos na rodovia. Praticamente tínhamos a estrada só para nós, a cidade tão distante que tínhamos passado por mais duas em nossa viagem para o norte, embora fossem menores.

O sol começava a nascer, tingindo o horizonte distante de um rosa crepuscular. Talvez eu tivesse a chance de parar algum motorista que passasse. Sim, era arriscado, mas não conseguia pensar em uma alternativa melhor. Estávamos dirigindo rápido demais para eu rolar para fora do carro pela porta do passageiro. E não era como se eu tivesse um telefone para pedir ajuda — o meu provavelmente já estava perdido ou roubado. Ninguém sabia onde eu estava, então se Theo — ou seja lá qual for o nome dele — acabasse me assassinando e se livrando do meu corpo, poderiam se passar semanas até que ele fosse encontrado, se é que seria.

Eu não sabia para onde estávamos indo, quanto tempo ainda levaríamos dirigindo ou o que aconteceria quando chegássemos ao nosso destino. Pior ainda, eu não tinha ideia se Blake havia sobrevivido, porque o homem ao meu lado se recusava a responder às minhas perguntas.

Ele tinha me sequestrado, caralho. Eu deveria ter ficado apavorada, mas, acima de tudo, eu estava furiosa.

Suspirei e fingi me mexer no banco, virando a cabeça para longe de "Theo", meus olhos entreabertos o suficiente para enxergar. O porta-luvas não tinha cadeado, e o documento do carro podia estar lá dentro. Com o nome verdadeiro dele. Eu só teria uma chance, então precisava fazer dar certo, precisava vencer o medo do que poderia acontecer e fazer o que fosse necessário.

Respirei fundo pelo nariz, me preparando, e depois respirei mais uma vez.

"Cuidado!" gritei, endireitando-me bruscamente e apontando para a esquerda.

Ele freou bruscamente e virou o volante para a direita para evitar o obstáculo inexistente. Meu instinto foi congelar, me encolher, me preparar para o grito que viria a seguir, mas me forcei a resistir e fui arremessada para a frente no banco. O carro deu uma guinada, e meus dedos erraram a trava do porta-luvas, mas consegui na segunda tentativa, abrindo-o com um puxão e pegando o máximo que pude.

Ele reagiu mais rápido do que eu esperava, nos endireitando e arrancando os papéis. Mas era tarde demais. Eu já tinha visto. Eu sabia quem ele era.

“Tyler Neumann”, eu disse, com a voz trêmula de adrenalina.

Ele fez um ruído irritado e jogou os papéis de volta no porta-luvas, tendo que se inclinar para o meu lado para fechá-lo com força novamente.

Examinei-o com olhos renovados. O nome Tyler combinava bem com ele, visto que era um dos nomes mais cafonas que existiam. A única coisa pior seria um nome que começasse com J.

Ele recostou-se e não disse nada, mas pelo jeito que seu queixo se moveu, percebi que estava furioso. Ótimo, finalmente tinha conseguido uma vitória contra ele, e já que ele não tinha me batido nem me ameaçado com a arma de novo, talvez ele não fosse tão homicida quanto eu temia nos túneis, quando sua raiva era visceral.

Examinei-o com o olhar, sem saber onde estava a arma. Ainda estávamos com as roupas da festa, e ele estava coberto de sujeira da nossa caminhada pelo metrô da cidade, a camisa branca do smoking manchada e rasgada, a barra da calça rasgada por ter se prendido em um cano. Ele tinha usado um lenço umedecido nas mãos antes de tocar no volante, mas me deu um para os meus ferimentos que logo infeccionariam? Não. Provando o quanto ele não se importava comigo e nunca se importou.

Meu Deus, como fui estúpida. Nunca confiei totalmente nele, mas o deixei entrar o suficiente para ajudá-lo. Para transar com ele. Algo que jamais me perdoaria. Runa começaria a me cobrar por hora depois que eu desabafasse tudo isso com ela.

Se eu tivesse a chance de vê-la novamente.

Droga, Runa. Se eu morresse, quem pagaria as contas médicas dela?

Meus pensamentos voltaram para a arrecadação de fundos da tia Cordy e para a forma como papai implorou para cobrir parte dos custos da cirurgia de TMR da Runa. Será que ele só queria ajudar a filha que estava passando

por dificuldades? Ou foi pura bondade? Será que ele se disporia a fazer a coisa certa mesmo sem mim por perto?

Eu queria dizer sim, mas depois de todas aquelas revelações desagradáveis com o Theo — não, o Tyler — eu estava questionando meu próprio julgamento. Eu sabia que a Maddie era má, mas assassinato? E o Keith abusando de idosos? Eu jamais imaginaria isso. Já a Jessica... quer dizer, ela sempre me irritou, mas eu presumia que fosse por causa da personalidade tipo A dela, misturada com o fato de ser uma puxa-saco insuportável.

Pelo menos Tyler me permitiu fazer uma breve ligação para Derrick (no viva-voz, porque ele não confiava que eu não falaria em código ou algo assim) para garantir que Amos estivesse bem. Então, pelo menos ele não era um assassino de animais, mas todas as outras possibilidades estavam canceladas. E claro, ele disse que me levaria a alguém que poderia provar que Richard era uma pessoa desprezível, mas eu confiava nele?

Nunca mais.

Meu estômago roncou. Alto o suficiente para ser ouvido acima do barulho da estrada. Eu já tinha comido os biscoitos de emergência que carregava na bolsa, mas eles estavam acabando, e a acidez estava começando a aumentar. Justo quando eu começava a sentir algum alívio, minha vida desmoronou de novo e meu estômago foi junto.

“Há lanches lá atrás”, disse Tyler.

“Não consigo comê-los.”

“Os da direita são indicados para quem tem gastrite.”

Encarei seu perfil. Ele tinha comida que eu poderia comer. Por quê? "Está planejando meu sequestro há muito tempo?"

Ele fez um som de desdém. "E agora, quem tem um ego inflado?"

“Então explique os fatos, homem antes conhecido como Theo.”

Ele me lançou um olhar irritado e manteve a boca fechada, assim como fez durante toda a viagem de quatro horas. Eu nunca tive tanta vontade de chutar a cara de alguém, mas o espaço apertado significava que não havia espaço suficiente.

Com cuidado, virei-me no banco, atenta a qualquer movimento brusco da parte dele, pois nada indicava que aquilo não fosse uma armadilha, e olhei para trás. A princípio, não vi do que ele estava falando, porque a mochila da academia cobria tudo e ainda estava escuro, mas a luz de um

poste revelou uma fileira de caixas que apareciam por trás da mochila.

Deslizei a embalagem para o lado e fiquei olhando. Purê de maçã simples, sem açúcar, para espremer. Biscoitos de arroz. Amêndoas cruas. Pacotes individuais de banana desidratada. Batatas fritas sem tempero, fritas em azeite de oliva leve.

“Há quanto tempo isso está aqui?”, perguntei.

Silêncio.

"Tyler!" Eu finalmente explodi, sem saber mais o que fazer.

Ele deve ter percebido o tom de assassinato na minha voz, porque ele realmente me respondeu: "Desde o jantar da Cordy".

Isso foi há semanas e semanas.

E eu não tinha reparado porque ele as tinha escondido convenientemente atrás da mochila de ginásio.

"Por que você os comprou?", perguntei em voz baixa.

Ele suspirou, as próximas palavras ditas em voz baixa, como se não quisesse pronunciá-las. "Li que você precisa comer em intervalos regulares e vi como a dieta era restritiva, então comprei isso caso ficássemos presos no trânsito ou algo assim e você não tivesse mais nada consigo."

Finalmente, me virei novamente no meu assento.

Ele lançou um olhar rápido quando passamos por baixo de outra luz, com os olhos firmes. "Não tire conclusões precipitadas. Isso tem mais a ver comigo do que com você."

"Não é sempre assim?", retruquei, mas independentemente do motivo pelo qual ele os comprou, fiquei grata, porque precisava comer alguma coisa.

Virei-me novamente e peguei um pouco de purê de maçã e biscoitos. O som de algo amassando encheu o carro quando os abri. Não eram das minhas marcas habituais — estes eram orgânicos —, mas a lista de ingredientes parecia boa.

“Qual era o seu plano?”, perguntei, colocando um biscoito na boca.

O antebraço de Tyler se flexionou enquanto ele apertava o volante, o único sinal de que ele tinha me ouvido falar.

“Com os funcionários”, insisti, sem querer deixar o assunto morrer, por mais que ele tentasse me ignorar. “Você ia chantageá-los, não é? Forçá-los a te dar informações?”

Silêncio.

Joguei um biscoito na lateral do rosto dele.

Ele se esquivou para o lado como se eu tivesse lhe dado um soco e me lançou um olhar de advertência. "Não faça isso de novo."

“Então responda a uma pergunta!”

“Por quê? Para que seu irmão tenha mais para entregar à polícia?”

“Isso significa que ele ainda está vivo e livre para fazer isso?”

Sua expressão tornou-se cautelosa.

Meus dedos se contraíram quando a vontade de estrangulá-lo se tornou insuportável. "Só me diga, porra."

Mais silêncio.

"Encoste o carro", eu disse.

“Por quê? Você está enjoado?”

“Não. Quero te dar um tapa, mas sei que não é seguro fazer isso enquanto você está dirigindo.”

Ele me surpreendeu ao realmente diminuir a velocidade. E depois encostar no acostamento.

Ele acionou o pisca-alerta e me encarou. "Faça isso."

Encarei-o, odiando o fato de o sol nascente ter dourado sua pele, fazendo-o parecer angelical quando eu sabia que ele tinha sido enviado diretamente do inferno para me torturar. Minha mão tremia com a vontade de realmente fazer aquilo. De puxar meu braço e não apenas lhe dar um tapa, mas socá-lo no rosto, repetidas vezes. Esse homem havia me olhado nos olhos enquanto mentia para mim mais vezes do que eu conseguia contar. Ele havia flertado comigo, dançado comigo, me obrigado a desfilá-lo pela casa dos meus pais, tudo isso enquanto planejava destruir a vida pela qual eles haviam trabalhado tanto. Eu não conseguia nem pensar em todas as outras coisas que tínhamos feito juntos, ou eu poderia realmente passar mal.

"Faça isso, Stella", ele repetiu, parecendo estar falando sério, como se realmente quisesse aquilo.

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Chega de te dar o que você quer. Volte para a estrada."

Ele olhou pelos retrovisores, deu ré no carro e ficamos em silêncio por um tempo, ele concentrado na direção e eu comendo meus lanches.

“Preciso que você me diga o que aconteceu para você ficar assim”, eu disse. “Cada passo do caminho que fez você odiar tanto seu pai a ponto de

estar disposto a prejudicar tantas outras pessoas para chegar até ele. E não estou falando apenas da minha família. Estou falando de todas as outras pessoas que te devem dinheiro. Todos aqueles que você planejou usar."

"Eu não sou dele—"

"Pare de mentir!", gritei. "Pela primeira vez na sua vida, diga a verdade."

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que eu achei que não fosse fazer isso, mas então ele passou a mão no rosto, parecendo exausto, e soltou o suspiro mais longo que eu já ouvi. "Maryanne Margaret Neumann", disse ele. "Esse era o nome da minha mãe, mas todos a chamavam de Meg. Ela tinha dezenove anos quando se conheceram. Richard tinha trinta e cinco."

Fiz uma careta porque eu tinha trinta e cinco anos, e os jovens de dezenove anos me pareciam e agiam como crianças.

"Há diferenças de idade maiores por aí, mas ela era jovem para a idade dela", disse Tyler, e eu senti um frio na barriga. "E ela era ingênua, presa fácil para alguém querendo se aproveitar dela. Ela também era nova na cidade, tinha se esforçado muito para chegar lá, escapando por pouco da pobreza em que nasceu. Os pais dela administravam uma fazenda leiteira que pertencia à família do pai há mais de um século. Quando ela nasceu, a fazenda estava afundando, e ela e seus sete irmãos faziam a maior parte do trabalho braçal sozinhos. Não foi uma boa infância. Os pais dela eram rígidos, profundamente religiosos e extremamente cruéis. A pior combinação possível."

"Aos quinze anos, obrigaram-na a abandonar o ensino médio e a trabalhar nos campos durante o dia. À noite, trabalhava num restaurante aberto 24 horas, servindo caminhoneiros assediadores e economizando cada centavo que conseguia esconder dos pais. Levou quatro anos, mas finalmente, ela conseguiu juntar dinheiro suficiente para uma passagem de ônibus até a cidade e o apartamento estúdio mais barato que encontrou."

Me remexi na cadeira, pensando em como eu tinha nascido em berço de ouro e ainda assim tive a audácia de ficar revoltada com isso durante a minha infância e adolescência. Não me admirava que Tyler me odiasse. Aliás, eu mesma ainda odiava a minha versão do passado, mesmo depois das horas que passei em terapia tentando lidar com o meu ressentimento.

"Quando eu era pequeno", continuou ele, "e não tínhamos muita comida em casa, lembro-me da minha mãe me dizendo que pelo menos não

estávamos misturando ketchup com água quente para fazer sopa de tomate como ela fazia quando era criança.”

“Tyler, eu estou—”

"Não diga isso", ele retrucou. "Não quero sua pena."

Fechei a boca.

Ele respirou fundo novamente. “Ela era garçonete na cidade, juntando dinheiro para fazer cursos em uma faculdade comunitária, quando eles se conheceram. Mamãe não deu muitos detalhes. Tudo o que sei é que Richard entrou no restaurante um dia e a encantou. Ela disse que ele era charmoso, rico. Que eles tiveram um romance relâmpago e ela se apaixonou rapidamente. Não que eu a culpasse. Ela nunca teve nada de bom na vida, e de repente lá estava esse homem, comprando roupas caras para ela e a levando para viagens inesperadas.”

“Ela só descobriu que ele era casado meses depois do início do relacionamento, mas a essa altura já estava profundamente apaixonada. Mas tudo bem. Ele jurou que ia deixar a esposa por ela. Só precisava de tempo para colocar a vida em ordem primeiro. Então minha mãe ficou com ele, esperando, torcendo. Acreditando. E então descobriu que estava grávida de mim. Contou para o Richard imediatamente, certa de que a notícia seria o empurrão final que ele precisava para pedir o divórcio, mas, em vez disso, ele parou de atender suas ligações. Fingiu não saber quem ela era quando ela o confrontou publicamente. Alegou que ela não passava de uma mulher qualquer tentando causar um escândalo. E todos na vida dele acreditaram nele, o que deve ter incluído seus pais, já que eram seus melhores amigos.”

O homem da versão dos fatos de Tyler era tão diferente daquele que eu conhecia a vida toda que parecia duas pessoas diferentes. Literalmente. Fiquei tentada a perguntar se Tyler tinha certeza de que havia encontrado o Richard certo, mas uma coisa que eu havia aprendido sobre ele era que ele era meticuloso, então não tinha dúvidas de que ele havia se esforçado para confirmar. Além disso, a cidade podia ser grande, mas eu duvidava muito que existissem dois Richard Lawsons donos de imobiliárias com um filho perdido de vinte e cinco anos.

“Isso é muito diferente do que eu me lembro”, eu disse, com cautela.

“Você era criança e ouviu sussurros. Essa é a minha maldita história de origem, Stella. Acho que sei do que estou falando.”

Eu me calei novamente, porque ele tinha razão.

“Após o trauma, minha mãe voltou para casa. Falida, grávida e com o coração partido. Ela estava tão desesperada que pediu ajuda aos pais, mesmo sabendo que eles só haviam abusado e negligenciado dela a vida toda.”

Me preparei, pressentindo o que viria a seguir.

“Rejeitaram-na porque ela tinha tido relações sexuais antes do casamento”, disse ele. “Então ficámos com a minha tia Jenny no apartamento horrível dela, em cima de uma lavandaria. Mudámo-nos muito depois disso. Há enormes lacunas no sistema de assistência social, e nós ficámos desamparados. O banco alimentar mais próximo ficava a meia hora de distância, mas a minha mãe tinha dois empregos e não tinha carro, o que significava que quase nunca conseguia chegar lá, e quando conseguia, estava tão vazio que não havia quase nada para nós. Nunca passei fome. Mas estava sempre com fome.”

Engoli em seco, sentindo um nó na garganta, odiando a facilidade com que minha mente evocava uma imagem dele, muito mais jovem, magro demais, assustado e faminto.

“Minha mãe devia estar com mais fome, porque ela sempre me dava as porções maiores, mas nunca reclamava. Às vezes, havia homens para ajudar, mas eles não duravam muito, e eram ainda piores para ela do que os pais dela. Eu não conseguia afastá-los dela quando era mais nova, mas tentei.”

Minha mente voltou à primeira vez que vi as cicatrizes circulares nas costas dele e me perguntei o que seriam, pensando que tinham exatamente a circunferência de um cigarro. Eu não conseguia imaginar o quão horrível alguém teria que ser para fazer aquilo com uma criança, e só Deus sabe o que fizeram com a Meg. Foi horrível o que ela e o Tyler passaram. Mais do que qualquer pessoa deveria ter que suportar.

“Ela se esgotou completamente”, disse Tyler, balançando a cabeça. “Era como se ela estivesse desaparecendo bem diante dos meus olhos. No outono em que completei dezesseis anos, lembro-me de olhar para ela e começar a me preocupar. Bem, mais do que o normal, pelo menos. Ela tinha apenas trinta e cinco anos, mas seu cabelo estava completamente grisalho, e sim, eu sei sobre genética e blá, blá, blá, mas nenhum dos irmãos dela tinha cabelo grisalho, então ninguém pode me convencer de que não foi causado por estresse. Ela estava tão frágil, sempre exausta, nunca conseguia dormir o

suficiente. Naquela época, eu já tinha idade suficiente para arrumar um emprego e ajudar, mas mesmo depois que ela voltou a trabalhar em horário normal, ela continuou piorando. Não tínhamos plano de saúde, mas a obriguei a ir ao médico mesmo assim. Dois meses depois, ela foi diagnosticada com câncer de ovário em estágio quatro."

Tive que virar o rosto e morder o lábio. De alguma forma, a história só piorava.

"Ninguém a visitou no hospital", disse ele. "Acho que as enfermeiras ficaram com pena de nós, porque quebraram as regras e colocaram um catre no quarto dela para que eu pudesse dormir lá. Um dos oncologistas dela me pegou uma vez, de manhãzinha, mas ele não deve ter dito nada porque o catre ficou lá."

Eu me preparei, porque sabia que Meg não estava mais conosco, mas eu havia exigido que Tyler me contasse cada passo que o levou a se tornar quem ele era, e agora eu tinha que encarar toda a realidade disso.

"As enfermeiras fizeram o possível para me preparar para o fim. Foi gentil da parte delas, mas não há como preparar uma criança para ver os pais morrerem." Sua voz ficou mais baixa. "Mesmo antes do diagnóstico, minha mãe estava tão frágil que todos diziam que tudo acabaria rápido." Ele balançou a cabeça. "Não foi. Ou talvez tenha sido, mas não me senti assim, porque ela estava morrendo e não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-la. Tudo o que eu podia fazer era sentar ali e me despedir dela aos poucos. No dia em que ela perdeu a capacidade de falar, lembro-me de ficar olhando para a mão dela enquanto chorava. A pele dela estava tão transparente que eu conseguia contar cada veia."

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Sim, eu odiava esse homem, mas isso não significava que meu coração não estivesse partido por ele.

"No fim, estava nos pulmões dela", disse ele, encarando a rodovia com olhos sem vida. "Ainda ouço o som da respiração ofegante dela nos meus pesadelos. Acho que ela estava tentando ficar o máximo de tempo possível por mim. Não consigo explicar como ela conseguiu aguentar por tanto tempo. No dia em que ela entrou em coma, finalmente encontrei coragem para dizer a ela para desistir. Disse que estava tudo bem parar de lutar. Menti e disse que eu ficaria bem, que não aguentava mais vê-la sofrer porque aquilo também estava me matando."

Estendi a mão e entrelacei meus dedos na mão livre de Tyler, puxando-a para o meu colo e apertando-a para que ele soubesse que pelo menos não estava revivendo aquilo sozinho.

"Ela deve ter acreditado em mim, porque faleceu naquela noite. Depois, fiquei sentada ao lado do corpo dela por mais de uma hora antes que as enfermeiras pudessem me levar para fora do quarto, e vou me arrepender disso pelo resto da minha vida."

"Por quê?", perguntei, com a voz rouca.

Ele balançou a cabeça. "Porque não tínhamos dinheiro. Tentei ir até meus avós, mas eles se recusaram a reclamar o corpo da minha mãe ou a ajudar com as despesas do funeral, mesmo tendo vendido a fazenda e, na verdade, já com dinheiro. Ela queria ser enterrada", disse Tyler, em um sussurro. "Mas, no fim, ela foi entregue ao estado e cremada porque ninguém quis me ajudar."

Ele pigarreou, fungou, e o som do seu esforço para se controlar foi suficiente para me fazer perder a batalha contra as minhas próprias lágrimas. Virei o rosto para que ele não visse, porque que direito eu tinha de chorar?

Ouvir a história de Tyler foi o suficiente para me dar vontade de incendiar o mundo inteiro. Não me admira que ele fosse tão raivoso, tão cruel, tão relutante em se abrir para as pessoas. Por que ele se abriria, se tudo o que as pessoas faziam era magoá-lo?

“Foi só no último ano da faculdade, depois de dar minha primeira grande festa de pôquer, que consegui dinheiro suficiente para fazer justiça a ela”, disse ele. “Encontrei um belo terreno em um cemitério com vista para um lago e comprei para ela. Precisei de outra festa para conseguir comprar o tipo de caixão que ela merecia. E mais uma para comprar a lápide. Agora ela tem tudo o que queria, e eu até pago um jardineiro para comprar flores novas toda semana e colocá-las perto da lápide dela.”

"Sinto muito, muito mesmo", eu disse.

Tyler se virou para mim, mas em vez de tristeza, vi um poço profundo e cavernoso de raiva em seus olhos. Ele puxou a mão da minha com força. "Eu não quero seu pedido de desculpas, Stella. Eu só quero que ele sofra tanto quanto ela sofreu."

32

Tyler

Eu não voltava a essa cidadezinha de merda há anos. Não desde que a mãe e o padrasto do Josh se mudaram. Não havia nada para mim ali além de más lembranças e a prova de que nada havia mudado. As casas ainda estavam caindo aos pedaços. Os quintais estavam tomados pelo mato. As ruas de concreto estavam esburacadas e cheias de buracos, e as de terra estavam tão ruins que você precisaria de uma caminhonete com suspensão elevada para passar por elas.

Mamãe foi enterrada em outro condado, numa área muito melhor, longe daquela família problemática. Eu nem contei para eles onde ela estava — aqueles idiotas não mereciam nem chegar perto dela. Então, não, não havia motivo nenhum para eu voltar aqui. Até agora.

Uma das poucas mudanças notáveis foi que havia mais árvores do que eu me lembrava. Esta parte do país era plana e, quando eu era criança, havia muitos campos abertos, embora a maioria estivesse em pousio porque a agricultura local estava em pleno colapso. Agora, as florestas estavam voltando a crescer, recuperando o que lhes havia sido roubado. Eu me perguntava se isso significava que a vida selvagem também estava se recuperando, com ursos e lobos espreitando entre as árvores.

Stella estava quieta ao meu lado, o rosto virado para o lado enquanto olhava pela janela para a paisagem que passava. Vê-la chorar abertamente por mim tinha sido estranhamente gratificante. Como se talvez eu não estivesse errado em pensar que tive uma infância particularmente horrível.

Ela deve ter sentido meu olhar sobre ela, porque olhou na minha direção. "Para onde vamos?"

“Para ver minha tia Jenny. Ela era a única pessoa com quem a mamãe tinha contato e pode confirmar tudo o que eu te contei.”

Dez minutos depois, uma casa de fazenda familiar e abandonada apareceu à frente, à direita, parecendo ainda mais decrépita do que eu me lembrava, com o telhado desabando e a varanda da frente meio apodrecida. Dei seta e entrei numa estrada de terra logo depois, reduzindo a velocidade para evitar os buracos e irregularidades. Meus ombros enrijeceram e coloquei as duas mãos no volante, segurando-o com força, mesmo estando a apenas 16 quilômetros por hora.

Stella percebeu. "Tem certeza de que quer fazer isso?"

“Sim. A tia Jenny vai confirmar tudo o que eu lhe disse, e aí você vai saber que eu não estou mentindo.”

“Não acho que você esteja mentindo”, disse ela. “Não sobre isso. Acredito que você realmente pensa que Richard tratou sua mãe dessa maneira.”

“Mas você ainda não acredita que ele fez isso.”

“Faz diferença se eu fizer?”

"Sim, faz sentido", eu disse antes que pudesse me conter.

Eu tinha o direito de pedir que ela acreditasse em mim? Não. Mas eu estava pedindo mesmo assim porque precisava que outra pessoa ouvisse a história toda. Para entender que eu tinha meus motivos para fazer o que fiz, para me comportar daquela maneira.

Minha mãe teve uma morte horrível que poderia ter sido evitada se ela tivesse tido acesso a exames preventivos de câncer ou a um sistema de saúde melhor. Cobertura que ela teria tido se Richard tivesse feito a coisa certa. Ele alegar que estava nos procurando, só para salvar as aparências caso o escândalo viesse à tona, foi imperdoável. Eu não podia deixar que ele saísse impune.

Em pouco tempo, estávamos entrando na garagem empoeirada de um rancho decadente com telhado de telhas marrons. Flamingos cor-de-rosa pontilhavam o gramado. Uma cesta de flores pendia ao lado da porta da frente. Estacionamos ao lado da minivan velha e enferrujada de Jenny, e desliguei o carro. Dois cães de caça velhos e cansados saíram da varanda da frente. Um deles deu um latido baixo enquanto vinha em nossa direção, mas nenhum parecia agressivo.

Mesmo assim, eu não queria correr nenhum risco.

“Deixa eu ir primeiro”, eu disse, empurrando a porta. Os dois cachorros vieram correndo até mim, abanando o rabo, os focinhos deixando marcas molhadas na minha calça. “Eles estão bem”, eu disse para a Stella, e ela saiu logo em seguida.

Eles a cumprimentaram e depois voltaram para a casa como se o trabalho estivesse feito e pudessem voltar a tirar uma soneca.

"Que porra você está fazendo aqui?", perguntou uma voz rouca.

Virei-me e vi Jenny parada junto ao parapeito, vestindo um vestido tie-dye azul e branco, com os longos cabelos castanhos presos no alto da

cabeça e um baseado pendurado nos dedos. Ela havia emagrecido desde a última vez que a vi, e o vestido estava folgado em seu corpo.

“Vim conversar com você”, eu disse.

Ela deu uma longa tragada no baseado, me encarando por cima da fumaça. É, as coisas estavam indo exatamente como eu esperava.

“Esta é minha namorada, Stella”, eu disse, colocando a mão na parte inferior das costas dela para que se movesse. Por que eu ainda sentia necessidade de fingir que estávamos juntos, eu não fazia ideia. Talvez já fosse um hábito, uma forma de explicar a presença dela.

Jenny soltou uma nuvem de fumaça e examinou Stella de cima a baixo. "Pensei que você tivesse saído daqui para fugir do lixo?"

Stella chegou primeiro aos degraus da varanda, estendendo a mão para minha tia. "Foi uma noite longa pra caralho. Pelo menos me dá um trago se você vai ser uma vaca comigo logo de cara."

Jenny soltou uma risada, pega de surpresa, e passou o baseado para ele. "Talvez você não seja tão ruim assim."

"Já me disseram até que sou tolerável uma ou duas vezes", disse Stella, dando uma tragada ainda mais longa do que a de Jenny.

Minha tia deu uma risadinha.

Tirei o baseado da mão da Stella quando ela tentou dar uma segunda tragada. "Calma aí, fraca." Eu não era fraca, então dei duas tragadas e passei de volta para minha tia.

“O que você quer?”, perguntou ela.

Soltei uma baforada de fumaça. "Para falar da mamãe."

Ela franziu a testa. "Você finalmente vai me dizer onde a escondeu?"

“Eu não a escondi, dei a ela o enterro que ela merecia, sem a ajuda de nenhum de vocês.”

Jenny apontou o cigarro de maconha para mim. "Não comece com essa besteira. Eu estava na cadeia, Tyler. Que porra você esperava que eu fizesse de lá? Trocar meu dinheiro do refeitório por uma lápide?"

Cerrei os dentes ao tentar responder. Eu não ia me deixar arrastar para essa briga de novo.

"Só quero me despedir da minha irmã", disse Jenny.

"Tudo bem. Eu lhe direi onde ela está. Depois que você responder às minhas perguntas e prometer não contar a mais ninguém da família. Ela finalmente está em paz e eu não quero que a incomodem."

“Como se eu conversasse com algum daqueles filhos da puta.” Ela me analisou por um segundo. “O que você quer saber?”

“O que aconteceu com a mamãe na cidade?”

O olhar dela desviou-se do meu. "Por que você está me perguntando isso agora, depois de todos esses anos?"

“Porque eu encontrei Richard.”

Seus olhos, do mesmo azul pálido que os da minha mãe, voltaram-se para mim. "Como assim, você o encontrou? Você prometeu à Meg que não ia procurá-lo." Ela examinou minhas roupas — sujas, mas caras — antes de seu olhar se fixar no meu carro de seis dígitos. "Não me diga que você mora lá."

“Eu moro lá.”

“Droga, Tyler. Ele não mentiu e disse que tentou encontrar vocês dois, disse?”

Um arrepio percorreu minha espinha. Por que diabos minha tia tinha chegado a essa conclusão precipitadamente? "Por que você acha que ele disse isso?"

Ela gesticulou com a mão no ar. "Porque aquele homem sempre mentia sobre tudo."

Eu a observei. Falta de contato visual, respiração acelerada, atitude defensiva imediata, olhar para cima e para a direita, inquietação com o cigarro de maconha. Ela estava tentando esconder algo de mim.

Stella se mexeu ao meu lado, e pelo olhar dela, pude perceber que ela também pensava assim.

“Ele contou uma história bastante convincente”, eu disse, mantendo-me vago nos detalhes para ver como Jenny reagiria.

De repente, ela ficou muito interessada em suas unhas. "Claro que aquele idiota fez isso."

Mentira. Ela estava mentindo.

“Tia Jenny”, eu disse, com a voz carregada de uma raiva mal contida. “Preciso que você me conte o que aconteceu. O que realmente aconteceu.”

Ela ergueu a cabeça bruscamente, os olhos fixos nos meus. "Não venha com essa atitude para cima de mim. Eu sou mais velha que você."

Dei um passo em sua direção. "Você não passa de uma velha bêbada e mesquinha que passou a vida inteira culpando os outros pelos problemas que causou. Você se aproveitou da gente quando não tínhamos nada para

dar e explorou a bondade da mamãe por anos. O mínimo que você me deve é a maldita verdade!"

“Tyler”, disse Stella, colocando a mão no meu braço.

“Não!” gritou Jenny. “Deixa ele te mostrar quem ele é, querida. Quem ele sempre foi. Um pirralho egocêntrico que se acha superior a todos nós.” Ela ficou cara a cara comigo, com o hálito impregnado de maconha e bebida velha. “Quer saber o que aconteceu? Sua mãe viu como aquelas pessoas eram. Ela viu como o dinheiro as tornava gananciosas e horríveis. Como os filhos delas eram podres, mimados e cruéis, e ela não queria que você crescesse nesse mundo. Ela achou que seria melhor para você crescer aqui, sem nada, para que aprendesse o valor do dinheiro e do trabalho duro. Foi por isso que ela deixou o Richard.”

Ela me cutucou no peito. "Bom, ainda bem que ela não está por perto para descobrir que fracassou. Que não foi o dinheiro que os tornou assim, foi o sangue, e que mesmo depois de todo o seu trabalho duro, você acabou sendo tão ruim quanto aqueles riquinhos babacas." Ela me empurrou e eu cambaleei para trás. "Saia da minha propriedade. Eu tenho que ir a algum lugar."

Ela se virou e voltou para dentro de casa furiosa, e eu fiquei ali parada, imóvel, com os ouvidos zumbindo. Tentei me convencer de que ela estava mentindo, mas a verdade estava ali para quem soubesse ler os sinais.

“Deveríamos ir”, disse Stella, descendo os degraus até o gramado de terra batida.

Eu não a segui porque achei que não conseguiria me mexer. Minhas mãos tremiam e eu sentia calor e tontura. Como se fosse vomitar.

"Tyler, vamos lá", disse Stella, caminhando em direção ao carro.

Meu olhar passou por ela, em direção às árvores, minha visão se turvando ao meu redor. Não havia nada em minha mente além de um rugido baixo e uma necessidade de fugir. De quê, eu não fazia ideia. Talvez de mim mesmo. Talvez da consciência de que toda a minha vida tinha sido uma mentira e que eu havia desperdiçado anos dela perseguindo um plano maquiavélico de vingança familiar. Talvez se eu começasse a andar, me sentiria melhor. Talvez se eu continuasse andando, me embrenhando o máximo possível nesta floresta, eu pudesse encontrar algum eremita com um conhecimento inestimável que pudesse me dizer como consertar a minha vida.

Tia Jenny voltou correndo para fora. Sem nem olhar para mim, desceu as escadas e entrou na minivan. O motor deu um suspiro ao pegar e, em seguida, rugiu quando ela pisou fundo no acelerador e arrancou tão rápido que os pneus traseiros derraparam. O tempo pareceu desacelerar quando a van deu um solavanco repentino para a esquerda.

Stella estava parada no caminho, os olhos arregalados ao perceber que ia ser atingida. Eu gritei — o nome dela, ou um aviso, não tinha certeza — mas não havia nada que ela pudesse fazer para evitar ser atingida pela cauda, e então, de repente, ela foi arremessada para trás, com a cabeça batendo com força no chão.

Porra!

Saltei da varanda quando Jenny disparou pela estrada, ainda ziguezagueando. Stella jazia na terra, os cães se aproximando dela. Espantei-os e me ajoelhei ao seu lado. Seus olhos estavam fechados, a cabeça pendendo de um jeito inerte que me causou um terror profundo.

Porra, porra, porra!

Ela estava morta?

"Stella."

Sem resposta.

Agarrei-a pelo ombro e estava prestes a sacudi-la, mas pensei melhor. E se algo vital estivesse quebrado e o menor movimento a matasse? Deslizei os dedos até seu pescoço, procurando o pulso e entrei em pânico quando não o encontrei imediatamente.

O que eu tinha feito? Que porra eu tinha feito?

Stella tinha medo de carros, e eu a forcei a entrar em um e a arrastei até aqui para quê, para ser morta por outro? E, meu Deus, depois de tudo o que eu já fiz essa mulher passar. Essa mulher espinhosa, impossível, sarcástica e linda, que eu antes achava que odiava, mas agora—

Seu pulso acelerou contra meus dedos.

Um alívio me invadiu, mas isso não significava que ela estivesse bem, apenas viva. Ela tinha acabado de ser atropelada, e embora não parecesse tão grave, ela era mais magra e frágil do que a maioria. Ela podia ter a coluna quebrada. Podia ter edema cerebral. Como diabos eu ia verificar isso?

Eu não fazia ideia, mas, por sorte, conhecia alguém que sabia.

Tirei o celular do bolso. Uma barrinha de sinal.

Por favor, me deixem fazer uma ligação. Eu juro que nunca mais serei cruel com essa mulher, prometi a qualquer divindade que porventura estivesse ouvindo.

Liguei para o Josh e coloquei no viva-voz. Passaram-se alguns segundos antes de finalmente tocar, e juro que meu coração parou enquanto eu esperava.

“Amarelo”, disse Josh.

Você consegue me ouvir?

"Mais ou menos. Seu sinal está falhando um pouco. Você está no banheiro? Você sabe que o seu banheiro tem o pior sinal do apartamento."

Aly está com você ou está de plantão?

“Ela está aqui. Por quê?”

“Posso falar com ela?”

"Sério?", ele reclamou. "Quase não tenho notícias suas há semanas — semanas, Tyler — e a primeira vez que você me liga é para falar com a minha noiva?"

"Tenho uma mulher ferida aqui!" gritei. "Pare de enrolar e dê o telefone para a Aly!"

“Ai, droga. Um segundo.” Ouvi o som de passos correndo. “Amor! O Tyler precisa da sua ajuda, e antes que você diga alguma coisa sarcástica como eu disse, é sério.”

Um ruído de arranhão foi ouvido do outro lado da linha, e então a voz de Aly. "Tyler? O que aconteceu?"

"Ela foi atingida por um carro e bateu com a cabeça", eu disse, odiando o pânico na minha voz. "Agora ela está inconsciente. O que eu faço?"

“Ligue para o 911”, disse ela.

Desliguei, liguei para eles, informei nossa localização e depois liguei de volta para Aly. "Eles estão a caminho, e agora, o que eu faço?"

“Ligue para eles de volta para que possam te explicar tudo em detalhes.”

“Foi para isso que eu te chamei! Eles são só uma operadora. Você é uma enfermeira da emergência, caramba.”

“Jesus. Ok, ela está respirando?”

“Ela tem pulso.”

“Sim, mas ela está respirando?”

"Eu não sei!" gritei, encarando o rosto boquiaberto de Stella.

Aly entrou em modo enfermeira total. "Coloque uma mão nas costelas dela e a sua bochecha perto da boca dela. Espere para ver se os pulmões dela se expandem ou se ela expira em você."

Fiz o que ela disse, tremendo de adrenalina, e assim como aconteceu com o pulso de Stella, demorei muito para sentir alguma coisa.

"Ela está respirando", eu disse, quase desmaiando de alívio.

“Isso é bom”, Aly me assegurou. “Mantenha uma mão nas costelas dela para garantir que ela não pare. Em que posição ela está?”

“Ela está no chão. De costas. Eu não a movi.”

“Ótimo. Não faça isso. Certifique-se de que a cabeça dela permaneça ligeiramente inclinada para trás enquanto ela estiver inconsciente para manter as vias aéreas desobstruídas. Se ela começar a engasgar, vire-a de lado para que ela não se asfixie.”

“Vomitar depois de um traumatismo craniano é ruim, certo?”

“Não está muito bom”, disse Aly, e eu fiquei grata por sua honestidade. “Está claro onde você está?”

“Sim, estamos lá fora.”

“Abra uma das pálpebras dela.”

Aly me explicou passo a passo como verificar a reação das pupilas de Stella e pareceu aliviada quando lhe disse que ambas se contraíram imediatamente e igualmente.

Você tentou acordá-la?

“Não, eu liguei para você imediatamente.”

“Ok, agora vamos tentar o método de gritar-bater-gritar”, disse Aly.

Consistia em gritar o nome da pessoa, dar um tapinha leve nela e depois gritar o nome de novo. Eu estava quase gritando "Stella!" bem na cara dela, porque como ela ousava me assustar desse jeito?, quando ela começou a acordar sozinha, soltando um gemido.

"Acho que ela está voltando a si", eu disse. "Ela está se virando de lado. Isso significa que ela não quebrou o pescoço, certo?"

“Quer dizer, você precisaria de raios-X para ter certeza—”

“Aly.”

“Ela provavelmente não quebrou o pescoço. Mas mesmo assim precisa ir ao hospital para ser examinada.”

Stella emitiu outro som baixo e abriu os olhos, piscando.

Afastando cuidadosamente os cabelos do rosto dela, disse: "Ei, meu

bem."

Aly respirou fundo, surpresa.

"Era um apelido carinhoso?", sussurrou Josh.

Ouviu-se o som de um tapa do outro lado da linha, seguido de um "shhh".

Ótimo, eu também estava no viva-voz.

"Tyler?" Stella perguntou com a voz rouca.

“Faça perguntas a ela”, disse Aly. “Perguntas simples.”

“Qual é o seu nome?”, perguntei.

“Não, Sunshine”, respondeu Stella.

Eu sorri, interpretando sua resposta sarcástica imediata como um bom sinal. "Em que mês estamos?"

"Agosto."

“Quem sou eu?”

“Um canalha.”

Josh conteve o riso.

“Vou desligar agora”, eu disse para Aly.

“Espere!”, disse ela, antes de me dar uma lista de instruções sobre como lidar com Stella e o que observar caso seu estado piorasse enquanto esperávamos a ambulância.

Pedi para ela me enviar por mensagem, agradeci e desliguei.

"Quem era aquele?", perguntou Stella.

“Meu melhor amigo e a noiva dele”, eu disse a ela. “Ela é enfermeira da emergência. O que dói?”

"Meu corpo inteiro", ela gemeu, sua respiração acelerando.

“O quê exatamente, Stella? Vamos lá, tente se concentrar.”

“Minha cabeça. Meu quadril?”, acrescentou, parecendo menos segura. “Meus antebraços, por tê-los estendido para tentar bloquear a van. Ai, meu Deus, fui atropelada. Fui atropelada.” Ela caiu em prantos. “Estou bem?”

Eu não podia mais deixá-la ali deitada, e como ela não mencionou dor no pescoço ou nas costas, puxei-a para o meu colo. "Você está bem." Não graças a mim. "Você nem está sangrando, e ela não bateu tão forte, só o suficiente para tirar o fôlego. Você bateu a cabeça quando caiu, mas ficou desacordada só por um ou dois minutos."

Ela soluçou ainda mais alto, e eu não sabia se era porque ela estava sentindo muita dor ou apenas traumatizada.

"Eu te odeio", disse ela, tentando se afastar.

Eu a abracei com cuidado, recusando-me a soltá-la, porque por um segundo pensei que a tinha perdido para sempre. "Eu sei."

“A culpa é sua!”

"Isso é."

Ela socou meu peito com os punhos, ainda chorando, e eu fiquei aliviado, porque isso significava que ela não poderia ter se machucado muito se estava tentando brigar comigo, certo?

"Desculpe", eu disse a ela, puxando-a para perto o suficiente para lhe dar um beijo no topo da cabeça.

Ela me deu mais um soco e ficou imóvel, com o corpo arfando e a voz embargada. "Por que eu deveria acreditar em você?"

Não me passou despercebido que ela fora obrigada a me fazer aquela pergunta várias vezes. "Porque cansei de mentir para você, Stella. Achei que você estivesse morta. Achei que eu tinha causado a sua morte, e isso... mudou minha perspectiva sobre as coisas."

Ela ficou em silêncio durante o momento mais longo da minha vida. "Finalmente percebeu que, na verdade, é você quem está apaixonado por mim, né?"

"Eu não iria tão longe", eu disse.

Passei a vida inteira tão cheia de ódio que não sabia se havia espaço para amor no meu coração. Mas o que eu sabia era que, nas últimas semanas, Stella tinha se infiltrado nele contra a minha vontade. Eu dizia a mim mesma que a havia sequestrado porque queria que alguém testemunhasse tudo o que eu tinha passado, tudo o que eu tinha perdido, e talvez isso fosse verdade, mas, no fundo, eu não queria que ela fosse pega ou presa. Eu queria uma chance de me explicar. Odiei o olhar de desprezo e nojo no rosto dela quando percebeu o que eu tinha feito, como se tivéssemos voltado à estaca zero.

Então, fiz o que faço de melhor. Agi em meu próprio interesse, sem me importar com o que os outros queriam ou precisavam. Forcei, coagi e intimidei porque passei tanto tempo tratando as pessoas dessa maneira que me esqueci de que existia outra forma de agir.

Ao longe, o primeiro toque de sirenes cortou o ar.

Encarei a mulher em meus braços, sem a menor ideia de como prosseguir dali, sabendo apenas que queria seguir em frente com ela. E dali

em diante, faria o que fosse preciso para que isso acontecesse.

33

STELLA

“Quanto tempo falta para chegarmos ao hotel?”, perguntei.

“Estamos quase lá”, disse Tyler.

Apoiei a cabeça na janela enquanto ele dirigia, observando o sol se pôr no horizonte. Tínhamos acabado de sair do hospital, onde passamos a maior parte do dia devido a uma combinação de longas esperas e a série de exames pelos quais os médicos me submeteram, só para garantir.

Nada estava quebrado e minha concussão foi leve. Basicamente, eu estava todo machucado e arranhado, e embora a equipe do hospital tivesse limpado meus cortes, o resto do meu corpo ainda estava imundo por causa dos túneis, e eu precisava muito de um banho. Eu estava começando a cheirar mal. E eu estava exausto pra caramba. Não só eu tinha ficado acordado por quase dois dias, como esses tinham sido dois dos dias mais terríveis de toda a minha vida.

"Blake está bem?", perguntei. O mínimo que Tyler me devia eram algumas respostas, droga.

“Não sei, mas ele conseguiu passar pelos meus capangas.”

“Você não vai atrás dele, vai?”

“Não. Da próxima vez que eu o vir, será para me desculpar, agradecê-lo por me parar e entregar-lhe isto.” Ele abriu o console central e lá estava o relógio Patek Philippe do meu avô.

Eu a agarrei. "Vou entregá-la a ele. Você não é confiável."

"É justo", disse Tyler, e eu olhei para ele e vi que parecia resignado.

Poucos minutos depois, paramos num estacionamento empoeirado. Claro que o hotel era um lugarzinho de beira de estrada, mas foi o que aconteceu quando disse para ele reservar o mais perto que encontrasse. Pelo menos estava limpo por dentro e parecia ter sido reformado recentemente — nada de carpete felpudo ou baratas à vista. O único problema era que só tinha uma cama.

Balancei a cabeça negativamente. Não, na verdade, não era. Tyler podia dormir no chão, porra. Pronto, problema resolvido.

Fui andando de um lado para o outro até o banheiro e liguei o chuveiro, largando as roupas que tínhamos comprado em um Walmart perto de casa em cima da bancada. O vapor encheu o cômodo enquanto eu tirava meu

vestido arruinado. Me virei, vi um zumbi no espelho e levei um susto.

Meu Deus, era eu. Eu estava horrível. Pálida, magra, coberta de arranhões e hematomas, com olheiras profundas.

Ouvi uma batida na porta e fiquei grato por tê-la trancado.

"Você precisa de ajuda com alguma coisa?", perguntou Tyler.

Abri a boca para mandar ele se foder, mas achei melhor não. Que ele prove do próprio silêncio.

O chuveiro me chamava, então puxei a cortina para o lado e entrei, suspirando quando o calor me atingiu. A única coisa melhor do que tirar o sutiã no fim de um longo dia era um banho quente quando se está suja e exausta. Fechei os olhos e me deixei cair no chão, permitindo que a água corresse sobre mim. Tudo doía, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente. A última vez que me senti tão esgotada foi no dia seguinte ao acidente de Runa.

Fechei os olhos, encostando a cabeça no azulejo. A única coisa que me consolava era o cansaço extremo, a confusão mental que começava a me consumir, os pensamentos escapando por ser um esforço demasiado retê-los.

Nos vinte minutos seguintes, fiquei no piloto automático, levantando-me grogue e lavando o cabelo e o corpo com os produtos baratos do hotel. Sequei-me. Vesti roupas limpas e enrolei a toalha no cabelo. Voltei arrastando os pés para o quarto. Resmunguei algo ininteligível quando Tyler perguntou se eu estava bem.

Eu estava no meio de secar meu cabelo com a toalha quando ele reapareceu depois do banho, com a própria toalha pendurada na cintura, o cabelo penteado para trás e gotas de água escorrendo por seus músculos robustos.

Ele me viu olhando, baixou o olhar e caiu de joelhos. Pisquei algumas vezes para ter certeza de que estava mesmo vendo o que pensava estar vendo. Eu havia fechado as cortinas blackout, e apenas uma lâmpada suave iluminava o quarto, sua luz dançando sobre a figura agachada de Tyler.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

"O que você quiser", ele respondeu.

Suspirei. "Olha, foi um dia muito longo e traumático para nós dois, e eu imploro que você pare com os joguinhos. Se você não está pronto para falar sobre o que aconteceu, tudo bem. Eu entendo que você provavelmente

precisa de tempo para processar tudo ou para lidar com sua crise existencial em paz. Só, por favor, podemos parar com isso?"

Ele permaneceu onde estava. Na mesma posição, cabeça baixa, mãos apoiadas nos joelhos.

"Tyler", eu disse, tomando cuidado para não deixar transparecer a raiva na minha voz, porque esse homem acabara de descobrir que sua mãe falecida lhe contara uma mentira colossal que o colocou num caminho sombrio que poderia ter terminado muito mal se meu irmãozinho não tivesse chamado a polícia e, potencialmente, nos salvado de qualquer catástrofe de proporções nucleares que Tyler pudesse ter desencadeado.

“Isto não é uma brincadeira”, disse ele. “Não fiz nada além de intimidar e ameaçar você. Não vou me desculpar novamente, porque não acho que você deva me perdoar. Mas quero me oferecer como punição.”

"Punição."

Não era uma pergunta, mas ele assentiu com a cabeça. "Aceitarei o que você achar que eu mereço."

Esse filho da puta. Ele já não tinha me perturbado o suficiente?

Coloquei as mãos na cintura e me virei completamente para ele. "Então, se eu dissesse que queria que você beijasse o chão, você... ai meu Deus, não! Não beije isso de verdade, que nojo, você está falando sério?"

Ele ficou paralisado com a boca a centímetros do tapete, inclinando-se para a frente como um cavaleiro prestando homenagem — o que, quer dizer, sim, obrigado, finalmente o tipo de reconhecimento que eu merecia.

“De onde vem isso?”, perguntei.

Ele permaneceu exatamente onde estava enquanto respondia, os músculos começando a estalar pelo esforço de se manter imóvel. "Durante todo esse tempo, eu estive te provocando, te irritando de propósito porque eu queria qualquer reação possível. Boa ou ruim. Mas, principalmente, acho que eu queria a ruim. Eu queria que você fosse cruel comigo porque isso tornava mais fácil mentir para mim mesmo, tornava mais fácil me convencer de que eu te odiava, quando a verdade é que acho que estou obcecado por você desde o momento em que nos conhecemos."

Não disse nada, estava hipnotizada pelo fato de ele ainda estar parado, exatamente onde eu tinha mandado parar. Talvez eu devesse ter cedido e ordenado que ele se levantasse, mas eu queria testar isso, ver o quão sério ele estava, ver quanto tempo ele aguentaria. Além disso? Eu queria que ele

sofresse.

Comecei a contar os segundos mentalmente.

Dez.

Trinta.

Um minuto.

Seus ombros tremeram.

Dois minutos.

As veias começaram a saltar em seus bíceps.

Ah, Tyler estava falando muito sério.

“Pode se sentar”, eu disse.

Ele voltou a ficar de joelhos, com a cabeça baixa e as mãos nas coxas.

“O que é isso? O que você está fazendo?”

"Acho que sou uma mimada."

“Tyler, todo mundo acha que você é um mimado.”

“Não, tipo fetiche por pirralho mimado.”

Ah. Ahhh. "Então você realmente gostou quando eu fui malvado com você."

"Sim, eu fiz." Ele ergueu os olhos para mim por baixo das sobrancelhas, o olhar quente e penetrante. "E acho que você também fez."

Meu fôlego escapou dos meus pulmões, porque, caramba. Será que ele estava certo? Quer dizer, eu sentia um arrepio percorrer meu corpo sempre que levava a melhor sobre ele. Eu ficava excitada contra a minha vontade quase todas as vezes que estávamos juntos, mas achava que era só por causa daquela faísca irritante de química entre nós. E meus pensamentos sobre Tyler já tinham se desviado para a ideia de que ele precisava ser colocado em seu devido lugar uma ou duas vezes. Mas não havia como saber com certeza se eu realmente gostava disso até colocar à prova.

"Quem disse que você podia me olhar?", perguntei, com a voz trêmula como um chicote.

Tyler desviou o olhar bruscamente, e naquele instante, aprendi algo muito importante sobre mim: eu gostava quando ele fazia o que eu mandava. Gostava mesmo. E eu não sabia se era porque, até então, eu era quem tinha sido obrigada a fazer tudo o que ele queria, ou se eu simplesmente gostava de ver aquele cara enorme, barulhento e mandão finalmente calar a boca e se ajoelhar em silêncio.

Meus olhos se fecharam, e ficou claro pelo jeito que a toalha de Tyler

começou a se enrolar que ele também estava gostando.

"Estou com muita raiva de você", eu disse a ele.

“Você tem todo o direito de ser assim”, disse ele. “Eu já fui o maior canalha do mundo.”

"Como é descobrir que tudo foi em vão?", perguntei, porque também queria ser um pouco cruel com ele, agora que sabia que ele aguentaria. Queria que ele pagasse por tudo o que tinha feito e por todas as outras coisas que quase conseguiu.

"Não sei", disse ele. "Estou anestesiado. Acho que estou em estado de choque."

“E você acha que brincadeiras de criança vão ajudar em alguma coisa?”

"Tudo o que sei é que não quero ficar presa nos meus próprios pensamentos agora. Não quero pensar. Não quero tomar decisões. Só quero que você me diga o que fazer."

"E você vai fazer tudo o que eu mandar?", perguntei, sentindo-me um pouco chocada. Tyler, simplesmente fazendo tudo o que eu lhe pedia? Impossível. Isso devia ser alguma pegadinha cruel e elaborada. Um último "vá se foder" antes que ele desaparecesse da minha vida para sempre, sem nunca enfrentar as consequências de seus atos ou tentar se redimir pelo que fez.

Ele assentiu com a cabeça.

Então, se eu dissesse para você rastejar até aqui e beijar meus pés, você...?

Meu Deus, o homem estava rastejando pelo carpete imundo do hotel, os músculos dos ombros se contraindo, as costas flexionando, a cabeça baixa como se tivesse feito algo muito errado e estivesse pronto para implorar por perdão. Eu definitivamente ia desenhar isso em seguida, porque nunca quis esquecer a visão de tanto poder lânguido humilhado em súplica, mesmo que fosse uma brincadeira.

Ele parou quando chegou perto de mim, a toalha mal se segurando, e roçou os lábios no peito do meu pé. Eu estava pronta para abaixar o ar-condicionado alguns minutos atrás porque estava com frio. Meu corpo estava bem aquecido agora, vibrando de energia e atenção, meus nervos à flor da pele.

"Farei tudo o que você me mandar. Quanto pior, melhor. Eu me comportei mal e mereço ser punido de forma adequada", disse ele, com um

tom de quem mal podia esperar para que eu lhe ordenasse algo humilhante.

Eu tinha uma noção geral do fetiche por submissos mimados, graças a uma cliente falante que trabalhava como bartender em um clube de jogos no centro da cidade, mas eu definitivamente não tinha conhecimento suficiente para mergulhar de cabeça. Pelo que eu entendia, era basicamente uma relação dom/sub em que o submisso gostava de testar seus limites e a paciência do dom, e o dom via a impertinência do submisso mais como uma brincadeira do que como grosseria. Eu sabia que disciplina fazia parte disso, que um dom deveria punir seu submisso mimado para ensiná-lo a se comportar melhor, mas... e se eu não quisesse que Tyler se comportasse bem? A ideia dele de repente se tornar bonzinho e obediente não me agradava, parecia uma mudança de personalidade muito drástica.

Eu queria que ele fosse o seu pior idiota? Não. Mas também não queria que ele parasse de me irritar, porque naqueles momentos em que eu me esquecia de que ele era meu chantagista e éramos apenas duas pessoas, discutindo enquanto tentávamos fazer o outro rir, se descontrolar ou até gritar... eu me esquecia de que não estávamos realmente namorando. Que só deveríamos fingir que gostávamos um do outro. Talvez isso fosse errado, mas eu nunca fui muito romântica. Eu não queria flores e chocolates; eu queria um desafio.

Estendi a mão e passei os dedos pelos cabelos úmidos de Tyler, inclinando sua cabeça para trás para obrigá-lo a olhar para mim. Seus olhos eram de um azul profundo, pupilas dilatadas, expressão aberta, inocente e paciente, como se ele pudesse ficar assim a noite toda se eu pedisse.

Eu nunca o tinha visto tão tranquilo, tão em paz, e isso me fez começar a acreditar que aquilo poderia ser real.

"Não quero te bater", eu disse.

“Você não precisa.”

“Degradação, porém...”

Ele tentou acenar com a cabeça enquanto eu o segurava, mas apertei meus dedos para que ele não pudesse se mexer. "Sim, por favor."

“E a negação do orgasmo. Você definitivamente não merece gozar.”

"Eu não."

Puta merda, ele concordou tão facilmente.

“Depois, conversamos”, eu disse.

Ele envolveu a minha panturrilha com a mão, erguendo-se o suficiente

para que eu visse que estava completamente excitado. "Farei tudo o que você me mandar."

Ai, meu Deus. Não. Eu não tinha força de vontade para fazer a coisa certa e dizer não. Eu quase morri hoje, e agora, eu estava desesperada para me sentir viva. E, veja só, que conveniente: um homem lindo e disposto de joelhos diante de mim.

Eu ainda estava puta da vida com o Tyler? Com certeza, mas o problema era que a raiva sempre fez parte da minha atração por ele, e isso não parecia que ia mudar tão cedo.

Deslizei minha panturrilha para fora de seu aperto e me joguei no colchão, abrindo as pernas bem na frente do seu rosto. "Lambe minha buceta, Tyler."

Sem hesitar, ele arrancou meu moletom e minha calcinha, me empurrou para trás no colchão e se deitou comigo na cama. Ele se abaixou entre minhas pernas, levantando minhas coxas e as puxando para cima, sobre seus ombros largos, me inclinando para trás e enterrando o rosto entre minhas pernas. Certo, então, nada de submissa mansa para mim. No instante em que sua língua tocou a evidência da minha excitação, ele gemeu.

"Diga-me que você adora o quanto estou molhada por você", eu disse.

"Adoro como você está molhada para mim, Stella." Ele girou a língua ao redor do meu clitóris. "Que delícia." Ela deslizou para dentro da minha entrada. "Que apertadinha." Uma longa e sedutora lambida de volta ao meu clitóris, antes de ele parar para brincar com ele. "Eu queria provar essa buceta de novo desde que lambi sua calcinha. Era só nisso que eu conseguia pensar." Ele afundou a língua, o nariz roçando meu clitóris.

“Pare”, eu disse.

Ele congelou, ergueu os olhos para os meus, e a visão dele, me encarando daquele jeito, com o corpo se movendo de tão excitado, as mãos tremendo de vontade de se mexer, me desestabilizou completamente. Eu queria esfregar meu pau no rosto dele. Queria deixá-lo molhado e brilhante e dizer que ele não podia se limpar. Queria que ele dormisse com o meu esperma nele.

Seus olhos escureceram, todo o aviso que eu tive antes de ele enfiar a língua dentro de mim, provando exatamente o quão pirralho ele era.

"Senta aí", eu disse, irritada e satisfeita ao mesmo tempo, uma

combinação estranha, mas eu não aguentava mais reprimir minhas reações a esse homem. Mostrei meu pé para Tyler. "Lambe isso em vez disso."

Mais uma vez, sem hesitar. Ele me envolveu com aquelas mãos grandes, uma segurando meu calcanhar, a outra acariciando minha panturrilha. Mantendo contato visual, ele lambeu lentamente toda a sola do meu pé, traçando uma linha longa e suave.

Apoiei-me em um cotovelo, com a outra mão deslizando entre as pernas abertas. "Limpe isso."

Tyler passou a língua em volta do meu dedão do pé e depois o abocanhou, e pelo jeito que seus olhos se fecharam em êxtase, parecia ser sua comida favorita. Nunca ninguém tinha feito isso comigo antes — ninguém nunca tinha se disposto a fazer — e fiquei surpresa com o quanto gostei. Principalmente quando ele mudou a posição da mão e começou a massagear meu pé ao mesmo tempo. Havia algo pecaminosamente excitante naquilo. Talvez fosse porque parecia um pouco tabu. Ou talvez fosse porque meus pés carregaram meu peso a vida inteira, e agora alguém finalmente estava demonstrando apreço por eles.

Ele se mexeu um pouco, e a toalha finalmente desistiu da luta, caindo dele e se amontoando no colchão. Seu pau preencheu minha visão, tão grande, tão duro. Caralho, ele realmente gostou disso.

“Olhe para mim”, eu disse.

Seus olhos se abriram lentamente.

Mergulhei meus dedos em mim mesma.

O olhar de Tyler fixou-se no movimento, e eu pude perceber pela forma como ele apertou meu tornozelo que ele desejava que fossem seus dedos me preenchendo.

"Se você fizer um bom trabalho, eu lhe darei outra provinha", eu disse.

Ele limpou cada um dos meus dedos enquanto eu usava meus dedos para me provocar, para provocar nós dois. Quando ele terminou, começou a se inclinar para frente. Coloquei meu pé em seu peito para impedi-lo. Ele franziu a testa, um eco do Tyler que eu conhecia tão bem visível em sua expressão tempestuosa.

Girei meus dedos bem fundo dentro de mim, os olhos revirando de prazer, sentindo minhas paredes internas se contraindo ao meu redor, e então os retirei. "Abra."

As nuvens carregadas se dissiparam, dando lugar a uma expressão

satisfeita que me indicava que Tyler havia gostado da minha pequena artimanha. Estendi os dedos em sinal de rendição. Ele se esforçou para frente, tendo que lutar para conseguir, pois meu pé ainda estava sobre seu peito, e eu não ia facilitar as coisas para ele. O mais excitante era que eu sabia que ele poderia me dominar se quisesse, e mesmo assim, preferiu entrar na brincadeira.

Ele segurou meu pulso. Manteve-o firme. Levantou os olhos para os meus. E então deslizou meus dedos para dentro da boca, a língua girando ao redor deles, lambendo-me, um som de prazer vibrando em seu peito ao sentir meu gosto. Apertei as coxas, sabendo como ele devia estar se sentindo, porque eu também estava desejando prová-lo novamente.

Ele escorregou dos meus dedos com um estalo!

"Ajoelhe-se e coloque as mãos na cabeceira da cama", eu disse a ele.

Ele não perguntou porquê, não discutiu, apenas assentiu em submissão e rastejou por minha frente. Virei a cabeça, observando-o, hipnotizada pela visão de sua cumplicidade. E então ele estava em posição, coxas encolhidas, costas arqueadas, braços fortes apoiados, de frente para a cabeceira da cama. Sua pele parecia dourada sob a luz suave, e talvez eu quisesse machucá-lo, pelo menos um pouco, porque se eu tivesse um chicote, o teria usado com prazer para deixar sua bunda vermelha.

Meus olhos se voltaram para as três marcas vermelhas em suas costas. Eu queria beijá-las, dizer que sentia muito por elas estarem ali, que ninguém deveria ter feito aquilo com ele, mas ele não queria se perder em seus pensamentos agora, e, para ser sincera, eu também não, então esse tratamento mais suave teria que esperar por outro momento, outro humor. Agora, precisávamos de algo diferente, algo mais intenso para nós dois, mas principalmente para ele.

“Afastem-se um pouco”, eu disse.

Ele concordou, dando-me espaço mais do que suficiente para deslizar entre ele e a cabeceira da cama.

Virei-me, dando-lhe as costas, e tirei a camisa. "Tudo bem se não usarmos camisinha de novo?"

“Deus, sim”, ele rosnou. “Eu quero—”

Virei-me e pressionei um dedo contra seus lábios. "Ninguém se importa com o que você quer."

O pau dele se contraiu contra minhas costas, mesmo enquanto seus

olhos brilhavam. Ah, ele adorava isso.

Me virei e fiz o que queria, inclinando-me para a frente, apoiando uma mão nos travesseiros e usando a outra para alcançar seu pênis grosso entre as coxas. Eu não conseguia nem chegar perto de acomodá-lo por inteiro, pelo menos não facilmente, e a ideia da dor aguda de transar com um pau grande sem a preparação adequada só aumentava meu desejo. Eu me lembrava bem da nossa primeira vez juntos e queria sentir aquilo de novo. Precisava. Porque eu não tinha ideia de quanto tempo essa paz incerta duraria e planejava aproveitar cada segundo, ter uma boa lembrança caso tudo desse errado de novo porque Tyler resolveu voltar a ser O Pior.

"Não se mexa", eu disse a ele. E então deslizei a cabeça do seu pênis entre meus lábios, sua pele quente contra a minha lubrificação. Parei com ele na minha entrada, recuando um pouco para me testar. Meu Deus, isso não seria fácil para nenhum de nós. Para ele, porque eu planejava prolongar o momento. Para mim, porque meu corpo inteiro estava exausto e dolorido, e agora eu estava exigindo ainda mais dele.

Meu corpo pulsou ao lembrar de como tinha sido bom da última vez, o calor inundando minhas veias, meus mamilos se eriçando. Girei os quadris, cobrindo-o com minha excitação, e tentei novamente, penetrando mais fundo dessa vez. Outro giro. Outra estocada, e me sentei sobre sua cabeça.

Tyler gemeu acima de mim, o som gutural.

Sorri, me afastei dele, repetindo os movimentos, e me deitei novamente. Ah, droga, era o paraíso. Exatamente o que eu precisava. A mistura perfeita de desconforto e prazer. Queria prolongar a sensação, então permaneci onde estava, apenas existindo, apenas respirando, enquanto meu corpo se estendia ao redor dele. Seu peito subia e descia contra minhas costas, e eu sabia que ele devia estar morrendo de vontade de penetrar, o desejo de estocar era tão forte que era quase irresistível.

Eu me movia para frente e para trás, absorvendo só mais um pouco antes que meu corpo se contraísse, lutando contra a invasão, tentando me dizer que era demais quando eu sabia muito bem que não era nem de longe o suficiente. O som de nossas respirações preenchia o quarto. Minhas coxas tremiam de exaustão e desejo.

Soltei o pênis dele e me inclinei para a frente, apoiando-me nas duas mãos, abrindo as pernas, inclinando os quadris enquanto deslizava quase completamente para fora dele antes de empurrar para trás, tentando forçar.

Uma pontada de dor, e então uma onda de prazer. Sim, era isso que eu queria. Que meu cérebro se desligasse e meu corpo assumisse o controle.

“Não venha”, eu disse.

Um tremor percorreu o corpo de Tyler, e sua respiração escapou em um suspiro, mas ele sabia que era melhor não responder agora. Sabia que eu não queria ouvir sua voz. Ele era um brinquedo sexual glorificado, e eu o usaria para me satisfazer antes mesmo de pensar em liberá-lo da ordem.

Eu me inclinei para a frente, empurrei para trás, me esfregando nele, e comecei um ritmo constante, inclinando minha pélvis para a frente para me alargar o máximo possível e gemendo quando não funcionava, quando percebia que nada tornaria isso mais fácil e que eu teria que lutar por cada centímetro. Já tinha visto pênis grandes antes, mas nenhum tão grosso, e era uma experiência totalmente nova.

A cabeceira da cama rangeu acima de mim. Olhei para cima e vi Tyler agarrando-a com força, os músculos tensos, as veias saltando enquanto ele lutava para ficar imóvel. A visão me inundou, uma onda inebriante de desejo me atingiu em cheio antes de se espalhar pelo resto do meu corpo, incendiando minhas veias, tornando cada parte de mim hipersensível. Inclinei-me para trás com mais força, penetrando-o mais fundo. Mais fundo. Ah, droga. Ele devia estar quase chegando ao fundo.

Inclinei-me, olhei entre nós e me enrijeci ao perceber o quanto ainda faltava, o quanto de pau eu teria que convencer meu corpo a aceitar. Esse ângulo era diferente da última vez, mais difícil de controlar. Ele já estava atingindo uma parte de mim que eu nunca tinha sentido antes; mais um pouco, e ele estaria mexendo nas minhas entranhas.

Talvez isso resolva meus problemas, pensei, e quase ri da ideia de minha doença crônica ser curada por um pênis mágico, como se fosse algum tipo de conto de fadas erótico.

Respirei fundo, implorei aos meus músculos internos que relaxassem e o penetrei ainda mais fundo. "Meu Deus, você está indo tão bem, Tyler. Você fica tão quietinho enquanto eu te pego."

Ele soltou um som de agonia, e eu soube que ele devia estar sofrendo.

Eu sorri.

Bom.

34

Tyler

Aquilo era o inferno. Um dos círculos mais baixos, para onde mandavam os piores criminosos.

Debaixo de mim, presa ao meu pau, estava uma mulher linda, gemendo, e eu não podia tocá-la. Não podia me mexer. Não podia gozar. Eu só podia olhar. Observar seus cabelos escuros caírem sobre o ombro, percorrer suas tatuagens nas costas, olhar entre nós para o meu pau pulsante desaparecendo dentro dela em incrementos torturantes enquanto ela esfregava sua buceta quente e apertada em mim.

Os quadris dela estavam ali, bem na minha frente. Tudo que eu precisava fazer era estender a mão, agarrá-los e mantê-la firme enquanto eu a penetrava o resto do caminho.

"Você está fazendo um ótimo trabalho", ela disse, e eu quase soltei um gemido abafado.

Sim. Eu definitivamente era uma mimada, porque a única coisa que me mantinha firme era o elogio dela e a ideia de como ela ficaria feliz se eu conseguisse fazer o que ela mandava. Mas, nossa, foi difícil. Eu nunca tinha me sentido tão excitada na minha vida. Nunca me senti tão bem na cama, sempre senti que faltava algo, e agora eu entendia o porquê.

Stella gemeu, deslizando a mão entre as pernas, e eu soube que ela estava se masturbando. Tive vontade de afastar os dedos dela e substituí-los pelos meus. Virá-la de costas e observar cada onda de prazer percorrer seu rosto. Fazer literalmente qualquer coisa, menos ficar ali ajoelhada e aguentar.

Em vez disso, agarrei a cabeceira da cama, lutando contra a crescente necessidade de me mover, de penetrar, só um pouquinho, só para aliviar um pouco dessa pressão insuportável. Stella estava completamente encharcada, a parte do meu pau que ainda não estava dentro dela brilhando com sua excitação, preparada e pronta para o momento em que eu estivesse totalmente dentro dela. Minha cabeça girava com a promessa de estar com o pau todo dentro de novo, como seria bom ter a buceta dela apertando cada centímetro do meu corpo.

Meu olhar se voltou para a bunda dela, e pensei em como ela seria mais apertada. Em como teríamos que ir mais devagar, em como ela teria que se

esforçar mais para me levar até lá, e, meu Deus, eu precisava parar de pensar nisso porque só estava piorando as coisas.

"Como você se sente com a minha vagina, Tyler?", perguntou Stella, empurrando os quadris para trás e deslizando ainda mais para baixo em mim.

“Tão bom.” As palavras saíram de uma vez. “Você é tão incrível, meu bem.”

Ela parou abruptamente, a voz baixando em tom de aviso. "Você sabe o que eu acho desse apelido."

Sim, eu usei. Foi por isso que usei: para ver o que ela faria, para aprender como ela me puniria.

Ela tirou meu pênis da roupa, e eu estava tão duro que ele bateu na minha barriga. Ai, meu Deus, não. Eu tinha feito besteira. "Espera, me desculpa."

"É tarde demais", disse ela, virando-se e encostando-se nos travesseiros enquanto me encarava. Pelo rubor em suas bochechas e pelo brilho em seus olhos, percebi que ela estava furiosa por eu ter acabado de estragar aquele momento para nós.

“Você vai ter que assistir”, ela me disse, abrindo as pernas, elevando os joelhos enquanto apoiava os pés no colchão. Suas mãos deslizaram para cima, acariciando e massageando os seios, girando delicadamente os piercings nos mamilos. “Você vai ter que ficar aí ajoelhado, sabendo que se tivesse se comportado, eu teria gozado em cima do seu pau.”

Meu peito apertou e, de repente, fiquei furioso comigo mesmo. Principalmente porque podia sentir o calor dela esfriando rapidamente no meu pau, e isso me deixou desesperado para voltar a penetrá-la. Bem, a única maneira de isso acontecer era me comportando de verdade, pela primeira vez na vida.

Stella deslizou a mão entre as pernas, abrindo os lábios e me dando uma visão perfeita de sua vagina brilhante.

Essa seria a coisa mais difícil que eu já havia feito.

O dedo dela deslizou para dentro, e ela suspirou, relaxando para trás, demorando-se a se provocar, e a única coisa que me fez sentir um pouco melhor foi o jeito como ela me admirava, o olhar percorrendo meu peito, meu abdômen e meu pau duro. Ela acrescentou um segundo dedo, a outra mão alternando entre um seio e o outro, e então fechou os olhos e começou

a se tocar de verdade, a respiração ofegante, as coxas tremendo, os dedos penetrando fundo, a palma da mão roçando seu clitóris, sons quentes e úmidos chegando aos meus ouvidos, e, meu Deus, eu nunca tinha desejado transar com alguém com tanta intensidade na minha vida.

“Por favor”, implorei.

"Cale a boca!", ela disparou, com os olhos arregalados e as mãos paradas.

Assenti com a cabeça, e nossos olhares se encontraram por um tempo que pareceu uma pequena eternidade antes que suas pálpebras se fechassem e ela voltasse a se masturbar, seus quadris começando a se mover suavemente, suas pernas se fechando, as coxas se apertando para aumentar a fricção. Um rubor tomou conta de suas bochechas, e sua respiração tornou-se curta e ofegante. Ela estava perto do clímax.

Meu pau pulsava entre nós, implorando por toque, desesperado para voltar a penetrá-la. Estava tão excitado que fiquei tonto, meus testículos começaram a se contrair. Puta merda, eu poderia gozar sem nenhum contato.

Droga, ela tinha me dito para não fazer isso.

Cerrei os dentes e forcei meu corpo a relaxar, mas era impossível porque Stella se movia mais rápido, o rubor se espalhando pelo peito, os dedos beliscando os mamilos enquanto a outra mão trabalhava furiosamente entre as pernas.

"Tyler!" ela gritou, arqueando as costas, com as pernas tremendo e os seios balançando.

Ah, droga, eu ia gozar.

Por favor, não faça isso, implorei a mim mesma, agarrando-me à cabeceira da cama com todas as minhas forças, completamente desnorteada pela visão abaixo de mim.

Stella continuou se entregando completamente, gemendo baixo e lancinante, e tão incrivelmente sexy porque tinha a voz perfeita para o quarto. Depois, ficou imóvel, um pequeno sorriso brincando em seus lábios enquanto seus olhos se abriam e ela me encarava.

Você está arrependido do que fez?

“Sinto muito, Stella.”

“Você acha que consegue se comportar agora?”

“Sim. Eu prometo. Farei qualquer coisa, só... por favor, me deixe entrar

em você de novo.”

Ela me encarou por alguns segundos, como se estivesse ponderando, como se estivesse realmente pensando em me deixar ali daquele jeito. Deus sabia que era o mínimo que eu merecia depois de tudo que eu tinha feito a ela, mas Stella devia querer tanto quanto eu, porque ela se apoiou nos joelhos e segurou meu queixo, olhando nos meus olhos a centímetros de distância.

“Não se mexa. Não fale, e não se atreva a vir até que eu mande.”

Assenti com a cabeça para mostrar que havia entendido.

Ela se virou, agarrou meu pau e deslizou sobre ele. Meus dentes quase arranharam a parte interna da minha bochecha enquanto eu lutava para ficar quieto. A buceta dela era incrível, e a visão do meu pau deslizando para dentro dela me fez cravar as unhas na cabeceira da cama para não cair. Ela apoiou as mãos logo abaixo das minhas, usando os braços para se impulsionar para trás. Foi mais fácil dessa vez, porque ela já tinha gozado. Mas também porque ela já tinha gozado, não estava com tanta pressa quanto antes, então ela me deu todo o tempo que queria, parando de vez em quando para dar uma rebolada deliciosa que me fazia girar e meu pau pulsar dentro dela.

Uma pequena eternidade se passou até que eu estivesse completamente sentada, e não sei como sobrevivi, passando cada maldito segundo lutando contra o impulso do meu corpo de se impulsionar para frente. Stella parou no instante em que seus quadris encontraram os meus e ela percebeu que havia me absorvido por completo, seus lados subindo e descendo enquanto respirava.

Ela arqueou a coluna, girou os quadris e deixou a cabeça cair para a frente. "Caramba, você é tão gostosa. Eu também sou?"

Abri a boca para dizer a ela que aquilo tinha mudado sua vida, mas percebi no último segundo que era uma armadilha.

Ela olhou por cima do ombro e me lançou um sorriso tímido. "Bom garoto."

Oh, merda, Jesus Cristo, eu não ia conseguir.

Senti um aperto no baixo ventre, minhas coxas tremeram e minhas mãos se agarraram à cabeceira da cama com força. Aquilo era uma verdadeira tortura.

Eu estava dividido entre o desejo de morrer e o desejo de viver aquele

momento para sempre, porque nunca na minha vida estive tão concentrado, sem um único pensamento ou sentimento em todo o meu corpo, exceto pela minha necessidade avassaladora de chegar ao clímax. Eu pedi para Stella desligar meu cérebro, e ela conseguiu, e eu a veneraria por isso se ela me deixasse.

Ela rebolou os quadris novamente, inclinou-se para a frente e depois caiu sobre mim com força. Quase desmaiei. Ela fez isso de novo, e eu comecei a rezar pela primeira vez na vida, implorando a quem quer que quisesse ouvir que me desse a força de vontade necessária para sobreviver a isso.

Os minutos seguintes foram como uma experiência extracorpórea. Stella se esfregou em mim como se eu fosse apenas um objeto, e foi a coisa mais excitante que eu já tinha visto na vida. Meu corpo inteiro começou a tremer. O suor escorria pela minha pele. Meus testículos estavam tão tensos que doíam, e eu tinha ficado de joelhos por tanto tempo que meus pés começaram a ficar dormentes.

"Eu vou gozar", gemeu Stella, jogando-se para trás. "Eu vou gozar muito nesse pau, Tyler."

Eu sabia que ela estava falando a verdade porque a vagina dela estava praticamente estrangulando meu pau. Lágrimas brotaram nos cantos dos meus olhos. Senti um soluço desesperado se formando na minha garganta. Eu precisava gozar ou eu poderia desmaiar. Ou morrer. Porra, isso era possível? Eu com certeza me sentia como se estivesse morrendo.

Por favor, deixe-me entrar, comecei a implorar a ela, repetidamente em minha mente.

"Ai, meu Deus", ela gemeu, penetrando com mais força e rapidez. "Ai, caralho. Tyler, sim!"

Ela jogou a cabeça para trás, a coluna arqueando, os quadris se movendo furiosamente, a vagina se contraindo como um torno enquanto ela gozava.

Estrelas explodiram diante dos meus olhos.

Eu ia morrer. Um ataque cardíaco, aos vinte e cinco anos.

Stella deu uma última estocada até em casa, parando ali, girando os quadris enquanto seus músculos pulsavam ao redor do meu pau.

"Você pode vir", ela disse, e a sensação que me invadiu foi tão básica, tão primitiva, tão pouco evoluída que não podia ser descrita com palavras

modernas.

Eu me afastei dela com força, a virei de costas e a penetrei com tudo, me enterrando até o fundo e gozando tão intensamente que o som que escapou da minha garganta nem parecia humano. Eu soava como uma fera selvagem. Caramba, eu me sentia como uma, penetrando-a repetidamente, gozando com mais intensidade e por mais tempo do que nunca.

Ela se agarrou a mim durante todo o tempo, seus braços envoltos em meus ombros, as pernas em volta dos meus quadris, ofegando, gemendo e sussurrando palavras de elogio.

Depois, desabei sobre ela, exausto e tremendo, enquanto afundava meu rosto em seu pescoço e apenas respirava seu perfume. Ela arranhou minhas costas com as unhas, e eu estremeci, envolvendo-a em meus braços e rolando-nos de lado para não esmagá-la, ainda profundamente dentro dela, meu pau pulsando com as ondas de prazer do orgasmo.

“Sabe qual é a parte mais irritante de tudo isso?”, disse ela, como se estivesse retomando uma conversa que estávamos tendo.

Encostei meu nariz naquele ponto atrás da orelha dela. "Não, o quê?"

“Se você não tivesse sido tão babaca, poderíamos ter feito isso o tempo todo.”

Meus ombros tremeram. Só a Stella mesmo para me fazer rir logo depois de me fazer gozar tanto que eu vi Deus.

■ ■ ■

De alguma forma, encontramos forças para voltar ao chuveiro juntos. A vontade de cair imediatamente num sono profundo e sem sonhos depois do que tínhamos acabado de fazer era forte, mas estávamos ambos cobertos de suor e do sêmen um do outro, e a ideia de acordar sujos e grudentos foi suficiente para nos convencer.

“Você se saiu muito bem”, disse Stella, colocando a toalha nas minhas costas enquanto eu estava debaixo da água.

Eu sorri. "Você não diria isso se soubesse quantas vezes eu quase gozei dentro de você antes de você me dizer que eu podia."

Ela deu um tapa na minha bunda, tão forte que provavelmente deixaria uma marca, e lá se foi meu pau de novo, começando a voltar à vida. Abaixei a cabeça, olhando para ele como quem diz: Sério? O que você pretende fazer? Não tem mais nada no tanque, cara.

Stella me deixou completamente esgotada. Tipo, minha cabeça estava

leve, minhas pernas fracas, eu estava tão desidratada que me sentia de ressaca.

Em seguida, ela cutucou minha bunda, uma unha cravando na carne da nádega antes de recuar repentinamente. Sua mão se achatou sobre ela. Apertou.

"Flexione", ela disse, e eu fiz o que ela pediu. "Sim. Quero morder."

“Um cara que curte bundas, é?”

“Confirmado.” Ela me apertou de novo. “Caramba, Tyler. Quero morder e depois tatuar as marcas dos meus dentes em você.”

Meu pau deu um pulo só de pensar nisso. "Sim."

A testa dela bateu nas minhas costas, e a voz saiu ofegante. "Tem certeza?"

“Com certeza. Vou ficar excitado o tempo todo enquanto você fizer isso.”

Ela emitiu um som de dor. "Não me excite. Não posso ter outro orgasmo. Três vezes não podem ser boas com um ferimento na cabeça, e tenho quase certeza de que uma quarta vez pode me matar."

Ah, então ela tinha voltado quando eu voltei.

“Além disso”, disse ela, apertando minhas nádegas e as afastando levemente, “acho que precisamos estabelecer algumas regras básicas. Primeira pergunta: o que você acha de sexo anal com penetração?”

Eu ri baixinho, me virei e a visão dela me encarando com aquele sorriso malicioso, mesmo visivelmente exausta e ferida, me atingiu em cheio. Peguei-a no colo, com cuidado como deveria ter tido o tempo todo. "Droga, Stella."

"Isso significa não ou sim para sexo anal?", ela murmurou contra meu peito molhado. "Essa reação é confusa."

Você está bem?

"Sim?"

“Não, quer dizer, eu te magoei? Droga, por que eu sou sempre tão egoísta?”

Ela deu um puxão para trás. "Ei, pare."

A expressão no rosto dela não admitia discussão, então me calei.

"Estou bem", disse ela. "Sim, toda machucada, completamente exausta, mas nós dois precisávamos disso, Tyler, e eu estive no controle o tempo todo. Se eu achasse que não conseguiria lidar com a situação, teria nos

impedido."

Eu a observei, incerta.

Ela agarrou meu rosto e me puxou para baixo, ficando na mesma altura que ela. "Você me ouviu, sim ou não?"

"Sim."

Ela não me soltou, mas seu aperto afrouxou. "Você está bem?"

Balancei a cabeça. "Não. Achei que você tivesse morrido, e isso me fez perceber que passei a vida inteira focada na coisa errada, acreditando que se eu finalmente me vingasse do que aconteceu comigo e com a minha mãe, isso me consertaria." Coloquei a mão no peito. "Consertar o que estiver quebrado aqui dentro."

Sua expressão se fechou. "Você não está quebrada."

Chegou a minha vez de me soltar do seu abraço. "Eu sinto muito. E sei que palavras não são suficientes para compensar tudo, mas eu sinto muito mesmo, Stella. Quero que você saiba que, de todas as coisas horríveis que eu fiz e planejei fazer, te tratar daquele jeito foi a pior. O fundo do poço."

"Eu sei."

“Você faz isso?”

“Sim. Você está diferente desde que recuperei a consciência. Quase tolerável.”

Balancei a cabeça negativamente. "Por que você está aqui comigo?"

"Hum, você me sequestrou, psicopata? Você também bateu a cabeça?" Ela sorriu. "Ou eu te fiz gozar até você ficar burro?"

“Você fez isso sim, mas por que não ligou para a polícia e disse onde estávamos?”

“Porque eu não acho que você deva ir para a cadeia. Acho que você deveria fazer terapia.”

“Minha melhor amiga vem dizendo isso há anos”, admiti.

“Você deveria ouvi-lo. Você está com muita raiva, e antes que você se irrite, não estou dizendo que não seja justificada, mas, tipo, puta merda, o que você aprendeu hoje é muito perturbador, e acho que você precisará de um profissional para te ajudar a lidar com tudo isso.”

Passei a mão pelo rosto. "Você provavelmente tem razão." Na minha cabeça, revivi toda aquela cena desagradável com a minha tia. "E se a Jenny estivesse mentindo?"

“Você é especialista em linguagem corporal. Acha que ela estava?”

Eu suspirei. "Não."

"O Richard ainda pode ter sido um babaca. Meu pai sempre disse para ouvirmos os dois lados da história, porque a verdade geralmente está no meio. E se o Richard estivesse com medo e tivesse afastado sua mãe quando ela contou que estava grávida? E depois que ela foi embora, ele caiu em si e tentou encontrá-la, mas aí já era tarde demais e a confiança havia sido quebrada?"

"Nunca saberemos", eu disse. "Porque minha mãe está morta, então nunca poderei perguntar a ela por que mentiu para mim."

Stella me abraçou pela cintura. "Sinto muito. Ela deve ter pensado que estava fazendo a coisa certa."

“E, no entanto, o que foi que você e Jenny disseram? Que eu me tornei ainda pior do que as pessoas de quem ela estava tentando me proteger?”

Stella me abraçou com mais força. "Desculpe."

“Não se preocupe. Você não estava errado. Eu sou um canalha desde o dia em que o legista do condado me entregou as cinzas da minha mãe.”

Ela não se deu ao trabalho de discutir comigo. Nós duas sabíamos que eu estava certa.

“Ainda sinto muito”, disse ela.

“Você não deveria estar preocupada, Stella”, eu disse a ela. “Porque você estava certa. Eu planejava usar aqueles funcionários para derrubar o Richard. Entre outras pessoas com quem eu conversava sempre que você estava distraída. Eu ia chantageá-los, assim como fiz com você, fazê-los desenterrar toda a sujeira que encontrassem, ou plantá-la se não houvesse nada. E então eu ia pressioná-los de verdade, forçá-los a me ajudar a desmantelar a empresa, um tijolo de cada vez.”

"Como você sabia que eles iriam concordar com isso?", perguntou Stella.

“Por causa do que eu te contei nos túneis. Os segredos deles são tão obscuros que eu apostava que eles fariam qualquer coisa para mantê-los escondidos. Que se fosse entre a prisão e seguir minhas ordens, eles me escolheriam sempre. Principalmente porque eu não planejava exigir muito de ninguém.”

"Morte por mil cortes de papel", disse Stella, com perfeita compreensão.

“Sim. No início, seus pais estavam incluídos nesse plano, mas depois de todo o tempo que passamos juntos, e com eles, mudei de ideia. E não estou

lhe dizendo isso para amolecer sua simpatia por mim; eles ainda teriam sido pegos no fogo cruzado, provavelmente perderiam muito dinheiro. Mas Richard ia arcar com a maior parte da culpa, e eu não ia parar até que ele perdesse tudo. Não apenas financeiramente. Eu o queria tão sozinho, destituído e indefeso quanto minha mãe havia sido."

Stella ficou em silêncio por um longo tempo, mas me consolei com o fato de que ela ainda estava me abraçando.

"Você não vai fazer nada disso agora", disse ela.

"Não, eu juro. E eu sei que já disse isso, mas eu sinto muito mesmo", eu disse a ela, dando um beijo no topo da sua cabeça.

"Acho que o que mais importa é como você segue em frente", disse ela. "Minha dívida obviamente foi perdoada."

"Bem, espere aí."

Ela me beliscou na lateral. "E quaisquer outras pessoas inocentes que você tenha visado também estão inocentadas."

"Ah, eu não estava mentindo quando disse que a maioria dos meus clientes ou merece me ter como problema ou consegue pagar o que deve. Mas, é, chega. A polícia vai estar procurando meu alter ego, então preciso ficar na minha por um tempo, o que espero que me dê tempo para resolver meus problemas e reparar todos os erros que cometi."

"Mas e os erros que todos os outros cometeram?", disse ela. "Eu ainda adoraria que Maddie, Feddy e todos os outros idiotas que conheço finalmente pagassem por seus crimes."

Dei de ombros. "Fácil. Peço ao meu melhor amigo hacker para vazar anonimamente tudo o que descobri sobre eles para a imprensa. Esta cidade já está furiosa com os ricos por terem escondido Bradley Bluhm por tanto tempo. Eles estão sedentos por mais sangue e, por causa disso, será impossível para as pessoas varrerem tudo para debaixo do tapete ou pagarem para se safarem desta vez."

"Astuto. Me avise se eu puder ajudar em alguma coisa."

Você ainda quer ajudar?

"Claro que sim. Mas fazer do seu jeito parece fácil demais para mim. Deveríamos encontrar uma maneira de fazê-los sofrer mais."

Recuei um pouco para olhar para ela. "Quem é você?"

Ela deu uma risadinha, um som pequeno e malicioso. "Stella, se você estiver se comportando. Senhora, se não estiver."

Meu pau deu uma tremida entre nós, revelando o quanto eu gostei da ideia. "Mas eu sou um babaca. Provavelmente vou continuar sendo mesmo depois da terapia. Sou temperamental e odeio a maioria das pessoas."

"E daí? A maioria das pessoas é insuportável, e não sei se você já percebeu isso sobre mim, mas eu não sou exatamente a pessoa mais agradável de se conviver."

“Ah, qual é, Sunshine”, provoquei. “Quem está se subestimando agora?”

“Tyler, eu juro por Deus.”

“Desculpe. Eu quis dizer Snack Bitch.”

Ela rosnou, separando os dentes como se estivesse prestes a me morder.

"Eu quis dizer senhora!", corrigi.

“Ah, não.” Os olhos dela se arregalaram quando ela olhou para mim. “Isso vai dar errado.”

Eu sorri. "Gosta quando te chamo de senhora, né?"

Ela assentiu com a cabeça. "Quase tanto quanto o som de você implorando por isso."

Recuperei a sobriedade. "Então... é só isso? Você vai... me perdoar?"

Ela abriu a boca num riso alto e estrondoso que ecoou pelo banheiro. "De jeito nenhum. Você vai ter que se humilhar. E me provar que vai mudar. Não estou pedindo que você se transforme numa pessoa completamente diferente, mas você pode ser tão cruel quando está de mau humor, e eu me recuso a tolerar isso de novo."

“Você não vai precisar”, eu disse a ela. “Prometo. Vou encontrar alguém com quem conversar. Talvez a terapeuta da minha melhor amiga. Deus sabe que aquela mulher sabe guardar segredos.”

“E eu não estou dizendo que estamos juntos nem nada”, ela continuou. “Eu só... quero ver se rola alguma coisa aqui.”

“Existe sim”, eu disse. “Pelo menos para mim. Estou apaixonada por você desde aquele primeiro beijo e só estava tentando lutar contra isso.”

"Eu sabia", disse ela, balançando a cabeça. "Você ficava excitado toda vez que brigávamos, não é?"

Inclinei-me e mordisquei seu ombro. "Toda vez, porra."

Saímos do chuveiro quando a água começou a esfriar e nos deitamos nus na cama porque tínhamos pouca roupa.

"Te vejo daqui a uma hora", eu disse, programando um alarme.

“Você não vai mesmo me acordar, vai?”

“Você sofreu uma concussão.”

“Uma pequena dor de cabeça. Nem dói tanto mais, e o hospital disse que não precisávamos fazer isso.”

"Não vou correr nenhum risco", eu disse a ela, virando-a de costas para mim e puxando-a para perto, para debaixo das cobertas.

“Não”, disse ela, com voz severa. “Que feio, Tyler.”

Eu ri baixinho. "O fato de você ser meu(minha) dominador(a) não afeta sua saúde e bem-estar."

Ela resmungou, mas se aconchegou, sem se dar ao trabalho de resistir, provavelmente porque sabia que era prudente ser cautelosa.

Estendi a mão para apagar a luz e, com as cortinas blackout bloqueando o pôr do sol, senti como se Stella e eu estivéssemos em nosso próprio mundinho.

"Por que você quis vir aqui se tinha tanta certeza de que estava certo?", ela perguntou.

“Você é muito mais inteligente do que aparenta.”

Ela me deu uma cotovelada.

Suspirei. "Porque uma pequena parte de mim começou a duvidar de mim mesma depois de conhecer o Richard. Ele... não era o que eu esperava. Eu o odiei por tanto tempo que o idealizei como um monstro na minha cabeça. E então conhecê-lo e vê-lo agir como um cara normal? Acho que isso me fez perder a cabeça. Toda vez que estávamos perto dele, eu prestava atenção, e não percebi nenhum sinal de que ele estivesse mentindo sobre o que dizia, fingindo ser alguém que não era ou escondendo o fato de ser um sociopata secreto."

Apoiei a cabeça no travesseiro de Stella, atrás da dela, e baixei a voz. "É por isso que eu era tão babaca com você sempre que ele estava por perto. Em parte, por isso que te manipulei para voltar lá dentro na noite da festa da empresa. Eu precisava vê-lo uma última vez, precisava olhar nos olhos dele e rir silenciosamente enquanto o apresentava aos funcionários que eu planejava chantagear. Depois daquela noite, fiquei ainda mais determinado a derrubar o Richard, porque eu não podia estar errado sobre ele. Passei tempo demais planejando, tempo demais trabalhando para isso, e estava tão perto de finalmente alcançar meu objetivo que precisava ir até o fim. Eu estava desesperado porque a pequena chance de estar errado era assustadora

demais para encarar."

Apertei Stella contra mim, imensamente grata por ela estar viva e praticamente bem. Mesmo que essa fosse a única vez que eu pudesse abraçá-la, já seria o suficiente, só de saber que ela estava vivendo e respirando no mesmo mundo que eu.

"Sinto muito por tudo o que aconteceu", eu disse. "Principalmente ontem à noite e hoje. Eu estava fora de mim e só voltei a mim depois que Jenny te bateu e eu achei que poderia ter te matado. Não é à toa que você me odeia."

"Eu te odiava muito", disse ela, e minha atenção foi capturada pelo tempo passado dessa frase.

“Você ainda não faz isso?”

“Talvez um pouco. Mas eu também gosto um pouco de você.”

“Eu não mereço outra chance.”

“Nem eu”, disse ela. “Há sete anos. E, no entanto, meus pais me deram uma. Blake deu. Runa. Aquele acidente foi o momento que mudou minha vida, minha chance de me tornar alguém diferente, alguém melhor, alguém novo. Talvez este seja o seu momento. Você teve uma infância horrível, cheia de traições, perdas e pessoas que lhe viraram as costas. Talvez você só precise de alguém que esteja lá quando você mais precisar. Alguém que lhe dê uma chance. Cabe a você decidir o que fazer com ela.”

Depositei um beijo de agradecimento no topo da cabeça dela, porque não queria fazer promessas até que ela pudesse confiar que eu as cumpriria. Em vez disso, prometi a mim mesmo que não desperdiçaria essa oportunidade. Que faria o que fosse preciso para me tornar um homem digno de Stella, mas, mais importante, digno de mim mesmo. Passei a vida inteira vivendo para os outros, focado em como eles me prejudicaram ou me magoaram.

Chegou a hora de começar a viver para mim mesma.

35

Tyler

Dormimos a noite toda e até tarde da manhã seguinte, acordando em intervalos de uma hora, não importando o quão mal-humorada Stella estivesse com isso.

Dormir nu provou ser conveniente quando decidimos nos levantar de vez. Eu a virei de costas e acariciei seu corpo sonolento com meus dedos e língua até que ela estivesse excitada o suficiente para me receber. Penetrei nela devagar, mas fundo, memorizando o som de seus pequenos suspiros, adorando a forma como sua vagina se contraía em volta do meu pênis sempre que eu recuava, como se ela estivesse desesperada para me manter dentro dela. Todo o tempo que passei estudando as pessoas em busca de sinais foi útil, pois aprendi o que ela gostava, o que ela amava. O jeito como suas coxas tremiam ao meu redor quando eu atingia um certo ponto, o jeito como sua respiração falhava quando eu roçava meu polegar em um mamilo.

Eu a fiz gozar duas vezes antes de me permitir, e depois cuidadosamente me deitei sobre ela enquanto ela me abraçava forte.

Finalmente, reuni forças para sair da cama e arrumar tudo. Eu só tinha reservado o quarto por uma noite, e Stella provavelmente não podia se dar ao luxo de ficar fora do trabalho por mais de um ou dois dias. Ela não tinha dito nada, mas eu sabia que devia ter perdido dinheiro por ter que reduzir tanto a carga horária por minha causa. Mais um motivo para ficar irritado comigo mesmo. Não havia como voltar atrás e mudar meu comportamento, então eu teria que dar um jeito de compensá-la, talvez interceptar as contas médicas da Runa ou seguir o exemplo do Junior e pagar a hipoteca dela em segredo.

"Você se importa se passarmos no cemitério?", perguntei enquanto arrumávamos nossas coisas. "Fica no caminho de volta e já faz um tempo que não vou lá."

“Claro que não me importo”, disse Stella. “E eu gostaria de ir com você para vê-la, se não for incômodo. Mas entendo se você também quiser um tempo sozinha.”

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Eu quero você lá."

Juntas, fizemos o check-out e voltamos para a estrada, dirigindo quarenta minutos para o sul antes de pegar a saída para a pequena e

tranquila vila à beira do lago que mamãe sempre amou. A igreja era pequena e humilde, mas a pintura branca estava impecável e tinha uma bela vista para a água. Levei Stella até o topo da colina onde mamãe estava enterrada, feliz em ver que as flores junto à sua lápide ainda estavam frescas e anotando mentalmente para mandar uma mensagem de agradecimento ao Sr. Ansel.

“Mãe, sou eu, Stella”, eu disse. Eu sabia que ela não estava mais por perto, sabia que talvez nem pudesse me ouvir de onde estivesse, mas sempre me parecia certo falar com ela. “Ela teve a gentileza de não me matar, apesar de eu ter lhe dado vários bons motivos para isso.”

"Por um tempo, a situação ficou tensa", disse Stella, falando diretamente para a lápide como se não achasse nada estranho.

Ficamos lá por uma hora, Stella acabou se afastando para me dar um tempo sozinha, e quando terminei de me despedir, eu sabia o que precisava fazer em seguida. Minha mãe não estava mais lá para me contar o que aconteceu todos aqueles anos atrás, mas meu pai ainda estava.

Entrelacei meus dedos nos de Stella enquanto caminhávamos de volta para o carro, grato por não precisar de uma desculpa desta vez, reconhecendo que passei o último mês constantemente procurando motivos para tocá-la.

"Podemos fazer mais uma parada antes de eu te deixar em casa?", perguntei, segurando a porta do carro aberta para ela.

“Claro”, disse ela, afundando no banco do passageiro. “Para onde vamos?”

“Para ver o Richard”, eu disse. “Posso ir sozinha, mas... prefiro que você esteja lá.”

Sua expressão suavizou-se. "Eu irei com você."

■ ■ ■

A noite já estava caindo quando voltamos da nossa viagem de carro. Eu esperava que Richard morasse em algum palácio no topo de um prédio, ou em uma grande propriedade como a dos pais de Stella, mas ela me indicou um bairro bem no centro da cidade. Era um bairro agradável, com ruas ladeadas por casas geminadas, paisagismo impecável, mas não era nem de longe o mais caro da região, e isso me surpreendeu.

"Ele mora aqui?", perguntei.

Stella bufou. "Quem é o esnobe agora?"

“Não, eu só quero dizer que ele poderia morar em qualquer lugar. Por que aqui?”

Ela deu de ombros. "Você terá que perguntar isso a ele pessoalmente, mas ele sempre foi bastante reservado."

É mais fácil se safar sendo um completo idiota quando ninguém está olhando, um pensamento sombrio surgiu.

Droga. Obviamente, eu ainda guardava muita raiva desse homem. Será que eu estava mesmo pronto para encará-lo? Talvez fosse cedo demais e eu devesse me dar mais tempo.

Stella tocou meu ombro, sua voz suave, obviamente percebendo minha hesitação. "Não precisamos fazer isso."

Balancei a cabeça negativamente. "Não, eu quero. Quanto antes eu puder começar a juntar as peças da verdade, melhor." Falar com Richard foi a decisão certa, o ponto de partida que eu precisava para me reorganizar e decidir o que eu tinha feito depois de ter chegado ao fundo do poço.

Respirei fundo ao sairmos do carro e, juntos, subimos as escadas até a porta da frente da casa de Richard. Ele nos encontrou lá; Stella havia mandado uma mensagem avisando que estávamos a caminho.

“Ei, vocês dois”, disse Richard, abrindo a porta. Ele estava vestido com calças escuras e uma camisa branca de botões.

Uma onda instintiva de raiva me invadiu ao vê-lo, mas a reprimi. "Obrigado por concordar em se encontrar conosco."

“É um prazer”, disse ele, fechando a porta e nos seguindo até o hall de entrada com painéis de madeira. “E devo dizer que estou curioso para saber sobre o que vocês querem conversar. Stella foi vaga quanto aos detalhes.”

Stella olhou dele para mim, e pude ver a oferta silenciosa de ajuda estampada em seu rosto. Balancei a cabeça levemente em sinal de negação, indicando que eu daria conta do recado, e ela se aproximou, envolvendo minha cintura com um braço em demonstração de apoio.

Voltei a me concentrar em Richard, finalmente admitindo para mim mesma o quanto nos parecíamos, permitindo-me ver todas as coisas que eu vinha ignorando. O jeito como seus olhos se enrugavam quando ele sorria. Seu maxilar. Sua linha do cabelo.

Limpei a garganta. "Minha mãe era Meg Neumann."

Richard empalideceu e deu um passo para trás. "Pensei que estava ficando louco." Seus olhos me examinaram. "Pensei que tinha passado tanto

tempo tentando encontrá-la que comecei a ver pedaços dela em todos os lugares por onde passava, até mesmo suas feições em rostos de estranhos. Na primeira vez que nos encontramos, bastou um olhar para os seus olhos para eu quase perguntar se você a conhecia, porque são exatamente iguais aos da Meg."

Nossa! Isso não teria acabado bem.

“Você não estava imaginando coisas”, eu lhe disse.

Ele me olhou da mesma forma que eu o olhara um instante atrás, como se estivesse comparando todas as nossas semelhanças. "Você é... meu? Meu filho?", perguntou, e o tom esperançoso em sua voz, combinado com sua expressão sincera, foi como uma facada no estômago.

“Sim, mas posso fazer um teste de DNA se você quiser.”

Ele balançou a cabeça. "Não preciso disso. Quer dizer, deveríamos fazer isso para fins de registro, mas, meu Deus, você se parece muito conosco. Exatamente como um filho nosso seria. E... Meg? Ela também está aqui?"

A faca cravou ainda mais fundo. "Não, ela..." Respirei fundo. "Ela faleceu há nove anos, vítima de câncer de ovário. Sinto muito."

Seus olhos se encheram de lágrimas, e um tom embargado surgiu em sua voz. "Não, me desculpe. A culpa é toda minha. Por favor. Me dê uma chance de explicar."

Assenti com a cabeça. "Foi para isso que vim aqui."

Stella segurou minha mão enquanto ele nos guiava até a sala de estar. Minha cabeça dava voltas. Não era como se eu esperasse uma grande discussão com ele — ele era tão calmo e tranquilo nas outras vezes em que interagimos —, mas sua aceitação fácil ainda me surpreendeu. Talvez porque isso fosse tão diferente de todos os confrontos que eu havia imaginado. Do jeito que eu planejava rir na cara dele quando lhe dissesse que eu era a causa de sua ruína, do jeito que eu esperava que ele implorasse, suplicasse por minha misericórdia, só para eu dizer que não tinha nenhuma.

Ele ergueu a mão, indicando a Stella e a mim que nos sentássemos num sofá, e notei o leve tremor em seus dedos, a cor em suas bochechas, a umidade em seus olhos. A notícia da morte da minha mãe o havia devastado, e ele mal conseguia se manter firme.

Porra.

Como pude estar tão enganado sobre tudo?

Eu e Stella nos sentamos. Richard se jogou em uma poltrona em frente a

nós, respirou fundo e nos contou o que havia acontecido. Entre a falta de pistas e a brutalidade com que não se poupou, eu acreditei nele, acreditei que aquela era a verdadeira história. Ele descreveu o encontro com a mãe, admitiu que soube que estava encrencado desde o primeiro sorriso dela. Ele até reconheceu a diferença de idade, dizendo que, embora ela fosse ingênua em alguns aspectos por causa da criação que recebera, também tinha uma alma antiga por tudo o que passara com a família.

O casamento dele já tinha acabado naquela altura; ele e a esposa simplesmente não tinham dado entrada nos papéis porque ambos sabiam o quão complicado seria. A mãe tinha sido um sopro de ar fresco para ele. Aberta, honesta, ingênua, tão diferente da maioria das pessoas que ele conhecia. Ele prometeu a si mesmo, depois de conhecê-la, que não voltaria ao café dela, porque ela merecia algo melhor do que um homem casado de trinta e cinco anos que não podia lhe fazer nenhuma promessa.

Ele aguentou uma semana antes de voltar, e mesmo tendo dito a si mesmo que seria realmente a última vez, a partir daquele momento, em todos os intervalos para o almoço, ele se sentava à mesa de Meg.

"Eu deveria ter contado a ela imediatamente que era casado", disse ele. "Não me orgulho de não ter feito isso, e não estou dando desculpas para mim mesmo. Na época, duvidei que algo pudesse acontecer entre nós. Eu estava convencido de que ela era gentil comigo porque Meg era assim com todos. Ela era a pessoa mais gentil que eu já conheci."

Apertei a mão de Stella e ela se aproximou mais de mim no sofá.

Richard então descreveu o romance relâmpago deles. Da parte dele, parecia que ela era quem o havia conquistado, e seu sorriso bobo deixava claro que ele estava completamente apaixonado por ela. Mesmo assim, ele pensou que talvez fosse apenas um caso passageiro, que Meg encontraria alguém mais jovem, mais bonito, mais disponível e terminaria com ele. Isso não aconteceu, e no dia em que percebeu que estava se apaixonando por ela, contou-lhe sobre sua esposa. Nessa altura, eles finalmente haviam entrado com o pedido de divórcio, mas ele sabia que levaria meses, senão anos, para que conseguissem resolver completamente a questão dos bens. A mãe o perdoou — fácil demais, segundo ele — e disse que estava disposta a esperar.

Então eles continuaram o relacionamento. Nessa altura, a sua futura ex-mulher também estava a ver alguém, e Richard, pensando que não haveria

problema, levou a mãe a alguns encontros mais pequenos, destinados a amigos íntimos. Amigos de quem ele se tinha afastado depois da forma como a tinham tratado. Só os McCormick a receberam de braços abertos.

Meu rosto esquentou ao pensar em como eu havia sido rápida em condená-los junto com Richard, presumindo o pior cenário possível.

Richard disse que ficou chocado quando a mãe engravidou, porque eles tinham sido muito cuidadosos, e que não reagiu bem. Disse a ela que precisava de alguns dias para assimilar a notícia, uma escolha da qual se arrependeu profundamente.

“Levei um dia”, disse ele, “para me dar conta de que seria o homem mais sortudo do planeta se tivesse um filho com aquela mulher incrível.” Ele acenou com a mão, apontando para o quarto. “Dei um sinal para reservar este lugar no segundo dia, porque a Meg adorava este bairro. Passei o terceiro dia tentando escolher o anel de noivado perfeito, porque sabia que queria me casar com ela assim que pudesse legalmente.”

Seu sorriso era de pesar. "Liguei para ela no quarto dia, mas o telefone estava desligado e o apartamento vazio. Foi nesse momento que percebi o quanto eu tinha errado. O quanto eu vinha errando. Mas era tarde demais. Ela tinha me esperado por tanto tempo, que presumi que ela esperaria mais alguns dias, e esse foi o meu erro. Nunca vou me perdoar por ter dado a gentileza dela como garantida."

Quase implorei para que ele parasse de falar, sem saber quanto mais eu conseguiria suportar. Grande parte da história dele coincidia com a da minha mãe, mas as divergências me destruíram. Mamãe mentiu para mim a vida inteira. Esse homem não foi o responsável pela ruína dela. Foi ela. Ela foi a razão pela qual eu cresci do jeito que cresci, por que passamos por tantas dificuldades. Como ela pôde pensar que essa era a melhor escolha? Isso me fez pensar se ela alguma vez questionou sua decisão, se alguma vez sentiu vontade de voltar para a cidade para encontrar Richard.

Por que diabos você não fez isso? Eu queria gritar com ela. Se ela tivesse feito, talvez tivesse sobrevivido. Se ela tivesse feito, eu talvez tivesse me tornado uma pessoa diferente. Uma pessoa melhor. Um homem que merecesse alguém tão incrível quanto a Stella.

Em vez disso, eu era apenas uma casca vazia, agora que meu plano de vingança equivocado havia se desintegrado.

Richard piscou e pareceu voltar a si. "Tentei encontrar vocês dois.

Durante anos. E embora eu soubesse sobre a infância de Meg, só depois que ela foi embora percebi que ela nunca me disse nem o nome da cidade onde cresceu. Outro erro egoísta da minha parte. Eu deveria ter perguntado. Deveria ter implorado por cada informação que ela estivesse disposta a me dar."

Suas palavras refletiam meus próprios sentimentos de arrependimento em relação a Stella, e eu soltei nossas mãos para poder passar meu braço em volta de seus ombros, apenas para me lembrar de que ela ainda estava ali e que, ao contrário de Richard, eu havia recebido uma segunda chance.

“O quê...?” sua voz falhou e ele tossiu para clareá-la. “O que aconteceu? Depois que ela foi embora?”

Que engraçado, depois de todos esses anos querendo arruinar esse homem, agora que eu tinha a chance, não consegui. Com tudo o que ele confessou, percebi que a verdade o destruiria, ao descobrir que minha mãe o transformara em um vilão na esperança de nos manter separados. Foi a única coisa cruel que ela já fez, e isso deve tê-la devastado.

Por que, mãe? Eu me perguntava repetidamente, sabendo que nunca obteria uma resposta.

Em vez disso, pela primeira vez em muito tempo, escolhi a gentileza. “Você não foi o motivo pelo qual ela foi embora. Ou pelo menos, não o único motivo. Principalmente, ela queria que eu tivesse uma infância normal, porque achava que crescer com riqueza poderia afetar negativamente o meu desenvolvimento. Ela voltou para casa e continuou trabalhando como garçonete até ficar doente, me criando da melhor maneira possível.”

Richard passou a mão no rosto. "Ela chegou a se casar? Teve mais filhos?"

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Acho que ela nunca realmente te esqueceu."

Ele praguejou e se levantou, com as mãos na cintura, dando alguns passos para trás, tentando se recompor. "Me desculpe", disse ele depois de um minuto. "Você precisa saber que eu também nunca a superei. É por isso que eu não namoro. Por isso que fiquei nesta casa de tijolos todos esses anos. Eu ficava esperando que talvez um dia eu encontrasse vocês duas e consertasse tudo, ou pelo menos tivesse a chance de conhecê-las e pedir desculpas à sua mãe."

"Ela teria te aceitado de volta", eu disse, sabendo que era verdade. Imaginei que esse fosse o motivo pelo qual ela se forçara a ficar longe.

Richard voltou para o seu lugar. “Como você está? Como foi sua infância? Qual era sua matéria favorita na escola? Quero saber tudo.” Ele balançou a cabeça. “Desculpe. Não estou tentando te pressionar. É que tenho te procurado por tanto tempo, e tudo isso é muito surreal. Vamos começar com uma pergunta fácil. Há quanto tempo você sabe que sou seu pai?”

“Desde o começo”, eu lhe disse. “Mas não achei que você quisesse me conhecer.”

“Bem, acho que pelo menos esclareci isso.”

Assenti com a cabeça, com o coração na garganta. Sim, ele certamente tinha feito isso.

Ele olhou de mim para Stella. "Espere. Como vocês duas se conhecem?"

Abri a boca para inventar alguma resposta, mas Stella se adiantou.

"Ele entrou no meu estúdio de tatuagem uma noite e me convenceu a levá-lo a algumas festas. E não, na época eu não sabia que ele era seu filho. Só descobri ontem à noite."

Richard franziu a testa. "Então vocês dois não estão juntos?"

Stella e eu falamos ao mesmo tempo. "É complicado."

Ele ergueu as mãos. "Entendido. Desculpe a intromissão. Só estou tentando assimilar tudo isso."

"Sinto muito pelo engano", eu disse, percebendo que era sincero.

“Há quanto tempo você mora na cidade?”, perguntou Richard.

“Quatro anos”, eu lhe disse.

Passamos as duas horas seguintes juntos, respondendo às perguntas um do outro. Não menti descaradamente, mas omiti a verdade sobre minha infância e o quão difícil tinha sido a vida da minha mãe depois que ela o deixou. Infelizmente, Richard não era bobo, e embora não tenha dito isso abertamente, percebi que ele sabia que havia mais na história do que eu estava contando.

Tive dificuldade em processar a conversa. Foi inesperada demais, irreal demais. Toda a minha vida, eu odiei esse homem, e ali estava ele, inclinado para a frente na cadeira, totalmente concentrado em mim, ouvindo atentamente, querendo saber tudo o que podia e parecendo mais do que

disposto a aceitar qualquer papel que eu estivesse disposta a oferecer na minha vida. Isso me fez sentir ainda pior. Porque eu não merecia a aceitação nem a confiança dele.

Até ontem, eu estava determinado a destruí-lo.

"Posso visitar a Meg algum dia?", perguntou ele. "Gostaria de prestar minhas homenagens e me despedir."

“Sim, com certeza”, eu lhe disse, porque estava claro que Stella não era a única pessoa com quem eu precisava fazer as pazes.

“Você... gostaria de vir?” Ele fez uma careta. “Desculpe se isso for constrangedor.”

“Não é. E eu posso te levar até ela. Te ajudar a quebrar o gelo.”

Ele sorriu, rugas se formando nos cantos dos olhos. "Obrigado, faz tempo que não conversamos." Seu sorriso se desfez e ele deixou o rosto cair entre as mãos. "Ai, meu Deus. Meg."

Seus ombros tremiam com um soluço silencioso, e Stella me lançou um olhar de coração partido e foi até ele, sentando-se no braço da cadeira enquanto o abraçava.

"Sinto muito", disse ela, com os olhos marejados.

Permaneci onde estava, sem querer interferir em sua dor. Sim, eu era seu filho, mas não tinha esse direito depois do que quase lhe fiz.

Nada estava resolvido antes de partirmos — tudo ainda era muito recente, muito recente. Mas Richard e eu combinamos de nos encontrar no túmulo da mamãe na semana seguinte, e eu tinha certeza de que conversaríamos mais então.

Depois, levei Stella de volta à sua loja.

"Posso ficar?", perguntei. "Com você, quero dizer. Só por esta noite. Eu... não quero ficar sozinha agora."

“Sim”, disse ela.

Suspirei aliviado. "Vou estacionar o carro."

"Certo." Ela abriu a porta para sair, mas parou, voltando-se para mim. "Estou orgulhosa de você por como lidou com isso. Por ter sido tão gentil com o Richard."

“Obrigado. Pareceu-me a coisa certa a fazer.”

Ela se inclinou, me deu um beijo rápido e desapareceu na noite.

36

STELLA

"Não acredito que não conseguimos descobrir isso", disse a mãe.

Ela e eu estávamos na varanda dos fundos da casa dos meus pais, num canto sombreado. Era final de setembro e, embora oficialmente estivéssemos no outono, o calor do verão ainda persistia, um último suspiro de aconchego antes da chegada das temperaturas mais frias.

O encontro de hoje foi o primeiro evento social a que compareci em mais de um mês, pois precisava desse tempo para me concentrar na recuperação da minha crise. Pelo menos foi um encontro pequeno, apenas com a minha família, o Richard e o Tyler, que estavam conversando perto da churrasqueira. Eu e a minha mãe os observávamos e, sem a distração de outras pessoas por perto, as semelhanças entre eles ficaram muito mais evidentes.

“Elas têm a mesma risada”, disse a mãe. “É quase inacreditável.”

"Mesmo que você tivesse percebido, teria encontrado uma maneira de desculpar ou ignorar o quanto eles são parecidos", eu lhe disse.

Ela fez um som de desdém. "Nunca. Sou muito mais inteligente que você."

Tentei dar um peteleco no braço dela, mas ela se esquivou.

“Viu?”, disse ela.

“Não me faça me arrepender de ter tirado folga hoje para vir aqui. Você nos convidou. Você deve ser gentil com os convidados.”

Ela começou a responder, mas o som das portas francesas se abrindo nos fez virar. Blake saiu, carregando uma travessa. Papai veio logo atrás com outra, e parou o suficiente para que Tippi viesse cambaleando para o pátio atrás dele.

"Está muito quente para ela aqui fora, querida", disse a mãe.

“Ela não parava de choramingar na porta”, respondeu o pai, parecendo envergonhado.

"Bom, então precisamos pegar a caminha gelada e o ventilador para ela", disse a mãe antes de entrar.

Tyler ouviu e me lançou um olhar por cima do ombro. "Mimada", ele murmurou.

Eu sorri.

“Uma ajudinha…” disse Blake, com dificuldade para colocar sua bandeja na mesa já lotada.

Dei um passo em sua direção, mas Tyler chegou primeiro, afastando uma tigela de salada de batata para abrir espaço.

"Obrigado", disse Blake, com a voz embargada.

“De nada”, disse Tyler antes de retornar ao seu posto na churrasqueira.

Foi uma troca de palavras lacônica, mas melhor do que nada. Não que eu pudesse realmente culpá-los. Tyler havia usado Blake como um peão em sua busca por vingança, e mesmo que Tyler tivesse se desculpado e se explicado, sabíamos que o perdão levaria tempo, se é que algum dia seria concedido. E Blake havia conseguido que metade dos clientes de Tyler fosse presa, o que, você sabe, não era nada bom, já que a maioria deles estava envolvida com o submundo do crime e poderia tentar se vingar.

Tyler se manteve discreto após o desentendimento inicial. Achei isso bom, pois também lhe deu a oportunidade de marcar uma consulta com um terapeuta, passar mais tempo com seu melhor amigo e começar a lidar com vinte e cinco anos de traumas.

Mamãe reapareceu em casa e acomodou Tippi perto de nós, na sombra, em sua caminha já resfriada, certificando-se de que o ventilador não estivesse muito forte antes de se juntar a mim novamente. "Então", disse ela, "como estão as coisas... com aqueles dois?" Ela apontou para Tyler e Richard, que agora estavam virando hambúrgueres. "Richard tem sido vago nos detalhes e estamos tentando respeitar sua privacidade."

“Perguntando-me em vez disso?”

O olhar dela dizia "Sim, obviamente".

Suspirei. "É... sei lá, como qualquer relacionamento novo? Acho que os dois estão tentando se acostumar com a presença um do outro e com o que isso significa."

Ela inclinou a cabeça para baixo, olhando para mim por cima dos óculos de sol. "E vocês dois, como estão? Ainda não é namoro oficial?"

“Isso ainda não é da sua conta.”

Ela estalou a língua, ergueu a cabeça e nossa conversa derivou para assuntos mais leves. Tyler e eu ainda não tínhamos tido a conversa do tipo "O que somos?". Por enquanto, estávamos felizes em continuar aprendendo, explorando e brincando.

Mas, quer dizer, eu tinha tatuado as marcas dos meus dentes na bunda

dele, o que parecia bem permanente.

Meu olhar desceu para o local, agora coberto pela roupa, e me perguntei como ele estaria se sentindo. Ele estava na fase de coceira do processo de cicatrização, e esta manhã eu tive que ordená-lo a parar de mexer ali. A maneira como ele respondeu, dizendo "Sim, senhora" em seu tom de voz mais grave, foi o motivo de estarmos atrasados para esta festa.

Estávamos sentados para comer quando o celular dele tocou com um alerta de notícias. Meu coração disparou quando ele o tirou do bolso. Ele não demonstrou nenhuma reação, mas seus olhos brilhavam de triunfo quando me entregou o aparelho. Li a manchete: FBI abre investigação sobre afogamento de turista. Era do TCI Sun, um pequeno jornal local das Ilhas Turcas e Caicos, mas eu sabia que era só o começo, sabia que a história logo chegaria à nossa cidade e se espalharia como fogo em palha seca, e desta vez, nem mesmo mamãe e papai seriam capazes de salvar a Maddie.

Disfarcei a expressão enquanto devolvia o telefone para ele, e assim que o colocou no bolso, ele pôs a mão no meu joelho por baixo da mesa e apertou. Tínhamos conseguido. Tínhamos pegado a vadia.

E não tínhamos a intenção de parar por aí.

Maddie foi apenas o começo. Aos poucos, iríamos fornecendo informações às autoridades e aos jornais, e logo todos nesta cidade saberiam que Bradley Bluhm estava longe de ser o único monstro escondido entre seus cidadãos.

“Então”, disse Richard. “Algum plano divertido para mais tarde?”

Tyler e eu não nos olhamos. Eu não podia falar por ele, mas estava ocupada demais tentando não corar para fazer qualquer coisa além de encarar meu prato.

“Vamos jantar com o AJ”, disse Tyler.

Mamãe se animou, olhando dele para mim. "Ah, fico tão feliz que vocês dois se reconectaram. Ele sempre foi um menino tão bom."

A mão de Tyler apertou minha perna com mais força, e eu soube que ele devia estar lutando pela vida.

Sim, AJ era um menino muito bom.

37

Tyler

"Espere", disse a minha amada, ofegante, de cima de mim.

AJ e eu trocamos um olhar intenso por cima do ombro dela, e ele sorriu, com os olhos fixos nos meus, enquanto afastava o cabelo dela do rosto e começava a distribuir beijos pelas costas. "Me avise quando estiver pronta para eu me mexer de novo."

Estávamos na cobertura dele, esparramados na cama, eu de costas, Stella já sentada no meu pau, e AJ penetrando-a analmente. Tínhamos nos preparado bem, mas essa era nossa primeira tentativa de dupla penetração, e por mais animados que estivéssemos para experimentar, sabíamos que poderia haver uma curva de aprendizado.

Stella encostou a testa no meu ombro, ofegante.

Acariciei seu pescoço e beijei sua testa. "Você está indo muito bem, meu bem. Leve todo o tempo que precisar."

"Isso seria muito mais fácil se eu já não tivesse seu pênis enorme dentro de mim", disse ela.

"Reclamar disso com certeza vai diminuir o problema", eu disse a ela. "Boa escolha."

Ela soltou um suspiro ofegante.

AJ gemeu. "Não me faça rir agora. Estou me esforçando ao máximo para ficar parada."

"Foi mal", eu disse, mas todos sabíamos que eu não estava realmente arrependido. "Isso ajuda?"

Deslizei minhas mãos pelas costelas de Stella, passando os polegares entre nós para roçar seus mamilos. Ela apertou meu pau com força, e pelo grunhido que AJ soltou e pelo brilho em seus olhos, ela deve ter apertado ainda mais a cabeça do pau dele.

Ele encarou meu sorriso travesso com um olhar fulminante. "Eu sei que disse que não gostava de brincadeiras de pirraça, mas juro por Deus, se você não se comportar, posso abrir uma exceção."

A ideia de ambas me punirem pelo meu mau comportamento fez meu pau se contrair dentro de Stella.

“Não seja má com ele, senão ele virá”, disse ela.

AJ conteve o riso e, a julgar pelo sibilo de Stella, o movimento o

afundou ainda mais.

"Sinto muito", disse ele.

“A culpa foi minha”, disse ela para ele. “E, aliás, Tyler, faça isso de novo.”

"Sim, senhora", eu disse, baixando a voz enquanto deslizava os dedos sobre seus mamilos, um pouco mais forte do que da última vez.

Outro aperto, seguido de um ligeiro afrouxamento.

“Agora”, disse ela.

AJ se inclinou para a frente, revirando os olhos enquanto mordia o lábio inferior. Stella estremeceu, um gemido baixo escapando de sua garganta. Demos a ela mais alguns instantes para se ajustar e, em seguida, repetimos a sequência de eventos até que AJ estivesse completamente dentro dela, e agora era a vez dele de pedir uma pausa.

Eu simplesmente fiquei deitada ali, tentando ficar imóvel, embora estivesse desesperada para me mexer. Foi fácil? Não, mas Stella tinha me treinado tão bem na negação do orgasmo que aquilo foi moleza comparado a algumas das coisas pelas quais ela já me fez passar.

"Eu consigo senti-lo", sussurrei para ela, sabendo que ele ouviria, sabendo que ele também devia me sentir. "Pressionando contra mim dentro de você."

Stella soltou um suspiro de espanto. Ela já não estava ofegante, mas sua respiração ainda estava irregular.

"Você nos satisfaz tão bem, querida", disse AJ. Suas pupilas quase haviam perdido o verde dos seus olhos, e pelo jeito como ele murmurou "Foda-se" para mim, eu percebi que ele estava gostando tanto quanto eu.

"Você está pronta para se mudar?", perguntei a Stella.

Tínhamos combinado previamente que ela seria quem daria as ordens, que ela faria a maior parte do trabalho porque era o corpo dela que estávamos levando ao limite, e como tudo ainda era novo, não queríamos machucá-la acidentalmente.

"Hum", murmurou ela, levantando-se do meu peito, com as mãos apoiadas de cada lado do meu corpo, os seios balançando provocantemente perto da minha boca.

No último mês, ela ganhou um pouco de peso e estava com uma ótima aparência. Não que ela não estivesse antes — eu adoraria o corpo dela, independentemente do tamanho. Ela estava tão bonita porque se sentia bem,

sua doença estava começando a ficar sob controle e seu equilíbrio entre trabalho e vida pessoal finalmente havia sido restaurado.

Com cautela, ela se moveu para cima, afastando-se um pouco de nós dois antes de voltar a se deitar lentamente. Nós três gememos.

Ela repetiu o gesto, parou e deixou a cabeça baixa.

“Como você está se sentindo?”, perguntou AJ.

Afastar o cabelo do rosto de Stella para poder vê-la melhor. "Fale conosco."

Ela se levantou, sorrindo. "Me sinto uma verdadeira deusa."

“Sim, você tem”, disse AJ, e foi a minha vez de rir. “Essa bunda, meu bem.”

Baixei o olhar para ver as pontas dos dedos dele em seus quadris, e soube que ele devia estar com as duas mãos em suas nádegas, afastando-as para poder ver o que tinha feito com ela.

Ela se moveu novamente, com mais confiança, e não havia a menor chance de eu aguentar, porque a cada movimento de seus quadris, AJ e eu deslizávamos juntos dentro dela, e entre sua vagina apertada e a ereção dele, eu estava perto da sobrecarga de estimulação. E eu estava ali deitado. Eu não tinha ideia de quantas sensações Stella devia estar sentindo. Se eu acrescentasse mais uma, ela explodiria?

Estendi a mão e acariciei seus seios, dando-lhe a chance de dizer não. Em vez disso, ela acenou com a cabeça, então passei os polegares sobre seus mamilos. Sua vagina se contraiu. AJ grunhiu e, como parte de nossas pernas estava pressionada uma contra a outra, senti um tremor percorrer seu corpo.

Ele se inclinou para o lado o suficiente para encontrar meu olhar, e pelo olhar selvagem em seus olhos, pude perceber que ele também não duraria muito tempo.

"O primeiro dela", sussurrei, inclinando a cabeça na direção de Stella. Isso tinha se tornado nosso modus operandi: fazê-la chegar ao orgasmo o máximo de vezes possível antes que qualquer um de nós chegasse ao clímax. Até então, o número de orgasmos daquela noite era dois, ambos alcançados durante as preliminares, mas eu não tinha dúvidas de que poderíamos levá-la a três ou quatro.

AJ assentiu com a cabeça, com um olhar determinado no rosto, enquanto desaparecia atrás dela, deslizando uma das mãos do quadril para

provocar seu clitóris. Observei seus dedos se moverem, sincronizando os meus com os dele, rolando ou puxando seus mamilos cada vez que ele roçava naquele ponto hipersensível.

"Ai meu Deus", disse Stella, acelerando o ritmo, se esfregando em nós dois, sua vagina quente pulsando ao meu redor enquanto ela deslizava para cima e para baixo no meu pau. "Vocês dois são incríveis. Tão grandes. Tão duros. Eu não sabia se ia gostar disso, mas estou adorando. Por favor, digam que podemos fazer de novo."

“Sim”, AJ e eu concordamos imediatamente.

“Você pode se mexer”, disse Stella. “Mas não muito. Acho que ainda precisamos ter cuidado.”

"Eu me saio bem assim", eu disse. "Fui bem treinado."

Os olhos de Stella brilharam. "Discutível."

"Não sou", disse AJ, impulsionando os quadris para a frente para encontrar o movimento descendente de Stella.

"Isso é perfeito", disse Stella, com os olhos brilhando. "Assim mesmo. Tyler, preciso da sua boca em mim."

Levantei-me imediatamente, beijando-a primeiro porque eu também precisava da boca dela. Nossas línguas se entrelaçaram enquanto ela continuava a se mover, e eu me deliciei com seus gemidos ofegantes. Ela estava chegando perto. Eu havia memorizado cada um de seus sinais, e ela estava demonstrando todos eles: a maneira como seus quadris aceleravam, como sua respiração falhava. Afastei-me o suficiente para ver um rubor subir às suas bochechas e soube que não precisaria de muito mais para levá-la aonde ela precisava chegar.

Acariciei ambos os mamilos uma última vez antes de entreabrir meus lábios em torno de um deles e passar a língua sobre ele. Entre nós, eu podia sentir AJ ainda estimulando o clitóris. Stella se jogou para baixo, se lançando sobre nossos pênis em estocadas curtas e superficiais. Dentro dela, senti AJ se movendo contra mim, e ainda bem que eu tinha prática em me controlar, porque isso foi mais do que suficiente para me fazer gozar.

"Tão bom", disse Stella, com a voz quase embargada por um soluço. "Meu Deus, é tão bom, eu vou gozar."

“Eu também”, disse AJ.

Stella começou a tremer, sua pele esquentando, seu mamilo se contraindo na minha boca. Sua vagina me apertou em ondas enquanto seu

prazer atingia o ápice, e então ela gozou, gemendo, chamando nossos nomes, encharcando completamente meu pau com sua ejaculação. O pau de AJ endureceu contra o meu e suas estocadas ficaram irregulares, seu prazer perseguindo o dela.

“Stella, ah, droga”, disse ele.

Soltei o mamilo dela e me deitei para trás para vê-lo segurando seus quadris firmes enquanto ele penetrava fundo uma última vez e permanecia ali, ambos tremendo, ofegantes, tão incrivelmente excitados que quase gozei só de ver.

Stella desabou sobre meu peito, completamente exausta, e AJ e eu trocamos um olhar cúmplice por cima de suas costas, orgulhosos do trabalho bem feito. Quando suas respirações se acalmaram, AJ se afastou dela com cuidado e foi descartar a camisinha no banheiro.

"Você não veio", Stella sussurrou.

"Porque eu sei que sua boceta gulosa ainda está pronta para mais, e eu queria poder dar a ela o que ela precisa."

"Porra", ela disse entre dentes, com as bochechas corando enquanto desviava o olhar.

“Como você quer, meu bem?”

O olhar dela voltou para o meu. "Me dê com toda a força que você puder."

AJ abriu a porta do banheiro bem na hora de me ver virá-la de bruços, de frente para ele. Puxei seus quadris para cima, agarrei um punhado de seus cabelos e penetrei-a com força, chegando ao fundo na primeira estocada.

Ela gritou, e AJ quase caiu contra o batente da porta, com os olhos arregalados. Eu o encarei enquanto penetrava Stella com estocadas brutais e implacáveis, sabendo que elas logo chegariam ao clímax. Ele levou uma mão trêmula à boca, cobrindo-a, enquanto seu pênis voltava a ficar ereto ao nos observar.

"Tyler, porra!" Stella gritou, suas mãos se debatendo contra os lençóis, seus quadris se chocando contra os meus. "Sim, assim. Mais forte. Eu preciso disso."

Enfiei a palma da minha mão na parte inferior das costas dela, forçando-a a arquear a coluna, aprofundando o ângulo para que ela me recebesse mais a cada estocada. Meus quadris batiam contra os dela, meus testículos

roçavam seu clitóris, meus dedos se enroscavam em seu cabelo. Na maioria das vezes, ela mandava no quarto porque era o que nós dois preferíamos, mas de vez em quando, ela queria ser fodida, ser usada, sentir-se um pouco humilhada, e a excitação de ter AJ nos observando enquanto isso acontecia era suficiente para fazer sua vagina se contrair em mim num instante.

Ela gemeu. Gritou. Xingou-me. Implorou.

Mantive-me firme durante todo o tempo, prendendo-a à cama e penetrando-a com estocadas implacáveis.

"Tyler", ela soluçou. "Mais forte."

Porra.

Acelerei o ritmo, o suor escorrendo pelas minhas costas. AJ estava completamente excitado agora. As duas mãos agarravam a moldura da porta com força, como se fosse a única coisa que o impedia de se juntar a nós novamente. Em qualquer outra situação, eu teria pedido, mas Stella estava perto do seu limite, tremendo tanto que aquele precisava ser o último orgasmo dela naquela noite.

“Venha comigo”, ela implorou. “Tyler, venha.”

A vontade me dominou, e eu me inclinei sobre ela, penetrando-a até o colchão, atingindo todos os seus pontos favoritos enquanto ejaculava fundo dentro dela. Ela se contorceu sob mim, mal conseguindo se mover por causa da pressão, e gritou de prazer no edredom.

AJ começou a bater palmas. "Bravo. Essa foi a coisa mais incrível que eu já vi. Vocês dois fariam uma fortuna no Me4U."

Eu ri, mas Stella ainda estava tão grogue que nem achei que ela o tivesse ouvido. Precisamos das duas para conseguir colocar aquele corpinho mole dela no chuveiro. A colocamos sentada entre nós e a ensaboamos enquanto ela ria e suspirava, tão extasiada pelos hormônios do sexo que tinha ficado meio zonza.

"Gosto dela assim", disse AJ, sorrindo.

"Eu também", respondi. "Ela é muito mais agradável."

Ela conseguiu levantar um braço trêmulo e me mostrou o dedo do meio.

Eu ri e a beijei.

Depois, nos vestimos e descemos, onde os restos da nossa refeição estavam esfriando na mesa de jantar do AJ. De alguma forma, tínhamos conseguido comer. Um progresso, já que da primeira vez que viemos para "jantar", acabamos transando no chão.

“Vamos ajudar a limpar tudo isso”, disse Stella, estendendo a mão para pegar um prato.

AJ acenou para ela, dispensando-a. "Ah, acho que vocês duas já fizeram o suficiente por hoje."

"Tem certeza?", perguntei.

Ele assentiu com a cabeça e olhou entre nós dois. "Quando posso te ver de novo?"

"Quando você volta da sua viagem?", perguntou Stella.

“Três semanas”, disse ele. Ele iria para Singapura com a mãe para ver um imóvel para investimento.

“Ligue para nós quando aterrissar, e poderemos fazer planos.”

“Sim, eu irei”, prometeu ele.

Demoramos um pouco para ir embora, ficamos parados perto da porta, trocando carícias casuais porque, mesmo depois de tudo o que tínhamos feito naquela noite, queríamos mais. Sempre terminava assim entre nós, e foi por isso que Stella e eu tínhamos conversado recentemente sobre perguntar ao AJ se ele estaria disposto a tornar isso uma situação mais frequente, em vez de apenas se juntar a nós ocasionalmente, mas estávamos adiando porque não sabíamos se ele estava pronto para esse tipo de compromisso.

"Como você está se sentindo?", perguntei a Stella no caminho de volta para a casa dela.

“Exausta. Completamente esgotada. Dolorida. Mas tão bem.” Ela se virou para mim, os olhos refletindo o brilho passageiro das luzes de néon da loja. “Como você está?”

"Desidratado."

Ela riu. "Da próxima vez, devemos colocá-lo entre nós."

“Como naquela primeira noite.”

“Até você me puxar para perto de você.”

"Eu não ia deixar você usá-lo como escudo e continuar negando o quanto você era obcecado por mim."

“Eu não era obcecado por você.”

Você fica tão fofo(a) quando mente.

“Tyler.”

“Stella”, eu disse, imitando a voz dela.

Ela deu um tapa no meu braço, e enquanto ainda estávamos nos

adaptando, ainda tentando entender tudo, eu esperava que essa parte da nossa dinâmica nunca mudasse. Porque eu gostava de discutir com ela, e esperava que ela ainda gostasse também, mesmo que provavelmente nunca admitisse isso em voz alta.

Poucos minutos depois, estacionei na minha vaga recém-conquistada, bem em frente à loja, e entramos.

Shaunté estava no caixa.

“Como têm ido as coisas?”, perguntou Stella.

"O Derrick deu um soco num cliente, a Elayne estragou a tatuagem de alguém e talvez tenha havido um pequeno incêndio", disse ela, com a maior seriedade.

Stella revirou os olhos e passou pelas mesas em direção às escadas. "Volto na hora de fechar."

“Não”, eu disse. “Ela estará dormindo. Vou fechar.”

"Estou bem", argumentou Stella.

“É, agora você está. Mas você dormiu muito mal ontem à noite, e muitas noites sem dormir seguidas podem prejudicar seu estômago, então eu cuido disso.”

Ela esperou até fecharmos a porta da escada atrás de nós antes de responder: "Você deve ser a substituta mais mandona que existe."

“Não, eu sou a mais mimada.”

“Assim que minha vagina parar de doer, vou te dar uma lição.”

Eu bufei. "Como se você fosse mesmo esperar tanto tempo."

Ela se calou, sabendo que tinha sido pega, e juntas subimos as escadas.

Sorri ao destrancar a porta.

“Você não precisa dizer isso todas as noites”, ela me disse.

“Por que não? É muito divertido.”

Ela suspirou e fez um gesto para que eu me aproximasse. "Tudo bem, então."

Abri a porta de repente. "Querida, chegamos!"

"Vai se foder!", gritou Amos.

Epílogo

STELLA

“Não fique nervoso”, disse Tyler.

Eu emiti um som vago.

Era crepúsculo, pleno outono, e sua mão firme na minha enquanto ele me guiava para os fundos de um bangalô em estilo Craftsman do início do século. Risadas vinham da esquina, onde seus amigos estavam tendo um de seus "jantares em família". Era a primeira vez que os encontrava, então, sim, eu estava nervosa.

Principalmente por causa do que Tyler me contou sobre eles. Seu melhor amigo era filho de um notório assassino em série. Seu sócio era um ex-mafioso. E o resto do grupo não era menos intimidador, desde ativistas da justiça social até uma mulher que salvava vidas todos os dias. Eu queria causar uma boa impressão, mas também não fazia ideia de como seria o clima com um grupo tão eclético, e isso me deixava ansioso.

“Um segundo”, eu disse, diminuindo o passo para ajeitar a barra do meu vestido. Eu usava mais um vestido — este, uma peça recém-adquirida, com um decote em V profundo que se abria amplamente, caindo um pouco sobre os meus ombros, as mangas de renda bordada, a saia ampla de tule, com uma sobreposição de seda. Depois do jantar, tínhamos um encontro marcado na casa dos meus pais para um coquetel em comemoração à aquisição de uma segunda pintura de Morisot, que eles planejavam revelar mais tarde naquela noite.

Tyler vestia um terno novo verde-caçador, impecavelmente ajustado, com os ombros incrivelmente largos no paletó. A camisa branca por baixo fazia sua pele parecer dourada em contraste, e eu não conseguia parar de olhar para sua garganta, lembrando-me de mais cedo, minha mão em volta dela enquanto eu cavalgava seu pau, e ele implorava para que eu apertasse mais forte.

Eu não fazia ideia de como conseguiria passar a noite com aquela imagem me atormentando. Minha calcinha já estava encharcada e eu estava desesperada para tê-lo dentro de mim novamente.

Seus olhos me percorreram com intensidade, e eu percebi que seus pensamentos refletiam os meus. "Sabe, esse vestido é quase largo o suficiente para eu me esconder debaixo da saia."

Inclinei-me para ele. "Talvez, se você se comportar bem esta noite, possamos testar isso."

Ele emitiu um som baixo na garganta, próximo a um ronronar, e começou a se inclinar em minha direção antes que uma nova onda de risos nos lembrasse onde estávamos.

Me recompus e me endireitei, e Tyler pegou minha mão novamente, levando-a à boca para beijar o dorso dela. Ele parou, pairando no ar, com um brilho travesso nos olhos.

"Nem pense nisso", eu o avisei.

Seus lábios se entreabriram e ele me mordeu a pele com força suficiente para doer.

"Você vai pagar por isso depois", eu disse a ele, mesmo com o peito transbordando de carinho. Eu sabia o que ele estava fazendo: agindo como um pirralho para me distrair do meu nervosismo. Era doce — algo que eu antes achava que Tyler era incapaz de fazer.

Seu sorriso presunçoso característico se espalhou pelo rosto enquanto ele soltava nossas mãos entrelaçadas. Sem dizer mais nada, ele me puxou para o canto da casa.

"Nossa, que incrível", sussurrei.

O quintal parecia saído de uma revista. Mesas com toalhas brancas estavam dispostas em um pequeno pátio, com um lindo arranjo de flores e velas no centro. Acima, luzes de café cintilavam, penduradas em uma série de estacas altas de jardim. Vasos de plantas completavam o cenário, hortênsias brancas e crisântemos intercalados com lanternas de furacão. Era aconchegante, íntimo e só possível graças a essa onda de calor fora de temporada.

O som dos grilos e das conversas preenchiam o quintal enquanto Tyler me levava para mais perto. Quase caí para trás ao observar as pessoas sentadas ao redor das mesas. Acho que nunca tinha visto um grupo de seres humanos tão impressionante reunido em um só lugar. A princípio, eles não nos notaram — estavam ocupados demais conversando uns por cima dos outros —, mas assim que nos viram, todos os olhares se voltaram para nós.

"Walter!" alguém gritou quando um cachorro saiu correndo de debaixo de uma mesa. Era um pastor alemão enorme, abanando o rabo, com a língua para fora, obviamente não representava nenhuma ameaça. Mesmo assim, Tyler se colocou na minha frente.

"Nem pense em pular em cima dela", ele disse com a voz rouca, soando mais como o antigo ele do que nas últimas semanas.

Coloquei uma mão firme em suas costas e senti-o relaxar imediatamente.

"Ele é como um cachorrinho imprudente", explicou Tyler, inclinando-se para acariciar o bichinho desajeitado e choramingando. "E ele não tem noção da própria força. Eu não queria que ele te levasse para passear."

Sorri e contornei-o, acariciando-o suavemente com os dedos pela espinha antes de me juntar a ele para acariciar o cachorro, que parecia estar no paraíso canino com duas pessoas o mimando. Bastou um segundo para eu perceber que a maior ameaça vinha de seu rabo, que chicoteava tão rápido que chegava a doer quando batia nas minhas canelas. Ele se enroscava entre nós como um gato, choramingando e latindo, encostando-se com força nas nossas pernas.

"Desculpe por isso", disse uma morena deslumbrante e baixinha, segurando a coleira de Walter para impedi-lo. "Ai, meu Deus, olha só quanto pelo de cachorro."

Olhei para baixo e vi que tanto eu quanto Tyler estávamos cobertos.

"Eu tenho um rolo adesivo para tirar fiapos", disse outra morena deslumbrante, quase tão alta quanto eu, mas com um corpo musculoso de mãe.

“Lauren e Aly?” perguntei.

Eles pareceram impressionados.

“Sim”, disse Aly, estendendo a mão. “É um prazer finalmente te conhecer, Stella.” Seu sorriso era caloroso e acolhedor, sua expressão repleta de curiosidade genuína.

“Você também”, eu disse, apertando a mão dela, aliviada por não haver nenhum constrangimento como eu temia. Conhecer a ex do seu parceiro sempre era estranho, mas Tyler me garantiu que não havia ressentimentos entre eles e que, para começar, sempre tinha sido algo casual. “Obrigada pelo que você fez, por ajudar o Tyler naquele dia.”

A expressão de Aly suavizou-se. "De nada. Como está sua cabeça?"

Tyler engasgou. "Não pergunte isso a ela."

Aly arqueou uma sobrancelha para mim, em sinal de interrogação.

"Piada interna", eu disse a ela.

"Você vai ter que nos explicar isso em algum momento", disse Lauren,

aproximando-se para me abraçar como se fôssemos velhas amigas. "Mas primeiro você precisa me falar sobre este vestido. Eu adorei."

"Igualzinho!" exclamou uma mulher de cabelos cor de lavanda ao se juntar a nós. "Onde vocês compraram?"

Eu sorri. "Uma das minhas clientes que fez. A Vern. Ela é técnica de laboratório durante o dia e costureira à noite."

Os olhos de Aly se arregalaram. "Vern Martinez?"

“Sim. Você a conhece?”

“Ela é uma das minhas melhores amigas”, disse Aly. “Nós trabalhamos juntas.”

Pisquei. "Nossa. Que mundo pequeno. Espera aí, então você também deve conhecer o Greg."

Aly fez uma careta. "Ele é meu primo."

Minha cabeça girou e mentalmente reduzi o tamanho do mundo de pequeno para microscópico.

"Ele não é nem de longe bom o suficiente para o Vern, então me recuso a juntá-los", acrescentou Aly.

"Ah", eu disse, sem saber como lhe dizer que, mesmo sem a ajuda dela, as duas provavelmente acabariam envolvidas se Vern conseguisse o que queria.

A mulher de cabelos cor de lavanda olhou entre nós duas. "Qual de vocês vai me dar o número dela para que eu possa comprar um vestido?"

Descobri que o nome da mulher era Taylor e, depois, conheci todos os outros: Josh, Junior, Ryan, Ben e Jackson. Assim que as apresentações terminaram, sentamos, a conversa recomeçou, leve e descontraída, o grupo ria e brincava uns com os outros com frequência, os casais flertavam abertamente — bem diferente da intensidade que eu temia ter imaginado.

“Então! Tyler!” Josh disse em certo momento, alternando o olhar entre nós dois. “Como você e Stella se conheceram?”

“Bem, essa é uma história um tanto longa”, disse Tyler, desviando o olhar para mim.

Já sabíamos que as pessoas ficariam curiosas. Ele não tinha passado muito tempo com eles nos últimos seis meses, tão absorto em sua trama mafiosa que tudo o mais ficou em segundo plano. Ele vinha tentando mudar isso ultimamente, participando mais ativamente do Velvet, o clube de teatro que administrava em sociedade com Junior, e passando tempo com Josh,

mas ainda não tinha contado a verdade sobre o que andava fazendo. Em parte porque não estava emocionalmente preparado para lidar com as consequências — ainda estava se recuperando de tudo o que aconteceu durante o verão, e como Junior e Lauren estavam envolvidos em suas mentiras, ele temia que isso pudesse afetar negativamente todo o grupo de amigos.

Encontrei a mão dele debaixo da mesa e entrelacei meus dedos nos dele, apertando-a para que ele soubesse que não estava sozinho, dizendo-lhe silenciosamente que, não importa como ele escolhesse lidar com isso, eu o apoiaria.

Ele encarou Josh. "Resumindo, fui ao estúdio de tatuagem dela para uma consulta."

Josh franziu a testa, parecendo que seus sentimentos poderiam estar magoados. O homem tinha mais tatuagens do que qualquer outra pessoa na mesa, e eu reconheci o artista que ele havia escolhido apenas pelos desenhos — um dos meus concorrentes do outro lado da cidade, famoso por seus trabalhos sombrios e góticos. "Pensei que você nunca tivesse pensado em fazer uma tatuagem?"

Tyler deu de ombros. "Mudei de ideia."

"O que você ganhou?" perguntou Josh.

Dei um gole d'água para evitar seu olhar inquisitivo, um rubor ameaçando tingir minhas bochechas. Não que eu devesse me preocupar. Tyler era tão reservado que não havia a menor chance de ele...

“As marcas dos dentes da Stella na minha bunda”, disse ele.

Eu engasguei, mal conseguindo evitar cusparar em Ryan e Ben, que estavam do outro lado da mesa. Ao meu lado, Lauren gargalhava. O resto da mesa teve reações diversas. Josh estava claramente chocado. Aly deu um sorriso irônico. Junior estava virando o resto da cerveja como se desejasse estar em algum lugar bem longe dali. Taylor e Jackson pareciam ansiosos para fazer perguntas, enquanto Ben e Ryan continuavam me observando enquanto eu tossia, com medo de perder a batalha e encharcá-los.

Tyler acariciou minhas costas, mas sua expressão estava longe de ser de desculpas. Uma coisa que não havia mudado? Seu amor por me pegar de surpresa assim.

Ótimo. Dois poderiam jogar esse jogo.

“É evidente que seu treinamento falhou”, resmunguei.

"Acho que você vai ter que me punir com mais força", ele retrucou, e eu perdi a luta contra o rubor.

Lauren se virou para Junior. "Eu te disse que ele era um pirralho mimado."

"Não curto essas coisas", disse Josh, imitando a voz de Tyler.

Tyler depositou um beijo no meu ombro. "As coisas... mudaram."

"Eu entendo", disse Josh, olhando para Aly com corações nos olhos. "Você finalmente encontrou a pessoa certa para satisfazer seus desejos."

Junior engasgou enquanto Lauren lutava para respirar ao lado dele. Do outro lado da rua, Taylor finalmente se rendeu, juntando-se às risadas, e logo todos nós estávamos dando risadinhas.

Poucos minutos depois, já tínhamos voltado a assuntos mais tranquilos quando Walter latiu. Ryan agiu rapidamente e conseguiu pegá-lo antes que ele saísse correndo novamente.

Virei-me e vi alguém sair da escuridão, vestindo um terno preto casual, com os cabelos despenteados, parecendo cansado após um longo dia de viagem, mas não menos bonito por isso.

"Pensei que você não pudesse vir", disse Tyler, levantando-se da cadeira.

AJ sorriu. "Peguei um voo mais cedo."

Eu também fiquei de pé, observando os dois se abraçarem e se beijarem em um cumprimento casto. Eles voltaram para a mesa, AJ me beijando em seguida antes de se sentar no banco e me abraçar pela cintura, me puxando para perto. Tyler sentou-se do outro lado, absorvendo a presença dele depois de algumas semanas separados.

Josh pigarreou, e foi então que notei o silêncio na mesa. Todos nos encaravam, com expressões que misturavam expectativa e impaciência.

“Este é o AJ”, disse Tyler, simplesmente, e deixou que seus amigos chegassem às suas próprias conclusões.

Ninguém sequer pestanejou, cumprimentando AJ, oferecendo-se para esquentar um prato, servir-lhe uma bebida. Observei tudo, ficando em silêncio enquanto a tensão nos meus ombros finalmente se dissipava. Eu havia passado tanto tempo perto de idiotas preconceituosos que era instintivo procurar por duplos sentidos, elogios disfarçados. Não havia nada disso aqui. Em vez disso, era simplesmente... fácil. Agradável.

Eu gostava dessas pessoas. E não apenas de uma ou duas, mas de todas.

Eu estava extremamente curiosa sobre o tempo que Junior passou na máfia, queria saber mais sobre o trabalho de ativismo da Lauren, perguntar ao Josh como ele tinha começado a hackear. A camaradagem natural entre eles era como um canto de sereia, a prova de que grupos de amigos saudáveis existiam e que família não se resumia apenas àquela em que você nasceu, mas também àquela que você escolheu.

Quando saímos horas depois, e somente após prometer que sim, Tyler, AJ e eu definitivamente estaríamos no próximo jantar, senti que estava realizada. Novos números tinham sido adicionados ao meu celular. Jackson viria na semana seguinte para uma consulta sobre uma tatuagem que queria fazer. Aly insistiu para que eu participasse do próximo encontro improvisado para drinks, onde ela, Taylor, Lauren e Ryan se reuniam para relaxar e falar mal do mundo. Lauren convidou Tyler e eu para o Velvet para conhecermos mais pessoas da comunidade brat play, convite que aceitamos com prazer, pois já tínhamos esgotado nossas pesquisas online.

Eles nos aceitaram, a mim e ao AJ, com tanta facilidade, de braços abertos, tão obviamente felizes pelo Tyler, que isso me partiu o coração.

"Parece bom demais para ser verdade", Tyler me disse no caminho para a casa dos meus pais, com AJ logo atrás. "Como se eu não devesse ter isso, ser tão feliz, depois de tudo que eu fiz."

Meu sorriso em resposta foi triste. "Eu entendo. Já tive muitos desses mesmos sentimentos. Meu terapeuta diz que é culpa irracional."

Tyler assentiu com a cabeça. "O meu também, mas não consigo me livrar dessa sensação."

"Se punir para sempre não vai mudar seu comportamento passado", eu disse. "Apenas continue se lembrando disso. Pelo tempo que for necessário para alterar a narrativa na sua mente. Você fez o que fez porque a informação que recebeu era imprecisa, o que não é culpa sua. E sim, você agiu como um completo idiota por alguns anos, mas você tem o resto da vida para provar que não é mais essa pessoa."

Ele balançou a cabeça, o maxilar tenso, uma expressão teimosa tomando conta de seu rosto.

Dei um tapa na cara dele. "Ei. Não seja malvado com o meu namorado. Esse é o meu trabalho."

Isso me rendeu uma revirada de olhos e um resmungo: "Sim, senhora".

"Eu te amo", eu disse a ele, pela primeira vez, sabendo que isso o tiraria

da espiral descendente, mas também porque eu vinha guardando essas palavras há algum tempo. As coisas entre nós sempre foram tão maravilhosas assim? Não. Tyler ainda tinha muita raiva para processar. Às vezes, ele entrava em estados de espírito sombrios dos quais era difícil tirá-lo. Ele podia ser rude, inconstante e se irritar facilmente. Mas ele também estava se tornando mais propenso a pedir desculpas e a se redimir, se esforçando para melhorar as coisas, para se tornar uma pessoa melhor, e eu amava isso nele tanto quanto amava seu humor sagaz e suas investidas sutis.

Ele virou a cabeça na minha direção e depois voltou a olhar para a estrada. "Porra, Stella. Eu te amo tanto."

Encostei a mão na parte interna da minha bochecha, me perguntando se o que eu estava prestes a dizer poderia mudar tudo. "Acho que também amo um pouquinho o AJ. Acho que sempre amei."

Tyler assentiu com a cabeça, parecendo já esperar por isso. "É fácil amar o AJ."

"Você o ama?", perguntei. "Quero dizer, adorá-lo."

Tyler suspirou. "Não sei. Até recentemente, eu realmente não achava que era capaz de amar romanticamente. Que meu coração era duro demais. Mas eu sei que te amo. E sei que o AJ também é importante para mim. Sinto falta dele quando ele está longe. Anseio pelo nosso tempo com ele. Ele... me dá segurança de um jeito que você não consegue." Ele me lançou um olhar de desculpas. "Sem ofensas."

Sorri, pensando que soava muito como amor, mas se Tyler precisasse de mais tempo para perceber isso, eu guardaria minha opinião para mim. "Entendo", disse em vez disso. "E sinto o mesmo. Você quer perguntar a ele hoje à noite? Se ele quer entrar no nosso relacionamento?"

"Você acha que ele toparia?", perguntou Tyler. "Que ele diria sim?"

“Ele vai”, assegurei-lhe.

Algumas horas depois, AJ provou que eu estava certo.

AGRADECIMENTOS

Preciso começar agradecendo a todos que assistiram ao meu primeiro TikTok sobre Lights Out em 2023 e deixaram comentários encorajadores. Eu estava quase desistindo do meu sonho de ser escritora em tempo integral, e vocês, me incentivando a escrever aquele livro, me deram o empurrão que eu tanto precisava. É incrível pensar em tudo que conquistamos desde então.

Para Jill, por ter visto meu post desesperado sobre precisar de um agente e ter me mandado uma mensagem direta. Agradeço a Deus todos os dias por você. E a todos os outros da SDLA que têm trabalhado incansavelmente nos bastidores, especialmente "The Sicilian".

Às minhas editoras, Hayley e Sierra, por acreditarem nesta série desde o início e por todas as primeiras sessões de brainstorming para este livro. Muito obrigada a toda a equipe da Slowburn/Zando e a todo o trabalho incrível que vocês fizeram nos últimos anos para Into Darkness.

Para Leigh Rivers, minha pessoa de apoio emocional. Estou tão feliz por estarmos nessa jornada juntas. Te amo, querida.

Por fim, e para sempre, ao meu marido e aos meus gatos. Acho que não é exagero dizer que estaria perdida sem vocês.

Sobre o autor

Navessa Allen, autora best-seller do New York Times e do USA Today, vive às margens da Baía de Chesapeake com o marido e seus gatos mimados. Ela publica seus livros em formato de série em seu site, através do Patreon. Para acompanhar seus trabalhos mais recentes, ler cenas bônus exclusivas e se deliciar com ilustrações de personagens com conteúdo adulto, visite: patreon.com/navessaallen.

VOCÊ ESTÁ EM BOAS MÃOS.



RAISING READERS
Books Build Bright Futures

Prezado Leitor,

Gostaríamos de dedicar mais uma página à sua atenção para falar sobre a crise na leitura infantil e o que todos nós podemos fazer.

Estudos demonstraram que a leitura por prazer é o fator preditivo mais importante para as oportunidades futuras de uma criança – mais do que as circunstâncias familiares, a escolaridade dos pais ou a renda. Ela melhora o desempenho acadêmico, a saúde mental, a prosperidade, as habilidades de comunicação, a ambição e a felicidade.¹

O número de crianças que leem por prazer está em rápido declínio. Os jovens enfrentam muita concorrência pela sua atenção. Em 2024, 1 em cada 10 crianças e jovens no Reino Unido, com idades entre 5 e 18 anos, não possuía um único livro em casa.[2]

A Hachette trabalha amplamente com escolas, bibliotecas e instituições de caridade voltadas para a alfabetização, mas aqui estão algumas maneiras pelas quais todos nós podemos incentivar mais leitores:

- Ler para crianças por apenas 10 minutos por

dia faz toda a diferença.

• Não desanime se as crianças não forem leitoras assíduas – haverá livros para elas!

• Visite livrarias e bibliotecas para obter recomendações

• Incentive-os a ouvir audiolivros

• Apoiar as bibliotecas escolares

• Ofereça livros como presentes

Você encontrará muito mais informações sobre como incentivar as crianças a ler em nosso site: www.RaisingReaders.co.uk

Obrigado pela leitura.



1 OCDE, ‘Leitores do século XXI: desenvolvendo habilidades de alfabetização em um mundo digital’, 2021, https://www.oecd.org/en/publications/21st-century-readers_a83d84cb-en.html

2 National Literacy Trust, ‘Posse de livros em 2024’, novembro de 2024, https://literacytrust.org.uk/research-services/research-reports/book-ownership-in-2024

BookDrop

Pronto para sua próxima leitura?

Assine o BookDrop e receba as melhores ofertas de e-books, disponíveis por tempo limitado, de autores que você vai adorar, diretamente na sua caixa de entrada. Descubra novos favoritos e ótimas ofertas selecionadas a dedo em diversos gêneros, feitas sob medida para você pela nossa equipe de editores especialistas.

Seja qual for o seu desejo, nós temos a solução perfeita para você.

Inscreva-se hoje em bookdropdeals.com

Ou siga-nos nas redes sociais:

@BookDropDeals

/BookDropDeals